LUCIANA MARIA CRESTANI

A ORALIDADE COMO ESTRATÉGIA ENUNCIATIVA NO JORNAL *ON-LINE*

Tese apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Gaston Hilgert

São Paulo
2010

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

C922o Crestani, Luciana Maria
A oralidade como estratégia enunciativa no jornal on-line / Luciana Maria Crestani - São Paulo, 2010
294 f. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.
Referências bibliográficas: f. 250.

1. Jornal on-line. 2. Enunciação. 3. Enunciado. 4. Efeitos de sentido. 5. Oralidade. I. Título

CDD 410

LUCIANA MARIA CRESTANI

A ORALIDADE COMO ESTRATÉGIA ENUNCIATIVA NO JORNAL *ON-LINE*

Tese apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gaston Hilgert (orientador)
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dr. Ana Lucia Trevisan Pelegrino
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. José Luiz Fiorin
Universidade de São Paulo

Profa. Dr. Maria Helena de Moura Neves
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dr. Norma Discini de Campos
Universidade de São Paulo

Ao Ivan, companheiro incondicional, que soube compreender silêncios, angústias, ausências...

Aos meus Pais, que pouco entendem de teorias linguísticas, mas muito entendem de AMOR.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. José Gaston Hilgert, meu especial agradecimento. Obrigada pela seriedade com que orientou este trabalho, pela segurança transmitida, pelo tom amigo de sempre, pela disponibilidade em atender-me de pronto. Obrigada, também, por acreditar em meu potencial e instigar-me a desvendar este *mundo novo*, que muito agregou à minha vida pessoal e profissional.

À Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras, professora Diana Luz Pessoa de Barros, pela pronta disposição em ajudar-me sempre que a ela precisei recorrer durante as atividades do curso. Também pelo constante incentivo e apoio para eu seguir adiante nesta caminhada.

Aos professores do curso que, de uma forma ou outra, contribuíram para a realização deste trabalho. Mestres que ensinam com palavras e com o exemplo!

Aos professores da banca examinadora: Ana Lúcia Trevisan Pelegrino, Maria Helena de Moura Neves, Norma Discini de Campos e José Luiz Fiorin, pelas lições lidas e ouvidas, sem as quais os rumos deste trabalho não seriam os mesmos.

À amiga Rose Gonçalves, que tantas vezes atenuou a distância entre o Rio Grande do Sul e São Paulo. Obrigada especialmente pelo carinho e a atenção com que olhou por mim.

Ao amigo Luis Alexandre de Paula Pessoa, colega de estudos e de boas risadas. Momentos que soam hoje como ecos na memória, refletindo a amizade sincera que este *mundo das Letras* ajudou a construir.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos que financiou parte das atividades deste trabalho.

Ao MACKPESQUISA, pelo apoio financeiro concedido às atividades de pesquisa.

RESUMO

Este estudo se volta à abordagem do jornal *on-line* numa perspectiva enunciativa. Partindo de observações empíricas e comparativas entre jornais tradicionalmente impressos e jornais *on-line*, formulamos a hipótese de que o jornal *on-line*, por sua natureza, assume um caráter oralizado. Embora também manifesta por recursos mediais (modo sonoro de materialização do discurso), essa oralidade se evidencia, principalmente, em sua realização conceptual, ou seja, no modo em que a elaboração escrita dos textos evoca interações faladas. O objeto de análise foi o jornal *Zero Hora on-line*, mantido pelo Grupo RBS (Rede Brasil Sul) e editado na cidade de Porto Alegre - RS. Selecionamos, neste jornal, três notícias (reportagens) que contemplassem em sua estruturação o maior número possível de recursos semióticos. Esse critério se justifica porque em tais notícias se verificam todos os procedimentos enunciativos que em outros textos deste tipo de jornal são utilizados de forma alternada. À luz da perspectiva sociointeracional da linguagem, dos estudos da conversação e da oralidade e, principalmente, das teorias da enunciação, buscamos, por meio da análise do processo de enunciação, examinar mecanismos de construção do sentido nas notícias *on-line*, com prioridade às estratégias enunciativas consolidadas nos procedimentos de oralidade. O estudo realizado aponta que o jornal *on-line* apresenta complexidade enunciativa maior que o jornal impresso, assumindo características de imprensa televisiva. Também evidencia que o processo de enunciação do jornal *on-line* lembra características de um texto falado *in statu nascendi* (inacabado, dinâmico, interativo, efêmero), inclusive materializando nos enunciados a participação efetiva do leitor como co-enunciador, como parceiro explícito da troca interativa. Além disso, os recursos enunciativos utilizados na constituição das notícias *on-line* projetam efeitos de sentido - de realidade, verdade, subjetividade, oralidade, aproximação – mais intensos, mais aproximando o leitor dos fatos noticiados e, principalmente, do enunciador jornal. Há, portanto, mais apelo ao sensível, ao *sentido sentido,* neste jornal. Este estudo mostra, enfim, que o jornal *on-line* apresenta e "autoriza" uma enunciação mais marcadamente oralizada, mais enunciativa que os jornais tradicionalmente impressos.

Palavras-chave: Jornal *on-line*. Enunciação. Enunciado. Efeitos de sentido. Oralidade.

ABSTRACT

This study focuses on the on-line newspaper approach from an enunciating perspective. On the basis of empirical observation and comparison between newspapers traditionally printed and on-line newspapers, we formulated the hypothesis that the on-line newspaper, by its nature, assumes an oral character. Although also manifested through media resources (sound materialization of speech), that orality is evidenced, mainly, in its conceptual realization, i. e., in the way the written elaboration of texts evokes spoken interactions. We selected, in that newspaper, three news (reports covering) that contemplate in their structuring the greatest possible number of semiotic resources. This criterion is justified because in such news all the enunciation procedures occur, while in other texts of this type of newspapers they are used alternatingly. In the light of the perspective of interaction sociolinguistics, of the studies of the conversation and orality and, mainly, of theories of enunciation, we seek, through the analysis of the process of enunciation, consider mechanisms for the construction of meaning in on-line news, with priority to enunciating strategies consolidated in the orality procedures. The study pointed out that on-line newspapers present a much greater enunciating complexity than the printed one, assuming characteristics of television press. It also demonstrates the process of enunciation of on-line newspapers presents characteristics of a spoken text *in statu nascendi*, (unfinished, dynamic, ephemeral, and interactive), materializing in the enunciation the reader's effective participation as co-enunciator, an explicit partner in the interactive exchange. Also, the enunciating resources used in the constitution of online news project effects of meaning - of reality, truth, subjectivity, orality, approximation – which are more intense, best approaching the reader of the facts reported and, above all, of the newspaper enunciator. Therefore there is more appeal to sensitive, to the meaning understood, in that kind of newspaper. Finally, this study demonstrates the on-line newspaper presents and "authorizes" a more markedly oral enunciation, more enunciating than that of the traditionally printed newspapers.

Keywords: On-line newspaper. Enunciation. Enunciating. Meaning effects. Orality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1 A CONSTATAÇÃO DO INCREMENTO DA ORALIDADE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS 23

1.1 *As mudanças linguísticas na história de uma língua* 26

1.2 *As relações cultivadas entre jornal e leitores*.....31

2 A DISCUSSÃO DA ORALIDADE 39

2.1 *O texto falado: a conversação prototípica* 40

2.2 *Fala e escrita: distinção medial e conceptual* 44

3 ORALIDADE E ESCRITURALIDADE À LUZ DA ENUNCIAÇÃO 52

3.1 *A Enunciação* 53

3.2 *As categorias da enunciação* 57

3.2.1 A pessoa.....57

3.2.2 O tempo.....61

3.2.3 O espaço 67

3.3 *Mecanismos de instauração das categorias da enunciação* 69

3.3.1 A debreagem.....70

3.3.2 A embreagem 76

3.4 *Enunciatividade e oralidade vs. Enuncividade e escrituralidade*.....79

4 RECURSOS NÃO VERBAIS À LUZ DA ENUNCIAÇÃO 83

4.1 *Sobre o conceito de texto sincrético*.....85

4.2 *As linguagens não verbais e a construção dos sentidos no jornal*.....89

4.2.1 Os infográficos.....90

4.2.2 As fotografias.....93

4.2.3 Os áudios.....98

4.2.4 Os vídeos.....101

4.3 *O leitor cooperativo e o acesso aos textos não verbais*.....104

5 SOBRE O OBJETO DE PESQUISA, A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E A METODOLOGIA DE ANÁLISE 108

5.1 *O jornal Zero Hora no contexto dos jornais brasileiros*.....109

5.2 *Jornal on-line: hipertexto e oralidade*.....112

5.3 *Características de Zero Hora on-line* 116

5.4 *Definição do corpus e metodologia de análise*.....129

6 ANÁLISE DO *CORPUS*.....132

6.1 *Notícia sobre conflito na Faixa de Gaza*.....134

6.1.1 Do texto escrito e da fotografia principal.....137

6.1.2 Dos hipertextos.....143

6.1.3 Olhar geral sobre a notícia 173

6.2 *Notícia sobre atos de Barack Obama logo após a posse* 177

6.2.1 Do texto escrito e da fotografia principal.....179

6.2.2 Dos hipertextos 182

6.2.3 Olhar geral sobre a notícia 213

6.3 *Notícia sobre acidente com ônibus em Porto Alegre* 215

6.3.1 Do texto escrito e da fotografia principal.....217

6.3.2 Dos hipertextos.....219

6.3.3 Olhar geral sobre a notícia 228

7 O ENUNCIADOR *ZH ON-LINE* E O LEITOR NELE INSCRITO 230

7.1 *Éthos do enunciador ZH on-line* 231

7.2 *Páthos do enunciatário de ZH on-line* 239

CONSIDERAÇÕES FINAIS 244

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 250

ANEXOS.....255

Anexo A - Notícia contendo o tópico *Para seu filho ler*.....256

Anexo B - Página de *ZH* no formato *impresso digital*.....259

Anexo C - CD contendo hipertextos analisados.....267

Anexo D - Telas do *link O avanço da ofensiva* 269

Anexo E - Normas para transcrição de textos orais.....282

Anexo F - Linha do tempo do conflito na Faixa de Gaza.....284

Anexo G – Notícia do jornal *Folha.com* 293

INTRODUÇÃO

O jornal *on-line* como objeto de estudos

Os jornais brasileiros têm existência, hoje, em papel - na versão impressa - e na rede mundial de computadores (*web*). Neste último suporte, cada jornal se apresenta com características próprias, mas, em termos gerais, eles aparecem em três formatos[1]: o jornal impresso da *web,* tal qual sua versão em papel; a reprodução digital do jornal impresso acrescida de recursos próprios do meio eletrônico; e o jornal *on-line*.

O jornal impresso da *web* constitui pura e simples transposição do jornal em suporte papel para o suporte eletrônico. Apresenta o mesmo formato que o impresso, o mesmo conteúdo, a mesma "identidade". Inclusive é comum o leitor poder "folhear" este jornal na tela do computador, virando as páginas como se fosse um jornal de papel.

O segundo formato, como já se disse, é uma reprodução do jornal impresso, mas assume natureza específica quando incorpora em sua constituição, para além da simples reprodução, outros modos semióticos de produção textual postos à disposição pelos recursos do meio eletrônico (por exemplo: uma notícia que contém apenas texto e foto no formato impresso em papel recebe o acréscimo de uma galeria de fotos, de um áudio ou de um vídeo quando transposta para a *web*). Esta versão do jornal contempla todos os gêneros textuais característicos do impresso em papel (desde os editoriais ao horóscopo) e fica disponível no *site* por um período determinado[2], podendo ser acessada para consultas posteriores.

---

[1] Quando não os três formatos, dois deles são recorrentes em *sites* de empresas jornalísticas: a versão do jornal impresso tal qual no suporte em papel e o jornal *on-line*.

[2] No *site* de *Zero Hora on-line* (www.zh.com.br) um *link* remete à edição impressa do jornal acrescida de recursos eletrônicos. Nessa página, além da edição do dia atual, ficam disponíveis ao leitor as últimas 30 edições desse formato de jornal.

O jornal *on-line*, por sua vez, caracteriza-se, essencialmente, pela divulgação de notícias "em tempo real", informações lançadas no *site* minuto a minuto e atualizadas constantemente. O jornal *on-line* não contempla todos os gêneros textuais recorrentes no jornal impresso. Nele não aparecem, por exemplo, charges, tiras, horóscopo, nem editoriais. Isso não significa, no entanto, que o jornal *on-line* não apresente caráter opinativo, mas trata-se de opiniões de natureza diferente daquelas dos jornais impressos. Não há uma seção específica destinada apenas aos textos opinativos (como as *Cartas do Leitor*, ou os *Artigos*), mas a todo instante aparecem opiniões de leitores na forma de "comentários" publicados ao final das notícias[3], ou nos *blogs*. Em síntese, fazemos aqui uma tríplice distinção: o jornal impresso[4] publicado na *web*, o jornal impresso acrescido de recursos e divulgado na *web* – doravante denominado *impresso digital* -, e o jornal *on-line*.

Na aplicação dos fundamentos da enunciação ao estudo de textos, é prática difundida analisar textos verbais de jornais impressos, incorporando-se com frequência, nessa análise, o caráter sincrético de alguns textos constituídos pela relação entre o verbal e a imagem fotográfica.

Entre outros aspectos, põem-se em evidência, na análise discursiva, as diferentes formas, possibilidades e graus de projetar a instância da enunciação no enunciado. Por exemplo, quando o enunciador delega a voz ao narrador observa-se o apagamento das marcas enunciativas do eu em favor da terceira pessoa. Esse procedimento produz, no texto, efeitos de sentido de distanciamento, impessoalidade, objetividade. Quando o narrador delega a voz a um interlocutor, instaura-se no enunciado uma nova enunciação, na medida em que o interlocutor se manifesta em discurso direto. Este discurso direto pode constituir um enunciado em primeira ou em terceira pessoa, produzindo os efeitos de sentido próprios de cada um desses enunciados.

Com base nessas e outras observações, pode-se atribuir ao texto jornalístico da imprensa escrita em geral um determinado grau de complexidade enunciativa. Comparando-o, porém, com o jornal *on-line*, este revela aspectos que, a nosso ver, evidenciam uma complexidade enunciativa bem maior. Em outras palavras, as estratégias de enunciação que concorrem para a construção deste jornal dão um outro perfil à sua natureza enunciativa.

---

[3] Esta questão é retomada no capítulo 5, quando apresentamos o formato de *ZH on-line* e suas características, e constitui objeto de análise no capítulo 6.

[4] No *site* dos jornais, a edição impressa propriamente dita também fica disponível para consultas posteriores. No *site* de *Zero Hora*, por exemplo, podem ser acessadas as edições diárias do formato impresso dos últimos 18 meses.

A primeira impressão que se tem é a de que o jornal *on-line* está em construção. Portanto, não é um texto concluído, definitivo. Esse caráter processual da construção fica evidente quando o jornal, por exemplo, convoca pessoas próximas e participantes de um evento de reportagem para que enviem informações, observações, imagens sobre o acontecido para serem inseridas nessa construção. Fica explícito nesse pedido de auxílio que a enunciação procede de diferentes fontes que podem ou não se manifestar por força de debreagens internas ao texto, isto é, em discurso direto. E essa delegação de voz ao interlocutor não precisa, como acontece no jornal impresso, se realizar por uma enunciação em linguagem verbal escrita. Pode o discurso direto se manifestar por um personagem falando ao vivo, no contexto de uma cena gravada e inserida na forma de vídeo no processo de construção do jornal *on-line*. Esse discurso direto tem outras características, outras funções e, portanto, outra natureza enunciativa do que o comumente usado no texto verbal escrito. Esse discurso direto se aproxima em suas características daquele que aparece numa reportagem televisiva. Quando o âncora do noticiário, que é o narrador, chama o repórter para inserir as imagens dos "fatos" que atestam a notícia e relatar esses fatos, está na verdade promovendo a delegação de voz ao interlocutor (o repórter). Neste caso (do noticiário da televisão), este interlocutor muitas vezes concede a palavra a um segundo interlocutor, quando um ou mais atores participantes do evento objeto da notícia se manifestam.

Na verdade, esses recursos que o meio eletrônico põe à disposição do jornalista na construção da notícia *on-line* se aproximam muito da apresentação de uma reportagem dentro do noticiário televisivo. Aliás, parece que o jornal *on-line*, na medida em que incorpora imagens e sujeitos em movimento, busca essa aproximação com o noticiário televisivo. Ou seja, deduz-se por meio da análise que na enunciação do jornal *on-line* há um propósito de romper com as barreiras e restrições comunicativas do texto escrito e, dessa forma, interagir com o leitor por meio de sujeitos (atores) que falam em cenários que se movem. Ou seja, o jornal *on-line* não é só para ler, mas para ouvir e ver, e ver não somente as imagens congeladas da fotografia, mas também as que transferem para o monitor cenas da realidade em movimento. No que respeita à formulação escrita deste jornal, ela acaba entrando em sintonia com os demais recursos, assumindo diferentes marcas que a aproximam da oralidade. Esse processo de oralização parece integrar-se no propósito já referido de romper com os limites do própria e exclusivamente escrito.

No que respeita à linguagem verbal, esse fato, aliás, já se evidencia no "internetês" dos usuários do *msn:* a cada dia novos recursos buscam oralizar o escrito, produzindo assim o

efeito de conversa com o interlocutor *on-line*. Não estamos imaginando que um dia a linguagem verbal dos jornais *on-line* assuma as características desta última variedade de comunicação na internet. No entanto, parece haver neles uma tendência para aproximar o destinador-jornal do destinatário-leitor, e este dos fatos noticiados. Essa tendência se evidencia, particularmente, nos recursos à oralidade, seja em sua transferência para o texto escrito, seja em sua manifestação de viva voz nos cenários em vídeo ou em outras formas de interação verbal. A essa característica integra-se uma outra: a incorporação na produção do jornal de elementos de natureza diversa que produzem efeitos de realidade mais intensos, se comparados com os produzidos nos jornais impressos.

Com base nessas breves considerações, é possível dizer que o jornal *on-line* apresenta particularidades enunciativas próprias, cuja natureza e complexidade podem constituir um interessante e fértil objeto de estudos à luz dos preceitos teóricos da enunciação. É a ele, portanto, no âmbito de uma abordagem enunciativa, que se volta nossa atenção nesta tese. Dentro do universo do jornal *on-line*, interessamo-nos por notícias/reportagens[5] ali veiculadas.

Como critério de seleção, definimos que, para constituir objeto de análise, as notícias devem apresentar múltiplas semioses (texto escrito, fotografia, vídeo, áudio, animação gráfica) em sua constituição enunciativa. Tal escolha se justifica pelo fato de na construção dessas notícias se manifestarem praticamente todos os procedimentos de enunciação que, de forma dispersa, concorrem para construir os demais textos do jornal. Especificamente, então, o objeto de nosso estudo são as características enunciativas do jornal *on-line* evidenciadas na construção das notícias.

E para configurarmos de forma mais específica ainda nosso objeto de investigação, restringiremos nossa análise a notícias *on-line* do jornal *Zero Hora*, já que este constitui um *unus* dentro do *totus* da imprensa séria. Ou seja, tomando como base reflexões de Discini

---

[5] Fazemos aqui uma ressalva quanto à terminologia utilizada para designar os textos do *corpus*. De acordo com o *Dicionário de Comunicação* (RABAÇA, 2001), não se deve utilizar o termo *reportagem* para designar um tipo de notícia descritiva mais apurada e ampla. Para os autores, na verdade, "esse tipo de notícia é resultado de uma reportagem e não a reportagem em si" (p. 638). A *reportagem* compreenderia o processo de produção da notícia, que vai desde a captação dos dados até a redação do texto; e a *notícia* seria o produto final, "o conteúdo do relato jornalístico" (p. 513). Tendo isso em conta, procuramos utilizar neste trabalho, preferencialmente, o termo "notícia" para nos referirmos aos textos objeto análise. No entanto, dado o uso corrente dos termos como sinônimos no meio jornalístico, o termo "reportagem" também aqui é empregado como sinônimo de notícia.

(2004)[6], *ZH* pode ser considerado, por suas características recorrentes, um dos jornais que - assim como o *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* - figura entre os que compõem o bloco da totalidade dos jornais ditos de imprensa séria.

As justificativas

O interesse por esse objeto de estudo está relacionado tanto às minhas atividades profissionais quanto aos meus interesses acadêmicos[7].

Como professora do curso de Letras, trabalho com diferentes gêneros textuais, apontando diferenças entre eles e abordando também características peculiares de cada um. O jornal é uma fonte rica para o trabalho com gêneros. Nele se manifestam tiras humorísticas, charges, notícias, artigos, crônicas, editoriais, horóscopo, carta do leitor, enfim, as possibilidades de exploração são muitas. Isso sem contar que o jornal alia recursos verbais e não verbais na construção dos sentidos dos textos, outro fator que justifica sua utilização em sala de aula. Ademais, é um texto de fácil acesso. A maioria dos alunos tem contato com textos jornalísticos. Aliás, cabe mencionar que *Zero Hora* é o jornal de maior circulação no Rio Grande do Sul, e mesmo quem não é assinante pode acessá-lo, em seus três formatos (*on-line*, *impresso digital* e *flip*[8]), gratuitamente, no *site*. Daí também a opção por trabalhar em sala de aula com este jornal.

O trabalho recorrente com notícias jornalísticas de *ZH* aliado às minhas curiosidades como estudante de teorias do texto e do discurso levaram à percepção de que há diferenças entre as notícias do jornal impresso em papel e as do *impresso digital*. E, principalmente, de que as diferenças enunciativas se aprofundam se comparadas notícias veiculadas nesses dois formatos com as do jornal *on-line*. Ou seja, comparando notícias sobre um mesmo acontecimento veiculadas no impresso em papel e no *impresso digital*, as diferenças entre a constituição textual de ambas se restringem aos recursos de vídeo, áudio e animação gráfica

---

[6] Na obra *O estilo nos textos*, onde se discutem também os conceitos de *unus* e *totus*, Discini (2004) analisa características enunciativas recorrentes em três jornais de SP – *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo* e *Notícias Populares* – e define os dois primeiros como imprensa séria e o último como imprensa sensacionalista. No capítulo 5 deste estudo apresentamos considerações da autora que nos permitem entender *ZH* como imprensa séria.

[7] Neste tópico optamos pela utilização da 1ª pessoa, embora não seja essa a marca enunciativa dos estudos científicos, porque pensamos ser relevante apontar algumas questões pessoais que levaram à escolha do tema.

[8] O *flip* é a transposição fiel do jornal impresso em papel para a *web*, sem acréscimo de qualquer recurso. É o formato que, inclusive, pode ser "folheado" na tela do computador.

possíveis na constituição das notícias deste último formato. Geralmente, o texto escrito e as fotos são as mesmas nos dois formatos de jornal, as diferenças ficam por conta das animações gráficas e dos vídeos que se inserem no *impresso digital*. Isso permite dizer que o *impresso digital* é a transposição do impresso em papel acrescido de recursos hipermídia[9] que o suporte disponibiliza.

Esses recursos do meio eletrônico fazem diferença na constituição dos textos, uma vez que, entre outros efeitos de sentido, intensificam os de realidade e de proximidade. É diferente ver uma fotografia do local de um fato e ver um vídeo sobre ele. Também é diferente "ver/ler" um depoimento do que ouvir a voz do entrevistado. Essas questões, por si só, já despertam interesse e constituem fértil terreno de investigação. Se o interesse ficasse restrito aos recursos audiovisuais que remetem à oralização dos textos jornalísticos, poderíamos trabalhar com o formato *off-line*[10] do jornal *impresso digital*. Mas há mais questões que nos interessam abordar e que não se manifestam nesse formato, apenas no jornal *on-line*.

Na constituição discursiva de notícias do jornal *on-line* é possível perceber diferenças que vão além do "incremento" através de vídeos, áudios ou infográficos animados. As notícias do *on-line* assumem outro "modo" de ser. Não são apenas a transposição de um texto pronto ao qual se acrescentam recursos de hipermídia. As notícias do *on-line* possibilitam que se perceba a construção do texto, o processo. Até não haver a última atualização, a notícia vai sendo modificada, novas informações, fotos, vídeos são acrescentados, o texto vai sendo adaptado, corrigido, reformulado[11]. Além, disso, no *on-line*, o leitor é convidado a participar da construção textual[12], e participa efetivamente através do envio de depoimentos, fotos, vídeos, o que o coloca numa situação de enunciador explícito, não apenas implícito, como ocorre nas notícias prontas (impressas). O texto escrito, na medida em que a pressa dita as regras, também assume características distintas das notícias do *off-line*. Enfim, as notícias do jornal *on-line* assumem características enunciativas diferentes das dos formatos *off-line* em

---

[9] *Hipermídia*, no Dicionário de Comunicação (RABAÇA, 2001), é definido como "recurso **multimídia** em linguagem HTML. Expressão adotada por alguns autores como sendo mais abrangente do que o **hipertexto**: enquanto este se restringe a textos, a **hipermídia** engloba sons e imagens, inclusive vídeos em movimento. Diz-se tb. (especialmente em Portugal) hipermédia". Os autores referem Galvão Meirinhos, segundo o qual "os sistemas hipermédia devem ser pensados como uma sucessão de estímulos imagéticos, textuais e sonoros, orientados ao utilizador" (p. 363)

[10] *Off-line* é o termo utilizado como referência a qualquer jornal produzido na véspera para ser distribuído no dia seguinte, seja em formato papel ou eletrônico.

[11] No capítulo 5, apresentamos um exemplo de notícia antes e depois de ser atualizada, o que permite ter uma ideia do "processo de construção do texto".

[12] Esta questão também é demonstrada no capítulo 5.

virtude de uma gama de fatores relacionados às condições de produção e aos objetivos desse tipo de jornal.

Essas características de "não acabado" e de construção em conjunto com o leitor também nos remetem aos textos que lembram a fala, a oralidade. Ora, aos olhos de uma estudante do discurso acostumada ao trabalho e à análise de textos jornalísticos impressos, prontos, acabados, essas diferenças enunciativas despertam, no mínimo, curiosidade. Também como profissional é preciso compreender os mecanismos que concorrem para produção de efeitos de sentido nesses textos para poder explicitá-los aos alunos. Enfim, das percepções quanto à natureza diferenciada dos textos das notícias *on-line* e da vontade/necessidade de compreendê-las decorre o interesse por este tema.

Este estudo terá como base os fundamentos da enunciação, por razões que se justificam a seguir, na apresentação dos objetivos.

Os objetivos

Na apresentação do objeto de pesquisa destacamos o caráter processual do jornal *on-line*, já que ele é um texto que vai sendo construído na medida em que as notícias chegam. Por isso os elementos que o compõem vão sendo reformulados e substituídos por outros mais completos e detalhados. A provisoriedade e a fugacidade definem seu caráter. Destacamos também que esse jornal busca uma aproximação com o leitor e deste com os fatos. E nesse sentido é ele caracterizado pelas mais variadas formas de manifestação da oralidade que se integram na produção de efeitos de realidade. Em síntese, nessas observações introdutórias, definimos a hipótese de que as estratégias enunciativas do jornal *on-line* buscam atribuir-lhe uma configuração oral para, dessa forma, aproximar o jornal dos leitores e esses dos fatos.

Da definição do objeto da pesquisa, conforme o apresentamos, e dessa hipótese emerge, consequentemente, o objetivo geral deste trabalho: por meio da análise do processo de enunciação, examinar mecanismos de construção do sentido nas notícias *on-line*, com prioridade às estratégias enunciativas consolidadas nos procedimentos de oralidade.

Os objetivos específicos, por sua vez, se definem dentro dessa busca do objetivo geral. Com isso se quer dizer que cada objetivo específico corresponde a um objetivo parcial na configuração do processo enunciativo como um todo. Para podermos, então, definir esses

objetivos parciais e, portanto, específicos, teremos de levar em conta tanto as observações ainda empíricas que já fizemos na apresentação do objeto de estudos, quanto princípios enunciativos básicos que presidem qualquer construção textual. Adiantamos, então, aqui alguns desses princípios, em termos introdutórios e gerais – adiante, em capítulo próprio, eles serão apresentados em detalhes e profundidade.

Parte-se do fato de que todo texto é produto do ato de enunciar, ou seja, do ato de pôr a língua em funcionamento para a interação entre indivíduos no âmbito de suas práticas sociais. A enunciação é, portanto, a ação de um enunciador que interage com um enunciatário por meio de um enunciado. Sendo o enunciado o texto, isto é, o produto da enunciação, ele, enquanto objeto de leitura e de análise, tem a instância da enunciação necessariamente pressuposta. Ou seja, quando se analisa o texto, a enunciação já aconteceu. Ela só pode ser estudada na medida em que os diferentes procedimentos enunciativos escolhidos pelo enunciador estiverem projetados no enunciado, isto é, no texto. A análise do texto consiste, então, em identificar, descrever e interpretar esses procedimentos e, assim, desvelar os sentidos produzidos por eles. Esses procedimentos se manifestam em diferentes instâncias do processo enunciativo. A primeira delas é a instância em que o enunciador se faz representar no enunciado pelo narrador. A segunda é a do narrador que delega a voz a um interlocutor, o qual, numa terceira instância, pode desdobrar o processo, dando a palavra a um segundo interlocutor. Cabe considerar ainda que todo ato de enunciação é a ação de um eu que enuncia num tempo agora e num espaço aqui, o que significa que são três as categorias da enunciação: a pessoa, o tempo e o espaço. Nas instâncias do processo enunciativo nomeadas, essas categorias são projetadas no enunciado nas mais diversas formas de sua manifestação, produzindo diferentes efeitos de sentido.

Em nossa pesquisa, cada instância dessas oferece aspectos próprios a analisar nas notícias do jornal *on-line*, o que possibilita definir os objetivos específicos do trabalho.

Em relação à primeira instância, o objetivo específico é mostrar como o narrador, representando o enunciador no enunciado, se apresenta e se manifesta no texto, focalizando particularmente três aspectos: o fato de o seu discurso poder ocorrer em primeira ou terceira pessoa; o modo como são caracterizados o tempo e o espaço em sua atuação; a formulação de seu discurso, considerando especialmente a escolha do léxico e das estruturas sintáticas.

Em relação à segunda instância, quando o narrador delega a voz ao interlocutor, desencadeando uma enunciação interna em discurso direto, o objetivo específico consiste, principalmente, em identificar quem é este interlocutor nas reportagens e, em função dessa

identidade, quais são as características de sua manifestação. Na imprensa escrita, essa é sempre uma manifestação verbal medialmente escrita. No jornal *on-line*, porém, o interlocutor pode se apresentar oralmente, falando num vídeo, na forma como acontece nas reportagens televisivas. Faz parte, então, dos objetivos específicos desta segunda instância da enunciação caracterizar detalhadamente essa intervenção falada do interlocutor.

Finalmente, a terceira instância, que ocorre quando o primeiro interlocutor delega a voz a um segundo, é de particular interesse na construção da notícia no jornal *on-line*, pelo fato de ela se realizar, quase sempre, por meio de uma manifestação oral de um segundo interlocutor. Isso ocorre quando o primeiro interlocutor, que geralmente é um repórter, se dirige a um ator participante do evento objeto de notícia. O objetivo específico, então, em relação a essa instância, é identificar esse segundo interlocutor e analisar o seu discurso no espaço e no tempo em que ele se situa no evento.

Por fim, um último objetivo específico aqui a destacar é descrever a participação dos elementos não verbais na configuração da oralidade. Embora, se por um lado, a incorporação no texto de um vídeo sobre uma notícia em foco possa produzir um efeito de distanciamento do enunciador em relação a essa notícia, já que evita manifestação de subjetividade nessa relação, por outro, uma cena em movimento contextualiza atores que, em suas variadas enunciações, irão promover, em novas instâncias, interações marcadas pela oralidade.

A estrutura do trabalho

Com o objetivo de estabelecermos os fundamentos teóricos e metodológicos para a análise dos dados (notícias selecionadas) e, assim, alcançarmos os objetivos propostos, apresentamos, a seguir, estrutura do trabalho.

No primeiro capítulo fazemos uma observação panorâmica da crescente presença da oralidade na imprensa em geral. Apontamos constatações nesse sentido e apresentamos possíveis explicações para o fato. Entre estas, constam apontamentos que remetem às influências históricas da fala sobre a escrita e, principalmente, o fato de a linguagem estar intimamente relacionada às situações de interação, as quais definem os "estilos" que os diferentes gêneros textuais assumem, inclusive as características mais oralizadas ou "escrituralizadas" destes. Também neste capítulo se aponta para a necessidade que os jornais têm de cultivar relações de proximidade e de identificação com os leitores para fidelizá-los.

Na sociedade atual, por influência da televisão e, depois, da internet, os leitores são mais visuais, auditivos e mais interativos. Nesse sentido, tornar o jornal mais marcado pela oralidade seria uma das formas de melhor interagir com este perfil de leitor.

No segundo capítulo discutimos a noção de oralidade. Inicialmente chamamos atenção que, quando falamos em oralidade nas notícias de nosso *corpus*, referimo-nos ao fato de o enunciador imprimir no texto escrito traços que lembram o texto falado ou que se aproximam dele. Por isso apresentamos as principais características do texto falado para, com base nelas, podermos, posteriormente, identificar na análise dos dados escritos o que neles lembra a fala, ou seja, o que é marca de oralidade. Também apresentamos neste capítulo algumas contraposições entre as características dos textos falados e as dos textos escritos prototípicos. Além disso, focalizamos a distinção medial e conceptual entre fala e escrita, explicando que o caráter medial diz respeito à representação sonora ou gráfica dos discursos, enquanto o conceptual está relacionado às estratégias de produção dos textos e às escolhas enunciativas decorrentes das situações de interação. A natureza conceptual nos permite dizer que textos falados podem apresentar, por suas estratégias enunciativas, características de textos escritos, ou seja, caráter de "escrituralidade"[13], e que textos escritos podem, por suas estratégias de formulação, apresentar características de oralidade.

No terceiro capítulo abordamos a questão teórica central, à luz da qual pretendemos explicar e interpretar as estratégias de oralidade adotadas na construção do jornal *on-line*. Marcas de oralidade e escrituralidade nada mais são do que projeções da enunciação no enunciado, ou seja, são escolhas do enunciador que se projetam no enunciado. Neste capítulo, portanto, primeiramente apresentamos os fundamentos da enunciação no intuito de demonstrar que a enunciação constitui um processo de interação entre dois sujeitos (eu-tu), que ocorre num determinado momento (agora) e num determinado espaço (aqui) e que desta interação emerge um produto, o enunciado. Também se destaca que interações marcadas pela proximidade entre os sujeitos originam textos com traços de oralidade, e que interações caracterizadas pelo distanciamento entre os sujeitos têm como produto textos marcados pela escrituralidade. Depois apresentamos as categorias da enunciação: a pessoa, o tempo e o espaço, mostrando que há pessoas, tempos e espaços enunciativos e há pessoas, tempos e espaços enuncivos. Também discutimos os mecanismos de projeção de pessoas, tempos e espaços nos enunciados: as debreagens e embreagens. Por fim, procuramos mostrar que as

---

[13]Embora o termo *escrituralidad*e seja um neologismo em língua portuguesa, adotamos o par oralidade/ escrituralidade da bibliografia alemã, em que vem registrado pelos termos *Mündlichkeit/Schriflichkeit*.

formas enunciativas estão relacionadas à proximidade, ou seja, à produção de efeitos de sentido de aproximação nos textos e, por isso, remetem à oralidade. Em contrapartida, formas enuncivas projetam ou simulam efeitos de sentido de distanciamento, e, por isso, remetem à escrituralidade.

No quarto capítulo fazemos um breve estudo dos aspectos enunciativos revelados por recursos não verbais. Primeiramente, discutimos o conceito de texto sincrético, já que assim entendemos a constituição das notícias *on-line*. Em seguida, abordamos os principais recursos utilizados nesse tipo de texto - infográficos, fotografias, áudios, vídeos – e destacamos efeitos de sentido "provocados" pelas linguagens não verbais. Partindo de proposições tecidas sobre textos jornalísticos impressos, procuramos mostrar que, no jornal *on-line*, a maior incidência de recursos não verbais conflui para a projeção de efeitos de sentido mais intensos. Também apontamos que elementos não verbais despertam o leitor para questões relacionadas ao universo do sensível e não apenas do inteligível. Tomando por base estudos de Regina Souza Gomes (2007, 2008) e Lúcia Teixeira (2004, 2008), explicamos que as imagens podem ser analisadas sob uma perspectiva enunciativa ou enunciva e que, portanto, também produzem efeitos de sentido aproximação ou distanciamento. Por fim, fazemos uma rápida abordagem sobre o papel do leitor na ativação dos *links* que remetem aos recursos não verbais, já que, em forma de hipertextos, estes só se dão a conhecer se acionados pelo leitor. A partir das considerações feitas neste capítulo são abordados os aspectos não verbais das notícias.

No quinto capítulo tecemos considerações sobre o jornal *ZH on-line*, explicando e exemplificando aspectos que nos instigaram a escolher este objeto de pesquisa. Também apresentamos as notícias que serão analisadas e a metodologia de análise. Partimos da caracterização do jornal *Zero Hora* no contexto dos principais jornais brasileiros, apontando questões que nos permitem entender *ZH* como um jornal da imprensa séria. Na sequência, tendo em vista que o jornal *on-line* é constituído de hipertextos, apresentamos aspectos próprios da natureza desse tipo de texto, aspectos esses que lembram interações faladas. A seguir, apontamos características de *ZH on-line*, como a constante convocação do leitor para participar da constituição da notícia e a seção *Leitor-repórter*. Também mostramos uma notícia *in statu nascendi* no *site*, ou seja, antes e depois de atualizações. Por fim, apresentamos os critérios utilizados para seleção das notícias que compõem o *corpus*, as três notícias escolhidas, o que será observado nelas e a metodologia de análise.

No sexto capítulo procedemos à análise das notícias. Cada uma das três notícias é analisada individualmente e "fragmentada" em partes que constituem os diferentes

enunciados que elas comportam (texto escrito, fotografias, áudios, vídeos, infográficos) e que, no conjunto, formam o todo de sentido. Partimos do texto escrito e da fotografia principal, ou seja, da materialidade que imediatamente se apresenta na tela para, depois, explorarmos um a um os hipertextos que constituem a notícia. Como cada notícia apresenta particularidades e, ao mesmo tempo, semelhanças enunciativas, tomamos a análise da notícia anterior como parâmetro para a(s) seguinte(s). Assim, quando se evidenciam aspectos semelhantes aos já apontados, fazemos uma análise sucinta destes e remetemos às considerações já tecidas a respeito, privilegiando, dessa forma, questões particulares e novas que cada notícia apresenta. Ao final de cada análise, tecemos um olhar geral sobre a notícia, destacando aspectos que se evidenciaram na construção dos sentidos. No Anexo C deste trabalho, há um CD contendo as reportagens analisadas com todos os seus recursos.

No sétimo capítulo, a partir dos resultados da análise, apresentamos características recorrentes do jornal *ZH on-line* e tecemos considerações sobre o *éthos* enunciativo desse jornal. Também relacionamos, em contraponto, características do jornal impresso em suporte papel. Além disso, tendo em conta que o processo de enunciação é, na verdade, co-enunciação, e que, portanto, as marcas projetadas na enunciação enunciada revelam aspectos referentes ao enunciador e ao enunciatário, fazemos reflexões acerca da imagem de leitor inscrita no jornal *on-line* e também no jornal tradicionalmente impresso, ou seja, sobre o *páthos* do enunciatário refletido em cada formato de jornal.

Por fim, fechamos nosso texto com as considerações finais.

1 A CONSTATAÇÃO DO INCREMENTO DA ORALIDADE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

A leitura assídua e atenta de jornais leva à percepção de que os textos escritos que o compõem estão cada dia mais marcados por traços de oralidade. Vocábulos e expressões "próprios" da fala e construções sintáticas mais simples – períodos simples e estruturas coordenadas -, só para citar alguns exemplos, incorporam-se com frequência crescente à linguagem jornalística, criando efeitos de sentido de aproximação entre veículo e leitor. Acrescentem-se a isso os vários recursos não verbais que se inserem nas páginas de jornais, construindo um texto sincrético não raro mais para se ver do que para se ler. Esses recursos que "criam" a realidade – fotos, infográficos, vídeos, áudios – produzem efeitos de sentido de aproximação entre leitor e objeto, uma vez que produzem uma ideia mais "concreta" de onde tal fato aconteceu, de quem são as pessoas envolvidas, mostram suas faces, reconstroem trajetórias realizadas, apresentam depoimentos para serem ouvidos e vistos, enfim, projetam no texto um simulacro da situação em que o fato ocorreu e "jogam" o leitor para dentro dela, aproximam-no daquilo e daqueles que estão a milhas de distância. Esses efeitos de aproximação se intensificam quando construídos com marcas de oralidade.

Em termos gerais, quando se fala em traços de oralidade, fala-se de marcas de oralidade projetadas nos enunciados. Quando, por exemplo, numa notícia de jornal impresso opta-se por uma construção sintática com pronome oblíquo átono em início de frase, está-se apresentando uma característica mais própria da língua falada do que da língua escrita. Tem-se, então, uma marca de oralidade no texto escrito. Por outro lado, a opção do pronome em

ênclise em início de frase projeta no texto uma marca de escrituralidade[14], uma vez tal escolha reflete os traços do rigor gramatical que em princípio rege a escrita.

Oswald de Andrade traduz essa ideia em outras palavras:

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Do poema também se depreende que o caráter oral ou "escritural" dos textos decorre do efetivo uso da língua pelos falantes dentro de uma situação real de comunicação. Esse aspecto adquire singular importância neste estudo, já que também o jornal, como forma de comunicação, produz textos levando em conta os sujeitos a quem se dirige e a situação de enunciação em que ambos, jornal e leitor, estão inseridos.

O exemplo do emprego pronominal proclítico é apenas um dos traços de oralidade observável em notícias jornalísticas, *on-line* ou *off-line*. Este e outros traços são recorrentes em crônicas, artigos de opinião e mesmo em editoriais, tradicionalmente, mais marcados por traços de escrituralidade. Esse recurso produz um efeito de sentido de proximidade entre enunciador e enunciatário, de familiaridade, de cumplicidade até.

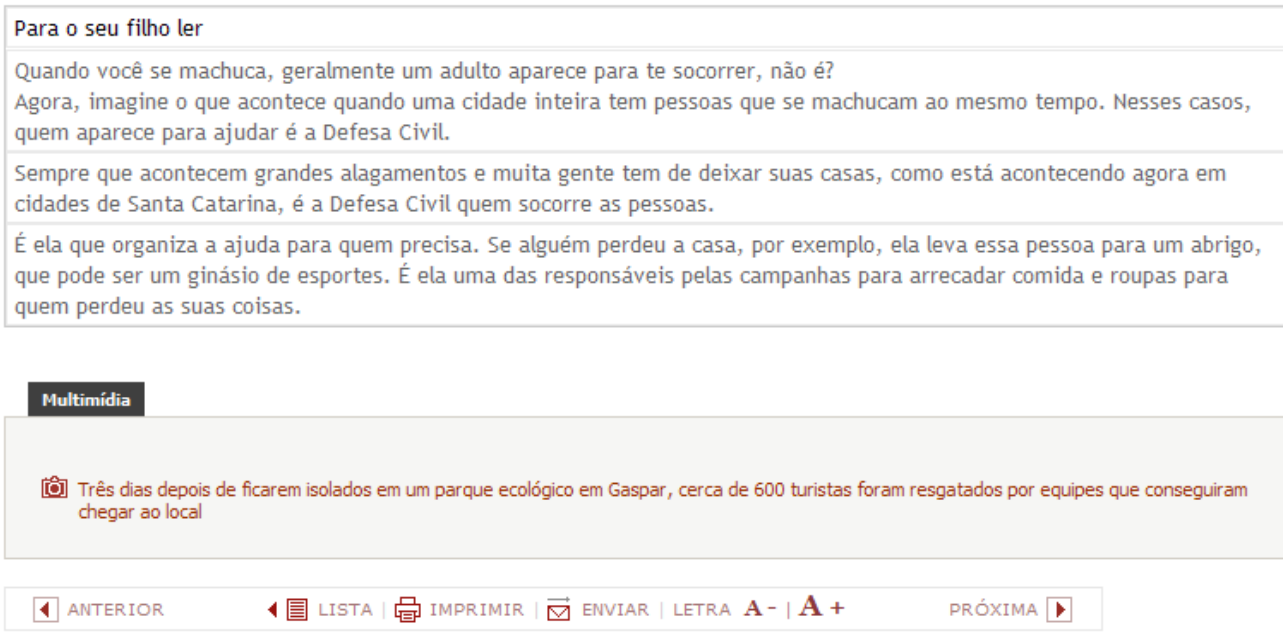
Para melhor exemplificar, observe-se o trecho abaixo, parte da notícia *Resgate que não termina*, veiculada em *ZH* de 26 de novembro de 2008[15]. O texto fala sobre os trabalhos

---

[14] O termo *escrituralidade* será utilizado para nos referirmos às marcas textuais que remetem às condições de produção e às características de formulação do texto escrito. Assim como *oralidade* se refere, neste estudo, às marcas textuais que remetem ao processo de produção textual nas interações faladas. Tais termos identificam, portanto, a *natureza* do que é escrito e do que é oral, segundo a percepção dos usuários da língua, e não meramente a expressão fônica ou gráfica dos textos. Em nota anterior, já mencionamos que "importamos" o par oralidade/escrituralidade da bibliografia alemã, em que vem registrado pelos termos *Mündlichkeit/Schriflichkeit*.

[15] O trecho *Para seu filho ler* aparece tanto na edição em papel quanto no formato *impresso digital*. A notícia na íntegra consta no Anexo A deste trabalho e pode ser acessada pelo endereço eletrônico: http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2308146.xml&template=3898.dwt&edition=11179&section=1015

da defesa civil no resgate de pessoas atingidas pelas enchentes que assolaram Santa Catarina naquele período. O trecho que segue finalizava o texto.


Para o seu filho ler

Quando você se machuca, geralmente um adulto aparece para te socorrer, não é?
Agora, imagine o que acontece quando uma cidade inteira tem pessoas que se machucam ao mesmo tempo. Nesses casos, quem aparece para ajudar é a Defesa Civil.

Sempre que acontecem grandes alagamentos e muita gente tem de deixar suas casas, como está acontecendo agora em cidades de Santa Catarina, é a Defesa Civil quem socorre as pessoas.

É ela que organiza a ajuda para quem precisa. Se alguém perdeu a casa, por exemplo, ela leva essa pessoa para um abrigo, que pode ser um ginásio de esportes. É ela uma das responsáveis pelas campanhas para arrecadar comida e roupas para quem perdeu as suas coisas.

Multimídia

Três dias depois de ficarem isolados em um parque ecológico em Gaspar, cerca de 600 turistas foram resgatados por equipes que conseguiram chegar ao local

ANTERIOR | LISTA | IMPRIMIR | ENVIAR | LETRA A - | A + | PRÓXIMA

Esse trecho permite visualizar marcas de oralidade. O texto simula uma conversa com um leitor criança. O próprio título, "Para o seu filho ler", já aponta quem é o destinatário do texto, e disso também é decorrente seu caráter oralizado. As marcas de oralidade estão ali presentes: a pessoalização, **"você se** machuca"; a licença gramatical na utilização da 2ª pessoa, combinando você e tu "**você se** machuca [...] para **te** socorrer"; a interpelação do leitor com o "**não é?**", como se ele pudesse naquele instante tomar a palavra e responder; o vocabulário de fácil entendimento, inclusive com explicação do que seria um abrigo "que pode ser um ginásio de esportes"; os períodos compostos por orações breves, concisas, marcadas por pontos-finais e que não demandam grande esforço para apreensão do sentido. Esse texto sugere uma conversa com o leitor, e o faz pelas marcas de oralidade que ali se projetam. Parece claro que o objetivo último desse texto é buscar, por meio da linguagem, uma aproximação entre o jornal e o público a quem se dirige.

Enfim, percebe-se um crescente incremento da oralidade nos textos jornalísticos, e essa questão está associada a, pelo menos, dois fatores:

a) às mudanças linguísticas na história de uma língua;

b) às relações cultivadas entre jornal e leitor.

1.1 As mudanças linguísticas na história de uma língua

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta.

Bakhtin

Embora este trabalho não vá aprofundar aspectos históricos do tema em estudo, é importante trazer à discussão, à luz dessa perspectiva, algumas questões que apontam a influência da língua falada sobre a escrita.

A língua é um elemento vivo dentro da sociedade. Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ao tecer críticas tanto ao objetivismo abstrato[16] quanto ao subjetivismo individualista[17], estabelece que "a língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*" (1997, p. 124, grifos do autor). E ainda esclarece:

> A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1997, p.123, grifos do autor).

Nesse sentido, sendo a realidade da língua a interação verbal, a qual se dá por meio de enunciações, é natural e previsível a influência da fala sobre a escrita. Na e pela interação verbal, novas formas linguísticas se configuram, transformam-se ou mesmo caem em desuso. Não é preciso retroceder muito no tempo para constatar mudanças assim. Basta, por exemplo, contrastar o modo de falar de pessoas de diferentes faixas etárias. Por menores que sejam, é possível perceber diferenças, seja de vocabulário, de pronúncia, de construções sintáticas, entre a fala de uma pessoa de 20 anos e uma de 70. Quem não conhece exemplos de

---

[16] O objetivismo abstrato estuda a língua como um sistema abstrato de formas e estruturas, exclui dela o falante e a comunicação.

[17] Já o subjetivismo individualista volta-se ao estudo da fala, mas enquanto fenômeno psicofisiológico isolado e individual de expressão de pensamentos.

arcaísmos e de neologismos? A linguagem, como prática social de interação, como elemento vivo dentro de uma sociedade, está constantemente se reinventando (BAKHTIN, 1997, 2003).

No entanto, "embora seja algo conhecido que as línguas mudam, tanto em sua forma falada quanto em sua forma escrita, a língua escrita é sempre mais conservadora do que a língua falada" (CHAGAS, 2003, p.141). Esse fato tem a ver com a normatividade da escrita, sujeita a regras socialmente estabelecidas e "estáveis". Como exemplo disso, o autor aponta palavras que têm pronúncia alterada, mas que continuam sendo grafadas da mesma maneira, como é caso de "beijo", "cadeira".

Por outro lado, a "estabilidade" da escrita é relativizada na medida em que mudanças lexicais, fonológicas, morfológicas, gramaticais, sintáticas se refletem também na escrita por força da fala.

Tecendo comparações entre pequenos textos do século XIII e do século XVII com textos do português atual, Chagas (2003) aponta diversos aspectos linguísticos que se modificaram ao longo do tempo tanto por força do uso como das mudanças sociais. Entre outros exemplos[18], cita o surgimento das formas "Vossa Mercê", "Vossa Majestade" que não existiam no latim, como sendo um "resultado da existência de uma sociedade heterogênea, hierarquizada, na qual pode ser imprescindível expressar nosso reconhecimento e aceitação dessa hierarquia e essa heterogeneidade" (p. 151). E explica que a difusão da forma "Vossa Mercê" deu origem a "vosmecê", "vossuncê", "suncê" e, por fim, ao pronome "você", que desbancou o pronome de segunda pessoa de origem latina - "tu" - e hoje é a forma utilizada pela grande maioria dos falantes no Brasil.

Ainda segundo Chagas (2003, p. 147), seria uma visão ingênua achar que tais mudanças ocorreram porque "o português ainda estava em formação como língua nesses momentos, mas hoje em dia já temos uma língua constituída, que não estaria, portanto, sujeita a mudanças como em períodos anteriores". Mesmo nos dias atuais vêm ocorrendo alterações na linguagem: os pronomes *tu, nós e vós,* que enfrentam concorrência do *você, a gente, vocês,* sendo o *vós* praticamente eliminado da língua falada e escrita; o *tu,* que se perdeu em muitas regiões; o surgimento de particípios passados formados com acréscimo do *-o* à raiz verbal, como em *já tinha chego*.

---

[18] Entre eles figuram arcaísmos lexicais, como *cousa* (coisa), *acaeçer* (acontecer*), britamento* (naufrágio); a forma *perça* como subjuntivo do verbo perder, a locução conjuntiva *ainda que* empregada com o verbo no indicativo *(ainda que sabia*), etc.

Acrescentem-se a esses exemplos o quase extinto uso da mesóclise; a tendência à próclise em início de frase, como já foi comentado; o uso difundido do *pra;* as novas construções de regência verbal suprimindo preposições, como em *Este é o livro (de) que preciso*, *Assisti (a)o filme*... mudanças essas que vêm se incorporando à língua escrita e têm possibilidade de, num futuro próximo, serem legitimadas gramaticalmente, já que "a língua escrita vem normalmente a reboque das mudanças ocorridas na língua falada, havendo frequentemente uma defasagem entre o aparecimento de mudanças na língua falada e o momento em que elas passam a ser aceitas ou pelo menos toleradas na língua escrita" (CHAGAS, 2003, p.147).

Com base nisso já se pode perceber que a forma escrita sofre influências da língua falada e que muitas transformações evidenciadas na fala estão em processo de "reconhecimento", prestes a se incorporarem à escrita.

Ademais, enquanto interação, a linguagem se adapta à situação imediata e aos sujeitos envolvidos no processo de comunicação. Bakhtin (2003) demonstra que diferentes gêneros textuais emergem das situações de enunciação, e, justamente em função disso, incorporam características ora de fala, ora de escrita, ocorram elas no âmbito do léxico, da gramática ou da sintaxe. Fiorin resume essa ideia nos seguintes termos:

> Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera. Essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividade. Só se age na interação, só se diz no agir e o agir motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados. Os gêneros são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo (2006, p. 61).

Os enunciados, portanto, não são produzidos segundo as mesmas regras lexicais, gramaticais, tampouco a construção composicional ou o estilo são os mesmos. Eles assumem características próprias, mais flexíveis ou inflexíveis, em decorrência do gênero discursivo

que se adota em determinada esfera de ação. E mesmo dentro de uma determinada esfera de ação percebe-se variação no estilo dos diferentes gêneros que ali circulam. No jornalismo, por exemplo, há os mais flexíveis e que refletem as mudanças latentes na língua falada, como a *crônica*, os *anúncios publicitários*, e outros menos, como é o caso dos *editoriais*. Isso ocorre porque há um jogo de forças que regula a produção dos gêneros de enunciados. De um lado, as pessoas escrevem e falam de uma determinada forma porque é tradicionalmente assim que se escreve ou se fala; de outro, como sujeitos que utilizam a linguagem em situações reais, criam e recriam formas de dizer que vão se incorporando à materialidade discursiva.

> O gênero une estabilidade e instabilidade, permanência e mudança. De um lado, reconhecem-se propriedades comuns em conjuntos de textos; de outro, essas propriedades alteram-se continuamente. Isso ocorre porque as atividades humanas, segundo o filósofo russo [Bakhtin] não são nem totalmente determinadas nem aleatórias. Nelas estão presentes a recorrência e a contingência. A reiteração possibilita-nos entender as ações e, por conseguinte, agir; a instabilidade permite adaptar suas formas a novas circunstâncias (FIORIN, 2006, p. 69).

Também não se pode esquecer que se enuncia sempre levando em conta o ouvinte/leitor. Conforme Bakhtin,

> ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa condição irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios lingüísticos, isto é, *o estilo* do enunciado (2003, p. 302, grifo do autor).

Portanto, dependendo da "imagem" que se tem do interlocutor se escolhem as formas do dizer. Exemplo disso é o texto apresentado no início deste capítulo "*Para seu filho ler"*, que tem em mente um leitor criança e para ele o texto é construído.

Outro fator que influencia diretamente nas práticas sociais de interação e, portanto, na linguagem de uma sociedade são os meios de comunicação. Há que se admitir que telefone, gravador, rádio, televisão, internet foram e são decisivos na evolução das linguagens em geral e também da linguagem verbal. Em decorrência desses meios, novas formulações vão emergindo das novas práticas sociais, lexicalizando-se e gramaticalizando-se. Também novos gêneros textuais vão surgindo ou reformulando-se.

Mas se os novos meios de comunicação em geral são determinantes nas mudanças linguísticas, cabe, sem dúvida, ressaltar a influência exercida pelo computador e pela internet. A internet propiciou uma revolução nas formas de interação e na linguagem. Deu origem a novos gêneros textuais, recursos lexicais, instaurou nova forma de linguagem (o *internetês*) e imprimiu um caráter mais oral à língua escrita.

Betz aponta que "desde meados dos anos noventa, pesquisas documentaram as mudanças linguísticas e chegaram quase unanimemente a um mesmo resultado: a comunicação por computador muda a língua escrita, e a maioria das mudanças se modelam nas estruturas da comunicação falada" (2006, p. 11)[19]. Atesta-se essa realidade nos *e-mails, chats, blogs, msn,* etc. São frequentes as perguntas – cheias de preocupação – se essas formas recorrentes de uso da escrita não poderão com o tempo desenvolver um novo padrão de língua escrita. E, nesse sentido, Betz (2006, p. 11) refere Dürscheid, segundo o qual a comunicação intermediada por computador vai reestruturar todo o contínuo[20] da relação oralidade e escrituralidade. Em outras palavras, torna-se cada vez mais difícil determinar os limites entre oralidade e escrituralidade.

Há, evidentemente, quem duvide de uma real influência da linguagem intermediada por computador sobre uma mudança duradoura e ampla na língua escrita. Para Kallmayer, é necessário reconhecer muitas formulações da comunicação da internet desviantes da norma como um pré-estágio e um jardim de infância, ou até como uma doença infantil, e esperar para ver se a comunicação na internet realmente assumirá a função de modelo para uma futura estruturação linguística, ou se é meramente uma moda linguística (KALLMAYER apud BETZ, 2006, p. 12).

---

[19] A leitura de Betz foi possível graças à tradução feita pelo orientador, Prof. José Gaston Hilgert, para uso próprio e de seus alunos e orientandos.

[20] O contínuo da relação entre fala e escrita é apresentado no capítulo seguinte, onde abordamos estudos de Marcuschi (2001).

Em todo caso, é inegável que todos esses meios eletrônicos de comunicação efetivamente vão influenciar o uso da língua em geral, também a manifestação escrita. Maingueneau (2008) diz que "hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o mídium não é um simples 'meio' de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda ou usos que deles podemos fazer. O mídium não é um simples 'meio', um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídium modifica o *conjunto de um gênero de discurso"* (p. 71, grifos do autor).

Nesse contexto, Betz entende que, "se os meios eletrônicos levarem a uma mudança das normas linguísticas em textos medialmente escritos, essa mudança se refletirá no uso linguístico dos jornais" (2006, p. 13). E há razões para que essas mudanças sejam particularmente acolhidas pelos jornais, primeiramente pelos *on-line* e, na sequência, pelos impressos:

- o fato de o jornal ser sempre um produto linguístico novo (diário);

- a concorrência entre os meios de comunicação (TV, rádio, internet) pela notícia de primeira mão faz com que o jornal *on-line* seja produzido sob a pressão do tempo;

- o jornal impresso de hoje é uma extensão do jornal *on-line* de ontem;

- o jornal *on-line* vai surgindo praticamente no ritmo dos acontecimentos, e o enunciador que relata esses acontecimentos lembra um pouco o radialista que os narra ao vivo com o microfone na mão.

Essa quase simultaneidade entre o acontecimento e a sua formulação como notícia, essa velocidade, portanto, vai imprimindo na linguagem as características de um texto rápido, sucinto, linguisticamente pouco complexo (tanto lexical quanto sintaticamente), isto é, vai marcando o texto com as características da oralidade.

1.2 As relações cultivadas entre jornal e leitores

Comunicar é agir. Sempre que se comunica algo, tem-se em mente um fazer persuasivo sobre o destinatário e dele se espera uma resposta. Nesse sentido, é uma questão de

sobrevivência dos jornais *persuadir,* no sentido de fazer-crer e, consequentemente, de fazer-fazer. É preciso fazer-crer nas notícias que ali se apresentam como verdadeiras, nas ideias defendidas pelo veículo, nas ideologias que subjazem à apresentação dos fatos sob este ou aquele ângulo... Enfim, é preciso fazer-crer no que é veiculado para persuadir o leitor a fazer-fazer, seja instigando-o a uma ação ou mesmo à inércia.

Como argumenta Hernandes:

> No jornalismo, a divulgação de notícias está intimamente relacionada a mudança ou reforço de crenças que redundem em atitudes que podem ou não se converter em ações de diversas amplitudes, de comprar um jornal a apoiar um candidato a presidente, de ver a peça de teatro comentada ou até mesmo de não fazer nada diante de alguma forma de injustiça (2006, p.18).

Para persuadir, uma das estratégias é apresentar ao leitor o que ele deseja, buscando identificar-se com ele. Exemplo disso são os cadernos especiais que circulam nos jornais semanalmente e que focam públicos distintos. *Zero Hora* tem o caderno *Vestibular*, que circula às quartas-feiras e se direciona a jovens e adolescentes que vão prestar o concurso; o caderno *Casa e Cia*., nas terças, dá dicas de decoração, paisagismo, artesanato e, portanto, volta-se a uma outra fatia do mercado; o *Sobre Rodas,* direcionado ao um público mais masculino e que se interessa por novidades automobilísticas, vem às quintas; o caderno *Globaltech*, nas segundas, traz dicas sobre tecnologia e informática, etc. Evidentemente, essa é uma estratégia para fazer-comprar, para despertar o interesse de leitores diversos. Procedem dessa maneira os principais jornais brasileiros. Apelam a esse recurso – e a muitos outros - para cativar um público cada vez mais multifacetado.

Transportam-se também para o jornal recursos persuasivos de outras mídias, principalmente da TV e da internet. Luis Antonio Araujo, editor da seção Política de *ZH*, explica que a inserção de fotos e cores nas reportagens do jornal impresso se deu também por influência da TV, assim como a presença de fotos dos colunistas e os números de telefone e *e-mails* destes é um reflexo da internet. Hoje o colunista tem uma face: é jovem/velho, moreno/loiro, gordo/magro, tem telefone, e-mail... é "gente como a gente". A "personificação" do "enunciador" denota intencionalidade do veículo em se aproximar do público, pelo menos é esse o efeito de sentido que se enuncia.

Na construção das reportagens, cujo objetivo principal é fazer-crer, é preciso que também se estabeleçam e se cultivem entre enunciador e enunciatário outros valores. Hernandes (2006) esclarece que o êxito do processo de interação está relacionado à partilha de um mesmo sistema de valores entre jornal e público e a uma espécie de contrato fiduciário, em que o jornal, como prestador do serviço da informação, teria como compromissos: a) dizer a verdade; b) separar fatos de opiniões e interpretações; c) ser objetivo e imparcial nos relatos; d) mostrar a realidade (HERNANDES, 2006, p.18). Esse acordo fiduciário é base para a construção das notícias, e dele também derivam as estratégias discursivas empregadas no intuito de convencer o leitor sobre a verdade dos fatos ali reportados.

Bem se sabe que o jornal não se limita à "transmissão" de informações que retratam a realidade/verdade. Ele é uma espécie de "filtro" que retrata **uma** realidade[21]. Há todo um conjunto de interesses ideológicos que concorrem na seleção e divulgação das informações em um jornal, interesses esses que, veladamente, disfarçam-se e demonstram-se na construção das notícias, num constante jogo de manipulação entre enunciador e enunciatário. É, portanto, por meio dos recursos discursivos que se constroem efeitos de sentido de neutralidade, objetividade, realidade dos fatos. São esses **efeitos de sentido** que, projetados no texto, atendem às expectativas do público leitor e concorrem para que se cumpram as principais cláusulas do contrato fiduciário, estabelecendo entre enunciador e enunciatário relações de confiança, de aproximação e de fidelização.

Barros (2000) aponta que são dois os principais efeitos de sentido que concorrem para a construção da "verdade" nos discursos: os efeitos de proximidade ou distanciamento e o de realidade/referente. Por exemplo, ao assumir a narração dos fatos em 3ª pessoa, o jornal produz um efeito de sentido de distanciamento entre jornal-fato, o que dá ideia de imparcialidade, de objetividade, de neutralidade do veículo, na medida em que aparece como mero "transmissor" da verdade. Já as fotos, criam efeitos de realidade e contribuem para aproximar leitor-fato, como se o jornal dissesse "veja você mesmo, foi *aqui* que tudo

[21] Fiorin (1998, p. 33) afirma que "a realidade exprime-se pelos discursos". Sob essa ótica, não há, através do discurso, como reproduzir **a** realidade ou **a** verdade de um acontecimento sem submeter o próprio acontecimento às concepções subjetivas e ideológicas do enunciador. Assim, um mesmo fato pode dar origem a tantas verdades ou realidades quantos forem os enunciadores que o verbalizam. Hernandes (2006, p. 25-29), através da exemplificação de como um mesmo acontecimento foi reportado em três jornais diferentes, demonstra que a construção de uma notícia está intimamente relacionada às convicções ideológicas do jornal, que "constrói" a realidade e a verdade.

aconteceu, foi *este o fulano* que fez tal coisa, ele tem *esta face*". Tem o mesmo apelo a construção de depoimentos em discurso direto.

A propósito, Hernandes (2006) comenta que a fotografia e o fotojornalismo têm ganhado amplo espaço na construção dos textos como formas de "fisgar" o leitor. Nesse sentido, por que não se valeriam os jornais dos recursos da oralidade para produzir ou intensificar efeitos de sentido de realidade e aproximação entre jornal e leitor, e leitor e fato? Para buscar identificação com o público, para melhor interagir com ele, para, enfim, persuadi-lo? É preciso considerar que os leitores estão acostumados, sob influência da TV, a ver e a ouvir as notícias. São leitores, portanto, mais visuais e auditivos. Nesse sentido, tornar o jornal mais oralizado, ou seja, construído com mais marcas de oralidade é uma forma de melhor interagir com o público. Aprofundar níveis de interação pressupõe uma linguagem mais interativa, em diversos sentidos.

Vale mencionar o estudo de Barros (2002) sobre a interação em anúncios publicitários de bancos, veiculados na imprensa escrita. A autora, a partir de um conjunto de propagandas, focaliza as formas como o banco interage com o cliente do ponto de vista da instauração das pessoas no discurso. Mostra que as escolhas de pessoa produzem efeitos de sentido de aproximação ou de distanciamento entre empresa e cliente, e, portanto, dependendo da "impressão" que se deseja construir e do público a quem se destina, lança-se mão de determinadas estratégias. Entre as estratégias de aproximação estão as que simulam uma relação de fala, de diálogo. São exemplos apontados pela autora:

"**Nós** cuidamos bem de tudo que **você** quer bem"

(anúncio de seguros do Bradesco)

"**Você** já tem o **meu** cartão?

Então deveria ter. Porque o supercartão é o único que tem ..."

(anúncio do Santander)

No primeiro anúncio, marcas da fala decorrem do uso das pessoas *nós* e *você*, visto que essa forma de interação subjetiva, em que se instaura no enunciado um eu (no caso um *nós*) que fala para um tu (*você*) são características de uma interação que simula uma conversa entre dois sujeitos. Assim, o enunciado deixa transparecer um certo grau de descontração, de familiaridade, criando efeitos de aproximação entre empresa e cliente. Também são características de fala o estilo conciso e informal do texto, além da repetição de palavras (*bem*).

No segundo anúncio, junto com o texto verbal – em que se instauram os sujeitos do diálogo, eu(*meu*)/*você* - aparece uma foto do ator Pedro Cardoso interagindo com o leitor (rindo, com uma das mãos segurando o cartão e com a outra apontando para o leitor). Neste anúncio os efeitos de fala se intensificam. Cria-se, inclusive, uma simulação de fala, tanto pelos recursos não verbais quanto pelos verbais.

É certo que esse anúncio se mostra mais persuasivo a um determinado "perfil" de público: aquele que se deixa sensibilizar pelos efeitos de proximidade, de subjetividade, de afetividade, de familiaridade que o anúncio produz através das marcas de oralidade[22]. Esse tipo de enunciado, como qualquer outro, já tem inscrito em si um enunciatário pressuposto, uma presença implícita que "rege" a construção do enunciado ao mesmo tempo em que com ele se identifica.

Ora, é preciso admitir que, se na publicidade e no jornalismo impresso o recurso a efeitos de oralidade se fazem presentes e surtem efeitos, no jornalismo *on-line* elas tendem a se intensificar. O suporte em que está acomodado o jornal *on-line* dá possibilidades de explorar, além da escrita, recursos não verbais, sonoros, audiovisuais, muito mais interativos e que simulam situações de diálogo, de conversa face a face. Por exemplo, é comum na constituição das reportagens se inserirem vídeos com depoimentos de entrevistados. No vídeo se mostra a face do sujeito que fala, os gestos, as expressões corporais, o entorno, o tom de voz, o sotaque, etc. Esse recurso é mais incisivo que a simples transposição da fala do entrevistado em discurso direto no texto escrito. Os efeitos de realidade e de proximidade se acentuam. A interação é maior.

---

[22] Barros (2002 e 2006) explica que diferentes estratégias criam efeitos de sentido diferentes. Assim, efeitos de aproximação, como a utilização de um vocabulário menos formal, por exemplo, pode soar mais persuasivo a um público que se deixa persuadir por uma interação afetiva. Por outro lado, esse mesmo efeito pode ser tomado como negativo por um público que preza interações mais racionais e inteligíveis.

Aliás, a própria internet tem como característica uma linguagem mais "interativa" e, por isso, mais próxima do diálogo, mesmo nos textos escritos, como *e-mails*, e, principalmente, nos *chats e msn*[23]. Também é fácil perceber esse caráter de oralidade nos *blogs* dos jornalistas. Ali a linguagem é informal, o colunista fala em primeira pessoa e se refere ao leitor como "você", "tu". Trava um verdadeiro diálogo com os interlocutores, que lhe respondem enviando *e-mails* no mesmo "tom". Sem esquecer que nas páginas *on-line* o convite à interatividade é constante: "Você acha que...", "Dê sua opinião sobre...", "Participe de...", etc.. Essa oralização, essa informalidade característica do meio parece estar repercutindo também na forma de noticiar.

A esse respeito, vale lembrar o conceito de *cenografia* proposto por Maingueneau (2008). De acordo com o autor, um enunciado se estrutura com base em três cenas enunciativas: a *cena englobante*, que diz respeito ao tipo de texto (publicitário, literário, didático, jornalístico, político, etc.); a *cena genérica*, que diz respeito ao gênero textual (propaganda, romance, poema, crônica, charge, editorial, notícia, etc.); e a *cenografia*, que se relaciona ao modo e ao meio escolhidos para veicular tal enunciado. O autor cita como exemplo um guia de turismo. Este tipo de enunciado, em geral, apresenta uma forma didatizada e padronizada de dar as informações, apagando as marcas do enunciador no enunciado. No entanto, pode o enunciador inovar e colocar em cena um estilo falado, em forma de conversa com o leitor - usando linguagem coloquial, perguntas retóricas, simulando um diálogo - e assim "desenvolver uma cenografia original, uma outra encenação de sua fala" (p. 89).

No jornal *on-line*, como já mencionamos, há que se levar em conta que o meio de produção, transmissão e recepção do enunciado – ou o *mídium*, termo usado por Maingueneau (2008) - influencia o modo de enunciar e lhe agrega características. Características próprias da interatividade do suporte se evidenciam nos textos que ali circulam e os autorizam a serem como são.

Conforme Maingueneau, a cenografia implica, na verdade,

---

[23] Nos *chats* e *msn* não seria exagero dizer que a escrita imita a fala. As pausas são marcadas (...), as entonações de voz se projetam por meio de repetições vocálicas e pontos de exclamação (gatinhaaaaa!!!) e interrogação (vc viu o q eu disse?????) – não seria: você leu o que eu escrevi? -, os elementos paratextuais (huhum, aham, ops), as próprias caracteretas (☺ ☹) são utilizadas para traduzir expressões faciais e emoções perceptíveis apenas numa situação face a face.

> um processo de *enlaçamento paradoxal*. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação, que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra;* ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente *a* cenografia exigida para enunciar como convém (MAINGUENEAU. 2008, p. 87-88, grifos do autor).

A cenografia onde nascem as notícias *on-line* autoriza e legitima uma enunciação mais oralizada e participativa. Essa cenografia contamina a escrita, flexibilizando características referentes ao gênero notícia.

Não se pode esquecer, também, que no jornal *on-line* corre-se contra o tempo. A notícia tem de ser em primeira mão, não há muito tempo para escolher a melhor palavra, nem para checar a informação precisa, nem para burilar o texto, nem para fazer associações ou interpretações. A menos que o jornal se sujeite a noticiar o fato depois de todos os outros, o que lhe tiraria a razão de ser. Afinal, quem se interessaria por um jornal *on-line* cujas notícias já foram veiculadas pelos muitos canais de TV, pelo rádio, pelos outros jornais *on-line*?

O acesso à informação é rápido e fácil. Há um bombardeio de informações durante o dia todo. O que não há é tempo para assimilá-las todas, para lê-las. A propósito, sobre isso o Manual de Redação da *Folha de S. Paulo* adverte que se fala até "em direito à não-informação, sintoma de um público que se ressente não já da falta, mas de um excesso inassimilável de dados, de uma verdadeira cacofonia da comunicação" (2001, p. 12).

Justamente essa "balbúrdia" de informações pode ser apontada como uma das razões da sobrevivência do jornal impresso. O jornal impresso "filtra" os principais acontecimentos do dia, organiza-os e entrega ao leitor uma síntese do que ocorreu na véspera.

O Manual de Redação da *Folha de S. Paulo* admite que

> Embora exista quem julgue insubstituíveis as vantagens do formato papel, é provável que ele venha a decair nos próximos anos sem que os jornais desapareçam no que é a sua essência: um panorama dos principais acontecimentos da véspera tal como filtrado por uma personalidade editorial coletiva. Seria o caso de perguntar se a internet vai substituir a rotativa, não o jornal (2001, p. 12).

Sob essa ótica, fica mais fácil entender por que os jornais dispõem dos dois formatos, o *on-line* e o *impresso digital* figurando no mesmo *site*. Não seria a versão impressa digital a nova modalidade jornalística que filtra as inumeráveis e fragmentadas notícias que circulam diariamente na TV e na *web* e as apresenta, no dia seguinte, de forma conexa, mais bem acabada e à luz de procedimentos investigativos e interpretativos?

O jornalista Marcelo Rech[24], diretor do grupo RBS, indica que é esse o caminho quando argumenta que "o jornal *off-line* passou a ser menos noticioso e mais interpretativo, mais analítico. A abordagem factual fica por conta do *on-line*".

É perceptível essa diferença quando comparados os dois formatos de jornais. No *on-line*, tudo é noticiado, a quantidade de informações diárias é praticamente inapreensível. Destas apenas algumas figuram no jornal *off-line* (*impresso digital*). No *off-line* a notícia é mais "trabalhada", o texto assume outras formas de dizer, com estrutura linguística mais complexa e elaborada; ganha recursos que nem sempre são disponibilizados no jornal *on-line*, como infográficos animados; o texto como um todo adquire um caráter mais lapidado.

Ora, essas diferenças entre as reportagens do *on-line* e do *off-line* se associam às condições de produção de ambos os jornais. No *on-line*, há pressa. As reportagens vão sendo atualizadas, modificadas, incrementadas, estão "se fazendo". No *off-line*, as notícias "de hoje" só circulam "amanhã" e, por isso, as reportagens vêm "feitas". Certamente, essas condições também determinam o caráter mais oralizado ou escrituralizado das formas de noticiar.

Enfim, seja por necessidade de intensificar as relações de proximidade e de identificação com o leitor, seja devido às condições de produção das reportagens, percebe-se uma tendência à oralização no jornal *on-line*. Tendência essa que também se manifesta, em diferentes graus, nos demais formatos *off-line*.

---

[24] Entrevistado em 10 de outubro de 2008.

2 A DISCUSSÃO DA ORALIDADE

Muito se falou até agora em efeitos de sentido produzidos pelas marcas de oralidade. Os traços de oralidade no texto escrito nada mais são do que recursos do enunciador para produzir uma ilusão de fala ou de aproximação da fala e, portanto, de uma conversa com o leitor. Para poder identificar no texto escrito esses traços de fala é preciso descrever as características do texto falado.

Tratar de questões relativas ao texto falado, contudo, implica ter como pano de fundo o texto escrito e, por isso, a abordagem deste tópico requer que se faça desde já uma consideração importante: há textos falados prototípicos (conversações espontâneas), textos escritos prototípicos (artigos científicos, textos oficiais), e muito outros textos que "circulam" entre esses dois pólos, aproximando-se, por suas características, mais do texto falado ou mais do texto escrito (MARCUSCHI, 2001a).

Neste capítulo, portanto, no intuito de clarear tais conceitos para, adiante, poder identificar marcas de fala na escrita, parte-se das explicações sobre o texto falado prototípico e suas características. Também se faz correlação das características deste com as do texto escrito prototípico. Na sequência, procura-se demonstrar que a grande maioria dos gêneros textuais "mescla" em sua composição discursiva características tanto da fala quanto da escrita, e que o que os leva a serem mais marcados pela oralidade ou mais pela escrituralidade são suas condições de produção.

2.1 O texto falado: a conversação prototípica

O texto falado prototípico tem *materialização fônica* e apresenta, em sua superfície, as marcas de um texto conversacional em "*statu nascendi*" (ANTOS apud HILGERT, 2007). Caracteriza-se por ser um texto de formulação livre, espontânea, cujo sentido se constrói em conjunto, aqui e agora, na interação face a face entre um EU e um TU.

Hilgert (2007, p. 71) explica que, de acordo com proposições de Schank e Schwitalla (1980), para um texto ser considerado de língua falada precisa satisfazer às seguintes exigências:

- ser uma formulação *ad hoc* livre, sem preparação detalhada anterior;

- consistir numa fala em situação face a face, de maneira tal que tempo e lugar de produção e recepção coincidam;

- consistir numa fala em situação natural, na qual a atividade de fala em si mesma não é objeto de observação;

- ocorrer na ausência de observadores, não participantes da atividade de fala, os quais possam exercer uma influência inibidora sobre a interação dos falantes.

Atendidas tais condições de produção, pode-se dizer que o texto falado prototípico nada mais é do que uma conversação espontânea travada entre dois sujeitos. A interação entre eles se dá pela alternância de turnos. Por "turno" entende-se cada intervenção do falante na sequência da interação. Os turnos se constituem a partir de uma relação responsiva e dialogal, em que ouvinte e falante interagem e passam ou tomam a palavra para, juntos, construírem o sentido do enunciado.

A alternância de turnos em tais condições de produção (aqui-agora) dá origem a um texto que vai sendo planejado na medida em que vai se construindo e, portanto, até que a última palavra seja dada, o texto apresenta-se "em se fazendo" (KOCH, 2006). Por isso é comum que o texto falado seja marcado por "problemas de formulação". Schegloff, Jefferson e Sacks (apud HILGERT, 1989), entendem que o desenrolar de uma conversão é, por sua natureza, uma "fonte de problemas" (*trouble source*). Problemas esses que envolvem desde a descontinuidade, realizada por diferentes formas, a hesitação, até questões de reformulação por meio de correções, repetições e paráfrases.

Embora alguns desses "problemas" também ocorram no processo de enunciação do texto escrito, é no texto falado, na conversação, que eles costumam aparecer com mais intensidade, já que no texto escrito as pausas, a procura pelo melhor termo, as incorreções, as hesitações do processo da enunciação se apagam no produto textual. Uma das características marcantes do texto falado que, por exemplo, não ocorre na escrita é o que Wahmhoff (apud HILGERT, 2000, p. 38) define como "solidariedade sintática". Esta ocorre quando um dos falantes, durante seu turno de fala, ao não encontrar o termo preciso para avançar em sua formulação, é socorrido pelo interlocutor, que lhe sugere uma alternativa.

Em Hilgert (2007, p. 72), encontra-se um trecho de conversação em que se podem visualizar as questões até agora abordadas.

> **Doc.** e:: além desses jantares dançantes festas a senhora vai a alguma outra festividade?
>
> **Inf.** ah : : também ( )... quando (tenho que ir)... sempre é em função dessa socieDAde que meu marido está já está há dez anos... assim:: na diretoria...uma vez ele era tesoureiro... outra vez vice-presiDENte outra:: agora ele é::... eu disse vice-presidente ainda agora né? Mas não
>
> vice-presidente é o outro... ele FOI no ano passado... **ele é:: como é que se diz a pessoa que cuida do CLUbe... que toma:: não é ecônomo é o que toma conta assim do::... dessa parte:: que ele tem que cuidar das Obras tudo**
>
> **Doc. diretor patrimonial...**
>
> **Inf. di/diretor:: do patrimônio.. é isso... né?** E então a gente:: quando tem também... esses encontros que chamam-se regionais... porque teve esse encontro mundiAL né?

O trecho em destaque permite identificar a solidariedade sintática. À informante não ocorreu um termo que fosse apropriado para definir a função exercida pelo marido no momento. Então, pede ajuda ao documentarista: "**como é que se diz a pessoa que cuida do CLUbe... que toma:: não é ecônomo é o que toma conta assim do::... dessa parte:: que**

ele tem que cuidar das Obras tudo", e este, prontamente, vem em seu auxílio sugerindo o termo "**diretor patrimonial"**, que é aceito pela informante e passa a fazer parte da constituição do enunciado desta.

No segmento aparecem também: a) a alternância de turnos; b) os sinais do falante ["né"]; c) os alongamentos vocálicos [::]; d) as pausas [...]; e) as interrupções; f) as correções. Tais aspectos são característicos do texto falado porque resultam de suas condições de produção.

Além disso, na conversação as pessoas se assumem enquanto sujeitos que enunciam. Há um *Eu* que fala para um *Tu* (e estes se alternam) num mesmo espaço e num mesmo tempo em que a enunciação se realiza. Também a presença do *eu* e do *tu* no enunciado é, portanto, característica dessa modalidade de texto. Assim como o são as marcas dessas pessoas nas formas verbais (desinências número-pessoais: fui, foste, fomos), nos pronomes possessivos, nos demonstrativos, nos termos que remetem a uma conversa que ocorre entre EU e TU, aqui e agora.

Ora, perceba-se que o texto falado prototípico assume características específicas em virtude de suas condições de produção, que determinam também as estratégias de formulação deste. A alternância de turnos, a construção do sentido em conjunto pelos interlocutores, a informalidade, as hesitações, a solidariedade sintática, enfim, todas as características do texto falado prototípico decorrem de suas condições de produção, de uma interação face a face, da proximidade entre um eu-tu, que falam num mesmo tempo e num mesmo espaço.

Nesse sentido, conforme Hilgert (2000, p.19) o texto falado prototípico, do ponto de vista das condições de comunicação, seria caracterizado por um alto grau de privacidade, de intimidade, de envolvimento emocional, de mútua referencialidade, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade, de dependência situacional e interacional e por baixo grau de centração temática.

Como as condições de comunicação determinam as estratégias de formulação, esse texto seria fortemente marcado por fatores não linguísticos; teria pouco ou nenhum planejamento prévio, o que lhe acresce um caráter "processual e provisório"; apresentaria uma estruturação sintática extensiva, linear e agregativa; além de uma densidade informacional diluída.

Vale compará-lo com o texto escrito prototípico. Este tem *materialização gráfica* e emerge de condições de produção bem diversas das do texto falado, o que lhe imprime outras características de formulação discursiva.

O texto escrito prototípico decorre de uma situação comunicativa "solitária", pois embora sempre se tenha em mente um destinatário a quem se dirige o texto, este não está presente fisicamente no momento e no espaço da construção textual. Essa "não-presença" imediata permite (e requer) que se tenha tempo para elaborar o texto, para escolher o termo mais apropriado, a estrutura mais apropriada, a sequência sintática mais apropriada para explicar no enunciado e pelo enunciado tudo aquilo que poderia ser visto/ouvido, presenciado, ou mesmo construído em conjunto se o destinatário estivesse presente no momento da construção textual. Também as hesitações, as correções, as substituições lexicais, enfim, as marcas que se mostram no texto falado prototípico não se mostram no enunciado. Não porque não tenham existido durante o processo, mas porque foram apagadas no produto. No texto falado prototípico elas aparecem todas porque a conversação é o próprio processo.

Os textos escritos prototípicos, do ponto de vista das condições de produção, são caracterizados por um baixo grau de privacidade, de intimidade, de envolvimento emocional, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade, de dependência situacional e interacional, e apresentam alto grau de centração temática.

Em relação às estratégias de formulação, estes textos seriam fortemente marcados por referenciadores linguísticos; teriam alto grau de planejamento prévio, o que lhes acresce um caráter de "acabamento"; apresentariam estruturação sintática complexa; seleção lexical cuidada; alto grau de observação dos padrões gramaticais; e densidade informacional condensada. Tais seriam as características de um artigo científico, de um documento oficial.

Acontece que as condições de produção dos textos falados – assim como as dos escritos – estão relacionadas às práticas sociais dos sujeitos e, por isso, não são sempre idênticas. Ou seja, nem sempre um texto escrito se dá exatamente nas condições de produção acima mencionadas e tampouco segue aquelas estratégias de formulação. Uma carta para um familiar, por exemplo, embora seja um texto escrito se dá em outras condições de produção, há outro grau de envolvimento afetivo e emocional, de espontaneidade, de intimidade que permitem outras seleções lexicais, gramaticais, de estrutura, outro grau de "completude" – numa carta é possível deixar em aberto questionamentos, ideias a serem completadas, porque se espera que as respostas a estes venham na sequência, na carta de retorno.

Em contrapartida, uma palestra, por exemplo, embora seja falada, não se dá nas mesmas condições de produção que uma conversação prototípica. O grau de envolvimento emocional não é o mesmo, tampouco o caráter de intimidade, de cooperação. Por isso as estratégias de formulação da palestra assumem um caráter diferenciado das de uma conversação. Uma palestra é elaborada previamente, tem linguagem mais cuidada, densidade informacional maior que uma conversação.

Ora, as condições de produção dos textos é que vão determinar em que medida eles podem se aproximar mais das características de um texto falado ou mais de um texto escrito. Por isso, fala-se em graus de oralidade e escrituralidade nos textos, o que é assunto para o tópico seguinte.

2.2 Fala e escrita: distinção medial e conceptual[25]

De acordo com Marcuschi (2001), até os anos 80 os estudos linguísticos examinavam fala e escrita numa perspectiva estritamente dicotômica que levava em conta apenas a forma de materialização do discurso. A escrita era identificada por sua natureza gráfica, e a fala, por sua natureza fônica. E, nessa perspectiva, fala e escrita se distinguiam com base numa "observação fundada na natureza das condições empíricas de uso da língua (envolvendo planejamento e verbalização), e *não de características de textos produzidos. Não há preocupação alguma com os usos discursivos nem com a produção textual"* (p. 28, grifo nosso).

No âmbito dessa concepção estritamente dicotômica, a escrita é considerada monologada, estável, sem variação, previamente planejada, normatizada, descontextualizada, complexa, abstrata, tematicamente condensada, formal, completa. Já a fala caracteriza-se por ser dialogada, marcada pela variação, não planejada, não-normatizada, contextual, de estruturação sintático-lexical simples, concreta, tematicamente descentrada, informal, fragmentária.

---

[25]A distinção *medial* e *conceptual* entre fala e escrita é proposta nos estudos de Koch e Oesterreicher (1985; 1990; 1994), cujas concepções embasam os trabalhos de Hilgert (2007) e de Marcuschi (2001).

Tal visão, agregada ao fato de que a língua falada se adquire em casa e a escrita depende da escolarização, em que se priorizaram os estudos da gramática normativa, contribuiu para atribuir à língua escrita um *status* superior, como se a fala fosse "o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua" (MARCUSCHI, 2001, p. 28).

Marcuschi explica que

> A perspectiva da dicotomia estrita oferece um modelo muito difundido nos manuais escolares, que pode ser caracterizado como a *visão imanentista* que deu origem à maioria das gramáticas pedagógicas que se acham hoje em uso. Sugere dicotomias estanques com separação entre forma e conteúdo, separação entre língua e uso e toma a língua como sistema de regras, o que conduz o ensino de línguas ao ensino de regras gramaticais. Esta visão, de caráter estritamente formal, embora dê bons resultados na descrição estritamente empírica, manifesta enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos. Sua tendência é restritiva e a própria formulação de regra por ela proposta é demasiado rígida (2001, p. 28, grifo do ator).

Nesse sentido, se pensarmos fala e escrita numa perspectiva de produção de discursos em diferentes situações de interação, de estratégias enunciativas que projetam diferentes efeitos de sentido nos textos, a concepção estritamente dicotômica não se sustenta. Também a suposta supremacia da escrita sobre a fala é equivocada, pois fala e escrita são modos de representação cognitiva e social que se manifestam em práticas específicas. Nesta perspectiva, uma nova abordagem da fala e da escrita começa a se delinear. Ambas as formas passam a ser consideradas não só do ponto de vista de sua materialização sonora ou gráfica, mas enquanto formas de interação relacionadas às práticas sociais, à produção de textos específicos dentro de determinadas condições. Surgem, nessa esteira, estudos propondo uma distinção *medial* e uma distinção *conceptual* entre fala e escrita.

A *distinção medial* está relacionada aos meios de manifestação linguística, sendo a fala de caráter fônico e a escrita de caráter gráfico. Enquanto meio de manifestação, no sentido *medial,* portanto, fala-escrita mantêm uma natureza dicotômica, ou seja, os textos são classificados como falados (meio sonoro) ou escritos (meio gráfico). Já a *distinção conceptual* está relacionada à concepção discursiva dos enunciados, às escolhas enunciativas que neles se

projetam em decorrências das diferentes situações de interação. Do ponto de vista *conceptual*, portanto, textos falados ou escritos não constituem formas dicotômicas, "eles se distinguem por serem mais ou menos falados ou mais ou menos escritos, isto é, a sua classificação é escalar" (HILGERT, 2007, p.73). Em outras palavras, há textos escritos que apresentam uma concepção discursiva mais próxima da fala do que da escrita; há textos falados que apresentam uma concepção discursiva mais próxima da escrita do que da fala.

Na perspectiva dicotômica estrita, um bilhete escrito por uma criança e um artigo acadêmico, por exemplo, eram observados sob a mesma ótica e incluídos na mesma categoria, simplesmente por serem escritos. O mesmo ocorria com uma conversa informal entre amigos e um pronunciamento jurídico, por serem ambos *medialmente* falados (caráter fônico).

Embora sejam medialmente escritos, é evidente que um bilhete e um artigo acadêmico apresentam diferenças profundas no plano da escrita, já que são textos produzidos em determinadas circunstâncias e servem a determinados fins. Do ponto de vista do grau de centração temática, da seleção lexical, da organização sintática, da observação de regras gramaticais, da própria estrutura do enunciado, como comparar e colocar no mesmo plano esses dois gêneros de textos? Nem as condições de produção e nem as estratégias de formulação são as mesmas. Seria mais fácil identificar semelhanças dessa ordem entre o bilhete e a conversa informal, mesmo estes não apresentando a mesma natureza *medial*.

No contexto das práticas sociais, ou seja, da produção de textos em diferentes condições de interação, a abordagem da fala e da escrita apenas pelo caráter *medial* revela-se ingênua. Os elementos que constituem o discurso textual, com toda sua complexidade, estão muito mais relacionados à *concepção discursiva* do que à materialização fônica ou gráfica do enunciado. Ou seja, não há diferença alguma entre um bilhete e um artigo acadêmico do ponto de vista *medial*, mas há muitas diferenças entre eles do ponto de vista *conceptual*.

A *diferença conceptual* está relacionada aos elementos constitutivos do enunciado, às escolhas que se projetam no texto e nele figuram em decorrência das condições de produção. Portanto, é no sentido conceptual que se pode falar em textos com traços mais de oralidade ou mais de escrituralidade, ou seja, em textos concebidos como falados ou escritos em maior ou menor grau.

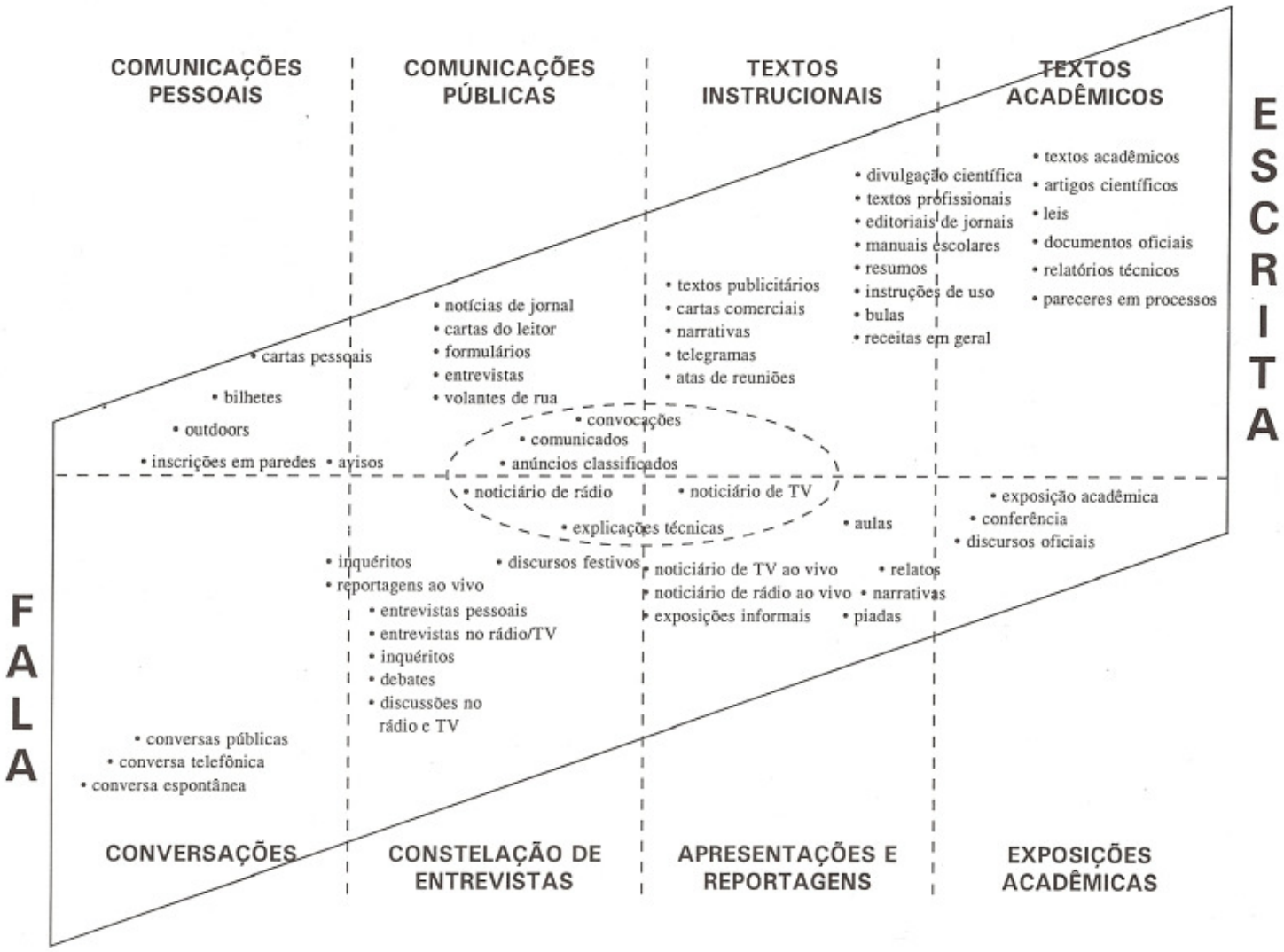
Num editorial, por exemplo, as pausas, as hesitações, as correções, as substituições lexicais que se dão na construção do texto são apagadas, não há como saber qual palavra foi substituída por outra. Assim como se apagam os sujeitos da enunciação eu-tu – para criar

efeitos de objetividade e imparcialidade -, o que não significa que eles estejam ausentes no processo de construção. Esses apagamentos são mais característicos do texto escrito, o que o levaria a ser concebido como escrito em maior grau. Já uma crônica possui outro grau de escrituralidade. Nela se mesclam mais características da fala, como a informalidade, a possibilidade de expressar-se em primeira pessoa, o próprio grau de centração temática é diferente.

Também numa conferência, embora medialmente falada, o texto a ser proferido certamente não é completamente espontâneo, foi pensado, planejado anteriormente, possivelmente escrito. O que lhe agrega um caráter conceptual mais próximo da escrita.

Marcuschi (2001), com base em estudos de Koch e Oesterreicher (1990), propõe a distinção *conceptual* dos textos através de um *continuum de variações* que compreende desde o gênero falado prototípico (medial e conceptualmente falado), até os escritos prototípicos (medial e conceptualmente escritos). Ambas as modalidades constituem os extremos do *continuum*. Entre os dois extremos, distribuem-se outros gêneros que, por suas características conceptuais, aproximam-se mais da fala ou mais da escrita em suas manifestações prototípicas.

A representação do *continuum* dos gêneros textuais na proposta de Marcuschi (2001, p. 41) pode ser visualizada na figura que segue:



O *continuum* evidencia dois planos separados por uma linha pontilhada. O superior representa o plano da escrita e, portanto, todos os textos situados na parte superior da linha pontilhada são medialmente escritos. O plano inferior representa a fala. Então todos os textos situados na parte inferior são medialmente falados.

No canto extremo esquerdo e inferior, situa-se o texto falado prototípico (conversa espontânea), que é assim definido porque apresenta *caráter fônico*, do ponto de vista medial, e é, do ponto de vista das condições de comunicação e estratégias de formulação, *conceptualmente falado.*

No canto direito superior estão os textos escritos prototípicos, assim definidos por terem caráter *gráfico* e se enquadrarem *conceptualmente no domínio discursivo da escrita*.

Note-se que as cartas pessoais, os bilhetes, os avisos situam-se no plano superior da linha pontilhada por serem medialmente escritos, porém ficam à extrema esquerda, muito próximos do texto falado prototípico. Isso ocorre porque, conceptualmente, tais textos apresentam características da fala. É nessa mesma posição que Rovani (2005) situa o gênero *chat,* logo abaixo dos "avisos", separando-o da fala apenas pelo seu caráter medial.

Por outro lado, uma conferência é situada na extrema direita, no plano inferior, por ser medialmente falada e conceptualmente escrita.

Destaca-se a localização das "notícias de jornal": situadas no plano superior como medialmente escritas, mas mais próximas da concepção da fala. Tal posição está relacionada às estratégias de formulação adotadas neste gênero com vistas à plena interação enunciador - enunciatário.

No dizer de Marcuschi:

> O *contínuo dos gêneros* textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuos sobrepostos* (2001, p. 42).

Há momentos, porém, em que características conceptuais de uma e outra modalidade se entrecruzam e dão origem aos textos "mistos", ou seja, aos textos que se caracterizam por apresentarem equilíbrio conceptual entre marcas da fala e marcas da escrita. É o caso dos textos que se localizam no centro do gráfico.

Os noticiários de rádio e TV, por exemplo, são gêneros falados do ponto de vista medial. No entanto, do ponto de vista conceptual, eles mesclam características tanto do texto falado quanto do texto escrito.

> De um lado o noticiário costuma ser um texto planejado, produzido com cuidados em relação à linguagem padrão, o que o caracterizaria como escrito; de outro, ele se realiza numa situação de interação, em que o narrador sabe estar falando para telespectadores. Mesmo que estes não possam tomar o turno, o simples fato de o narrador ter consciência da presença on-line de destinatários para a sua fala, imprime

> nesta *traços caracterizadores do texto falado*, como é o caso, por exemplo, de um vocabulário de uso mais corrente e de uma sintaxe menos complexa (ROVANI, 2005, p. 26, grifo nosso).

São esses traços característicos de fala ou escrita que permitem distribuir os gêneros ao longo do *continuum*. Não há como saber as exatas condições de produção de cada texto, tampouco como apreendê-las no exato no momento em que ocorrem. No entanto, pelas marcas que as condições de produção imprimem nos enunciados é possível dizer se tal concepção discursiva se aproxima mais de uma situação de fala ou mais de escrita.

Ao concluir este capítulo, é válido dizer que as relações medial e conceptual entre fala e escrita são pertinentes na medida em que o trabalho ora em construção também propõe a abordagem das reportagens do *corpus* do ponto de vista medial e conceptual. Nesse sentido, destacam-se deste tópico algumas considerações que guiarão o trabalho:

a) nas práticas de construção de enunciados (textos), fala e escrita estão numa relação dicotômica apenas do ponto de vista das formas de manifestação sonora ou gráfica (caráter medial);

b) do ponto de vista da concepção discursiva, os textos apresentam características tanto da fala quanto da escrita. O que os leva a serem concebidos como *falados ou escritos em maior ou menor grau* é a predominância de características de uma ou de outra modalidade;

c) as marcas conceptuais de fala e escrita – decorrentes das condições de produção e das estratégias de formulação - só podem ser apreendidas na sintaxe discursiva do enunciado, onde se apresentam como marcas de oralidade/ escrituralidade.

Da relação entre as questões até aqui apontadas com os textos do *corpus* deste estudo surgem questões interessantes:

1) do ponto de vista conceptual, quais marcas de oralidade se evidenciam nas reportagens do jornal *on-line*? Estas se apresentam em maior ou menor grau do que as marcas da escrita?

2) Do ponto de vista medial, como definir a natureza de um texto sincrético que mescla recursos pictóricos, sonoros e gráficos na sua constituição?

3) E, portanto, ao longo do *continuum* proposto por Marcuschi, onde se poderia situar esse novo gênero textual constituído por diferentes recursos semióticos instaurado pelo jornalismo *on-line*?

4) Numa perspectiva metafórica, não se poderia falar também em oralidade e escrituralidade em recursos de imagem (fotografia e vídeos)?

3 ORALIDADE E ESCRITURALIDADE À LUZ DA ENUNCIAÇÃO

Marcas de oralidade e escrituralidade podem ser apreendidas na estrutura discursiva do enunciado, já que ali se "materializam" as escolhas discursivas feitas pelo enunciador em virtude das condições de produção e das estratégias de formulação. Escolhas essas relacionadas ao intuito persuasivo de toda comunicação. Em outras palavras, traços de oralidade/escrituralidade são projeções da enunciação no enunciado. Assim, para poder explicar e interpretar traços de oralidade/escrituralidade e os efeitos de sentido que estes produzem nos textos das reportagens, recorreremos aos fundamentos teóricos da enunciação[26].

Vale já dizer que enunciar é estabelecer interação entre eu-tu, num aqui e num agora através de um enunciado, que é produto da enunciação. Como produto da enunciação, os enunciados comportam as marcas das condições em que são produzidos. Nesse sentido, condições de proximidade geram textos marcados pela oralidade; condições de distanciamento geram textos marcados por escrituralidade. Ocorre que, como a linguagem cria e recria o mundo, podem os sujeitos recorrer às "astúcias"[27] da enunciação para simular efeitos de sentido de proximidade ou distanciamento nos textos. É o que se aponta neste capítulo. Em primeiro lugar apresentam-se os fundamentos da enunciação e os conceitos básicos para compreensão do processo. Em seguida, apresentam-se sucintamente as três categorias da enunciação: pessoa, tempo e espaço, explicando que há pessoas, tempos e espaços enunciativos e pessoas, tempos e espaços enuncivos. Na sequência, são explorados e explicados os mecanismos que projetam as categorias da enunciação no enunciado: as

---

[26] Em síntese, os estudos da enunciação tratam das projeções da enunciação no enunciado e das relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário em virtude das escolhas discursivas, exatamente o que nos interessa abordar neste estudo.

[27] Termo utilizado por Fiorin (2002) no título de sua obra sobre enunciação: *As astúcias da enunciação.*

debreagens e as embreagens. Finalmente, procura-se mostrar que as formas enunciativas estão relacionadas à proximidade, ou seja, à produção de efeitos de sentido de aproximação nos textos e, por isso, remetem à oralidade. Em contrapartida, formas enuncivas projetam ou simulam efeitos de sentido de distanciamento, e, por isso, remetem à escrituralidade.

3.1 A Enunciação

De acordo com Flores (2005), Émile Benveniste "talvez tenha sido o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise de língua voltado à enunciação"[28] (p. 29). A partir dele, abre-se a uma nova perspectiva de estudos linguísticos que enfocam as relações dos sujeitos com a linguagem em situações de comunicação. Para Benveniste, linguagem e subjetividade estão intimamente relacionadas, de modo que não há como separá-las. O sujeito só se constitui a partir do momento em que, pela linguagem, se diz EU e, por se dizer EU, instaura necessariamente um TU, que se tornará sujeito quando tomar a palavra. É esse sujeito que se "apropria" das formas da língua para construir seus enunciados, dando significação às formas que, antes de escolhidas, são apenas possibilidades virtuais de realização.

Nas palavras de Benveniste,

> antes da enunciação a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação a língua é efetuada em uma instância de discurso que emana de um locutor, forma sonora[29] que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno" (1989, p. 83-84).

[28] Admite-se que Jakobson, com sua teoria das funções da comunicação e dos *shifters* já apontava para uma compreensão de linguagem como subjetividade, mas Benveniste desenvolveu e firmou conceitos nessa direção.

[29] Benveniste não restringe enunciação à sua realização falada, fônica. Ao contrário, tanto o sujeito que fala quanto o que escreve se enunciam. Inclusive esclarece que a enunciação escrita comporta dois planos: "o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem" (1989, p. 90).

Enunciação, então, de acordo com Benveniste, é "este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (1989, p. 82). Fiorin define enunciação como o "o ato produtor do enunciado" (2002, p. 31) e, por isso, ela é a instância pressuposta pelo enunciado. Não existe enunciado sem antes ter havido a enunciação.

Enunciado é entendido como o produto da enunciação, o texto, falado ou escrito, que emerge das diferentes situações de interação, "independentemente de suas dimensões sintagmáticas"[30] (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 168).

A enunciação sempre se realiza na interação e em função dela. Não há enunciação fora da interação, a qual sempre se dá entre um *eu* e um *tu*. Considerando o enunciado como o produto da enunciação, pode-se dizer então que a enunciação é a relação de um enunciador (eu) com um enunciatário (tu) por meio do enunciado.

Essa concepção pode levar a uma conclusão simplificada de que o sujeito da enunciação é o enunciador. No entanto, o sujeito da enunciação é constituído pelos dois participantes do processo enunciativo, o enunciador e o enunciatário, que, juntos, co-enunciam.

O conceito de *co-enunciação* deve-se ao fato de que sempre que um sujeito se enuncia, ele o faz para persuadir um TU. Nesse sentido, o EU leva em conta as expectativas, os anseios, os possíveis conhecimentos de mundo do outro, enfim, a imagem[31] que tem do "ouvinte" para elaborar seu discurso. É a partir da imagem do TU que o EU vai projetar no enunciado determinadas escolhas enunciativas e não outras. Nesse sentido, um enunciado se constrói em conjunto por EU-TU. Ninguém enuncia sozinho, há sempre um sujeito destinador e um sujeito destinatário que juntos constroem o enunciado, o EU é determinado pelo TU, por isso se diz CO-ENUNCIAÇÃO.

Na comunicação falada face a face, *enunciador* e *enunciatário* correspondem, respectivamente ao *falante* e ao *ouvinte*. Na comunicação escrita, conforme Fiorin, "enunciador e enunciatário correspondem ao autor e ao leitor implícitos ou abstratos, ou seja, à imagem do autor e à do leitor construídas pela obra" (2003, p. 163).

Luiz Tatit apresenta uma concepção mais abrangente de enunciador e enunciatário:

---

[30] *Enunciado* e *texto* são, por isso, tomados como sinônimos neste trabalho.
[31] Tatit (2003, p. 205) define essa imagem como "um conjunto de hipótese sobre o mundo do outro".

> O conceito de *enunciador* deve ser tomado como uma categoria abstrata, cujo preenchimento, numa manifestação específica, faz emergir o que conhecemos como autor, falante, artista, poeta, etc.; a noção de *enunciatário*, igualmente, define-se como categoria por meio da qual se manifestam leitores e fruidores de maneira geral (2003, p. 205, grifo nosso).

Como o ato de enunciar sempre se dá entre EU-TU, e ocorre num tempo AGORA e num espaço AQUI, as três grandes categorias da enunciação são: a PESSOA, o TEMPO e o ESPAÇO.

Cada enunciação - como ato individual que ocorre num aqui e num agora - é única e irrepetível. Por isso é impossível estudar a enunciação em si. No entanto, a enunciação gera um produto, o enunciado, onde projeta as suas marcas. É, portanto, a partir do enunciado que se pode estudar a enunciação: "identificar e descrever *os traços do ato no produto*" (KERBRAT-ORECCHIONI apud HILGERT, 2007, p.71).

Só é possível descrever estudar a enunciação a partir do enunciado porque os textos vêm marcados pelas condições de produção que determinam as estratégias de formulação. É partir dessas marcas que os enunciados apresentam que se pode compreender processo de enunciação que deu origem ao enunciado. Já se viu, no capítulo anterior, que uma conversa é diferente de uma conferência ou de uma palestra, embora todas essas manifestações sejam medialmente faladas. As duas últimas apresentam mais marcas de escrituralidade, certamente pelas condições de produção, que pressupõem uma elaboração prévia desses textos marcada pelo distanciamento físico, temporal, entre enunciador e enunciatário. Na conversação não há esse distanciamento, há proximidade física e temporal entre os falantes.

Segundo Koch e Oesterreicher,

> condições de proximidade geram interações que resultam em textos identificados pela oralidade, isto é, por marcas próprias das interações faladas. Condições de distanciamento engendram textos caracterizados pela escrituralidade, isto é, pela ausência, em maior ou menor grau, de traços de fala (apud HILGERT, 2007, p. 69).

Acontece que o sujeito pode, pelas escolhas enunciativas, simular aproximação ou distanciamento, e, portanto, projetar marcas de oralidade ou de escrituralidade num texto, de acordo com os objetivos a que o texto se destina e com a imagem que faz dos destinatários. Se optar pela projeção de marcas da enunciação no enunciado, *eu-tu, aqui, agora*, construirá um texto marcado por traços de oralidade, cujos efeitos de sentido são os de subjetividade, de proximidade. Se optar por apagar marcas da enunciação no enunciado terá um texto marcado pela escrituralidade, o qual produz efeitos de sentido de objetividade, de distanciamento, característica dos textos em terceira pessoa.

Fiorin (2003, p. 162) explica que dizer *A Terra é redonda* e dizer *Eu digo que a Terra é redonda* são duas formas diferentes de enunciar que produzem efeitos de sentido diferentes. No primeiro caso, opta-se pelo "apagamento" das marcas que remetem às categorias da enunciação, ou seja, o *eu/tu – aqui - agora* não se mostram. Isso projeta no enunciado um efeito de objetividade, de distanciamento. No segundo, mostram-se o sujeito e o tempo da enunciação. O enunciador coloca o sujeito (*eu*) e o ato de enunciar (*digo*) dentro do enunciado, o que produz um efeito de sentido de subjetividade, de aproximação entre enunciador e enunciatário.

Efeitos de sentido, portanto, são os efeitos que as escolhas (conscientes ou inconscientes) do enunciador produzem no texto[32].

Segundo o autor, em *A Terra é redonda* tem-se um *enunciado enunciado*, ou um *texto enuncivo*, cuja característica é o apagamento das marcas das instâncias de enunciação.

Já em *Eu digo que a Terra é redonda*, há uma *enunciação enunciada*, ou um *texto enunciativo*, cuja característica é a projeção de marcas da instância da enunciação no texto. São marcas enunciativas nos textos: pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos e advérbios apreciativos, desinências verbais, dêiticos espaciais e temporais, e outros elementos que remetem aos sujeitos que falam num aqui e num agora.

---

[32] Nas palavras de Discini, "o texto revela mecanismos de construção do sentido, que refletem estratégias do sujeito. Os fatos constituintes do texto [...] se inter-relacionam para a construção do todo organizado de sentido. O sentido será considerado construção do texto e, portanto, efeito de sentido" (2005, p. 14).

3.2 As categorias da enunciação

Na sequência, apresentam-se as três categorias da enunciação: a PESSOA, o TEMPO e o ESPAÇO, explicando por que algumas possibilidades de pessoa, tempo e espaço são concebidas como essencialmente enunciativas e outras como enuncivas.

Vale lembrar que quem se enuncia é um sujeito EU que ao se dizer EU instaura um TU. Esses sujeitos se enunciam no AQUI e no AGORA do momento em que se dizem EU. Por isso, segundo Fiorin, "todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do 'sujeito', tomado como ponto de referência. Assim, espaço e tempo estão na dependência do *eu,* que neles se enuncia". (2003, p. 163). É, portanto, a partir do EU que se enuncia que se organizam todas as relações espaciais e temporais de um enunciado.

A apresentação que segue é apenas uma pequena síntese das possibilidades de projeção de pessoa, tempo e espaço nos enunciados e tem como objetivo introduzir conceitos e questões que serão, depois, explorados na análise das reportagens.

3.2.1 A Pessoa

De acordo com Fiorin, é a situação de enunciação que especifica o que é pessoa e o que é não pessoa, pois é ela quem determina quem são os participantes do ato enunciativo e quem não participa dele. Nesse sentido, *pessoas enunciativas* são aquelas que participam do ato de comunicação, ou seja, o EU e o TU. *Pessoa enunciva* é aquela que pertence ao domínio do enunciado, ou seja, o ELE (2003, p. 164).

Assim, os significados das pessoas são:

Eu: quem fala, que diz *eu.*

Tu: com quem o *eu* fala (o interlocutor).

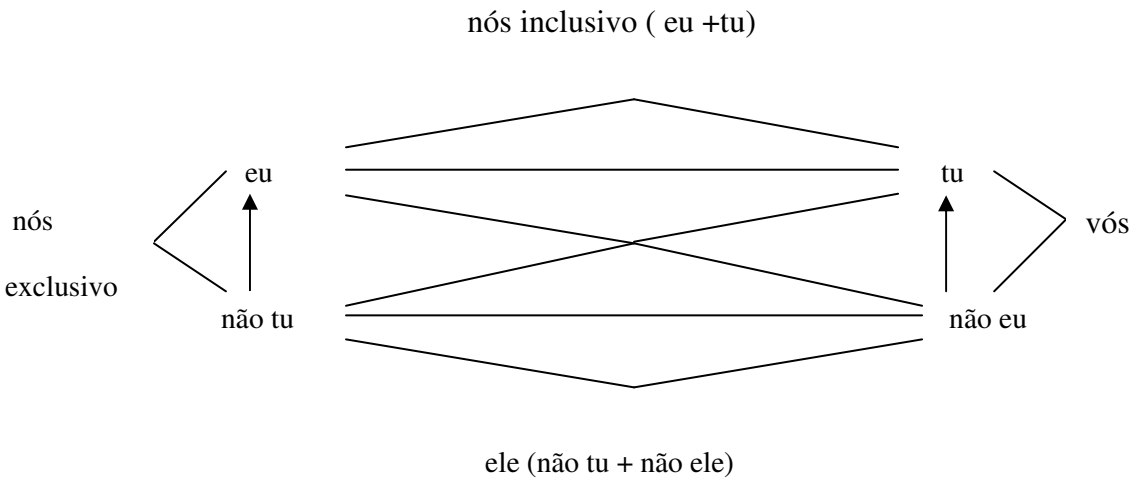
Ele: Não-pessoa. Participante do enunciado, aquele de quem *eu* e *tu* falam.

Nós: junção de um *eu* com um *não-eu*. Há três tipos de *nós*: um nós inclusivo (eu + tu/vós); um nós exclusivo (eu + ele/eles); e um nós misto (eu + tu/vós + ele/eles).

Vós: plural de tu; ou tu + ele/eles.

Eles: plural de ele – não-pessoa.

Fiorin (2002, p. 60) apresenta o seguinte esquema para explicar as pessoas:



Entende-se, então, que ELE/ELES é enuncivo porque não participa do processo de comunicação, não alterna turno com o EU que fala. Não se diz EU por meio da linguagem. Por isso se diz que é não-pessoa, é sobre quem se fala.

As demais pessoas constituem pessoas da enunciação. São enunciativas porque englobam o EU que fala ou o TU a quem se fala: NÓS sempre inclui o falante, (EU); VÓS sempre inclui o ouvinte (TU).

Veja-se o exemplo que segue:

> "Na frente de casa, o aposentado José Nilson Araújo, 60 anos, observava a invasão da água, que se intensificou às 7h. Com uma família de seis pessoas, ele lembra bem o que já viveu por conta do problema de alagamento." (*Zero Hora*, 28 out. 2008)

Esse trecho fala de um ELE, do aposentado José Nilson Araújo. O enunciador, o sujeito que fala, não se projeta no texto, mas se ausenta dele na medida em que o narrador se manifesta em terceira pessoa. Textos assim têm como marca a enuncividade de pessoa.

Agora, veja-se a sequência do trecho acima:

> "Na frente de casa, o aposentado José Nilson Araújo, 60 anos, observava a invasão da água, que se intensificou às 7h. Com uma família de seis pessoas, ele lembra bem o que já viveu por conta do problema de alagamento.
>
> – **No ano passado, precisei ficar três meses em Alvorada esperando baixar** – lamenta."

No trecho destacado, o narrador (porta-voz do enunciador no enunciado) delega, agora, a voz ao aposentado José Nilson Araújo, que se enuncia como sujeito que se diz EU (**precisei**). Nesse trecho a pessoa é enunciativa.

Perceba-se também que esse sujeito não é o mesmo que antes narrava o texto. Nesse sentido, é preciso já dizer que um texto comporta três instâncias enunciativas e que cada uma delas pressupõe um co-participante, já que a condição básica da interação, da comunicação, é a troca entre dois sujeitos, que implica a co-enunciação. Assim, a primeira instância enunciativa diz respeito à relação enunciador-enunciatário. A segunda, à relação narrador-narratário. E a terceira, à relação interlocutor-interlocutário.

No trecho acima há um enunciador pressuposto e um enunciatário pressuposto, já que a existência do enunciado pressupõe a existência de um enunciador. Esse enunciador delega "voz" ao narrador, que vai narrar os fatos. O narrador, por sua vez, delega "voz" ao interlocutor por meio do discurso direto.

A primeira instância, enunciador-enunciatário, não aparece nos textos escritos. Essa instância, como pressuposta para existência do enunciado, corresponderia a todos aqueles que contribuíram para construção da notícia, para que ela fosse criada, veiculada. Sem os enunciadores, a notícia não existiria. Pensemos, então, no "enunciador" como a equipe que produziu a notícia, "o jornal". O enunciador (jornal) delega voz à segunda instância, o narrador. A terceira instância se estabelece quando o narrador delega voz aos interlocutores, aos sujeitos cuja fala é reproduzida em discurso direto no texto.

Fica fácil perceber que, embora todos os sujeitos falem sobre um determinado "objeto" – as inundações que ocorrem em Porto Alegre e obrigam famílias a se deslocarem de suas residências -, não são sempre os mesmos sujeitos que enunciam, nem num mesmo tempo, nem num mesmo espaço. Só para exemplificar, a fala do aposentado José Nilson

Araújo precisa ter ocorrido antes da "fala" do narrador. Também o espaço de onde narrador e interlocutor se enunciam não é o mesmo. Daí as instâncias enunciativas diferentes[33].

O discurso direto mostra uma enunciação dentro de outra. A enunciação dos interlocutores englobada pela do narrador. "É um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador" (FIORIN, 2002, p. 72). Nele se podem "visualizar" as diferentes instâncias enunciativas (pelo menos a do narrador e do interlocutor) e, por isso, a polifonia[34] dos textos, as várias vozes que se mostram na constituição do enunciado.

Para concluir este tópico, resta salientar que, nas reportagens jornalísticas, é característico o "apagamento" do narrador enquanto sujeito (enuncividade de pessoa). Por outro lado é comum a delegação de voz aos interlocutores. Esses, por sua vez, podem se instaurar como sujeitos, dizendo-se EU/TU, AQUI, AGORA (como no caso da notícia acima), ou não. Por isso, também os discursos diretos podem ser marcados por enunciatividade ou enuncividade de pessoa.

Um último exemplo para clarificar a enuncividade de pessoa na instância do interlocutor:

> " Para o ex-governador Germano Rigotto, que anunciou nove presídios, em 21 de julho de 2006 – seis meses antes de deixar o governo –, a principal dificuldade é a falta de terreno.
> – **Estavam previstos os recursos, mas as coisas complicam quando o município precisa escolher uma área** – interpreta Rigotto." (*Zero Hora*, 15 jan. 2009)

No trecho destacado, embora o narrador tenha delegado voz ao interlocutor, este não se enuncia como EU. Tem-se nesse caso, nas duas instâncias – do narrador e do interlocutor – enuncividade de pessoa.

---

[33] Veja-se o esquema das instâncias enunciativas no item 3.3.1 deste mesmo capítulo.

[34] Não se deve confundir polifonia com dialogismo. Diana Luz Pessoa de Barros (2005) mostra que o dialogismo remete ao princípio da heterogeneidade constitutiva dos discursos, que diz respeito ao fato de um discurso se constituir a partir de um "diálogo" com outros discursos. Já a polifonia é um fenômeno mais superficial que pode ser apreendida na estrutura do enunciado, está relacionado à heterogeneidade mostrada, às diferentes vozes que se apresentam no texto.

3.2.2 O Tempo

O tempo linguístico é diferente do tempo cronológico (horas, dias, etc.) e do tempo físico (noite, tarde, manhã), já que se relaciona ao exercício da fala. Nas palavras e Fiorin,

> o que o tempo lingüístico tem de singular é que ele é ligado ao exercício da fala [...] Quando o falante toma a palavra, instaura um *agora,* momento da enunciação. Em contraposição ao *agora*, cria-se um *então*. Esse *agora* é, pois, o fundamento das oposições temporais da língua (2003, p. 166).

Instaura-se, assim, um eixo temporal que se ordena com base na *concomitância x não-concomitância* dos tempos de referência em relação ao momento da enunciação (agora). A concomitância ocorre quando o momento de referência coincide com o momento de enunciação. A não-concomitância articula-se em *anterioridade x posterioridade* (passado x futuro), quando o momento de referência não coincide com o momento de enunciação (presente). Nesse caso, da não-concomitância, os momentos de referência passado e futuro precisam ser marcados no enunciado por meio de uma ancoragem no tempo cronológico (por exemplo, *No próximo mês, Na semana passada, Em maio de 2000,* etc.) que possibilite a apreensão do momento em que se dá o evento narrado.

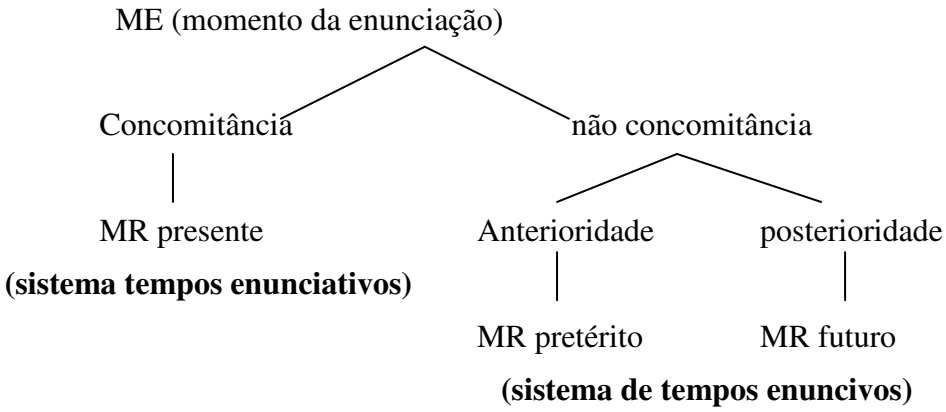
Em relação ao momento de enunciação (ME) definem-se, então, três momentos de referência (MR):

MR presente – concomitante ao momento da enunciação (MR = ME)

MR passado – anterior ao momento da enunciação (MR passado ≠ ME presente)

MR futuro – posterior ao momento da enunciação (MR futuro ≠ ME presente)

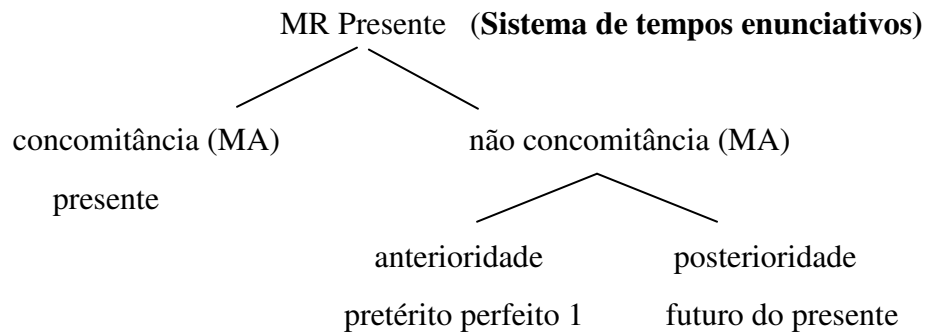
Esquematizando, teríamos:



Em se tratando de uma interação falada, em que os enunciadores se encontram no mesmo tempo do agora, expressões temporais como *ontem, amanhã, na próxima semana* são apreendidas independentemente de uma ancoragem no tempo cronológico. Mas tal ancoragem é necessária quando o momento de produção de um texto não coincide com o de recepção, como no caso de uma carta. Se nela não houver uma data que ancore o tempo linguístico, não há como precisar referências temporais como *ontem, amanhã, na semana passada* inscritas nesse enunciado. Assim também ocorre nos textos jornalísticos. A data expressa no cabeçalho ancora o tempo linguístico inscrito nos enunciados. É em relação a ela que o narrador diz "ontem, hoje, amanhã". Essa data, como diz Discini (2005, p. 309), "figurativiza o marco referencial presente e ancora o *hoje* numa divisão do tempo crônico".

É também o tempo linguístico que marca se o momento de um acontecimento é concomitante, anterior ou posterior ao momento da enunciação (MR presente). Nesse sentido, tem-se mais um eixo que determina concomitância *vs.* não-concomitância em relação ao momento de referência presente (o da enunciação) e o momento do acontecimento (MA).

Assim:



Exemplificando: na manchete *Ijuí já tem 300 casos suspeitos de dengue* (*ZH*, 23/2/10, p. 1) há uma concomitância entre MA e MR (presente); já em *Ataque aéreo matou pelo menos*

27civis no Afeganistão (*ZH*, 23/2/10, p.1) há uma relação de não concomitância, de anterioridade, entre o MA (momento do acontecimento = morte de civis em decorrência de ataque aéreo) e o MR presente (da enunciação). O verbo *matou* se instaura como passado em relação a um tempo de referência presente, o tempo da enunciação.

São, portanto, três os momentos que entram na constituição do sistema temporal:

ME – momento da enunciação;

MR – momento de referência (presente, passado, futuro)

MA – momento do acontecimento (concomitante, anterior ou posterior a um MR)

Como já se apontou no primeiro esquema deste tópico, a partir do eixo da concomitância / não concomitância do momento de referência em relação à enunciação, distinguem-se dois sistemas temporais na língua: um relacionado ao momento de referência presente (*o agora*, concomitante ao momento da enunciação) e outro ordenado em função de momentos de referência passados ou futuros instalados no enunciado (*o então,* não concomitante). Os tempos que se organizam em função do tempo de referência presente (da enunciação) constituem os *tempos enunciativos*. Os que se organizam em função de momentos de referência passados ou futuros instalados no enunciado são *tempos enuncivos* (FIORIN, 2003).

Os *tempos enunciativos*, apresentados no esquema acima, são: presente (pontual, durativo, gnômico), pretérito perfeito 1 e futuro do presente.

Seguem exemplos e explicações de por que cada um deles é considerado enunciativo.

* Presente pontual: é enunciativo porque há coincidência entre MA, ME e MR

Olha lá, um jatinho *risca* o céu!

* Presente durativo: há coincidência entre MA, ME e MR, porém o MR é mais longo que o ME.

Neste semestre*, ministro* aulas de Literatura a alunos do 5º ano de Letras. (presente durativo contínuo)

Aos domingos, *Zero Hora* traz encartado o caderno *Donna ZH*. (presente durativo descontínuo/iterativo – intercala espaços de tempo)

* Presente gnômico: há coincidência entre MA, ME, e MR. No presente gnômico, o MR e o MA são ilimitados. É o presente utilizado para enunciar verdades eternas.

"Quem tudo *quer*, tudo *perde*." / O direito à vida *é* o maior de todos os direitos.

* Pretérito Perfeito 1: é enunciativo porque marca anterioridade do MA em relação ao MR presente (da enunciação).

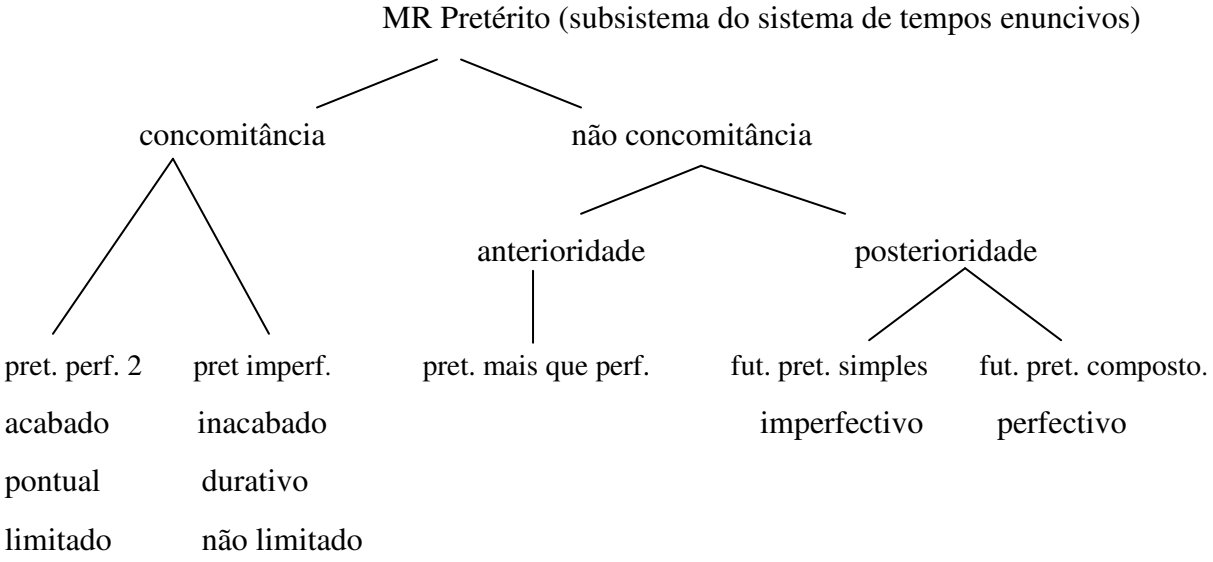
"O governador Luiz Henrique da Silveira *decretou* situação de emergência e *emitiu* pedido de socorro ao país todo" (*Zero Hora*, 24 nov. 2008).

* Futuro do Presente: enunciativo porque marca posterioridade do MA em relação ao MR presente (da enunciação).

"20 mil professores e servidores *terão* descontos nos salários" (*Zero Hora*, 24 nov. 2008).

Os *tempos enuncivos* se organizam em relação a um MR pretérito ou um MR futuro já instalado no enunciado.

Os tempos enuncivos que se relacionam a um **MR pretérito** podem ser assim esquematizados:

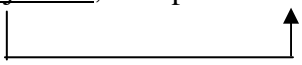


Exemplificando:

* Pretérito perfeito 2 e Pretérito imperfeito: concomitância entre MA e MR pretérito.

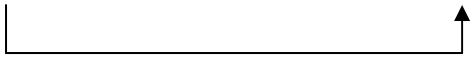
No dia 05 de janeiro, a empresa *demitiu* 200 funcionários. (acabado, pontual)

No dia 05 de janeiro, a empresa *demitia* 200 funcionários. (durativo, inacabado)



* Pretérito mais-que-perfeito: marca anterioridade do MA em relação ao MR pretérito.

Às 10 horas, quando o policial chegou ao local, o rapaz já *fugira / tinha fugido*.



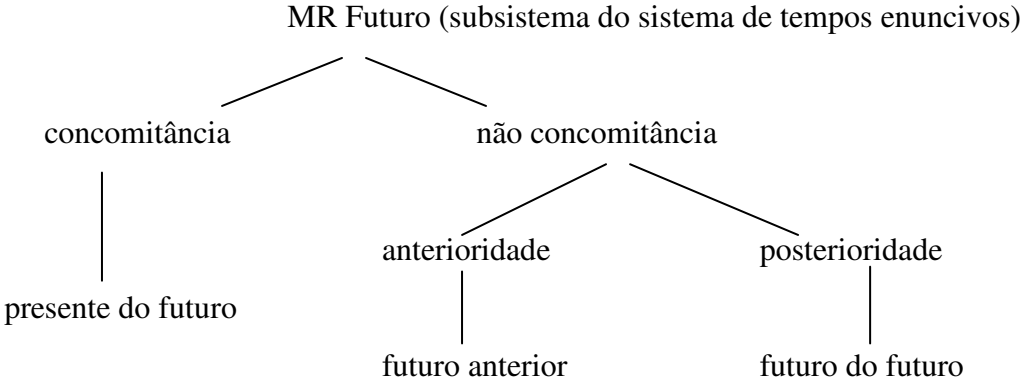
* Futuro do pretérito simples: marca posterioridade do MA em relação ao MR pretérito.

"Em março de 2005, o catador de papelão José Machado Sobral foi preso por engano em Garulhos [...]. *Ficaria* dois anos preso por um crime que não cometeu." (André Petry, *Veja*, n.2028, p.46)

* Futuro do pretérito composto: indica posterioridade do MA em relação a um MR pretérito e também anterioridade do MA em relação ao outro acontecimento futuro instalado no enunciado.

Eu pensava que no início de 2009 já *teria terminado* meu trabalho.

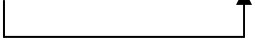
Os tempos enuncivos que se organizam a partir de um **MR futuro** são assim esquematizados:



Exemplificando:

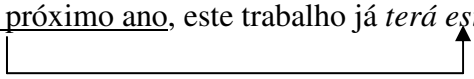
* Presente do futuro: há concomitância entre o MA e o MR futuro.

Assim que chegarmos a SP, *entraremos* em contato com você.



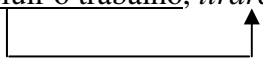
* Futuro anterior: quando há anterioridade do MA em relação ao MR futuro.

No início do próximo ano, este trabalho já *terá estado concluído*.



* Futuro do Futuro: quando há posterioridade do MA em relação ao MR futuro.

Depois de concluir o trabalho, *tirarei* uma semana de folga.



⇨ **Dos advérbios de tempo**

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais de tempo** também se articulam em um sistema enunciativo e enuncivo e se organizam a partir do eixo da concomitância x não concomitância, seja em relação ao momento de enunciação, seja em relação a um marco temporal inscrito no enunciado.

São *enunciativos* os advérbios e locuções adverbiais que se articulam em relação ao tempo da enunciação e estabelecem com ele relação de anterioridade, de concomitância, ou de posterioridade[35]. Por exemplo:

Há dois anos nos conhecemos.
Ontem trabalhei muito.
No dia 5, estive em Brasília.
} Anterioridade ao MR presente

Vamos sair *hoje* à noite?
A esta altura, não nos resta muito a fazer.
Nesta semana há muito trabalho a fazer.
} Concomitância ao MR presente

[35] No livro *As astúcias da enunciação*, Fiorin faz uma listagem expressiva de advérbios e locuções adverbiais enunciativos e enuncivos.

Amanhã estarei em Porto Alegre.
Daqui a dois dias teremos ensaio de música.
No próximo ano ingressarei na faculdade.

} Posterioridade ao MR presente

São *enuncivos* os advérbios e locuções adverbiais que se articulam em relação a um marco temporal já instaurado no enunciado. Por exemplo:

Passei os últimos dois meses escrevendo. Durante *esse tempo*, pouco saí de casa.

No dia 25 de fevereiro é aniversário da minha mãe. Vou visitá-la ainda *na véspera.*

Fui a SP em dezembro e, *em seguida*, a Florianópolis.

Nos exemplos, "esse tempo", "na véspera" e "em seguida" se referem a momentos já instaurados no enunciado, por isso são enuncivos. O primeiro indica uma relação de concomitância em relação ao tempo "últimos dois meses"; o segundo indica anterioridade em relação ao "dia 25 de fevereiro"; e o último indica posterioridade em relação ao marco temporal "em dezembro". Todos eles tomam como referência termos temporais instaurados no enunciado.

3.2.3 O Espaço

O espaço linguístico, assim como o tempo, articula-se em função do sujeito da enunciação (EU). O espaço linguístico "não é o espaço físico, analisado a partir de categorias geométricas, mas aquele onde se desenrola a cena enunciativa" (FIORIN, 2003, p. 174).

Nesse sentido, *são enunciativas* as referências espaciais que designam o espaço em que ocorre a enunciação, ou que se definem a partir da situação de enunciação (aqui, aí, lá), as referências dêiticas.

Por exemplo:

Vou até *aí* falar com você (*aí* designa o lugar do TU e se opõe ao *aqui* do EU).

Aqui não fico nem mais um minuto (designa o lugar do EU).

Coloque isso *lá!* (espaço definido a partir da enunciação, *lá,* nesse caso, se opõe ao *aqui* do enunciador).

Você pode pôr meus livros *naquela estante?* (espaço definido a partir da enunciação).

São *enuncivos* os espaços "*aí, ali, lá, naquele lugar*, etc., quando, em função anafórica, retomam um espaço inscrito no enunciado" (FIORIN, 2003, p. 177).

Por exemplo:

Gosto muito do Rio de Janeiro. Morei alguns anos *naquela cidade* e, apesar da violência crescente, é para *lá* que viajo sempre que posso.

Destaque-se que são também enuncivos os espaços, figurativizados ou não, instalados no enunciado sem que haja relação entre eles e o espaço da enunciação (não dêiticos e não anafóricos). Interessa-nos em especial essa questão porque assim se apresentam, em sua maioria, as referências espaciais instauradas em reportagens jornalísticas. Segue abaixo um exemplo de tal situação:

> "A busca por alimentos criou um clima de tensão **em Itajaí**. Desabrigados fazem filas *pela cidade* à espera de cestas básicas. *No local*, as histórias de desespero se multiplicam.[...]"
>
> (*Zero Hora*, 29/11/2008)

Nesse fragmento, o espaço "em Itajaí" é instaurado no enunciado e, depois, retomado por termos seguintes: "pela cidade" e "no local". Os dois últimos são facilmente identificáveis como enuncivos, uma vez que estão em função anafórica.

No entanto, o espaço "em Itajaí", embora não esteja em função anafórica e nem constitui dêitico, também é considerado um espaço enuncivo. Fiorin (2002, p. 292) explica que ocorre uma **debreagem enunciva da enunciação** "quando não se projeta no enunciado o *aqui* de onde fala o narrador, o que dá a impressão de que ele enuncia de um espaço indeterminado, um *algures"*. O narrador instaura no enunciado apenas o lugar dos fatos os

fatos e "não localiza nada a partir do *hic*". É o que ocorre no fragmento acima. O espaço "em Itajaí" é o lugar onde se desenrolam os fatos, o espaço do narrado, instaurado no texto sem nenhuma referência ao espaço da enunciação. Isso porque o narrador não lança no texto nenhuma marca que permita dizer onde é o "aqui" da enunciação e, portanto, não há como estabelecer relação entre o espaço da enunciação (o algures) e o do enunciado (em Itajaí). A enunciação, nesse caso, pode ter-se dado em Itajaí (o aqui) ou em qualquer outro local (algures/alhures).

Seria diferente se o narrador dissesse "***Aqui*** *no centro de Itajaí* a situação é calamitosa". Nesse caso, o espaço seria enunciativo. Também seria enunciativo se fosse possível apreender o espaço dos acontecimentos como um "lá" determinado em oposição ao "aqui" da enunciação. Por exemplo, se o(a) repórter dissesse: "***Aqui em Blumenau*** a distribuição de mantimentos aos desabrigados segue de forma ordenada, mas e***m Itajaí*** a busca por alimentos criou um clima de tensão...". Assim dito, seria possível perceber o *aqui* da enunciação como Blumenau e, portanto, Itajaí (local dos fatos) como um *lá determinado* pelo aqui da enunciação.

Entretanto, tal tipo de narração, em que na instância narrativa se instala um eu-tu/aqui/agora é mais comum em reportagens televisivas, quando o repórter aparece no local dos fatos narrando-os ao vivo. Nas reportagens jornalísticas, geralmente o narrador não se mostra como sujeito e tampouco aparece o AQUI de onde se enuncia.

É, portanto, outra característica das notícias da imprensa escrita a instalação de um espaço enuncivo - o espaço dos fatos sem relação com o espaço da enunciação - para narrar os acontecimentos.

3.3 Mecanismos de instauração das categorias da enunciação

São dois os mecanismos de instauração da pessoa, do tempo e do espaço nos enunciados: a debreagem e a embreagem. Vejamos cada um deles.

3.3.1 A debreagem

Para facilitar a organização deste tópico, primeiro se apresentam noções gerais sobre as debreagens e, a seguir, exemplificam-se os conceitos a partir de uma notícia de jornal.

A debreagem consiste na operação de projetar no enunciado as categorias da enunciação (EU/TU, AQUI, AGORA). Por isso, a debreagem pode ser actancial (de pessoa), temporal e espacial.

Também pode ser enunciativa ou enunciva. A debreagem é enunciativa quando instaura no enunciado o EU/TU, os tempos do sistema enunciativo (presente, pretérito perfeito 1, futuro do presente) ou os espaços ordenados em relação ao espaço da enunciação.

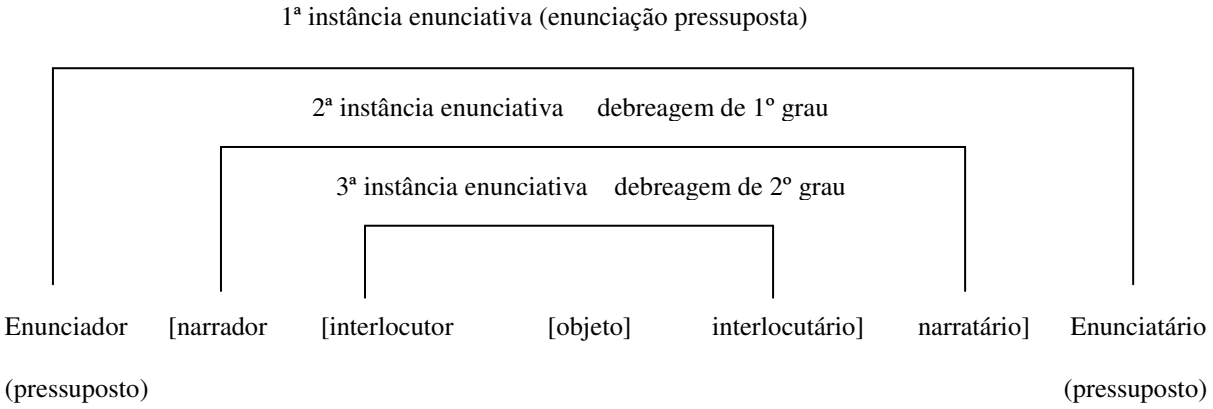
Em contrapartida, quando se "apagam" o eu/tu, instaurando no enunciado só o *ele*, quando a narrativa é contada com os tempos do subsistema do pretérito (pretérito perfeito 2, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do pretérito) ou do futuro (presente do futuro, futuro anterior, futuro do futuro) e os espaços não se organizam em relação ao espaço da enunciação, mas em relação a espaços instaurados no enunciado ocorre debreagem enunciva (FIORIN, 2003).

A debreagem enunciativa cria efeitos de sentido de subjetividade, de aproximação. É marca dos textos autobiográficos, das cartas pessoais. Já a debreagem enunciva cria efeitos de sentido de objetividade, de distanciamento. É comum nos discursos científicos, nas leis, e, como já apontado em exemplos anteriores, nas reportagens jornalísticas.

Também as debreagens são responsáveis pela instauração de diferentes instâncias de enunciação nos enunciados. Já se apontou que um texto comporta, geralmente, três instâncias enunciativas. A delegação de voz da instância do enunciador para o narrador ocorre por uma debreagem de 1º grau. Quando o narrador delega voz ao interlocutor por meio do discurso direto, ocorre uma debreagem de 2º grau. A delegação de vozes constitui debreagens internas. Segundo Fiorin, na debreagem interna,

> Um actante[36] já debreado, seja ele da enunciação ou do enunciado, se torna instância enunciativa, que opera, portanto, uma segunda debreagem, que pode ser enunciativa ou enunciva. É assim, por exemplo, que se constitui um diálogo: com debreagens internas em que há mais de uma instância de tomada de palavra. Essas instâncias subordinam-se umas às outras: o *eu* que fala em discurso direto é dominado por um *eu* narrador que, por sua vez, depende de um *eu* pressuposto pelo enunciado (2002, p. 45).

Esquematizando, temos o seguinte[37]:



A debreagem interna será enunciativa quando o interlocutor se enunciar como eu/tu, projetando no enunciado as marcas da enunciação (aqui, agora). Será enunciva quando remeter a um *ele*, num *então,* situado num espaço que não tem como referência o da enunciação.

Veja-se a notícia que segue:

29 de outubro de 2008 | N° 15773

OS FLAGELADOS DE SEMPRE

Cheias atingem ilhas da capital

Ontem, quatro famílias chegaram a ser retiradas de suas casas devido ao risco de inundação na região das Ilhas, na Capital. Três residiam na Ilha das Flores e uma na do Pavão. Todas foram levadas pela Coordenadoria Municipal de Defesa Civil ao salão da igreja da Ilha das Flores.

Devido à ameaça de que a água continue avançando, a Defesa Civil manteve uma equipe na região. O

[36] De acordo com Greimas (2008, p. 21), *actantes da enunciação,* no interior do discurso enunciado, "são o narrador e o narratário, mas também o interlocutor e o interlocutário (que participam da estrutura da interlocução de segundo grau que é o diálogo)".

[37] Adaptação do esquema apresentado por Barros (2002) na obra *Teoria do Discurso: fundamentos semióticos.*

órgão projetava que, até o fim do dia, o nível do Guaíba poderia subir cerca de 1,5 centímetro a cada hora. Às 18h, chegou a 1m66cm na Ilha da Pintada – ainda permanecia abaixo do índice considerado como sinal de alerta para inundação, que é de 1m85cm.

– Temos uma equipe monitorando a região, em especial as áreas críticas, que são o braço norte da Ilha dos Marinheiros e o sul da Ilha das Flores – disse Paulo Marques, secretário-adjunto da Defesa Civil.

O acesso à casa da recicladora Ana Cláudia da Silva Oliveira, 21 anos, já se encontrava comprometido por volta das 10h. Mesmo assim, ela estava tranqüila e não cogitava em deixar a residência.

– Estou acostumada, moro aqui desde que nasci. Mesmo com recomendações, nunca precisamos sair – relata a recicladora.

Na frente de casa, o aposentado José Nilson Araújo, 60 anos, observava a invasão da água, que se intensificou às 7h. Com uma família de seis pessoas, ele lembra bem o que já viveu por conta do problema de alagamento.

– No ano passado, precisei ficar três meses em Alvorada esperando baixar – lamenta.

mariana.mondini@diariogaucho.com.br

MARIANA MONDINI (*Zero Hora*, 29 out. 2008)

Esse texto comporta as três instâncias enunciativas e debreagens de 1º e 2º graus. A debreagem de 1º grau ocorre quando o enunciador (1ª instância - jornal) delega voz ao narrador (2ª instância – Mariana Mondini). A debreagem de 2º grau, quando o narrador (2ª instância – Mariana Mondini) delega voz aos interlocutores (3ª instância – respectivamente, Paulo Marques, Ana Cláudia da Silva Oliveira, José Nilson Araújo).

Tomando apenas o primeiro parágrafo:

"**Ontem**, quatro famílias chegaram a ser retiradas de suas casas devido ao risco de inundação na região das Ilhas, na Capital. Três residiam na Ilha das Flores e uma na do Pavão. Todas foram levadas pela Coordenadoria Municipal de Defesa Civil ao salão da igreja da Ilha das Flores. [...]"

Nesse trecho, assim como nos demais da instância narrativa, o narrador, em 3ª pessoa[38], já instaura no texto um "eles" (quatro famílias) no espaço dos fatos (na região das Ilhas, na Capital) que não é determinado pelo espaço da enunciação, ou seja, não há como determinar se "a região das Ilhas, na Capital" – local dos fatos - é um *aqui* ou um *lá* em

[38] Fiorin esclarece que, a rigor, não existe narração em 3ª pessoa, já que há sempre um **eu** que enuncia, que narra os acontecimentos, mas considera-se narração em terceira pessoa aquela "em que ele [o narrador] não participa dos acontecimentos narrados" (2002, p. 104).

relação ao espaço da enunciação. O narrador opera debreagens enuncivas de pessoa e de lugar e, sob esses pontos de vista, esse trecho tem natureza enunciva.

No entanto, a referência temporal instaurada no texto é o "ontem". ONTEM é marca enunciativa de tempo, pois só pode ser apreendida em relação ao momento de enunciação do enunciador. O tempo da enunciação é HOJE, e é em relação a este tempo que se pode apreender o tempo ONTEM. Em outras palavras, ONTEM se ancora na situação de enunciação que é o HOJE, um AGORA expandido.

Esse "ontem", que o enunciador instaura no enunciado por uma debreagem enunciativa, vai reger os verbos destacados no trecho (e os demais utilizados para narrar). Esses verbos pertencem ao subsistema enuncivo, uma vez que se organizam a partir do MR (momento de referência) pretérito "*ontem*" instaurado no enunciado. Ou seja, tais verbos são considerados enuncivos porque tomam como referência não o momento da enunciação, mas o marco temporal "*ontem*" lançado no enunciado, independentemente do fato de este marco temporal ser enunciativo.

Esse narrador, portanto, instaura no enunciado debreagens enuncivas (actancial e espacial), que remetem "para fora" da situação de enunciação, e uma debreagem enunciativa de tempo (*ontem)*, que remete à instância da enunciação. Ao mesmo tempo em que produz efeitos de sentido de objetividade, neutralidade e distanciamento através do apagamento do "sujeito que narra", dando destaque aos fatos (situa o "eles" e o espaço em que se desenrolam os acontecimentos), produz efeitos de atualidade da notícia através da enunciatividade temporal. Seria diferente se ele dissesse "No dia 29 de outubro quatro famílias...". Nesse caso o tempo também seria enuncivo e o efeito de sentido gerado também não seria o mesmo.

Por outro lado, perceba-se, nas debreagens de 2º grau, que os interlocutores todos se enunciam como sujeitos da fala, isto é, enunciativamente. Paulo Marques se enuncia com o nós exclusivo (eu + eles) e no tempo presente.

> "– *Temos* uma equipe monitorando a região, em especial as áreas críticas, que são o braço norte da Ilha dos Marinheiros e o sul da Ilha das Flores – disse Paulo Marques, secretário-adjunto da Defesa Civil."

Ana Cláudia da Silva Oliveira se enuncia em *eu* (estou) e em *nós exclusivo* (precisamos), no tempo do agora e no espaço explicitado do "aqui". No presente caso, o espaço geográfico mencionado no enunciado (região das Ilhas, na capital) coincide com o espaço em que se enuncia este interlocutor.

"– *Estou* acostumada, *moro* aqui desde que nasci. Mesmo com recomendações, nunca *precisamos* sair."

E José Nilson Araújo se enuncia como sujeito *eu* (precisei) e instaura no texto mais uma debreagem enunciativa de tempo ao dizer "no ano passado" e uma debreagem enunciativa de espaço "em Alvorada", que é enunciativa porque pode ser determinada como *lá* a partir do *aqui* em que este sujeito fala.

"– *No ano passado*, *precisei* ficar três meses *em Alvorada* esperando baixar."

Vale lembrar que o discurso direto constitui uma enunciação dentro de outra enunciação (MAINGUENEAU, 2008; FIORIN, 2002). Nos enunciados em que ele aparece, distinguem-se claramente duas instâncias enunciativas: a do narrador, e a dos interlocutores. "O discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador. Como apresenta duas instâncias enunciativas, dois sistemas enunciativos autônomos, cada um conserva seu eu e seu tu, suas referências dêiticas, as marcas da subjetividade própria" (FIORIN, 2002, p. 72). É o que ocorre na notícia que nos serviu de exemplo. Nela, o narrador se utiliza de debreagens enuncivas, apagando-se no enunciado; já os interlocutores, operando debreagens enunciativas, dizem *eu*, no tempo do *agora* e no *aqui* da enunciação. Essa "fala" dos interlocutores corresponde a uma enunciação reportada em que

> os actantes que falam, o espaço e o tempo simulam os elementos correspondentes da enunciação. Com efeito, o narrador dá a palavra a outrem, que passa a dizer eu; o fato passa-se num momento anterior ao momento da enunciação, mas no texto há um conjunto de reflexões que parecem feitas no instante do ato enunciativo (FIORIN, 2002, p. 41).

De acordo com Discini (2005), os sujeitos instaurados no enunciado são os *atores do enunciado*. Esses atores se transformam em *interlocutores* (actantes) quando "abrem a boca e falam" em discurso direto; e em *locutores* quando os depoimentos destes são reproduzidos pelo narrador em discurso indireto.

Diferentemente do discurso direto, no indireto não há debreagem interna, o que significa que a enunciação do *outro que fala* fica subordinada à enunciação do narrador. Nas palavras de Fiorin, no discurso indireto,

> como há uma única enunciação, todos os traços enunciativos da enunciação desse interlocutor, que foi subordinada à enunciação do narrador, e que, assim, tornou-se um locutor, são apagados. Dessa forma, os embreantes são referidos à situação de enunciação do discurso citante; as interrogações, as exclamações, as interjeições e outros elementos expressivos da enunciação do interlocutor devem ser eliminados, porque, no texto, só existe a subjetividade do narrador (2002, p. 75).

Já no discurso direto mantém-se a subjetividade dos interlocutores. Esse recurso da delegação de vozes em discurso direto cria efeitos de sentido de realidade, pois dá a impressão de que o narrador está apenas reproduzindo o que disse o interlocutor. No entanto, "o discurso direto tem a finalidade de criar efeitos de sentido de realidade e não a de ser real" (FIORIN, 2002, p. 74).

Maingueneau acrescenta que o discurso direto tem tanto a função de eximir o narrador daquilo que é dito, pois delega a responsabilidade pelo dito a uma outra pessoa, quanto a de criar a ideia de verdade, de autenticidade, de seriedade. Mas o autor também alerta para o fato de que,

> na verdade, o discurso direto *não relata necessariamente falas pronunciadas efetivamente*; pode-se tratar de uma enunciação sonhada, de uma enunciação futura, ordenada, etc. [...] Mesmo quando o DD relata falas consideradas como realmente proferidas, trata-se apenas de uma encenação visando criar um efeito de autenticidade. (MAINGUENEAU, 2008, p.141, grifos do autor).

Segundo Fiorin (2002), dificilmente **nos textos escritos** ocorre uma debreagem de 3º grau, que seria a delegação de voz de um interlocutor a um segundo interlocutor. Nos noticiários de televisão, no entanto, isso é comum. Acontecem debreagens de terceiro grau quando o enunciador delega voz ao narrador (âncora) que delega voz ao repórter (interlocutor 1) e este delega voz às pessoas que participaram do acontecimento (interlocutor 2, 3...).

Como o objeto desta pesquisa são as reportagens do jornal *on-line*, em que também ocorrem vídeos, interessa-nos analisar se nas reportagens ocorrem debreagens de 3º grau e, se ocorrem, como acontece esse processo.

3.3.2 A embreagem

A embreagem consiste na operação de neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo. Ocorre quando se emprega uma pessoa com o valor de outra, um tempo com o valor de outro ou uma indicação de espaço com o valor de outro. Portanto, uma embreagem sempre pressupõe uma debreagem anterior.

Assim como a debreagem, a embreagem pode ser actancial, temporal ou espacial. Também pode ser enunciativa ou enunciva.

Ela será enunciativa quando o termo embreante que restar no enunciado for enunciativo, não importa se a debreagem anterior era enunciativa ou enunciva.

Será enunciva quando o termo embreante que restar no enunciado for enuncivo. Por exemplo:

> "Greve *termina* e escolas planejam o fim de ano"
>
> (*Zero Hora*, 29 nov. 2008, p.1)

O emprego do verbo *termina* nessa manchete constitui uma embreagem. Isso porque a greve precisa ter terminado antes de ser noticiada. O que permite dizer que o normal seria "Greve *terminou* e escolas planejam o fim de ano". Nesse caso, tanto a debreagem anterior (*terminou*) quanto a embreagem (*termina*) são enunciativas. Tem-se nesse caso uma *embreagem temporal enunciativa*, recurso muito comum nos textos jornalísticos de chamada[39]. Essa embreagem intensifica efeitos de sentido de atualidade, de novidade que movem os jornais.

Já em:

---

[39]"*Chamada* é a própria notícia resumida na primeira página que, ao dar a indicação da página interna do jornal em que o noticiário está mais completo, orienta o leitor para o avanço da notícia" (DISCINI, 2005, p. 89).

> "*Zero Hora* procurou deputados de partidos que têm assento no conselho político do governo Yeda [...] e perguntou a eles que mudanças *seriam* necessárias na proposta".
>
> (*Zero Hora*, 24 nov. 2008)

Nesse trecho ocorrem duas embreagens enuncivas, uma temporal e uma actancial. Tratemos primeiro da temporal para facilitar a correlação com o exemplo anterior.

No exemplo anterior, restou no enunciado um tempo enunciativo (*termina).* Já no trecho, o termo "seriam" é resultado de um tempo embreante enuncivo. Ao invés de dizer que mudanças "são necessárias", o narrador emprega o termo embreante *seriam.* O "seriam" é um tempo do sistema enuncivo que substitui um tempo enunciativo (presente), portanto ocorre aqui uma embreagem temporal enunciva. Essa embreagem agrega ao texto um caráter de hipótese, de dúvida do enunciador em relação ao fato.

Também a embreagem actancial é enunciva. *Zero Hora* é o próprio jornal que veicula o fato, não se está falando de um outro jornal que tenha noticiado isso e que sirva de referência. Contudo, ao invés de dizer "procuramos", ou "nossa equipe procurou", instalando-se como sujeito da enunciação, o narrador se projeta em 3ª pessoa e diz "*Zero Hora* procurou". Resta no texto a embreagem em não-pessoa, o ELE, enunciva, portanto.

Uma embreagem enunciativa ocorre quando, por exemplo, alguém quer fazer uma constatação geral de que quando menos *se* espera, as coisas acontecem, e diz "Quando *você* menos espera, as coisas acontecem". Nesse caso, neutraliza-se uma categoria enunciva (*se* – 3ª pessoa) em favor de uma enunciativa (2ª pessoa).

O trecho abaixo permite visualizar:

> "Quando *você* se machuca, geralmente um adulto aparece para *te* socorrer, não é?"
>
> (*Zero Hora*, 26 nov. 2008)

Esse *você* é uma embreagem actancial enunciativa que neutraliza um termo enuncivo (alguma criança/ as crianças). A embreagem actancial enunciativa, ao contrário da enunciva, produz efeitos de sentido de subjetividade, de informalidade, de aproximação.

Uma embreagem actancial muito comum na fala é quando se substitui a 2ª pessoa pela 1ª. Por exemplo, quando se faz um comentário em tom de brincadeira com um amigo:

> "Ah, então *estamos* de carro novo!"

Esse "estamos" neutraliza um "estás". Tem-se uma embreagem actancial enunciativa em que tanto o termo debreado como o embreado é enunciativo.

Também há possibilidade de esse mesmo discurso ser em relação a um *ele*. Nesse caso se neutralizaria a 3ª pessoa em favor da 1ª. Um actante enuncivo daria lugar a um enunciativo.

Embreagem espacial enunciativa ocorre quando, por exemplo, um locutor de rádio diz, "Esta música vai para o pessoal *aqui* do Bairro Petrópolis" e esse "aqui" está empregado no lugar de "lá". Nesse caso, o locutor usa a embreagem enunciativa para neutralizar a enunciva e, assim, criar um efeito de sentido de aproximação em relação aos ouvintes.

Resta ainda dizer que as embreagens podem ocorrer tanto no nível do narrador quanto no dos interlocutores. Quando é o narrador que neutraliza uma categoria de pessoa, tempo ou espaço, tem-se uma embreagem externa, já que é uma embreagem do enunciador (instância externa ao enunciado) que, no enunciado, se faz representar pelo narrador. Quando o interlocutor o faz, tem-se uma embreagem interna.

No caso quando o narrador diz "*Zero Hora* procurou", neutralizando a pessoa enunciativa (eu/nós), ocorre uma embreagem actancial externa.

Se, no caso da notícia anterior, sobre os alagamentos em Porto Alegre, um dos interlocutores tivesse neutralizado uma das categorias, ocorreria uma embreagem interna. Por exemplo, se Ana Cláudia da Silva Oliveira, a recicladora entrevistada, ao invés de dizer "moro aqui desde que nasci", dissesse:

> "– Estou acostumada, moro *na Ilha das Flores* desde que nasci. Mesmo com recomendações, nunca precisamos sair."

Nesse caso, ocorreria uma embreagem interna, pois seria o interlocutor que neutralizaria o "aqui" por meio de uma embreagem espacial enunciva (na Ilha das Flores).

Enfim, a debreagem consiste em "mostrar" ou "apagar" as categorias da enunciação no enunciado. A embreagem, por sua vez, consiste em "subverter"[40] as pessoas, tempos e espaços, neutralizando marcas enunciativas em favor de enuncivas, ou vice-versa.

---

[40] Termo utilizado por Fiorin (2002) em *As astúcias da enunciação*, para mostrar as possibilidades de neutralização das categorias por meio de embreagens.

Importa deixar claro que textos enuncivos são marcados por debreagens e embreagens enuncivas. Textos enunciativos são marcados por debreagens e embreagens enunciativas. E que esses mecanismos, como argumenta Fiorin, produzem efeitos de sentido no discurso:

> Não é indiferente o narrador projetar-se no enunciado ou alhear-se dele; simular uma concomitância dos fatos narrados com o momento de enunciação ou apresentá-los como anteriores ou posteriores a ele; presentificar o pretérito; enunciar um *eu* sob a forma de um *ele*, etc. Com a debreagem parece que a linguagem imita os tempos do mundo, os espaços do mundo e as pessoas do mundo. No entanto, com a embreagem, quando se apresenta uma primeira pessoa como segunda, uma terceira como primeira, um futuro do presente como presente, um futuro do pretérito como um pretérito imperfeito, um lá como um aí, etc., mostra-se que pessoas, tempos e espaços são criações da linguagem e não decalque da realidade. E assim esse modo de enunciar vai criando sentidos como aproximação, distanciamento, atenuação, irrealidade, etc. (2003, p. 181)

3.4 Enunciatividade e Oralidade *vs.* Enuncividade e Escrituralidade

De acordo com Fiorin, "no caso das categorias da enunciação, a oposição sêmica que está na base de todos os efeitos de sentido é *aproximação* vs. *distanciamento"* e, continua o autor, "*aproximação e distanciamento* foram escolhidos por metaforizarem perfeitamente a expressão ou não da fonte enunciativa, em relação à qual se ordenam tempos e espaços". (2002, p. 99, grifos do autor).

Já se apontou no início deste capítulo – e também quando se abordou o texto falado prototípico - que condições de proximidade entre sujeitos são a base para os textos marcados pela oralidade, já que a proximidade é condição intrínseca para a apreensão das marcas enunciativas (de pessoa, tempo e espaço) organizadas a partir do *eu-tu* que se instauram como sujeitos. Por outro lado, condições de distanciamento engendram textos marcados pela escrituralidade, já que o distanciamento entre os sujeitos *eu-tu* pressupõe uma formulação discursiva elaborada de forma a permitir a compreensão daquilo que foi dito num outro tempo (não agora) e num outro espaço (não aqui). As referências dêiticas, por exemplo, precisam ser mencionadas de modo que o *tu* as compreenda.

Assim, considerando *aproximação vs distanciamento* a oposição sêmica de base que determina a organização das demais categorias em relação à fonte enunciativa (eu/tu), pode-se dizer que enunciatividade está para a oralidade assim como a enuncividade está para a escrituralidade[41]. Nesse sentido, quanto mais enunciativos forem os textos, mais marcados pela oralidade e, portanto, mais efeitos de sentido de aproximação produzem. Efeitos de subjetividade, de parcialidade, de informalidade, de presentificação pertencem todos, em última instância, ao eixo da aproximação. Por outro lado, quanto mais enuncivos forem os textos, mais marcados pela escrituralidade e, portanto, mais efeitos de sentido de distanciamento produzem. Objetividade, neutralidade, imparcialidade, impessoalidade, formalidade são extensões dos efeitos de distanciamento.

É preciso ainda dizer que marcas de oralidade podem se projetar em textos escritos porque a proximidade é condição de produção do enunciado, ou podem aparecer porque se deseja simular efeito de proximidade através do enunciado.

Em outras palavras:

a) textos escritos que apresentam traços de oralidade são decorrentes de condições de proximidade entre enunciador e enunciatário;

ou

b) textos escritos marcados pela oralidade **não** são decorrentes de condições de proximidade, mas simulam e projetam proximidade para persuasão do enunciatário.

Por exemplo, num bilhete em que se enuncia:

"Mãe, vou chegar tarde hoje.

Me acorda amanhã às 8:00?

Beijos"

O texto é enunciativo porque remete a uma situação de enunciação marcada pela proximidade entre os falantes. Quando é "hoje"? E "amanhã"? E quem é o enunciador, quem o escreveu? Não é possível determinar quem é o enunciador, quando é hoje e quando é

[41] Oralidade e escrituralidade entendidas aqui do ponto de vista conceptual, conforme conceitos explorados no segundo capítulo.

amanhã estando alheio à situação de enunciação. Esses elementos todos remetem à situação de enunciação. Esse bilhete só pode ser assim produzido porque há proximidade entre enunciador e enunciatário, proximidade física, temporal, espacial e afetiva. As marcas de oralidade ali se mostram, o texto é uma projeção de fala - inclusive com as "inadequações" gramaticais - de um eu/tu, num aqui e num agora. E como todo texto persuasivo, espera uma resposta (não causar preocupação e ser acordado/a no dia seguinte às 8h). Nesse caso, a proximidade condiciona, é base da enunciação e, portanto, projeta-se no enunciado.

De outro lado, tome-se o exemplo de uma notícia de jornal. Numa notícia, não há proximidade física, nem espacial, nem temporal, nem afetiva, enfim, não há proximidade entre sujeito-destinador e sujeito-destinatário. Porém, pode-se simular proximidade através de marcas de oralidade, de marcas que simulem uma relação de aproximação, de intimidade, de fala. Nesse contexto, a proximidade não é mais condição integrante da enunciação, ela é produto da enunciação.

Quando o jornal diz:

> "Quando *você* se machuca, geralmente aparece um adulto para te socorrer, não é?"
>
> (*Zero Hora*, 29 nov. 2008)

Esse texto também é enunciativo na medida em que projeta o "você" no enunciado. No entanto, esse *você* não tem o mesmo grau de subjetividade do você ("mãe") do texto anterior. *Você* pode ser qualquer criança e todas as que lerem o jornal. Também não há uma aproximação entre jornal e leitor que justifique esse tipo de enunciação. Tampouco se deseja que o leitor responda à pergunta formulada. Aliás, tal modalidade de questionamento ao leitor constitui pergunta retórica, projetada com o intuito de aproximar enunciador e enunciatário (DISCINI, 2004). O que se tem aqui é uma **simulação** de proximidade - com todos os seus efeitos englobados (afinidade, identidade, subjetividade, familiaridade, informalidade) - através da simulação de uma conversa, de marcas de oralidade, portanto. Também remetem a uma conversação os desvios gramaticais (pronominais) que ali aparecem, assim como a estrutura sintática simples, concisa.

Para fechar este tópico, resta dizer que nas reportagens jornalísticas se mesclam estratégias enunciativas e enuncivas que concorrem para a persuasão via produção de efeitos de sentido. No trecho acima, a presença de traços de oralidade está voltada à produção de efeitos de sentido de intimidade, de proximidade com vistas à persuasão do destinatário.

Porém, ao passo que essas marcas enunciativas se mostram em algumas partes do texto, apagam-se em outras. Exemplo disso é a tradição no jornalismo noticioso da narração dos fatos em caráter de enuncividade, projetando efeitos de objetividade e distanciamento do narrador em relação ao objeto. Não é demais lembrar que, na verdade, "não existem textos objetivos, pois eles são sempre frutos da subjetividade e da visão de mundo de um enunciador. O que há são textos que produzem um efeito de objetividade" (FIORIN, 2003, p. 179).

4 RECURSOS NÃO VERBAIS À LUZ DA ENUNCIAÇÃO

É lugar comum a utilização de recursos visuais, principalmente fotografias e infográficos, aliados à linguagem verbal – que não deixa de ser também visual dada sua materialização em formas gráficas – na constituição enunciativa das notícias. No entanto, se os infográficos ficam mais restritos às composições textuais que carecem de desenhos, gráficos, ilustrações que auxiliem na compreensão do que se enfoca pelo verbal, o difícil é encontrar alguma notícia mais relevante que não venha acompanhada de uma foto, tal é a força desse elemento na linguagem jornalística. Hernandes (2006; 2009) explica que a fotografia é uma espécie de "isca" para fisgar a atenção do leitor. Seria ela a responsável pela sensibilização em primeira mão dos possíveis leitores interessados pelo conteúdo da notícia. É uma estratégia de arrebatamento voltada ao gerenciamento de atenção do enunciatário.

Entretanto, fisgar atenção do leitor em meio ao bombardeio de informações e apelos emitidos pelas diferentes mídias não é tarefa fácil. Tão exaustiva é a recorrência das matérias veiculadas em diferentes linguagens e em cada um dos meios de comunicação - rádio, jornal, revista, TV e *web* - que se cria uma sensação de *dèjá vu* acerca do que é noticiado. Nesse contexto, mais do que informações precisas, objetivas e imparciais, é preciso recorrer a elementos outros que, de alguma forma, sensibilizem o enunciatário. De acordo com Kati Caetano (2009, p. 264), para instigar o interesse pelo que é reportado, "são fundamentais os dispositivos voltados ao estabelecimento de laços sensíveis, que tem no emotivo a base imediata da intersubjetividade, como premissa dos processos cognitivos". Entre esses dispositivos figuram mecanismos que, a partir da sincretização das linguagens verbal e visual, atuam não apenas no universo do cognoscível ou do inteligível, mas também do sensível, captando e mantendo a atenção do enunciatário não apenas por aquilo que ele pode saber a

partir do texto, mas por aquilo que ele pode sentir, vivenciar em termos de emoções passionais.

A inter-relação de linguagens, segundo Gomes (2009), pode instaurar implícitos, modos de dizer sem dizer e pode fazer enxergar os fatos, o mundo re-produzido no discurso de outra forma. Abordando o papel das linguagens verbal e visual que compõem os textos jornalísticos, a autora esclarece que

> cada linguagem tem um papel e os conteúdos que veicula interagem de maneira específica. No caso do texto jornalístico, especialmente os da imprensa dita séria, percebe-se que há uma estabilização no modo de construção do relato verbal das notícias, própria do gênero, uma regularidade de procedimentos que produz o efeito de neutralidade e objetividade, talvez apenas amenizado nas manchetes e, por vezes, nos sobretítulos ou subtítulos, nos quais há lugar para a inventividade e conotação. Ao contrário, na linguagem visual, permite-se um tratamento mais elaborado e surpreendente dos elementos significantes (arranjos de formas, texturas, contrastes de cores, luz e sombra etc.), há certa instabilidade peculiar dos sentidos, "um convite inexaurível à dedução, à especulação e à fantasia", como diz Sontag (1981, p. 22), ao se referir à fotografia, decorrentes do elíptico e do alusivo, do tempo e espaço (também pessoas e objetos neles inscritos) deixados "de fora" devido ao recorte imposto pelo enquadramento. *Assim, de modo geral, à linguagem verbal fica reservado o controle dos sentidos, sua delimitação e preenchimento, enquanto à linguagem visual permitem-se a insinuação, a conotação, o acento passional e estético* (GOMES, 2009, p. 217, grifo nosso).

O apelo ao passional explica a grande quantidade de fotografias que figuram nos textos jornalísticos, principalmente na abordagem de fatos que causam comoção pública, quando as imagens vêm ampliadas, ocupando espaço da página em proporção bem maior - e mais centralizado - que o destinado ao texto verbal, quando não a página toda. Esse tipo de arranjo textual – fruto da conjunção de elementos verbais, iconográficos, cromáticos, eidéticos, topológicos - suscita a dimensão afetiva, "que tem sido vista como regente da dimensão inteligível" (GOMES, 2008, p. 84).

Mas, se nos meios impressos o fazer-saber e o fazer-sentir ficam restritos aos recursos do papel e da tinta, no universo da *web* os horizontes se ampliam. O suporte que acomoda os jornais divulgados na *internet* permite a utilização de diferentes recursos na constituição de uma notícia, como áudios, vídeos e animação gráfica. Nesse sentido, abordar a composição enunciativa de jornais *on-line* implica expandir a análise para além da linguagem verbal em

sua forma gráfica e das imagens estáticas, fotográficas ou infográficas. Os recursos que nos jornais *on-line* se aliam a essas já tradicionais formas de expressão têm significado relevante na constituição dos sentidos de um texto, já que é diferente ver uma "cena" congelada, como uma fotografia, e a projeção animada em vídeo dessa mesma "cena", por exemplo. Na fotografia, embora se possam visualizar vários aspectos não contemplados pelo verbal escrito, há outros tantos que ficam de fora e só podem ser apreendidos quando retratados através de imagens em movimento e projeção de som, como a visualização ampliada do entorno, aspectos paralinguísticos concernentes à enunciação, a linguagem corporal dos atores do enunciado, as vozes destes e as particularidades que envolvem a pronúncia, o tom, as hesitações, etc. É certo que tais aspectos, envolvidos todos na composição de um texto sincrético, atuam na construção da significação, a qual decorre da união de elementos da ordem do cognoscível e do sensível.

Antes de passar ao enfoque de diferentes elementos que figuram em notícias *on-lin*e – fotografia, infográficos, áudio, vídeos – os quais, agregados à escrita, se conjugam de forma a compor um enunciado sincrético, é oportuno definir a concepção de texto sincrético na configuração da natureza deste trabalho.

4.1 Sobre o conceito de texto sincrético

A teoria semiótica greimasiana trabalha com dois tipos de sincretismo. O primeiro tipo é oriundo dos estudos de Hjelmslev sobre fonologia. Lucia Teixeira explica que Hjelmslev entende sincretismo como

> a categoria resultante de uma superposição entre dois funtivos, ou seja, de uma comutação suspensa entre dois termos em determinado contexto. Duas grandezas são definidas como invariantes quando submetidas à prova da comutação (teve / tive, por exemplo, é um par que mostra a existência de dois fonemas vocálicos, nas primeiras sílabas, obtidos como tais por comutação em contextos semelhantes). Em outra situação, ou contexto lingüístico, as duas unidades podem contrair-se numa superposição, em que elas passam a ser variantes, e o seu sincretismo produz uma invariante (em posição átona final, por exemplo, desfaz-se a oposição e / i) (TEIXEIRA, 2004).

Saindo do nível da palavra ou da frase e aplicando este conceito na análise de narrativas, "a semiótica usa o conceito de sincretismo para designar, inicialmente, a sobreposição de funções irradiadas a partir de um mesmo elemento" (TEIXEIRA, 2009, p. 46). A autora explica esse conceito dizendo que, por exemplo, dois actantes do nível narrativo, sujeito de estado e sujeito do fazer, podem se manifestar como um único ator no nível discursivo. Cita o exemplo do personagem Fabiano, de *Vidas secas,* que materializa esta fusão de sujeitos do nível narrativo num só ator.

> O Fabiano, de *Vidas secas* é um sujeito em espera, embrutecido pelas condições adversas, fixado a uma expectativa de imobilidade, pronto a ser submetido à força árida do ambiente; no entanto, num certo ponto dessa linha do tempo contínua e átona, a absoluta desolação da paisagem o tocará de modo diferente e intenso e ele se moverá. Transformado em sujeito do fazer, leva com ele sua família e passa a conduzir não só a trajetória daquelas vidas desesperançadas, mas também o próprio rumo da narrativa. Há, portanto, no mesmo ator, a acumulação de dois papéis narrativos, o de sujeito de estado, definido pela junção com o objeto (Fabiano está ligado à terra), e o de sujeito do fazer, definido pela relação de transformação (Fabiano se disjunge da terra e se movimenta) (TEIXEIRA, 2009, p. 47).

Nesse contexto, "o papel actancial que os reúne é o resultado de um sincretismo" (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 467). A esse primeiro conceito de sincretismo como junção de papéis actanciais vem aliar-se um outro tipo de sincretismo: o que diz respeito à união de diferentes linguagens na constituição de um todo de sentido. É a este que se volta a atenção neste estudo.

Greimas estabelece como segundo tipo de sincretismo o das chamadas semióticas sincréticas "que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 467). Ainda no mesmo verbete, Greimas chama a atenção para o fato de que: "da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo lingüístico: inclui igualmente elementos paralinguísticos (como a gestualidade ou a proxêmica), sociolinguísticos, etc." Assim como na linguagem verbal oral, tais elementos são significativos na composição de textos sincréticos verbovisuais e audiovisuais, já que entram na constituição do todo de sentido agregando "informações" outras não expressas pelo verbal mas importantes para a construção da significação do todo.

Preservando as noções de superposição e de contração aplicadas na linguística e nas narrativas, o conceito de sincretismo se amplia "para designar como sincrético um objeto que, acionando várias linguagens de manifestação, está submetido, como texto, a uma enunciação única que confere unidade à variação" (TEIXEIRA, 2009, p. 47).

Em outras palavras:

> Objetos sincréticos, para dizer com mais rigor, são aqueles em que o plano de expressão se caracteriza por uma pluralidade de substâncias[42] mobilizadas por uma única enunciação cuja competência de textualizar supõe o domínio de várias linguagens para a formalização de uma outra que as organize num todo de significação (TEIXEIRA, 2004).

Fiorin (2009) esclarece que, nas semióticas sincréticas, o sincretismo não é só do conteúdo, mas também da forma da expressão. No plano de conteúdo de textos noticiosos, por exemplo, há contração e superposição de informações - que se manifestam em diferentes linguagens - acerca de um mesmo fato. Da mesma forma, no plano da expressão ocorre a contração e a superposição de diferentes linguagens que se voltam à construção de um plano de conteúdo, de uma enunciação única, com um só plano de expressão que confere unidade ao todo. A sincretização é, portanto, um mecanismo de enunciação que agrega uma pluralidade de linguagens para construir um texto. Para Fiorin, "melhor do que falar em semióticas sincréticas seria dizer textos sincréticos" (2009, p.38). As notícias de jornais *on-line*, produzidas a partir da conjunção de várias linguagens (gráfica, sonora, visual, audiovisual) em um arranjo único, com um único plano de conteúdo e de expressão, constituem, portanto, textos sincréticos.

Vale ressaltar que é o sujeito da enunciação quem conjuga essas linguagens num todo de significação, dando forma a um plano de conteúdo materializado em um plano de expressão. A utilização de diferentes linguagens, portanto, é uma escolha do enunciador a

---

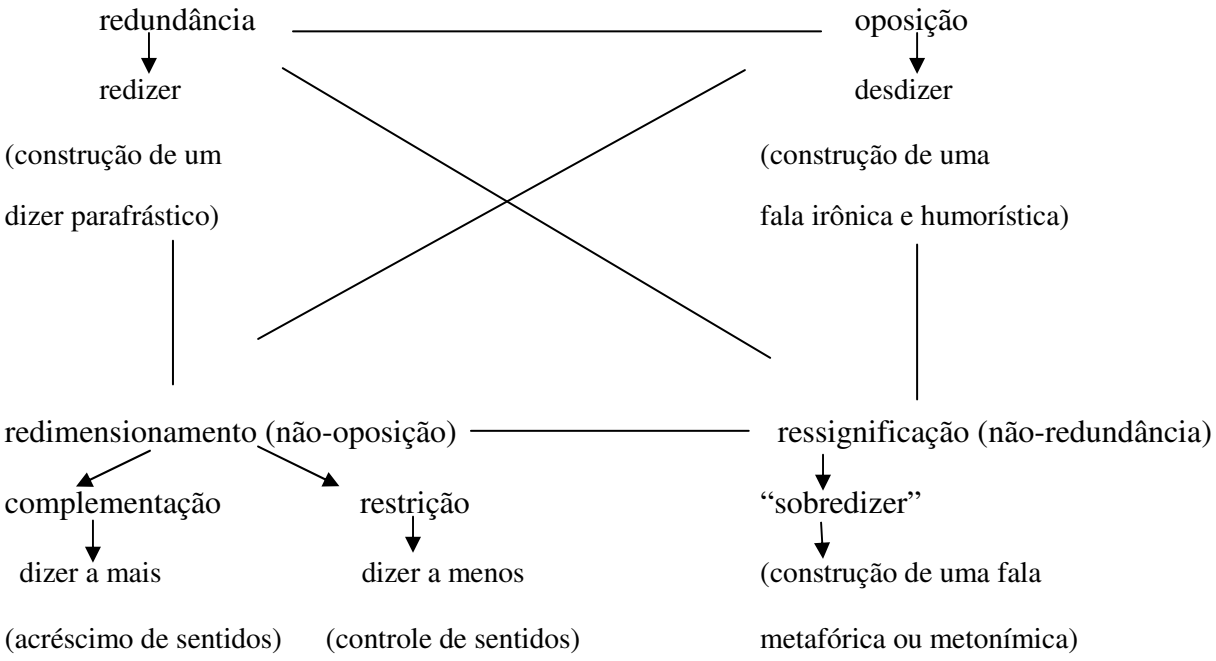
[42] Substâncias são aqui entendidas como "matérias" capazes de se manifestar em diferentes formas de linguagens. Uma matéria fônica (som), por exemplo, pode servir de substância à linguagem verbal e à musical.

serviço da persuasão. Assim como o são as escolhas linguísticas e a opção por projetar ou "apagar" as categorias da enunciação no enunciado. De acordo com Gomes,

> no jornal, o recurso de sincretizar diversas linguagens chega a ser mesmo uma necessidade, uma maneira de o sujeito da enunciação colocar em ação não só o permitido e o obrigatório, a verdade construída segundo a fôrma do aceitável, *mas também o indizível (ou por ser proibido ou por ser ainda inominável), no entanto já visível e experimentado*. Constrói-se, assim, ao lado do dizer sério e controlado pelas injunções do gênero e dos limites ideológicos, de modo sorrateiro ou sugestivo, o implícito, o humorístico, o *sensível, a emoção inefável* (2009, p. 216, grifo nosso).

Nesse sentido, não se pode pensar que as diferentes linguagens em um texto sincrético apenas reiterem conteúdos já expressos por outras. Teixeira (2004) explica que a função de um discurso *pluricódigo* seria, inicialmente, a redundância, mas não no sentido de repetição, e sim no sentido de adensamento de conteúdos. Segundo a autora, as relações entre as linguagens podem ser contratuais ou polêmicas. São contratuais quando as várias linguagens convergem no intuito de reforçar um mesmo ponto de vista. São polêmicas quando a manifestação de uma das linguagens se choca com o ponto de vista apresentado por outra (quando, por exemplo, numa mesma página de jornal aparece um texto verbal defendendo um ponto de vista e uma charge que a ele se opõe, ironiza-o, questiona-o).

A partir do raciocínio de Teixeira (2004), Gomes (2009) propõe uma espécie de gradação em torno da reiteração e da oposição entre linguagens no plano do conteúdo. Entre esses dois pólos estariam o redimensionamento (por complementação: quando uma linguagem acrescenta sentidos ao que diz a outra, ou por restrição: quando uma limita a significação da outra) e a ressignificação (quando há um dizer transformado, quando uma linguagem ressignifica outra através de um dizer metafórico ou metonímico). O esquema proposto por Gomes (2009, p. 218) é o seguinte:



Importa destacar, portanto, que as linguagens não verbais não servem apenas para reiterar conteúdos expressos pelo verbal. Cada linguagem inscrita num arranjo sincrético é, de certa forma, dotada de elementos de significação que aliados a elementos de outras linguagens constroem conjuntamente o sentido global do objeto sincrético. Um texto visual, como uma fotografia em uma notícia, por exemplo, não está ali apenas para repetir o já dito pela linguagem verbal. A imagem traz consigo elementos de significação não contemplados pelo texto escrito, assim como desperta o leitor para "informações" da ordem do indizível, do sensível, do passional.

4.2 As linguagens não verbais e a construção dos sentidos no jornal

Alguns recursos não verbais característicos dos textos impressos se repetem na composição de textos sincréticos do jornal *on-line*, como as fotografias e os infográficos. Já outros emergem das possibilidades específicas do suporte, como os áudios e vídeos. No entanto, mesmo os que já eram utilizados em grande escala pelo jornalismo impresso ganham

novos contornos. Aos infográficos se adiciona animação gráfica, fazendo com que ícones se movimentem e se desloquem na tela quando acionados. As fotografias ganham mais espaço, são em número mais expressivo, mais coloridas, mais "vivas" e ganham proporções maiores na tela. Os áudios possibilitam ouvir o depoimento dos atores do enunciado, assim como suas hesitações, reformulações, os ruídos do ambiente, a emoção na voz; e os vídeos, condensando a linguagem verbal e a visual em um só suporte, permitem ver, ouvir e sentir além do que se diz ou se mostra.

Essa confluência de recursos leva à produção de efeitos de sentido mais intensos na medida em que diz mais, mostra mais, sensibiliza mais, como se se buscasse "jogar" o leitor para dentro da cena enunciativa ou da cena dos fatos narrados.

A seguir, apresentam-se, um a um, os principais recursos não verbais que, utilizados na constituição de notícias *on-line*, produzem determinados efeitos de sentido. É importante frisar, porém, que tais recursos se inserem na composição de um todo de sentido cuja significação global é determinada pelo arranjo entre as partes.

4.2.1 Os infográficos

A infografia é um recurso utilizado de longa data no jornalismo, une linguagem verbal e não verbal para representar fatos ou situações não possíveis de explicar apenas utilizando palavras ou fotografias. O conceito de "infográfico" vem assim definido por Rabaça "criação gráfica que utiliza recursos visuais (desenho, fotografias, tabelas, etc.), conjugados a textos curtos, para apresentar informações jornalísticas de forma sucinta e atraente, em **jornalismo impresso**, **telejornalismo** ou **webjornalismo**" (2001, p. 388, grifo do autor).

Para explicar esse tópico, tomemos como exemplo o infográfico abaixo, sobre acidente ocorrido com uma aeronave da TAM, em julho de 2007, no aeroporto de Congonhas.

Fonte: *Zero Hora*, 18 de julho de 2007, p. 3

Este infográfico faz parte de uma da reportagem especial sobre o acidente com a aeronave da TAM. Nele, ao mesmo tempo em que se busca reconstituir os passos da aterrissagem mal-sucedida do avião, que acabou se chocando com um prédio e explodiu, também se apontam outros detalhes relacionados ao fato. Aparecem imagens da aeronave em diferentes ângulos, dados sobre ela (envergadura, comprimento, altura, capacidade),

informações sobre o número de ocupantes, projeções em forma de mapas explicando a origem e o destino do vôo. Reunindo recursos verbais e não verbais (traços, balões, desenhos, mapas, cores) num único quadro, percebe-se uma tentativa de reconstruir, de "materializar" o que a mente até poderia imaginar através de um relato verbal, mas sem a precisão do que ali se projeta. Aliás, seriam necessárias muitas palavras para explicar todas as informações condensadas no infográfico, e mesmo que o leitor tivesse o tempo e a disposição para lê-las detalhadamente, o efeito não seria o mesmo.

Percebe-se, no exemplo acima, que o momento da aterrissagem é o destaque do infográfico, seja pela disposição topológica que a cena ocupa na composição do arranjo (espaço superior direito), seja pela forma como os elementos não verbais ali dispostos tentam reproduzir o real. O desenho do avião pousando na pista, as setas dando ideia de movimento e indicando o percurso feito, a cidade ao fundo, o fogo e a fumaça oriundos do choque contra o prédio, bem como as cores do arranjo em tons de cinza, remetendo ao dia chuvoso do acidente, denotam uma tentativa de recriar visualmente o ocorrido nos instantes de maior tensão da tragédia. É certo que, nesse arranjo, as informações verbais contribuem com o enriquecimento de detalhes, agregando informações ao visual, mas seria bem mais complexo descrever em palavras o que a imagem evidencia. Não é à toa que o infográfico ganha uma página inteira na constituição de uma notícia de três páginas.

Os infográficos, na medida em que "desenham" os objetos, a trajetória dos acontecimentos, criam efeitos de sentido capazes de aproximar o leitor do objeto da notícia. A visualização, a iconização do dito permite maior interação entre leitor e fato. Esses efeitos de aproximação tendem a se acentuar nos jornais *on-line*, já que, graças à animação gráfica, movimentos apenas sugeridos (ou pensados) nos jornais impressos são virtualmente realizáveis. Por exemplo, o pouso do avião na pista poderia ser reconstituído por um "ícone" da aeronave em movimento baixando na pista e perfazendo o trajeto, assim como as chamas e a fumaça do prédio surgiriam no momento do choque e ganhariam movimento. Um desenho da aeronave poderia se mover de forma que esta pudesse ser observada por diferentes ângulos, mostrando largura, comprimento, capacidade, espaço interno, etc. O mapa ilustrando o local de origem e o de pouso do avião poderia contar com o recurso do *Google Earth*, que, utilizando imagens de satélite, reproduziria na tela uma imagem aproximada do local dos fatos. Enfim, as possibilidades são muitas e esses são apenas alguns exemplos do que se vê em termos de animação gráfica no intuito de trazer "vida" aos infográficos. O certo é que tais

recursos intensificam efeitos de sentido de aproximação entre leitor e objeto narrado, já que a materialização deste implica o saber mais e o sentir mais, na proporção em que se vê mais.

4.2.2 As fotografias

As fotografias constituem recurso persuasivo de há muito utilizado na manipulação do enunciatário, seja porque produzem efeitos de sentido de realidade ou referente, seja porque possibilitam dizer o "indizível", como propõe Gomes (2009).

As fotografias, por suas qualidades icônicas, "reproduzem" imagens de sujeitos, de objetos, de situações, enfim, dos fatos noticiados, como se não bastasse o dizer figurativizado - que, no nível discursivo, dá nome aos atores, determina o quando e o onde dos acontecimentos -, precisando ser este reforçado pelo "ver" para ter estatuto de verdade, de realidade. Uma notícia sobre um encontro do Presidente do Brasil com outro líder de estado, como o Presidente dos EUA, por exemplo, certamente virá acompanhada de uma fotografia capaz de materializar visualmente o dito, englobando ambos os atores do enunciado (*eles*) num determinado espaço que melhor concretize o espaço dos fatos informado no verbal. Não porque seja necessária uma fotografia para que saibamos que o presidente do Brasil é Lula e que o dos EUA é Barack Obama, nem tampouco para que se possam apreender as características físicas de um ou de outro, ou a relação diplomática que ambos mantêm, mas porque a materialização de um breve momento desse encontro em forma de imagem traz ao arranjo textual uma espécie de ancoragem no real, já que a imagem, como diz Landowski, é "com efeito, de início, por si mesma*, presença*" (2002, p. 126). Assim, os atores e o espaço instalados no texto por meio de debreagens enuncivas ganham materialidade visual.

Essa materialidade visual permite apreender mais do que o dito pelo verbal, já que possibilita a apreensão de detalhes não descritos no texto, como expressões faciais, gestualidade, distribuição proxêmica, entorno, etc. Assim, embora represente um simples flash de instante, a imagem vem carregada de significação. Vale lembrar que as imagens não apenas reiteram o dito, mas o redimensionam, o ressignificam ou o contradizem (GOMES,

2009). Tomando como exemplo uma notícia publicada no jornal *O Globo*, em 10/05/02, sobre debate promovido pela Confederação Nacional da Indústria, em Brasília, entre empresários e o, na época, pré-candidato do PT à presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, Gomes (2009) demonstra que o tom conciliatório e amigável entre os participantes do encontro narrado no verbal não confere com o que é apresentado nas fotografias, as quais reforçam posições de desconfiança e hostilidade entre os sujeitos. Nesse caso, as imagens se contrapõem ao discurso verbal. No entanto, independentemente da relação travada entre texto verbal e fotografia, importa que esta última tem o apelo subjetivo que nem sempre é possível contemplar no verbal, dadas as coerções do gênero jornalístico. Assim, a objetividade, a imparcialidade e o distanciamento que se imprimem como características intrínsecas desse tipo de discurso escrito são atenuadas pelos efeitos de subjetividade e de aproximação que as fotografias projetam. Aproximação entre enunciador e enunciatário, dado que pontos de vista subjetivos se dão a conhecer; aproximação entre leitor e objeto de notícia, dada a materialização de elementos que remetem à cena narrada.

Também não se pode esquecer que as fotografias, além de efeito de realidade, e talvez mesmo por remeterem a situações do mundo real, despertam o leitor para o universo do sensível, do passional. Os jornais narram dramas e alegrias passíveis de serem partilhados pelos leitores a que se dirigem. Os infortúnios e sucessos das figuras humanas ali "actorializadas" afetam os leitores porque há uma espécie de identificação do leitor com os atores do enunciado. O que lhes aconteceu poderia acontecer a qualquer um (GOMES, 2008).

Nesse contexto destaca-se a força da fotografia como elemento capaz de evocar sensações que podem ser comungadas por leitores. De acordo com Gomes (2008, p. 84), numa imagem fotográfica, a emoção percebida "pode evocar reminiscências, fazer recordar a vivência de uma dor, tornar-se uma presença que 'convoca outra, mais distante, mas que responde como um eco' (LANDOWSKI, 1999, p. 277), causando uma impressão sensível que contagia aquele que a pressente". A dor do outro pode comover, fazer sofrer junto.

A paixão do desespero por perda de ente querido em tragédias, por exemplo, geralmente se materializa em fotografias que retratam cenas de enterros:

> A perspectiva pode estar mais próxima ou mais distante, mas, invariavelmente, é possível ver os olhares baixos ou perdidos, muitas vezes discretamente protegidos por óculos escuros, a face com expressão contraída, o choro, ombros caídos, traços que

> nos dão a ver a dor imprimida nos rostos e no corpo dos familiares e amigos que constituem a cena. A emoção aparece tanto na somatização da pena quanto na gestualidade e no comportamento: o toque, os corpos enlaçados, apoiando-se mutuamente, o enxugar das lágrimas, a circunspecção. Esse quadro condensa o clímax da intensidade do sofrimento e da percepção categórica da perda (GOMES, 2008. p. 84).

Assim, "a cena vista pode se tornar também uma cena sentida. Os afetos reconhecidos podem sensibilizar o enunciatário e comovê-lo" (GOMES, 2008, p. 84). Para além do fazer-saber, as imagens podem, então, fazer-sentir, estabelecendo efeitos de aproximação entre leitores e fatos narrados, já que as paixões ali apresentadas são, em alguma medida, conjugadas, experienciadas pelo enunciatário.

Nas palavras de Ana Cláudia de Oliveira,

> Com o desenvolvimento estésico, sinestésico, multi e polissensorial, a plástica sincrética produz *experiências sensibilizantes que são armadas pelo enunciador como uma instância de produção de efeitos de sentido em ato, mesmo que, na experiência midiática, os parceiros estejam distanciados e não corpo a corpo, face a face.* Os mecanismos discursivos são variados em seus processamentos sincréticos dos modos de pôr o enunciatário em um estado de maior ou menor abertura em termos de disponibilidade à construção do sentido, que atua assim como uma experiência, um vivido. Contextualizada na situação de envolvimento do destinatário, a experiência torna a enunciação passível de ser descrita em seus procedimentos de afrouxamento das distâncias entre o mundo das linguagens e o mundo vivido (2009, p. 98, grifo nosso) .

Por fim, há que se destacar que as debreagens enuncivas e enunciativas, tão utilizadas na linguagem verbal para produzir efeitos de afastamento ou de aproximação[43], também podem ser constatadas na linguagem visual.

No caso das fotografias, de acordo com Gomes (2007, p. 59), as debreagens enuncivas ou enunciativas estão relacionadas a recursos como "a perspectiva em que se enquadram as

[43]Lembrando que, como explicado no capítulo anterior, efeitos de sentido de objetividade, imparcialidade, neutralidade, impessoalidade pertencem todos ao eixo do afastamento; enquanto a subjetividade, a parcialidade, a pessoalização pertencem ao eixo da aproximação (cf. FIORIN, 2008).

figuras no enunciado, sua inserção no conjunto, englobadas ou cercadas pelas margens ou extrapolando-as, a definição de contornos ou sua diluição, criando efeito de proximidade ou distanciamento". Mas um dos principais procedimentos destacados pela autora é "a tomada do olhar dos atores que formam a cena, indicando o modo de presença da enunciação no enunciado, instaurando pistas que determinam um modo de ver e sentir o conteúdo enunciado". Corroboram essa afirmação as palavras de Landowski (2002, p. 130), de que "são sobretudo os olhos, ou melhor, é o olhar (aquele que a imagem cria) que, conjugado a outros procedimentos cenográficos, consegue produzir esse milagre: *o simulacro de uma presença*".

Nesse sentido, Gomes (2007, p. 59) analisa notícias de jornais no intuito de ilustrar a manifestação de embreagens enunciativas e enuncivas tanto no texto verbal como no visual. Como exemplo de debreagem enunciativa visual, a autora cita uma notícia publicada em *O Globo*, de 08/05/2002, sobre a prisão de um traficante e cuja fotografia retrata "um homem algemado, com olhar desafiador e sorriso sarcástico" que, segundo a autora, confirma o julgamento do repórter expresso na manchete: *Celsinho debocha da prisão*. Explica a autora que a imagem fixa não diz muita coisa sobre o desenrolar dos fatos, o que fica por conta do texto verbal, mas é ela quem primeiro capta a atenção do leitor.

> Ocupando a metade superior da página, centralizada, a fotografia impõe-se com uma presença intrigante e incômoda. A figura do traficante, retratada da cabeça até a altura das pernas, abrange quase todo o limite do quadro. Seu rosto, pendendo ligeiramente para a esquerda, em posição frontal, *tem o olhar desafiador direcionado para o enunciatário*. Um sorriso cínico, debochado, ajuda a compor o perfil desse ator (GOMES, 2007, p. 59, grifo nosso).

Segundo a autora, a debreagem enunciativa se concentra, principalmente, nesse "olhar voltado para fora [que] convoca o enunciatário, instaura-o no enunciado, presentifica a relação comunicativa *eu/tu*, trazendo-a para o espaço e o tempo da enunciação." Nesse sentido, Gomes fala de um sincretismo entre ator do enunciado e enunciatário, na medida em que o ator parece se dirigir ao leitor como numa interação face a face.

> Estabelece-se, assim, um sincretismo entre o actante do enunciado e o enunciatário, a quem o ator *Celsinho* se dirige de maneira tão impertinente. Dessa forma, por meio do mecanismo sintático da debreagem enunciativa e do sincretismo de actantes de diferentes graus de projeção, o enunciado visual reinvoca, a cada vez que se vê a foto, um simulacro de uma presença intersubjetiva (GOMES, 2007, p. 59).

Essa foto, conforme Gomes, reclama também uma reação passional do leitor, de repulsa (medo ou indignação) e o convoca a tomar uma posição, já que o olhar desafiador do bandido - que segundo o texto verbal é direcionado à polícia, pois o traficante declara que mesmo preso continuará comandando o tráfico - parece também desafiar o leitor. Assim, a foto "aparentemente redundante produz um efeito que o discurso verbal não poderia invocar de modo tão intenso" (2007, p. 59).

Por outro lado, debreagens enuncivas ocorrem quando o enunciatário não é projetado para dentro da situação enunciada como sujeito da interação. Por exemplo em fotografias cujos atores são retratados de costas, de cima, ou com os olhares voltados a elementos da própria cena enquadrada, "de modo que o observador possa fitá-los sem ser descoberto" (GOMES, 2007, p. 59). Nessas imagens, segundo a autora, o enunciatário apenas espia a cena, e a espia a distância, protegido, fora da cena enunciada.

Destaca-se ainda a participação de elementos de ordem sensível ou afetiva na construção de debreagens enunciativas na instância visual, os quais instauram um posicionamento, um modo de ver o mundo por parte do enunciador. Nesse sentido, Gomes (2007) explica que uma fotografia que aparentemente não tem correlação com o texto escrito, na medida em que não "representa" uma cena narrada, pode assumir um caráter enunciativo que, por meio da combinação de elementos (figuras, traços, cores, luz e sombra, enquadramento, etc.,), demonstra um modo de ver e sentir do enunciador, o qual se mostra ao enunciatário e com ele dialoga quando propõe como inteligível tal imagem. Nesses casos, mesmo que haja o relativo distanciamento e objetividade construídos pela projeção dos actantes e espaço, "a interferência do enunciador se faz pelo arranjo dos elementos expressivos e sua homologação particular com os conteúdos" (GOMES, 2007, p. 59). Seria esse o caso da ressignificação, quando o enunciador utiliza um dizer metonímico ou metafórico que, no seu ponto de vista, remete aos fatos narrados.

Também são consideradas enunciativas as imagens quando estas extrapolam os limites do enquadramento, com a diluição do contorno das formas, criando um efeito de aproximação intenso entre a cena narrada e/ou o ator do enunciado e o leitor.

4.2.3 Os áudios[44]

O discurso direto é um recurso amplamente empregado na composição de notícias jornalísticas, seja por sua capacidade de eximir o enunciador da responsabilidade sobre o enunciado, seja porque, ao projetar as supostas "falas literais" de sujeitos envolvidos no fato, produz efeitos de sentido de verdade, de realidade, de imparcialidade.

Essa estratégia persuasiva ganha novas nuances na composição dos jornais *on-line*. Além da reprodução dos depoimentos através do texto escrito – prática ainda muito corriqueira no jornalismo da *web* - as notícias *on-line* contam com recursos de áudio através dos quais se pode literalmente ouvir os enunciadores. Essa prática pode ser percebida tanto na instância do narrador - quando este, através de uma debreagem interna de 2º grau, delega voz a um interlocutor, geralmente um repórter -, ou na instância do interlocutor, quando este, numa debreagem interna de 3º grau, instaura no enunciado um novo ator (entrevistado) com quem dialoga. É possível comparar esse processo ao das notícias no radiojornalismo[45], quando o "âncora" do programa, ou apresentador (que seria o narrador) chama um repórter (interlocutor 1) que entrevista um determinado sujeito (ou mais de um) (interlocutor 2, 3...).

O discurso desses interlocutores será medialmente falado, embora nem sempre seja conceptualmente falado. Por exemplo, o narrador delega voz a um repórter para que este explique como ocorreu determinado fato. O repórter pode "falar espontaneamente" sobre o

---

[44] Embora a linguagem dos áudios seja a verbal, optamos por inseri-los na abordagem dos recursos não verbais por entendermos que há outras grandezas de ordem semiótica que se imiscuem na expressão do oral e atuam, sobremaneira, na construção da significação.

[45]Construções idênticas também se verificam no telejornalismo. No entanto, evitar-se-á de falar aqui em telejornalismo porque este remete à ideia de imagens visuais em conjunto com os sons, o que será abordado depois, no tópico sobre os vídeos.

fato (deixando transparecer marcas de oralidade, como entonação, pausas, hesitações típicas da fala, etc.), ou pode "ler" o que escreveu sobre o fato (suprimindo marcas de oralidade). No primeiro caso, tem-se um enunciado medialmente falado e conceptualmente falado, já que aparecem, em alguma medida, marcas de oralidade constitutivas deste tipo de discurso na composição do mesmo. No segundo caso, tem-se um enunciado medialmente falado, mas conceptualmente escrito, em que predominam[46] marcas de escrituralidade.

Destaque-se ainda que numa interação falada face a face propriamente dita, os sujeitos da interação se situam como eu/tu, no aqui e no agora da enunciação. Essa situação de enunciação pode ser, de certa forma, reproduzida pelos áudios. Tendo em conta que a oralidade e a escrituralidade estão relacionadas às relações de proximidade e distanciamento entre os sujeitos envolvidos na comunicação, pode-se dizer que quando um repórter se insere numa determinada cena enunciativa e dialoga face a face com um entrevistado no espaço do aqui e no tempo do agora projetam-se no texto efeitos de sentido que remetem a um simulacro daquela enunciação, aproximando dela também os leitores.

Ao abordar o discurso direto nos textos escritos, Maingueneau (2008, p. 140) diz que este "se caracteriza pelo fato de dissociar claramente as duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado". A enunciação do discurso citante (do narrador) engloba a enunciação do discurso citado (dos interlocutores). Essa enunciação quando é medial e conceptualmente falada, assume maior concretude, parece mais verdadeira, menos manipulável.

No radiojornalismo, a inserção de áudios com depoimentos de entrevistados recebe a denominação de "sonora". As sonoras têm como objetivo principal despertar e manter a atenção do público, que se deixa envolver não apenas pelo conteúdo destas, mas pelas formas do dizer, pela subjetividade que nelas se inscrevem.

---

[46]Vale lembrar que, em se tratando de conceptualidade oral ou escritural, não se pode falar em termos de manifestação absoluta de uma ou de outra nas notícias, mas sim em predominância de uma ou de outra de acordo com as marcas que mais se manifestam no enunciado. Por outro lado, é preciso levar em conta que os repórteres, mesmo quando leem um texto, procuram, dar-lhe um ar de naturalidade que aproxime a leitura da fala (HERNANDES, 2009).

> As sonoras devem ser o mais opinativas possível. O contexto e o enredo devem estar no texto redigido pelo editor. O editor não opina no texto, que opina é o entrevistado. Sonoras opinativas são sempre mais contundentes e chamam mais a atenção do ouvinte [...]. Sonoras que contêm emoção também rendem boas edições. Um choro, uma gargalhada ou uma frase em tom de desabafo às vezes dizem mais que uma declaração de 50 segundos (BARBEIRO e LIMA, 2003, p. 79).

Nos depoimentos sonoros, a emoção dos atores pode ser captada pelo ouvinte. Um tom irônico, debochado, indignado, irritado ou alegre será "sentido" pelo ouvinte, já que não apenas o enunciado (o conteúdo) se dá a conhecer, mas também o modo do dizer (a expressão, a enunciação). Além do mais, através dos áudios o ouvinte pode apreender elementos outros que também contribuem para a significação, como os paralinguísticos e sociolinguísticos, apontados por Greimas (2008, p. 467) como integrantes de uma interação verbal oral. Os sotaques, aspectos de prosódia e ortoépia, as hesitações, as pausas, as correções, as reformulações, as frases incompletas - elementos esses que não se mostram nos textos escritos por serem característicos de interações faladas marcadas pela proximidade - podem se mostrar nos áudios. Interagem, assim, elementos da dimensão do sensível e do inteligível na construção do enunciado. Ao se manifestarem tais características nos áudios, produzem-se efeitos de sentido de verdade e de realidade mais intensos. Também se diminui a distância entre ouvintes/leitores e atores do enunciado, já que se "ouve" e "sente" a voz do sujeito que fala, que expõe sua opinião, suas concepções subjetivas, através de uma forma de expressão em que afloram características intrínsecas deste.

Outra questão relevante nos depoimentos em áudio são os "ruídos". Hernandes (2009, p. 276) explica que os ruídos são interpretáveis pelos ouvintes como incidentais, como interferências, barulhos decorrentes do mundo real que aparecem em gravações realizadas fora do estúdio. Nesse sentido, os ruídos dão concretude ao discurso por "fazer com que os ouvintes reconheçam os sons do cotidiano". Por exemplo, quando um repórter está numa movimentada avenida para, de lá, narrar um fato, os barulhos de automóveis passando, de buzinas, a própria difusão do som - que em tais circunstâncias não será tão nítido - constituem aspectos importantes que, em alguma medida, "remetem" o ouvinte à situação de enunciação, já que evocam "imagens" de situações em que aparecem tais ruídos. Ainda,

> o som "sujo" – com muitos ruídos e baixa qualidade de emissão – sugere maior valor afetivo da notícia, imediatismo, proximidade. O repórter parece estar em uma situação sem grandes possibilidades de controle, o que soa para o ouvinte como algo menos mediado, editado, e, por isso mesmo, mais verdadeiro (HERNANDES, 2009, p. 277).

Por fim, acrescente-se a isso que, nos áudios, podem-se inserir músicas de fundo que acompanhem ou introduzam declarações dos entrevistados. Não tão comum em reportagens do jornal *on-line*, o recurso da música de fundo aparece mais em reportagens do *impresso digital* e acompanha depoimentos gravados em vídeos, principalmente quando se mostram cenas desoladoras e sujeitos que, inseridos em tal contexto, relatam seus dramas. Importa destacar que também a música contribui para imprimir um modo de "ouvir" e "sentir" tais depoimentos, agindo na dimensão do sensível, do afetivo, e, por isso, tornando mais intenso o dito.

4.2.4 Os vídeos

Não por acaso os vídeos fecham a lista de recursos não verbais ora apresentados. Os vídeos aliam os elementos significantes da linguagem verbal e da não verbal, acrescendo-lhes a possibilidade de animação, de movimentos. Quanto mais bem forem representados os sujeitos, os objetos e os cenários constituintes dos fatos, mais intensos serão os efeitos de sentido que convergem para a persuasão do leitor.

Se nos áudios podem-se apenas ouvir os interlocutores "descolados" do contexto situacional e, nas fotografias, apenas vê-los, nos vídeos é possível vê-los e ouvi-los ao mesmo tempo, e vê-los "situados" no espaço da enunciação do discurso citado. Os movimentos (dos atores e dos objetos que integram o ambiente) e os sons (verbais, musicais, ruídos) capturados pela câmera permitem perceber grandezas de ordem semiótica que participam diretamente da construção da significação (elementos do entorno, tom de voz, gestualidade, expressões faciais, etc.). Nesse sentido, os vídeos concentram a força do áudio e da imagem em

movimento numa só forma de expressão, intensificando e acentuando, por meio dessa fusão, os efeitos de sentido que esses recursos projetam.

No que tange às debreagens internas para delegação de vozes, os vídeos seguem o exemplo do que ocorre quando da inserção de "sonoras", de depoimentos em áudio. Ou seja, o narrador – que, no caso das notícias jornalísticas, é quem relata por meio do texto escrito os acontecimentos e remete o leitor aos depoimentos em áudio e vídeo - delega voz a um repórter (interlocutor 1) que, geralmente situado no espaço onde ocorreu o fato, fala sobre um determinado acontecimento e/ou entrevista alguém (interlocutor 2) sobre o ocorrido. Esses interlocutores instaurados como sujeitos da enunciação do discurso citado, ao se expressarem verbalmente podem fazê-lo instaurando as categorias da enunciação eu/tu, aqui, agora no enunciado, ou não. De suas escolhas quanto aos modos de dizer também emergem efeitos de sentido de aproximação ou distanciamento. Assim, se o narrador se enuncia através de debreagens enuncivas, no intuito de produzir efeitos de sentido de distanciamento em relação aos fatos, os interlocutores, através da utilização de categorias enunciativas, podem produzir efeitos de sentido de aproximação, inclusive ancorando, através da imagem, o eu/tu e o aqui da enunciação.

Diferentemente dos discursos em áudio, os vídeos permitem ver e ouvir os atores que falam e se movem em determinado cenário. Assim, embora a estratégia seja a mesma, os efeitos de sentido não são idênticos, pois os vídeos concretizam situações que não se dão a conhecer através dos áudios. O cenário em que estão inseridos, a linguagem corporal, as expressões faciais, os movimentos de aproximação ou afastamento entre os sujeitos, o modo harmônico ou desarmônico como interagem, suas características pessoais, as variantes linguísticas que utilizam, os elementos envolvidos na expressão oral, o dito e o como foi dito, e até mesmo os silêncios instaurados nas pausas e hesitações dos sujeitos que falam se materializam nos vídeos. Esses elementos que convergem na construção da significação podem ser apreendidos pelo leitor, suscitando neste a sensação de proximidade em relação ao fato narrado e aos sujeitos envolvidos.

Além disso, expandindo as proposições de Gomes (2007) acerca da instauração de debreagens enuncivas ou enunciativas em fotografias, também as imagens em vídeo assumem caráter enunciativo ou enuncivo dependendo do modo como se projetam na tela. O repórter, por exemplo, pode falar sobre o acontecimento posicionando-se de frente para câmara e voltando seu olhar para o leitor. Também o entrevistado (interlocutor) pode assim proceder.

Nesse caso, a exemplo da análise de Gomes acerca da fotografia que compunha o texto sobre a prisão do traficante Celsinho, ocorre uma debreagem enunciativa que instaura o leitor como parceiro da interação verbal, como o "tu" da troca entre sujeitos, é a ele que se dirige o discurso.

Pode-se dizer que ocorre debreagem enunciva quando as imagens reproduzem um certo distanciamento do repórter em relação ao fato narrado. Por exemplo, quando imagens sobre um determinado fato são expostas numa perspectiva não-próxima, numa filmagem que acolhe imagens distantes e em que apenas se ouve a voz de um repórter narrando – num momento posterior à captação das imagens - o que aconteceu, sem que o narrador (repórter) apareça no vídeo. Nesse caso, o distanciamento da tomada de câmera em relação ao objeto focalizado e do repórter que não se mostra e não se aproxima da cena denuncia a instauração de um discurso enuncivo. O leitor só espia os fatos, e os espia a distância.

Destaque-se, porém, que, nos vídeos, geralmente o repórter e o entrevistado olham para a câmera, instaurando o leitor como interlocutor do discurso. Ao mesmo tempo, os recursos de *zoom* que agem na fotografia, aproximando objetos que extrapolam o enquadramento, também agem nos vídeos, trazendo para perto do leitor "pedaços" de cenários, de objetos, movimentos de sujeitos que numa perspectiva globalizante ficariam "invisíveis" (aos olhos e à difusão de outros sentidos). Considerando que os efeitos de sentido de aproximação são do eixo da enunciatividade, essa perspectiva de aproximação pode ser considerada uma embreagem enunciativa, uma estratégia para neutralizar a distância inicial (debreagem enunciva) estabelecida entre o cenário/objeto de notícia e o enunciador (o câmera). Assim também se neutraliza a distância entre o cenário/objeto de notícia e o leitor. Sem esquecer que é a subjetividade do enunciador que se manifesta nesses "recortes em *zoom*", de forma a articular elementos para os quais quer chamar a atenção do leitor.

Também em termos de efeitos de aproximação entre leitor e fatos, destaca-se a congruência de elementos da ordem do real que se dão a apreender nos vídeos. Bem se sabe que os vídeos podem ser manipulados através de cortes nos discursos, jogo de luzes, de cores, de sombras, enquadramentos, etc., mas é inegável o seu poder de persuasão através da remissão àquilo que pode ser visto, ouvido e sentido como constituinte da realidade. Nessa esteira, ganham campo os elementos que despertam sensações estésicas e, assim, suscitam, em alguma medida, a participação do leitor.

Oliveira (2009) reforça a ideia de que o que pode ser sentido estesicamente faz parte da construção da significação. Para a autora, num arranjo sincrético,

> as marcas da convocação dos sentidos da dimensão estésica, em interação com as outras marcas de actorialidade, temporalidade e espacialidade vão interligar as dimensões sensível, pragmática, inteligível da cognição do ator. Concretizados em uma expressão, esses procedimentos enunciativos vão além da dimensão do enunciador fazer o enunciatário construir a significação. Englobam o modo como esse enunciador dispõe o enunciatário para sentir o sentido, abrindo-o a percursos da experiência do *sentido sentido* (p. 136, grifo do autor).

O desejo de *sentir o sentido* em termos de "vivenciar as experiências narradas" (GOMES, 2009, p. 217) explica o fato de os leitores dispensarem alguns instantes a mais de seu tempo (geralmente curto e precioso) para carregar e abrir arquivos de vídeo enquanto poderiam, simplesmente, ler o texto e a foto que se apresentam na tela.

4.3 O leitor cooperativo e o acesso aos textos não verbais

No processo de escrita-leitura de textos impressos, já se sabe que o leitor assume papel fundamental de co-enunciador. Primeiro porque a produção textual implica uma "imagem", um prospecto de leitor ou público a que o texto se destina, imagem essa responsável pelas escolhas feitas pelo enunciador; segundo porque esse leitor precisa (re)construir a significação do texto e, para isso, fazer associações mentais, "reconstruir cadeias anafóricas, preencher elipses no encadeamento das ações, identificar personagens, assinalar subentendidos, etc." (MAINGUENEAU, 1996, p. 32). Esse leitor capaz de fazer inferências, preencher vazios, construir a significação do texto a partir das indicações que lhe são fornecidas é definido por

Maingueneau (1996, 2008) como *leitor cooperativo*, por Umberto Eco (1985, 1994) como *leitor-modelo*.

Ao falar sobre leitores de narrativas ficcionais, Eco (1994) assim apresenta a concepção de leitor-modelo, inclusive diferenciando-o do leitor empírico:

> O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto. Quem já assistiu a uma comédia num momento de profunda tristeza sabe que em tal circunstância é muito difícil se divertir com um filme engraçado. E isso não é tudo: se assistir ao mesmo filme anos depois, mesmo assim talvez não consiga rir, porque cada cena irá lembrá-lo da tristeza que sentiu na primeira vez. Evidentemente, como espectadores empíricos, estaríamos "lendo" o filme de maneira errada. Mas "errada" em relação a quê? Em relação ao tipo de espectadores que o diretor tinha em mente – ou seja, espectadores dispostos a sorrir e a acompanhar uma história que não os envolve pessoalmente. Esse tipo de espectador (ou de leitor, no caso de um livro) é o que eu chamo de leitor-modelo – uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar (p. 14-15).

Eco também explica que para cada leitor-modelo há um autor-modelo, que também não é o autor empírico, de carne e osso. O autor-modelo pode ser entendido como o "estilo" que rege o texto, mas que também como "uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer a seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como leitor-modelo" (1994, p. 21).

Essa cooperação do leitor também é pressuposta nos textos jornalísticos. Além das associações esperadas no campo da linguagem e da pragmática (anáforas, catáforas, elipses, subentendidos, conhecimento de mundo, etc.), esses textos, a exemplo de uma comédia que conta com o riso do espectador, também contam com um leitor capaz de se sensibilizar com os elementos que ali figuram. Gomes (2008, p. 84) fala que as notícias relatadas nos jornais "em torno de sujeitos que sentem – sofrem, alegram-se, indignam-se – contam com certa disposição do leitor para o acolhimento dos afetos, uma disponibilidade sensível que lhe

permita envolver-se e vivenciar as flutuações passionais que se imiscuem nas narrativas". Esse leitor aberto ao sensível, que sente a dor do outro, compartilha alegrias, vivencia, em alguma medida, os fatos narrados, é um leitor que coopera com os apelos passionais do texto.

No caso do jornal *on-line*, entretanto, espera-se do leitor mais do que a cooperação para realizar associações mentais, preencher vazios ou permitir-se sentir o sentido. As notícias geralmente constituem hipertextos em que *links* podem/devem ser acionados pelo leitor para construção da significação. São esses *links* que remetem aos recursos não verbais[47], principalmente áudios e vídeos. A maioria das notícias aparece na página apenas com o relato verbal e uma fotografia. Os demais recursos não aparecem imediatamente na tela, constituem possibilidades virtuais que só se dão a conhecer quando acionados pelo leitor. Veja-se o exemplo abaixo:

Geral | 10/02/2010 | 12h08min

Cinegrafista que estava no helicóptero que caiu em São Paulo está em estado grave

Profissional de emissora de TV está em UTI e apresenta diversas fraturas

O cinegrafista da TV Record Alexandre da Silva Moura está internado em estado grave e instável na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), informou boletim do Hospital Itacolomy, unidade Butantã, na zona sul de São Paulo.

Ele está em coma induzido e apresenta fraturas em diversas partes do corpo, além de trauma crânio-encefálico e hemorragia cerebral. O cinegrafista chegou ao hospital após ser resgatado pela equipe médica do Jockey Club, onde o helicóptero da emissora caiu no começo da manhã desta quarta-feira.

De acordo com o hospital, o paciente passou por exames e apresentou quadro de contusão no tórax, fratura nas costelas, nas vértebras lombares, de maxilar, trauma abdominal fechado, além de trauma crânio-encefálico e hemorragia cerebral. O piloto da aeronave, Rafael Delgado Sobrinho, morreu no acidente.

Assista ao vídeo da queda do helicóptero

AGÊNCIA ESTADO

Piloto do helicóptero morreu no acidente
Foto:Mario Ângelo/AE

Comente esta matéria

Notícias Relacionadas

10/02/2010 10h42min
Piloto avisou sobre pane pouco antes do helicóptero de emissora cair

10/02/2010 07h43min
Helicóptero de emissora de TV cai em São Paulo e piloto morre

Link remete a vídeo

Fonte: *Zero Hora on-line*, 10/02/2010. Disponível em: http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&section=Geral&newsID=a2805242.xml

[47] Também há, ao lado de uma notícia, *links* que remetem a notícias relacionadas ao mesmo fato, já que a página do jornal *on-line* é, por si, um grande hipertexto, mas importam-nos, por ora, os *links* que dentro de uma mesma notícia remetem a recursos distintos que contribuem para a construção desta como um todo de sentido.

Nesse contexto de escrita/leitura de hipertextos, portanto, o papel cooperativo do leitor se fortalece e se evidencia, já que ele escolhe entre pôr ou não em ação elementos que, no hipertexto, só significam se acessados. Assim também ele escolhe o caminho que quer seguir em sua leitura, um caminho que pode ser totalmente diferente do escolhido por outros leitores. Não que essa possibilidade não exista numa notícia impressa, já que o leitor pode ler nela somente a manchete, só a foto, só os depoimentos dos entrevistados, etc. A diferença é que, nos textos impressos, os elementos todos se mostram na página e o leitor faz, mentalmente, os recortes que desejar; nos hipertextos, os elementos significantes não aparecem todos na tela, precisam ser acionados manualmente pelo leitor.

O leitor pode, inclusive, passar alheio a tais elementos e ler o texto da *web* como se estivesse lendo um jornal impresso. Entretanto, não parece ser este o leitor-modelo pressuposto pelos jornais *on-line*. Se fosse, não haveria tanta remissão a áudios e vídeos na constituição das notícias. Aliás, dado que a união entre o verbal e não verbal nos arranjos sincréticos é o que produz o todo de significação, inclusive acentuando efeitos de sentido, o jornal *on-line* parece pressupor um leitor cooperativo que se disponha a acessar os *links*, que seja capaz de realizar associações entre verbal e não verbal, depreendendo das imagens e áudios o que o texto escrito omitiu, que, enfim, construa o sentido a partir da exploração de todo o arranjo sincrético, deixando-se envolver pelas experiências sensíveis e inteligíveis que ali se mostram e relatam.

5 SOBRE O OBJETO DE PESQUISA, A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E A METODOLOGIA DE ANÁLISE

Este capítulo se destina em especial às explicações sobre o objeto de pesquisa, à definição do *corpus* e à metodologia de análise deste. Embora algumas explicações sobre o jornal *on-line* já tenham sido adiantadas na introdução deste trabalho, como forma de situar o leitor acerca de questões que nos instigaram a trabalhar com o jornal *on-line*, elas serão aqui retomadas e melhor explicitadas.

Primeiramente, apresentamos considerações sobre o jornal *Zero Hora* que contribuíram para eleger as reportagens desta empresa jornalística como objeto de análise e relembramos os formatos de jornais que *ZH* dispõe no *site*. Como as notícias *on-line* constituem, na verdade, hipertextos, apresentamos características próprias da natureza desses textos. Características essas que lembram a natureza dos textos falados, da oralidade. Na sequência, apresentamos características de *ZH on-line*. Neste contexto se aponta o apelo constante à participação efetiva do leitor na construção das notícias do jornal, seja através do envio de materiais que complementem reportagens, ou mesmo através de envio de notícias formuladas pelo próprio leitor para constituírem a seção *Leitor-repórter*. Também mostramos o processo de construção textual das notícias no jornal *on-line* a partir do contraste entre textos de uma mesma notícia acessada e captada em momentos subsequentes. Por fim, explicamos os critérios utilizados na seleção das reportagens que constituem o *corpus* e os passos a serem seguidos na análise dos diferentes textos (verbais e não verbais) que constituem essas reportagens.

5.1 O jornal *Zero Hora* no contexto dos jornais brasileiros

O jornal *Zero Hora* é um jornal gaúcho, fundado em 1964, e pertence ao Grupo RBS. O jornal tradicional, no suporte papel, tem peridiocidade diária, formato tablóide[48] e circula, especialmente, pelo Rio Grande do Sul e também em outros estados brasileiros.

Tomando como base proposições de Discini (2004), que diferencia imprensa séria de imprensa sensacionalista, pode-se afirmar que *ZH*, por suas características recorrentes, está entre os jornais que constituem o *totus* da imprensa séria. A partir da comparação entre os jornais *O Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo* e *Notícias Populares*, Discini (2004) estabelece que os dois primeiros se configuram como imprensa séria e o último como imprensa sensacionalista. Entre outros aspectos, porque

> surge na *Folha* e em *O Estado* um discurso que quer parecer e parece responsável, englobante, portador do mundo, enquanto se firma na isotopia política, tudo por meio do emprego predominante da norma culta, e por meio de um sincretismo próprio, construído de maneira contida entre o visual e o verbal. O leitor confia e crê (DISCINI, 2004, p. 141).

Por outro lado, o jornal *Notícias Populares* configura-se como sensacionalista porque surge nele

> um discurso que inaugura outra cenografia, através da qual outra História é construída, por meio de imagens chamadas chocantes, pelo outro *leitorado* [...] Essas imagens constituem plasticamente aquelas primeiras páginas que, no dizer do povo, se forem torcidas, *sai sangue*. Quanto mais hiperbólicas, manchetes e fotos, na expressão e no conteúdo, mais trazem as marcas desta enunciação que deseja o impacto, o grito, a tensão, o susto, o baque de um tiro de revólver, mais que a informação "objetiva" (DISCINI, 2004, p. 141, grifos do autor).

---

[48] **Tabloide,** na definição da wikipédia, é "um formato de jornal surgido em meados do século XX, no qual cada página mede aproximadamente a metade do tamanho de um jornal *standard* (ou seja, cerca de 37,5cm x 60cm), as notícias são tratadas num formato mais curto e o número de ilustrações costuma ser maior do que o dos diários de formato tradicional" (Fonte: www.wikipedia.com).

Acrescente-se a isso que os jornais da imprensa séria se voltam à abrangência de temas sociais públicos (política nacional e internacional, situação econômica, etc.) enquanto a imprensa sensacionalista opta pela vida de artistas e famosos, pelas tragédias pessoais, voltando-se, portanto, para a dimensão do privado. Discini (2004) também aponta a ausência de editoriais na imprensa sensacionalista e o pouco espaço para as ideias implícitas ou subentendidas nos textos. Tudo é dado de antemão pelo jornal. A postura crítica ou pensante acerca dos fatos, instigada pela imprensa séria, é demovida na imprensa sensacionalista.

A maioria dos aspectos que permitem à autora arrolar a *Folha* e *O Estado* como imprensa séria também se mostra em *Zero Hora*, o que nos faz considerá-lo um dos jornais (*unus*) que figura no universo (*totus)* da imprensa séria. Este também se volta à abordagem de fatos da ordem social econômica, política, tanto em nível nacional como internacional, e do que é de interesse público e não do privado ou particular, como é comum na mídia sensacionalista. Tal questão pode ser percebida já pela composição do jornal, que apresenta diariamente dois cadernos – Primeiro e Segundo Cadernos – e cadernos extras a cada dia da semana. O Primeiro Caderno enfoca os assuntos: *Palavra do Leitor, Informe Especial, Reportagem Especial, Política, Editoriais, Artigos, Economia, Indicadores, Mundo, Geral, Tempo, Polícia, Esportes, Almanaque Gaúcho, Memórias,* e encerra com a coluna do comentarista *Paulo Sant'Ana.* No Segundo Caderno, que circula de segunda a sábado, aparecem assuntos mais relacionados a lazer, cultura e entretenimento. Nele são veiculadas informações sobre shows, acontecimentos sociais, apresentações artísticas, exposições, programação na TV, horóscopos, quadrinhos, palavras cruzadas, etc.

Além desses dois cadernos diários, no tablóide das segundas-feiras, são incluídos os cadernos *Globaltech* e *Meu Filho*; nas terças, *Casa e Cia.* e *Viagem*; nas quartas, *Vestibular* e *ZH Digital*; nas quintas, *Ambiente* e *Sobre Rodas*; nas sextas, *Kzuka, Gastronomia, Campo e Lavoura*; e nos sábados, *Vida* e *Cultura.* No domingo, o Segundo Caderno dá lugar aos cadernos: *Donna ZH, Dinheiro, TV + Show, Empregos e Oportunidades.* Essa composição "rotativa" constitui um atrativo a públicos diferenciados e fideliza leitores específicos, que acabam se interessando por uma edição em particular devido ao caderno extra. Adolescentes e jovens que estão se preparando para o vestibular, por exemplo, compilam as matérias veiculadas no caderno *Vestibular,* que circula todas as quartas.

Zero Hora também se define como imprensa séria tanto pelo zelo com a linguagem quanto pela forma de noticiar. A linguagem de *Zero Hora*, embora acessível, não é banalizada

ou hiperbólica, nem recorre a jargões populares ou termos apelativos para chamar a atenção, o que está relacionado com o público a que se dirige o jornal[49]. Quanto à forma de noticiar, o jornal prima pela "neutralidade/objetividade" e pela ponderação na construção das notícias, deixando opiniões a cargo dos editoriais, artigos e colunas de comentaristas. Somem-se a isso os constates embates entre opiniões divergentes que figuram na seção dos artigos, suscitando a postura crítica do leitor quanto à tomada de posição acerca dos temas desenvolvidos.

No suporte internet, o *Zero Hora* está acomodado no portal ClicRBS. No *site* de *Zero Hora* (www.zerohora.com.br, ou www.zh.com.br), encontram-se três formatos de jornal à disposição do público: *flip, impresso digital* e *on-line*. Embora esses três formatos já tenham sido explicitados sucintamente na introdução deste trabalho, vale relembrá-los antes de tratarmos especificamente do jornal *on-line*:

a) *FLIP (ou Zero Hora Virtual)*: esse formato que aparece na página de *ZH* é a transposição, tal qual, da versão em papel para o meio eletrônico. Esse jornal pode, inclusive, ser "literalmente folheado" na tela do computador, e, se quiser, o leitor pode imprimir as páginas que lhe interessam. Pode-se dizer que o *flip* é a versão em pdf. do jornal impresso. É uma versão *off-line*, ou seja, produzida anteriormente para ser lida depois pelo leitor.

b) EDIÇÃO IMPRESSA DA *WEB*: essa é a edição que denominamos *impresso digital*, que é a transposição do jornal impresso para o *site*, acrescida de recursos eletrônicos. Essa versão contempla todos os conteúdos e cadernos da versão em papel, inclusive a numeração das páginas em que se encontram os artigos é exatamente a mesma que a do impresso em papel. O que diferencia este formato da versão impressa em papel e do *flip* são os recursos multimídia acrescidos à constituição das reportagens. Também esta é uma versão *off-line*.

[49] Discini aponta que no veículo sensacionalista por meio da hipérbole plástica e verbal, é possível ouvir "uma voz discursiva que grita [...] ao mesmo tempo em que informa menos, debate menos" (2004, p. 129). É, segundo a autora, um veículo mais direcionado às classes populares.

c) EDIÇÃO *ON-LINE*: é a edição do jornal em "tempo real", 24 horas por dia. Como são as reportagens do jornal *on-line* o objeto deste trabalho, especificamos adiante algumas das principais características desse formato de jornal.

Antes, porém, de apontarmos características mais específicas do jornal *Zero Hora on-line*, tecemos algumas considerações sobre hipertextos, já que é esse o "modo de ser" dos textos constitutivos dos jornais *on-line*.

5.2 Jornal *on-line*: hipertextos e oralidade

Já mencionamos que uma mudança no suporte produz mudanças no texto, já que "o modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso" (MAINGUENEAU, 2008, p. 72). É o que ocorre com as notícias do jornal *on-line*. Em virtude dos recursos do suporte, estas se apresentam, geralmente, em forma de hipertexto, modo textual que lembra características da oralidade.

Um hipertexto é um texto estruturado em rede. Pierre Lévy explica que o hipertexto é um texto "constituído de nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, 'botões' que efetuam a passagem de um nó a outro" (1996, p. 44). Os elos de ligação entre esses "nós" são chamados de *hiperlinks* ou *links*, e nada mais são do que botões, imagens, palavras em destaque que, quando acionados pelo leitor, remetem a outros hipertextos.

De acordo com Marcuschi, o termo hipertexto foi cunhado por Theodor Holm Nelson em 1964,

> para referir uma *escritura eletrônica não-seqüencial e não-linear*, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real. Assim o leitor tem condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma seqüência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multiseqüencial e indeterminado, realizado em um *novo espaço de escrita* (2001b, p. 86, grifos do autor).

Tomando por base ideias de Bolter (1991), Marcuschi (2001b, p. 93) aponta as seguintes características do hipertexto:

(a) *é um texto não-linear*: apresenta uma flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que permitem a elaboração de vias navegáveis; a não linearidade é tida como a característica central do hipertexto;

(b) *é um texto volátil*: não tem a mesma estabilidade dos textos de livros e todas as escolhas são tão passageiras quanto às conexões estabelecidas por seus leitores, sendo um fenômeno essencialmente *virtual*;

(c) *é um texto topográfico*: não é hierárquico nem tópico, por isso ele é topográfico, um espaço de escritura e leitura que não tem limites definidos para se desenvolver;

(d) *é um texto fragmentário*: formado pela constante ligação de porções em geral breves com sempre possíveis retornos ou fugas;

(e) *é um texto de acessibilidade ilimitada***:** acessa todo tipo de fonte, sejam elas dicionários, enciclopédias, museus, obras científicas, literárias, arquitetônicas etc. e, em princípio, não experimenta limites quanto às ligações que permite estabelecer;

(f) *é um texto multissemiótico***:** caracteriza-se pela possibilidade de interconectar simultaneamente a linguagem verbal com a não verbal (musical, cinematográfica, visual e gestual) de forma integrativa, impossível no caso do texto impresso;

(g) *é um texto interativo***:** procede pela interconexão interativa que, por um lado, é propiciada pela multissemiose e pela acessibilidade ilimitada e, por outro lado, pela contínua relação de um leitor-navegador com múltiplos autores em quase sobreposição em tempo real, chegando a simular uma interação verbal face a face.

Tais características revelam aspectos da natureza do hipertexto que se assemelham mais à natureza de uma interação falada face a face do que à de uma interação escrita.

A não linearidade e a fragmentação, por exemplo, são também características de uma fala espontânea e descontraída, em que dois sujeitos podem conversar sobre o que quiserem, trocando de assunto de acordo com o que vêm à mente dos interlocutores, assuntos esses que podem, inclusive, ser suscitados por um elemento de referência mencionado num determinado momento, formando um espécie de rede de relações. Os interlocutores podem também voltar a falar sobre algo já dito e que ficou incompleto, podem deixar incompletas ideias interrompidas, etc. Não há exatamente uma sequência de conteúdo pré-determinada que deva conduzir a conversa, até porque a interatividade nesse nível dificulta um projeto de fala "linear" e completa. O que é diferente, porém, de uma conferência, em que o texto, mesmo face a face, revela uma sequência linear e completa, assim como um texto impresso. Aliás, quando impresso, o hipertexto perde sua natureza não linear e fragmentária, já que não se estabelecem as conexões entre os "nós" da rede na folha de papel. Ficam nela apenas os *links* indicando possibilidades realizáveis em outro suporte.

Também o caráter volátil dos hipertextos se assemelha à fala. E em se tratando de notícias jornalísticas, os textos tendem a uma volatilidade que lembra um instante de conversa. A demanda por notícias novas ou pela atualização das que estão no *site* fazem com que os textos lidos há alguns instantes já não estejam mais na página. Assim, o que foi escrito, se perde tão rapidamente quanto o que é dito numa conversa falada. A não ser que seja impresso.

Em certa medida, as possibilidades multissemióticas possibilitam que se projete no hipertexto um simulacro de interação verbal face a face. É o que ocorre nos vídeos, por exemplo, quando quase todos os sentidos são ativados na construção da significação. O contexto situacional, os ruídos, os gestos, o tom de voz e todos os aspectos significantes que ela comporta, enfim, os elementos paralinguísticos que se apresentam nos vídeos remetem o leitor à situação de enunciação, como se ele estivesse ali presente, podendo captar aspectos impossíveis de serem apreendidos em um texto escrito, mas sempre observáveis e presentes em situações de conversação face a face. Nessa linha também segue o pensamento de Catherine Smith (apud MARCUSCHI, 2001b, p.102), quando esta sugere que "o pensamento hipertextual seja, talvez, mais parecido à fala do que à escrita impressa, e ele seria capaz de preservar as conexões entre contexto, linguagem e conhecimento que se verificam no uso oral da língua".

Quanto à interatividade, destaque-se o fato de que esse "leitor-navegador" interage não apenas como o *tu* da troca entre sujeitos, lendo/ouvindo o que outros (autores) têm a dizer, ele se inscreve nesse processo como *eu,* respondendo/escrevendo a respeito do que leu em forma de texto lançado em rede. Essa resposta pode suscitar outras tantas "conversações" travadas entre novos parceiros virtuais. É muito comum nos hipertextos figurarem *links* que abrem "janelas" para que o internauta participe enviando perguntas, dúvidas, sugestões, opiniões acerca do que leu, etc. Essa interatividade, embora não seja travada oralmente e face a face, é uma conversação. Inclusive pelas marcas de oralidade que se instauram no arranjo linguístico (desvios gramaticais, linguagem informal, desvios ou ausência de pontuação e acentuação, interjeições enfatizadas, etc.).

A propósito, sobre as possibilidades de "interferência" do leitor nos hipertextos, Marcuschi (2001b) explica que já se postulam tipologias hipertextuais com base no "grau" de envolvimento do leitor na construção destes. Cita como exemplo duas tipologias propostas por Michael Joyce: o *hipertexto exploratório*, que limita as possibilidades de intervenção do leitor no arranjo textual; e o *hipertexto construtivo*, que abre todas as possibilidades de intervenção do leitor, como, no caso de uma narrativa, acrescentar personagens, novas tramas e orientações. Para Marcuschi, essas duas categorias constituem pólos de um contínuo:

> Na realidade, trata-se de um contínuo. Num extremo, o caso do hipertexto *exploratório*, os usuários são *navegadores* que têm que fazer escolhas e seguir como se estivessem numa ação linear. Preserva-se uma certa autonomia do autor do texto original e, como lembram Moulthrop & Kaplan (1994, p. 221), trata-se de uma alternativa hipertextual que mantém muito da "passividade do texto escrito". No outro extremo, o do hipertexto *construtivo*, o texto original deve ser tão aberto que possibilite interconexões e controle do usuário. Na atividade exploratória, podemos escolher o caminho a seguir e na construtiva podemos até adicionar notas ou produzir novas ligações. A interconexão, no entanto, está vinculada a interesses particulares e o hipertexto neste caso é mais do que uma simples possibilidade de escolhas. Se o hipertexto exploratório está desenhado para "leitores" e exploradores de conhecimentos, o hipertexto construtivo está desenhado para operadores-escritores (2001b, p. 89, grifos do autor).

Acrescenta o autor que "considerando que o hipertexto oferece uma multiplicidade de caminhos a seguir, podendo ainda o leitor incorporar seus caminhos e suas decisões como novos caminhos, inserindo informações novas, o leitor-navegador passa a ter um papel mais

ativo e uma oportunidade diferente da de um leitor de texto impresso" (MARCUSCHI, 2001b, p. 96).

No entanto, não se pode pôr "leitor-navegador" e "operadores-escritores" num mesmo patamar, já que o grau de interação de cada um deles com o texto é diferente. No hipertexto exploratório, o leitor-navegador pode escolher os *links* e, assim, os caminhos que irá seguir na leitura. Já num hipertexto de tipo construtivo, leitor e escritor/autor travam um verdadeiro diálogo para construção do enunciado. Diálogo esse que se assemelha a uma conversa falada, em que cada um dos interlocutores acrescenta informações de tal modo intrincadas que seria impossível apreender o sentido completo se as "falas" de um dos interlocutores fossem suprimidas. Esse tipo de hipertexto, na verdade, se assemelha a um discurso construído por muitas vozes num contexto em que se borram os limites entre leitores e escritores.

No jornal *on-line* aparecem nuances do hipertexto construtivo. Não exatamente na sua forma prototípica - ou seja, no formato que Marcuschi considera o extremo do pólo e no qual o leitor tem plena liberdade de inserir/controlar as informações -, mas em variantes que se aproximam desse formato. O jornal *Zero Hora on-line*, por exemplo, abre espaço significativo para a participação do leitor no processo de produção das matérias e conta ainda com a seção *Leitor-repórter*, em que o leitor é "autor" de notícias que figuram na página do jornal.

5.3 Características de *Zero Hora on-line*

O jornal *Zero Hora on-line* se contrapõe aos formatos *off-line* lançados no *site* (*flip* e *impresso digital*) pricipalmente porque estes são produzidos na véspera e constituem edições "fechadas", acabadas, que são entregues ao público leitor - ou acessadas por ele - sempre depois de findo o processo de produção. Já o *on-line* é produzido em "tempo real", ou seja, está em processo de produção durante o processo de leitura, de recepção pelos destinatários. Essa natureza "*on-line*", aliada às características do hipertexto, faz com que esse tipo de jornal apresente características próprias bem difereciadas dos formatos *off-line*.

Ao passar os olhos pela página de *ZH on-line*, tem-se a impressão de que se trata de um jornal essencialmente noticioso, já que nele predominam as manchetes de notícias e no

índice não aparecem os gêneros tradicionalmente consagrados como opinativos, como as seções de *Editoriais, Cartas do leitor, Artigos*. No entanto, o jornal *on-line*, de uma forma peculiar, abre espaço siginificativo aos textos de opinião. Na composição da página, geralmente no corpo da notícia, aparecece o *link Comente esta matéria*, através do qual o leitor pode manifestar sua opinião acerca do que foi relatado, manifestações essas que passam a figurar na página, ao final da notícia, no espaço dos *Comentários*. Assim, embora não apareçam sob a denominação específica *Cartas do leitor, Artigos,* os textos opinativos enviados por leitores figuram nas páginas das notícias para serem compartilhados por todos.

Também é característica marcante deste jornal o convite à interatividade do leitor, não apenas para que acione *links* de hipertextos, mas principalmente para que envie contribuições ao jornal. Constantemente convidados a participar, os leitores enviam suas contribuições ao jornal, seja emitindo opiniões que figuram na seção *Comentários;* seja enviando fotos, vídeos ou depoimentos que auxiliam na construção da notícia; seja eles próprios produzindo uma notícia para ser publicada na seção *Leitor-repórter*. Esta seção, inclusive, é formada apenas por notícias redigidas e enviadas por leitores. Apresentamos adiante uma notícia que figura nesta seção.

Outra questão instigante é que no jornal *on-line* é possível "visualizar", ou acompanhar o processo de construção das notícias, já que os textos são atualizados, complementados, modificados, ao longo do período em que permanecem no *site*. O que implica também a efemeridade das informações ali apresentadas, que vão sendo reformuladas, substituídas por outras mais novas e mais precisas.

Essas questões merecem destaque porque lembram características não de um texto pronto, de construção "solitária". Lembram características de uma conversação, de um texto cujo sentido se constrói em conjunto, com várias vozes que enunciam e se mostram no enunciado. Esses aspectos são mais próprios do jornal *on-line*, não ocorrem com tal intensidade nos formatos *off-line*.

Para que se possam melhor apreender tais questões, elas serão, na ordem a seguir proposta, brevemente exploradas neste capítulo. Primeiramente, se apresenta o formato da página de *ZH on-line*. Nela estão destacados e numerados alguns tópicos que merecem atenção neste trabalho, já que são carcterísticos desse tipo de jornal. As explicações sobre tais tópicos seguem logo abaixo da figura da página. Depois do formato da página e das explicações sobre ela, apresenta-se uma notícia enviada por um "Leitor-repórter", para que se possam observar as características marcadamente enunciativas e oralizadas que assume o

texto. Por fim, mostra-se uma notícia em processo de construção no *site*. Também esta marcada por linguagem que remete muito mais à fala do que à escrita.

a) Formato da página de ZH on-line:

1. "Edição impressa" = link que remete aos formatos *off-line* de *ZH* (*impresso digital* e *flip*)

2. Índice de assuntos de cobertura diária

3. Leitor-repórter

4. Convite ao leitor

5. *Blogs* de colunistas

6. Indicação vídeo/áudio

4. Convites ao leitor

1. "Edição impressa"*: link* que remete ao formato *impresso digital*. É na página do *impresso digital* que aparece também a versão em *flip*. No Anexo B deste trabalho é possível visualizar o formato completo de *ZH impresso digital.*

2. Índice de assuntos de cobertura diária de *ZH on-line*: ao clicar num *link* o leitor é remetido à seção que deseja, onde constam notícias diárias sobre determinados temas: plantão, esportes, economia, *blogs*, cinema e lazer, etc. O jornal *on-line* abrange apenas alguns dos assuntos gerais que constituem o Primeiro Caderno diário dos jornais *off-line* e não mantém uma uniformidade "rígida" na pauta. Há nele uma "rotatividade" de assuntos. Além das notícias diárias, na pauta dos assuntos de cobertura diária do jornal *on-line* aparecem alguns dos cadernos veiculados durante a semana nos formatos *off-line*, como *Casa e Cia, Vida, Viagem, Sobre Rodas*, etc.

3. "Leitor-repórter": ao clicar nesse *link*, o navegador é remetido a uma seção formada apenas por notícias formuladas e enviadas por leitores, onde se encontram também instruções para o envio de notícias. A título de curiosidade e para demonstrar o caráter oralizado do texto, apresentamos uma dessas reportagens na sequência do trabalho.

4. Convites para o leitor participar enviando fotos e/ou depoimentos. Ele é convidado a participar tanto das enquetes quanto da constituição das reportagens.

5. *Blogs* dos colunistas: ao invés de colunas, que aparecem nas versões *off-line*, no *on-line* os colunistas têm *blogs*, cujos textos apresentam características bem diferentes das que assumem os textos das colunas *off-line*[50].

6. Ícone que identifica notícias que apresentam vídeos ou aúdios.

---

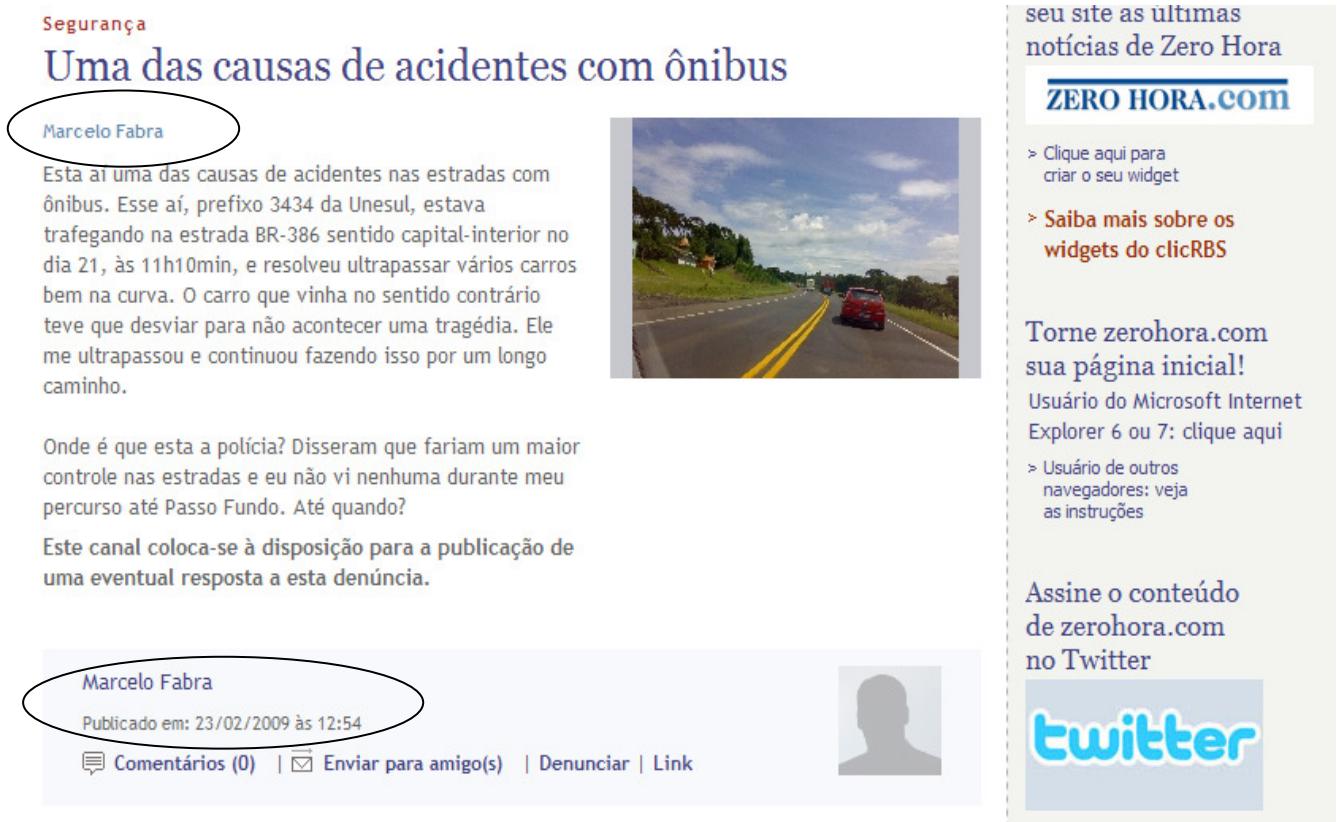
[50] Nos *blogs*, há praticamente uma conversa informal entre colunista e leitores. Os textos, tanto dos leitores como dos colunistas, são marcadamente oralizados. É comum o colunista se manifestar em 1ª pessoa e escrever numa linguagem bastante à vontade, sem formalidade ou mesmo muito zelo gramatical. Assim como ocorre nos depoimentos dos leitores sobre o assunto do dia (ou de dias anteriores) ou nos questionamentos enviados por eles aos colunistas. Martha Medeiros, por exemplo, não raro se despede de seus leitores com a expressão "Beijos".

b) Contribuição do "Leitor-repórter"

Como já explicamos acima, o *ZH on-line* apresenta a seção *Leitor-repórter*, que é constituída por pequenas notícias/relatos enviadas por leitores ao *site*. Nesta seção, ao clicar sobre o *link Envie uma matéria*, o leitor interessado em participar é remetido a telas específicas onde devem ser inseridos os textos, aúdios, fotos, legenda, etc. que vão compor a "sua" notícia. Constam ali também esclarecimentos de que a opção por publicar ou não a notícia é da equipe responsável pela editoria da seção. No entanto, o envio de reportagens é livre e facilitado por este canal.

Esse hipertexto que o jornal constrói em conjunto com o leitor – ou o leitor em conjunto com o jornal – toma ares do que Marcuschi chama de *hipertexto construtivo*. O leitor não é apenas navegador, é também "operador-escritor". A propósito, as marcas de subjetividade são latentes nesses textos, o que acaba projetando o efeito de que o texto é publicado tal qual o leitor o enviou.

Segue abaixo uma notícia da seção *Leitor-repórter*.



Segurança

Uma das causas de acidentes com ônibus

Marcelo Fabra

Esta aí uma das causas de acidentes nas estradas com ônibus. Esse aí, prefixo 3434 da Unesul, estava trafegando na estrada BR-386 sentido capital-interior no dia 21, às 11h10min, e resolveu ultrapassar vários carros bem na curva. O carro que vinha no sentido contrário teve que desviar para não acontecer uma tragédia. Ele me ultrapassou e continuou fazendo isso por um longo caminho.

Onde é que esta a polícia? Disseram que fariam um maior controle nas estradas e eu não vi nenhuma durante meu percurso até Passo Fundo. Até quando?

Este canal coloca-se à disposição para a publicação de uma eventual resposta a esta denúncia.

Marcelo Fabra

Publicado em: 23/02/2009 às 12:54

Comentários (0) | Enviar para amigo(s) | Denunciar | Link

seu site as últimas notícias de Zero Hora

ZERO HORA.com

> Clique aqui para criar o seu widget

> Saiba mais sobre os widgets do clicRBS

Torne zerohora.com sua página inicial!

Usuário do Microsoft Internet Explorer 6 ou 7: clique aqui

> Usuário de outros navegadores: veja as instruções

Assine o conteúdo de zerohora.com no Twitter

twitter

Nessa pequena notícia, chamam atenção as marcas enunciativas com que se enuncia o "repórter" (*esse aí, me ultrapassou, eu não vi nenhuma, meu percurso*). Também a informalidade e expressões próprias da linguagem falada são recorrentes no texto *(Esta (sic) aí, esse aí, e resolveu* ultrapassar*, bem* na curva*, me ultrapassou, eu não vi nenhuma)*. Perceba-se que a notícia vem assinada pelo *Leitor-repórter* "Marcelo Fabra".

Logo abaixo do texto do "repórter", aparece a nota do outro enunciador, o jornal: "*Este canal coloca-se à disposição para a publicação de uma eventual resposta a esta denúncia*". Nota essa que projeta efeitos de neutralidade do jornal, de abertura a manifestações do outro "lado" envolvido na denúncia. Ao pé da página, aparece a data em que ela foi publicada, em 23/02/2009, às 12:54.

Ao clicar na foto, esta é maximizada e possibilita melhor visualização do fato que o leitor denuncia: ônibus ultrapassando em local proibido.

c) Notícia em processo de construção no site: a atualização.

É característica do jornal *on-line* a amarração de notícias sobre um mesmo assunto que acabam sendo "*linkadas*" umas às outras e/ou podem ser atualizadas pelos jornalistas durante a permanência destas no *site*. Assim, enquanto nos formatos *off-line* do jornal tem-se uma versão do acontecimento, já pronta, acabada e que pode ser revisitada, arquivada, no jornal *on-line* é comum existirem, amarradas à última versão, várias notícias sobre o mesmo acontecimento. No *ZH on-line*, elas aparecem ao lado da última versão numa seção denominada *Notícias relacionadas.* Qualquer uma delas pode ser atualizada, modificada, ou eliminada do *site*. Muitas vezes, num intervalo de cinco minutos, a notícia que estava no ar não corresponde mais à mesma versão, já foi modificada.

O caráter de "atualidade" do jornal *on-line*, que implica a constante substituição de notícias por outras novas, imprime também um caráter de transitoriedade, de fugacidade, de efemeridade às informações, que vão saindo da página principal de acordo com a ordem dos acontecimentos diários e desaparecem do *site*. Até mesmo quando as reportagens permancem na página por um intervalo de tempo maior, no caso de um fato de maior relevância por suas dimensões sociais, elas são atualizadas/substituídas: novas fotos são acrescidas, informações são corrigidas ou reformuladas, depoimentos são inseridos, novos *links* se agregam remetendo

a outras notícias sobre o acontecimento. Essa constante atualização do texto pemite também acompanhar o processo de construção deste, isto é, das etapas da enunciação.

A seguir, apresenta-se uma notícia em processo de construção, *in statu nascendi*, ou seja, antes e depois de atualizações. Primeiramente, segue a versão mais antiga do texto (a primeira versão) e alguns apontamentos sobre sua constituição. Depois, apresenta-se uma versão atualizada (2ª versão) e apontam-se elementos que foram modificados/acrescentados na constiuição do texto e, por fim, a versão final da notícia, o texto pronto.

1º Momento:

No primeiro acesso, a notícia aparece como atualizada às 13h10min. O texto consiste numa abordagem factual, rápida e concisa de um fato ocorrido. É um texto breve, sem maiores cuidados de elaboração, com períodos justapostos, expressões repetidas em sequência

(*foram mortos*) e informações redundantes (dois primeiros períodos) que certamente não se apresentariam assim em um jornal *off-line*. Na constituição da notícia não havia detalhes, nem nomes, nem fotos.

Chama especial atenção o final do texto: "Mais informações em instantes". Ora, essa é a forma com que o Jornal Nacional (e outros noticiários televisivos) anuncia o que vem a seguir e convoca seus telespectadores a não trocarem de canal.

Veja-se a mesma notícia depois de uma atualização:

2º Momento:

Capa
Plantão
Blogs
Economia
Capa Economia
Indicadores
Esportes
Capa Esportes
Tabelas
Gauchão 2009
Estilo de Vida
Gráficos
Audioslides
Vídeos
Fotos
Cinema e Lazer
Programação de TV
Leitor-Repórter
ZH Responde
Edição Impressa

Cadernos ZH
Casa & Cia
Sobre Rodas
Vida
Especiais
Casa&Cia Praia
Central ZH de Dados
Especial Grêmio
Especial Inter
Histórias do David
Guia da TV digital
ZH Criança
Participe
Promoções
Celular
RSS

Assinaturas
Assine
Transferência
RBS Publicações
Serviços
Classificados
Fale Conosco
Compra de fotos

IMPRIMIR | ENVIAR | CORRIGIR | COMENTAR | LETRA A- | A+

Polícia | 11/02/2009 | 13h01min

Quatro pessoas são mortas em chacina na Vila Bom Jesus

Primeira vítima identificada é Alexsandro Jesus Alves do Santos

Atualizada às 14h04min

Carolina Rocha | carolina.rocha@diariogaucho.com.br

Quatro pessoas foram mortas em uma chacina ocorrida na zona leste de Porto Alegre. Três homens e uma adolescente foram mortos a tiros no Beco J do Acesso F, localizado na Vila Nossa Senhora de Fátima, na Bom Jesus. A Brigada Militar (BM) identificou uma das vítimas. Trata-se de Alexsandro Jesus Alves do Santos, 23 anos.

Conforme a BM, uma viatura esteve no local, entre as 2h e as 3h, após um chamado anônimo de que teria ocorrido um crime, mas nada foi encontrado. Em nova ligação anônima, dessa vez às 12h20min, a polícia encontrou os quatro corpos dentro de uma casa. No local também foram encontrados cartuchos de pistola .40 (de uso exclusivo da polícia, pistola .45 e espingarda calibre 12.

A Polícia Civil e a Brigada Militar continuavam no local no início da tarde de hoje.

Três homens e uma adolescente foram mortos a tiros no Beco J do Acesso F
Foto:André Feltes

Comente esta matéria

Mais Notícias

Trânsito | 11/02/2009 13h55min
Dnit abre licitação para sinalizar trecho duplicado da BR-101 no RS
Noticiário | 11/02/2009 13h50min
Resumo do Jornal Hoje - Rede Globo
Trânsito | 11/02/2009 13h46min
Liberado tráfego na BR-101 Sul, em SC
Geral | 11/02/2009 13h25min
Pelas Ruas: recém-inaugurado, Camelódromo da Capital apresenta goteiras
Inter | 11/02/2009 13h16min
Danilo Silva diz que se espelha em Bolívar
Noticiário | 11/02/2009 13h14min
Resumo do Correspondente Ipiranga 12h50min - Rádio Gaúcha

VOLTAR

IMPRIMIR | ENVIAR | CORRIGIR | COMENTAR | LETRA A- | A+

No início do texto, aparece o horário de atualização: 14h04min. Praticamente uma hora depois da primeira versão. Note-se que o texto ganhou o incremento de uma fotografia, vem assinado por uma jornalista e apresenta mais informações, está mais extenso.

O título da notícia continua o mesmo, mas o subtítulo[51] já foi alterado. Na primeira versão, o subtítulo era *Moradores ouviram tiros na noite passada e avisam hoje a polícia*. Na segunda: *Primeira vítima é Alexsandro Jesus Alves do Santos.*

O texto inicial (o lide) permanece igual ao da versão anterior, com exceção dos últimos períodos que agora trazem informações novas sobre o fato: a identificação de uma das vítimas.

No segundo bloco do texto - que não existia na versão anterior -, aparecem informações sobre a atuação da polícia no caso. Neste bloco, a exemplo do anterior, também não se tem muito "cuidado" com a elaboração textual, os períodos não apresentam a linguagem característica dos jornais impressos. Inclusive abrem-se parênteses que não se fecham na penúltima linha do bloco. Seria isso um reflexo da pressa, das condições de produção, da própria possibilidade e probabilidade de novas reformulações?

Por fim, às 14h53, depois de mais uma atualização, o texto ganha outra versão, com informações novas e mais precisas sobre o fato ocorrido. Segue o texto em sua versão definitiva[52]:

3º Momento:

[51] Linha que aparece logo abaixo do título da notícia, complementando-o.
[52] Pensamos que esta corresponda à versão definitiva porque não sofreu mais modificações até o final da tarde de 11/02/09. Também porque, diferentemente das outras duas anteriores, esta não traz os dizeres "Atualizada às ..." logo após o subtítulo.

Agora: 27.4 ºC 26 ºC 19 ºC

ZERO HORA

Edição Impressa

Capa
Plantão
Blogs
Economia
Capa Economia
Indicadores
Esportes
Capa Esportes
Tabelas
Gauchão 2009
Estilo de Vida
Gráficos
Audioslides
Vídeos
Fotos
Cinema e Lazer
Programação de TV
Leitor-Repórter
ZH Responde
Edição Impressa

Cadernos ZH
Casa & Cia
Sobre Rodas
Vida
Especiais
Casa&Cia Praia
Central ZH de Dados
Especial Grêmio
Especial Inter
Histórias do David
Guia da TV digital
ZH Criança
Participe
Promoções
Celular
RSS

Assinaturas
Assine
Transferência
RBS Publicações
Serviços
Classificados
Fale Conosco
Compra de fotos

Plantão > VOLTAR

você só precisa de um endereço.

IMPRIMIR | ENVIAR | CORRIGIR | COMENTAR | LETRA A- | A+

Polícia | 11/02/2009 | 14h53min

Identificadas as quatro vítimas de chacina na Vila Bom Jesus

Três dos mortos eram da mesma família

Carolina Rocha | carolina.rocha@diariogaucho.com.br

A polícia identificou os corpos das quatro vítimas de uma chacina ocorrida na zona leste de Porto Alegre. Alexsandro Jesus Alves dos Santos, 24 anos, morava na casa onde foram encontradas as outras vítimas: Sabrina Fernanda Martins Chiabotto, que seria namorada dele, John Lenon Martins Chiabotto e Luís Felipe Martins Chiabotto, irmãos de Sabrina. Eles foram mortos a tiros no Beco J do Acesso F, localizado na Vila Nossa Senhora de Fátima, na Bom Jesus.

Conforme a BM, uma viatura esteve no local, entre as 2h e as 3h, após um chamado anônimo de que teria ocorrido um crime, mas nada foi encontrado. Em nova ligação anônima, dessa vez às 12h20min, a polícia encontrou os quatro corpos dentro de uma casa. No local também foram encontrados cartuchos de pistola .40 (de uso exclusivo da polícia, pistola .45 e espingarda calibre 12.

A Polícia Civil e a Brigada Militar continuavam no local no início da tarde de hoje. Na residência, foram encontrados crack, maconha e cocaína, além de materiais utilizados para preparo e embalagem de drogas.

Quatro vítimas foram mortas a tiros no Beco J do Acesso F
Foto:André Feltes

Imagem mostra a retirada dos corpos

Comente esta matéria

Notícias Relacionadas

11/02/2009 13h01min
Quatro pessoas são mortas em chacina na Vila Bom Jesus

VOLTAR

IMPRIMIR | ENVIAR | CORRIGIR | COMENTAR | LETRA A- | A+

Nesta versão, que parece ser a versão final, houve mudanças no título, no subtítulo e nas informações do primeiro bloco. Neste aparecem agora, além das informações já mencionadas sobre o lugar e a forma como foram assassinadas, os nomes das vítimas e a possível ligação que havia entre elas. O texto do segundo bloco é o mesmo que aparecia na

atualização anterior. Já no terceiro bloco se acrescentam informações sobre o que foi encontrado na residência onde o crime ocorreu.

Entre a primeira e a terceira versão da notícia há uma evolução no sentido de dar mais precisão ao fato relatado, maior concretude e detalhes sobre ele. Não basta dizer que quatro pessoas foram assassinadas, é preciso dar os nomes, o parentesco entre eles, possíveis causas do assassinato (não explícitas, mas presumíveis pelo leitor que coopera e faz a ligação entre o último parágrafo e os dois anteriores), enfim, é preciso "apurar" a notícia e precisar detalhes sobre ela. Essa evolução, essa enunciação construída por etapas pode ser acompanhada pelo leitor.

Perceba-se ainda que tanto no "cabeçalho" quanto no "rodapé" da notícia *on-line* aparece uma barra com os dizeres "IMPRIMIR", "ENVIAR", "CORRIGIR", "COMENTAR", "LETRA A- / A+". Quando o leitor discorda de alguma informação veiculada, clica no *link* "Corrigir" e envia um *e-mail* ao jornal acusando o erro. Quando deseja apenas comentar a matéria, usa o *link* "Comentar". Esses comentários, como já apontamos, são lançados no *site*. Essas são características peculiares das notícias *on-line*, os formatos *off-line* não as apresentam.

Enfim, esses são alguns aspectos do jornal *on-line* que, ao nosso ver, lembram características da fala. A busca constante pela interação com o leitor, convidado a todo instante a participar da construção das reportagens, a seção destinada ao "Leitor-repórter", que coloca o leitor na condição de enunciador, de porta-voz do jornal, e com quem o jornal dialoga, lembra um texto construído em caráter de interação falada. O leitor não apenas recebe a notícia pronta, ele faz a notícia, ou dá sua contribuição para a construção do texto. O texto se tece a duas – ou mais – vozes que intercambiam informações, dialogam, interagindo na construção do produto final.

Ademais, a própria "atualização" das reportagens no *site* lembra um processo de conversação. Tanto pelo caráter de incompletude que o texto apresenta, de *statu nascendi*, quanto pelo caráter de fugacidade, de efemeridade das informações ali contidas. Na linguagem falada o que não for registrado "se perde" no instante seguinte. Assim acontece com as notícias do jornal *on-line*. Também a linguagem utilizada no texto dessas notícias é diferenciada da dos textos prontos do jornal *off-line*. O texto escrito vem mais marcado por características de oralidade.

5.4 Definição do *corpus* e metodologia de análise

Como já mencionamos, por ser característica das notícias *on-line* a "mescla" de diferentes recursos semióticos na composição do texto sincrético, e pensando que quanto mais recursos observarmos maior a abrangência deste estudo, o critério utilizado para a seleção dos textos está relacionado à variedade de recursos semióticos que cada texto apresenta. Assim, selecionamos 3 notícias que apresentam, cada uma delas, a maior variedade possível de recursos semióticos em sua constituição: texto escrito, infográficos, fotos, vídeos, áudios. A opção pela análise de 3 notícias decorre do fato de que não encontramos uma notícia que reunisse nela só todos os aspectos que desejamos apontar acerca da constituição enunciativa das notícias *on-line*. Assim, embora as três apresentem recursos semelhantes em sua composição, há aspectos particulares em cada uma delas que importam destacar, aspectos esses que se reiteram em outras notícias *on-line*.

Das três notícias que compõem o *corpus*, as duas primeiras relatam acontecimentos internacionais e a última aborda um acontecimento local. São elas, respectivamente:

Notícia 1 - *Mais de mil palestinos morreram na ofensiva israelense em Gaza*, publicada em *ZH on-line* em 14 de janeiro de 2009.

Notícia 2 - *Obama pede suspensão de julgamento em Guantánamo*, publicada em *ZH on-line* em 21 de janeiro de 2009, logo após a posse de Barack Obama como presidente dos Estados Unidos.

Notícia 3 - *Ônibus bate em prédio, pega fogo e deixa dois mortos em Porto Aleg*re, publicada em *ZH on-line* em 08 de janeiro de 2009.

Na análise, buscamos evidenciar efeitos de sentido de enunciatividade que se manifestam através de diferentes linguagens (verbal e não verbal), nos diferentes recursos (texto escrito, infográficos, fotos, áudios, vídeos) utilizados para enunciar. Partimos da hipótese de que os textos dos jornais *on-line* sejam, pela própria natureza do suporte e pelas condições de produção, mais marcados pela enunciatividade do que os dos jornais impressos. Enunciatividade essa que, pressupomos, está relacionada principalmente a marcas de

oralidade projetadas nos enunciados. Lembrando que, quanto mais enunciativos mais oralizados os textos, e quanto mais enuncivos mais escrituralizados os textos[53], procuramos nos enunciados marcas de oralidade conceptual, ou seja, marcas que lembrem uma interação falada entre dois sujeitos, uma conversação espontânea entre eu-tu, pautada pela proximidade entre os sujeitos.

Cada uma das reportagens será analisada individualmente. No entanto, como recursos se repetem, pressupomos que aspectos enunciativos também se repitam nas três notícias. Nesse sentido, analisamos detalhadamente a primeira delas e tomamos os aspectos nela evidenciados como base para análise das outras duas. Nossa proposta, com isso, é evitar a análise exaustiva de questões idênticas e privilegiar a abordagem de aspectos particulares que se mostram em cada notícia. Quando, portanto, aspectos se reiteram, fazemos uma breve abordagem deles, explicando que são semelhantes a outros descritos anteriormente.

Primeiramente, analisamos o texto e a fotografia que imediatamente aparecem na tela, para, só depois explorarmos os textos de apoio[54] que vêm em forma de hipertextos. Partimos do princípio de que o narrador do texto escrito (delegado do enunciador) é quem organiza a sequência textual e remete o leitor aos textos de apoio. Também é o narrador (2ª instância enunciativa) quem delega voz aos interlocutores (3ª instância enunciativa) instaurados no enunciado. Parte-se, então, do texto escrito, da instância do narrador, para chegar às instâncias enunciativas subsequentes onde a linguagem geralmente assume a forma medialmente falada (áudios, vídeos).

* Na instância do narrador, serão basicamente analisadas:

a) as marcas enunciativas/enuncivas que ordenam as categorias de pessoa, tempo e espaço;

b) a forma como o narrador remete o leitor aos textos de apoio;

c) a formulação do texto quanto às escolhas lexicais e sintáticas;

* Na instância do interlocutor, serão analisados:

a) quem é o interlocutor instaurado (se é repórter ou não);

---

[53] Essa relação, entretecida no decorrer dos capítulos 2 e 3, aparece no tópico "Enunciatividade e Oralidade *vs* Enuncividade e Escrituralidade", no final do terceiro capítulo.

[54] Segundo o Manual de Redação da *Folha de S. Paulo* (2001), *texto de apoio* é expressão utilizada para se referir às fotografias, gráficos, vídeos, tabelas, áudios, etc. que auxiliam na construção dos sentidos do texto escrito.

b) como esse interlocutor se enuncia do ponto de vista medial (sua fala vem em áudio, vídeo ou transcrita);

c) como se caracteriza esse texto do ponto de vista conceptual segundo a relação fala/escrita;

d) se recorre a marcas enuncivas ou enunciativas para instaurar as categorias da enunciação;

e) a ocorrência ou não de debreagens de 3º grau (quando um interlocutor delega voz a outro interlocutor no texto);

f) no caso de ocorrer esse tipo de debreagem, será especificado quem é o novo interlocutor e como se enuncia esse novo sujeito em relação às categorias de pessoa, tempo e espaço;

g) tendo em conta que ao final das notícias aparece a seção *Comentários* – que comporta manifestações de leitores (interlocutores) acerca do assunto abordado – interessa-nos analisar também como se enunciam tais sujeitos, ou seja, se instauram enunciva ou enunciativamente as categorias da enunciação e como é a constituição desses enunciados do ponto de vista conceptual, mais marcadamente oralizados ou escrituralizados.

* Nos infográficos, serão analisados recursos que produzem efeitos de sentido de aproximação (enunciatividade) e também os que produzem efeitos de distanciamento (enuncividade).

* Nas fotografias e vídeos serão analisados:

a) o caráter de enunciatividade ou de enuncividade que se projeta nas imagens;

b) elementos extralinguísticos que se apresentam e concorrem para produzir efeitos de sentido de aproximação.

Dada a heterogeneidade de enunciadores, enunciados e recursos que constituem o objeto de pesquisa, outras questões podem emergir durante o processo de análise. A elas também será direcionado um olhar especial, se não para uma abordagem aprofundada, pelo menos para despertar reflexões que podem suscitar outros estudos referentes à enunciação no jornal *on-line*.

6 ANÁLISE DO *CORPUS*

Neste capítulo procedemos à análise das notícias que constituem o *corpus* da pesquisa. Cada notícia será descrita e interpretada individualmente. Primeiramente, apresentamos cada notícia como ela aparece na página do *site* e, na medida em que se desenvolve a análise, procuramos mostrar imagens dos hipertextos que aparecem quando acessados os *links.*

Como, porém, trata-se de hipertextos, nem todos os recursos são passíveis de transposição para o suporte papel. Os áudios, por exemplo, podem até ser transcritos, mas na transcrição se perdem elementos significativos para este estudo, como o tom de voz, os ruídos. Os vídeos, por sua vez, perdem os sons e o movimento quando congelados em imagens. Nesse sentido, embora apresentemos algumas transcrições das conversações travadas e mostremos no corpo do texto imagens dos vídeos e dos infográficos animados, o ideal é que se "assistam" e se "ouçam" tais hipertextos. Para tanto, lançamos as notícias, com todos os seus recursos, no CD que consta no Anexo C[55] deste trabalho.

Antes de proceder à análise das notícias, lembramos que em cada instância enunciativa há dois actantes (enunciador e enunciatário, narrador e narratário, interlocutor e interlocutário) que, juntos, constituem o sujeito da enunciação. Como "enunciador" serve para designar a primeira instância enunciativa e, ao mesmo tempo, é um termo genérico que comporta outros actantes da enunciação (em 2ª ou 3ª instância), na análise utilizaremos o par narrador - narratário (ou narratário-leitor) quando nos referirmos à 2ª instância; o par interlocutor – interlocutário para, em relação à 3ª instância, nos referirmos aos atores do enunciado que, em discurso direto, ganham voz no texto; e o termo locutor para nos referirmos aos atores do

[55] No Anexo C, também lançamos as informações necessárias à instalação de um programa – o Riva FLV Player, anexo no CD – que possibilita a execução dos áudios, vídeos e infográficos animados constituintes das reportagens.

enunciado cujas vozes são subsumidas pelas do narrador em discurso indireto (FIORIN, 2002; DISCINI, 2005).

Como já proposto, partimos do princípio de que é o narrador a instância enunciativa que materializa o discurso em texto, realizando as escolhas enunciativas que se mostram no enunciado. Também é o narrador que delega voz aos interlocutores e remete o narratário-leitor aos hipertextos. Assim, embora sejam possíveis múltiplos caminhos na leitura desse tipo de texto, partimos da análise da instância do narrador no texto que se apresenta imediatamente na tela para depois explorar o universo dos hipertextos. Nesse sentido, primeiramente se analisam o texto escrito e a fotografia que o acompanha. Depois, seguindo uma espécie de "sequencialidade" em que se dispõe o texto, analisam-se os hipertextos - áudios, vídeos, infográficos e galerias de fotos - que fazem parte do conjunto. Sem esquecer, entretanto, que a análise "após segmentar, separar, classificar, deve de novo juntar e articular, porque só assim a leitura terá, ela também, o seu sentido" (TEIXEIRA, 2008).

6.1 Notícia sobre conflito na Faixa de Gaza[56]

Plantão > ← VOLTAR

IMPRIMIR | ENVIAR | CORRIGIR | COMENTAR | LETRA A - | A +

Mundo | 14/01/2009 | 13h58min

Mais de mil palestinos morreram na ofensiva israelense em Gaza

Só nesta terça-feira, bombardeios fizeram 26 vítimas

Atualizada às 15h16min

Mais de mil palestinos morreram, a metade deles civis, e 4,6 mil ficaram feridos nos 19 dias da ofensiva israelense na Faixa de Gaza.

O balanço de vítimas fatais palestinas por causa da operação israelense superou as mil pessoas depois que 26 perderam a vida nesta terça-feira em bombardeios e confrontos armados na Faixa de Gaza, principalmente no norte e no leste da Cidade de Gaza, segundo o responsável do serviço de emergência no local, Muawiya Hassanein.

Cinco dos mortos pertenciam à família Ashur, cuja casa no campo de refugiados de Beit Lahia, no norte de Gaza, foi atingida por cinco projéteis disparados por um tanque, disseram testemunhas.

Além disso, dezenas de projéteis foram lançados no leste do campo de refugiados de Jabalya — onde morreram duas mulheres civis — e na Cidade de Gaza.

Caças-bombardeiros F-16 destruíram com mísseis o principal cemitério da Cidade de Gaza, situado no bairro de Sheik Raduan Foto: Hatem Moussa, AP

Os protestos pelo mundo contra os ataques a Gaza

Confira outras imagens do conflito

Comente esta matéria

Notícias Relacionadas

[56] Notícia veiculada em *ZH on-line*, em 14/01/2009, disponível em: http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&section=Mundo&newsID=a2367906.xml

Outros dois civis que morreram eram pedestres que foram atingidos por uma bomba do exército israelense quando se encontravam em uma das principais ruas da cidade de Rafah, no sul de Gaza.

Pelo menos quatro dos mortos eram milicianos, precisamento dos Comitês Populares da Resistência e dos braços armados do Hamas, as Brigadas de Ezedin al-Qassam, e da Jihad Islâmica, as Brigadas de Jerusalém afirmaram os três grupos em diferentes panfletos.

A aviação israelense lançou também dezenas de bombas de fumaça no centro da Cidade de Gaza, segundo emissoras de rádio locais. Além disso, caças-bombardeiros F-16 destruíram com mísseis o principal cemitério da Cidade de Gaza, situado no bairro de Sheik Raduan.

Neste contexto, o responsável do serviço de águas de Gaza, Monzer Shublaq, advertiu hoje que cerca de 800 mil pessoas, a metade da população do território palestino, estão sem água desde o início da ofensiva.

Shublaq citou dois motivos para a crise da água: "o primeiro é que os tanques israelenses destruíram os principais encanamentos que fornecem água a grandes zonas de Gaza e, o segundo, a falta de entrada de combustível derivado do petróleo que impede o bombeamento de água".

O funcionário disse que 40% das fontes de água não estão funcionando e que só são extraídos cerca de 100 mil metros cúbicos diários, frente aos 220 mil antes da ofensiva.

Confira a linha do tempo do conflito na Faixa de Gaza e vídeos com análises:

EFE

14/01/2009 01h20min
- Mais de 300 protestam diante da Embaixada de Israel em Lima

13/01/2009 23h07min
- Assembléia Geral da ONU convoca reunião para quinta sobre situação em Gaza

13/01/2009 20h59min
- Obama continuará usando poder militar norte-americano, diz Hillary Clinton

13/01/2009 19h21min
- Israel intensifica cerco a Gaza e aumenta ataques a áreas povoadas

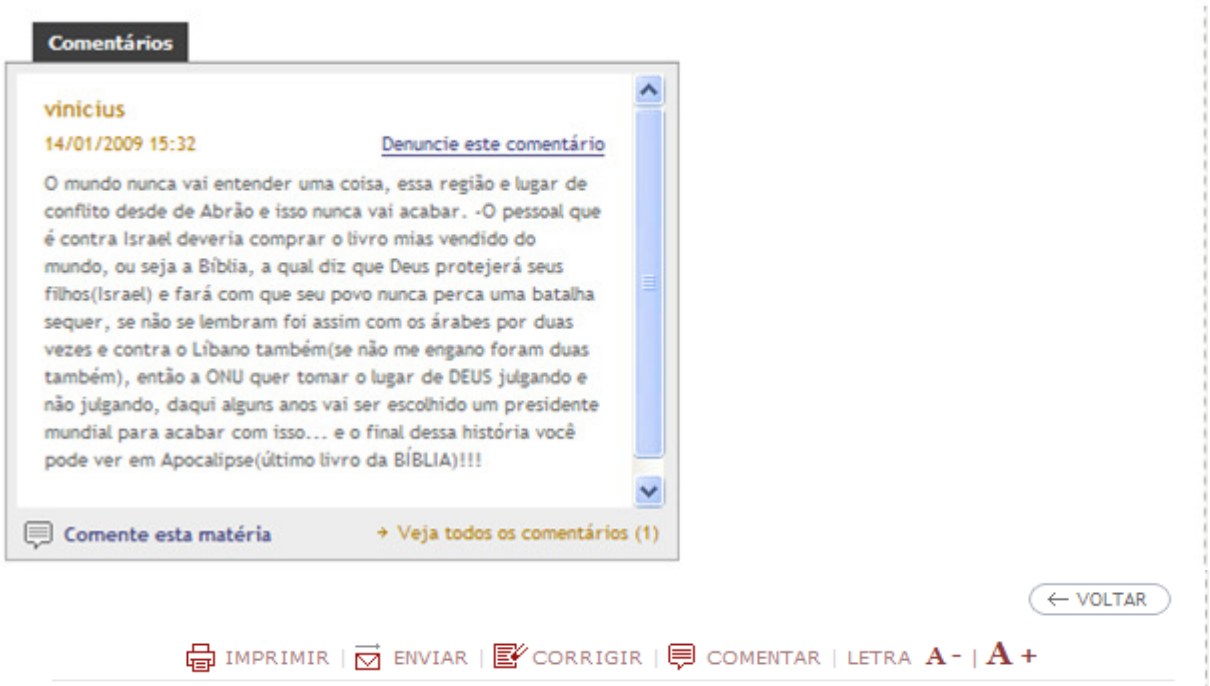
13/01/2009 14h42min
- EUA farão o possível por paz entre Israel e palestinos, diz Hillary

13/01/2009 13h05min
- Unicef : ofensiva israelense em Gaza já matou 275 crianças

13/01/2009 10h50min
- Médicos denunciam uso de explosivo experimental por Israel em Gaza

13/01/2009 09h41min
- Israel se aproxima da Cidade de Gaza em forte ofensiva

13/01/2009 09h20min
- Secretário-geral da ONU apela por trégua na Faixa de Gaza



Essa notícia, veiculada em *ZH on-line* em 14 de janeiro de 2009, faz parte de num conjunto de reportagens sobre o conflito entre palestinos e israelenses na Faixa de Gaza, deflagrado no final de dezembro do ano anterior – mais propriamente em 27/12/2008 - e que perdurou até meados de janeiro de 2009. Como se pode observar no lado direito da notícia, sob o título *Notícias relacionadas* aparecem outras 9 referentes ao conflito, em forma de hiperlinks. Esta notícia relata fatos ocorridos no dia 14/01/2009, quando bombardeios e conflitos armados causaram a morte de mais de 26 palestinos, fazendo com que a estimativa do número de vítimas passasse dos mil no período compreendido entre o início do conflito e o momento do relato. O desenrolar do texto traz informações sobre as possíveis vítimas (quem eram) e sobre a situação da falta de água enfrentada pelos palestinos.

No corpo da notícia, há um arranjo de hipertextos que contempla: infográficos, áudios, vídeos. Esse arranjo, entretanto, foi utilizado ao longo da cobertura sobre o conflito em diferentes notícias e, como constatamos durante a análise, ia sendo construído/complementado com o desenrolar dos fatos. Ocorre que não capturamos (salvamos da *web*) essa notícia – e os hipertextos - no dia 14/01, quando ela foi "ao ar", mas em uma segunda visita à página da notícia, no dia 21/01/09. Esse período de tempo entre o primeiro acesso à notícia e o segundo, quando a salvamos, despertou uma questão curiosa: percebemos que alguns hipertextos que compunham o arranjo haviam sido atualizados até o dia 21/01,

embora figurassem no corpo de uma notícia veiculada em 14/01. Em decorrência dessa atualização, constam em alguns hipertextos do arranjo fotografias e relatos sobre fatos ocorridos até 14/01 e também após 14/01. O infográfico, por exemplo, ganhou complementação: foram-lhe acrescidas informações de dias posteriores a 14/01. O mesmo aconteceu com a linha do tempo, que, ao final, apresenta o desfecho da questão, impossível de saber no dia 14/01.

Esse tipo de atualização dos hipertextos gera uma situação inusitada: permite que ao ler uma notícia de uma data anterior o leitor fique também sabendo de fatos ocorridos em dias posteriores. Ou seja, ao acessar o endereço eletrônico da notícia "*Mais de mil palestinos morreram na ofensiva israelense em Gaza"* após 21/01, o leitor se depara com uma notícia escrita referente ao dia 14/01, mas com hipertextos que contemplam também acontecimentos posteriores a essa data. Isso interessa à análise por três razões: primeiro porque está relacionada à natureza do jornal *on-line*, já que nos formatos *off-line*[57] uma notícia de uma determinada data de forma alguma contempla informações de datas posteriores àquela; segundo porque denota a fugacidade e a dinamicidade das informações *on-line*, que são modificadas, atualizadas durante o tempo em que ficam no *site*, a ponto de não mais se conseguir ler/apreender a **mesma** notícia duas vezes; terceiro, porque esse processo parece suscitar incongruências enunciativas e interpretativas.

No decorrer da análise desta notícia, portanto, apontamos os hipertextos que foram atualizados e, ao final, discutimos questões intrigantes que essa atualização produziu.

6.1.1 Do texto escrito e da fotografia principal

a) Das escolhas lexicais e sintáticas

Do ponto de vista das escolhas lexicais, embora não apareçam expressões características da linguagem falada neste texto - como reduções de vocábulos (*tava* por

[57] Lembrando que o termo "*off-line*" se refere a jornais produzidos na véspera para serem lidos no dia seguinte, seja no suporte papel ou no eletrônico.

estava, pra por *para),* desvios de regência verbal ou de colocação pronominal -, também não aparecem vocábulos que exijam do leitor um esforço maior para compreensão da linguagem. No entanto, não se pode dizer o mesmo quanto à estrutura sintática desse enunciado. Há nele uma tendência à hipotaxe entre termos e orações de um mesmo período. Ligam-se explicações e ideias subsequentes a expressões anteriormente mencionadas, intercalando-as com os termos essenciais da oração, o que acaba projetando períodos longos, marcados, em geral, por um único ponto-final. Com exceção do 7º parágrafo, em que aparecem dois pontos finais, os outros nove blocos se constituem de um único período. Veja-se, por exemplo, o segundo parágrafo:

O balanço de vítimas fatais palestinas por causa da operação israelense superou as mil pessoas depois que 26 perderam a vida nesta terça-feira em bombardeios e confrontos armados na Faixa de Gaza, principalmente no Norte e no Leste da Cidade de Gaza, segundo o responsável do serviço de emergência no local, Muawiya Hassanein.

A expressão *por causa da operação israelense* entre sujeito e verbo explica o porquê de haver vítimas fatais palestinas. O *depois que 26 perderam a vida* indica que a morte dessas 26 é que fez com que o número de vítimas passasse dos mil. A expressão *nesta terça-feira* marca tanto o dia em que as 26 pessoas perderam a vida quanto o dia em que o número de vítimas passou de mil. Assim, sucessivamente, as demais informações também vêm encadeadas às anteriores, todas em um único período. O processamento de todas elas supõe um leitor com certa habilidade de leitura, que reconstrua o sentido a partir de períodos longos, complexos, que saiba recuperar termos anafóricos e elípticos - a exemplo do § 9, em que há elipse de vocábulos (*é, motivo*), e no qual a oração subordinada *que impede o bombeamento de água* não se refere ao termo anterior *petróleo* mas à falta de combustível dele derivado. Enfim, tal organização sintática pressupõe um leitor que não se perca no labirinto que entretece as informações.

A propósito, esse modo "corrido" e "labiríntico" de relatar acaba criando armadilhas ao próprio narrador, como é possível verificar no 6º parágrafo. Esse parágrafo, face a tantos nomes de milícias envolvidas, exigia uma formulação que melhor explicasse quais grupos pertencem a quais organizações (ou milícias); também uma pontuação que mostrasse, ao contrário do que indica a ausência da vírgula, que o sujeito do verbo *afirmaram* não é as Brigadas de Jerusalém, mas *os três grupos em diferentes panfletos*. Uma vírgula antes do *afirmaram* já resolveria esse último problema. Quanto ao anterior... Também nesse mesmo

parágrafo, a palavra *precisamento*, no lugar de "precisamente", denuncia o caráter subjetivo de um narrador que, sob a coerção do tempo, imprime marcas da pressa no seu enunciado.

b) Das escolhas do narrador quanto à instauração das categorias da enunciação

No texto escrito, em primeiro lugar, percebe-se a ausência de um repórter que assine essa notícia, fato comum quando se abordam fatos de ordem mundial e não local. Tal questão, no entanto, parece reforçar o caráter de objetividade, de distanciamento do narrador em relação aos fatos narrados, como se o texto se enunciasse sozinho. Não há uma "actorialização" do narrador, esse não se personifica em um repórter que tem nome e sobrenome. Essa ausência fortalece as escolhas enuncivas de pessoa e lugar que regem o texto até o 10º parágrafo. Esse narrador não diz "eu", nem diz "aqui" e, por isso, não há como determinar de onde se enuncia. Por meio de debreagens enuncivas de pessoa e lugar, fala de um "eles" (vítimas do conflito) e os situa no espaço enuncivo[58] dos fatos (na faixa de Gaza), como atesta o título *Mais de mil palestinos morreram na ofensiva israelense em Gaza*. O restante do texto também segue essa estrutura enunciva actancial e espacial, destacando quem são os "eles" (indivíduos da *família Ashur*, *mulheres civis, pedestres, milicianos*) vitimados e "onde" (norte e leste da cidade de Gaza) se deram os confrontos. Essa especificação do local dos fatos (norte e leste da cidade de Gaza) novamente não está relacionada ao local da enunciação, já que o narrador se enuncia de um "algures".

Entretanto, se o texto escrito é regido por debreagens enuncivas actanciais e espaciais, não acontece o mesmo na instauração do tempo. Já no título o narrador instaura a debreagem temporal enunciativa *morreram*, que marca anterioridade do acontecimento em relação ao momento de referência presente, da enunciação. Não há nenhuma outra marca de tempo nesse título que possa servir de referência ao tempo do acontecimento, só o agora da enunciação. No subtítulo, aparece o *nesta terça-feira*, que também é debreagem enunciativa, pois coincide com o momento da enunciação, ou seja, em algum momento da terça-feira ocorreu a enunciação. Tal questão se reforça com a instauração do advérbio enunciativo *hoje* no 8º parágrafo (*Nesse contexto, o responsável do serviço de água de Gaza, Monzer Shublaq, advertiu hoje que cerca de 800 mil pessoas [...]*). No primeiro parágrafo, o marco temporal

[58] Lembrando que, como explicamos no 3º capítulo, o espaço dos fatos é enuncivo quando não há relação deste com o espaço da enunciação.

instaurado é *nos 19 dias da ofensiva israelense*, enunciativo também, porque o dia da enunciação está entre esses 19 dias. Já no segundo parágrafo se retoma o *nesta terça-feira* (enunciativo) para dar início ao relato dos fatos ocorridos naquele dia. Essas expressões enunciativas de tempo instaladas no enunciado passam a reger os verbos que orbitam em torno delas, verbos esses que, por tomarem como referência um marco temporal instaurado no enunciado, pertencem ao subsistema enuncivo (lembrando que o pretérito perfeito é enuncivo quando toma como referência um marco temporal inscrito no enunciado. Por exemplo, no subtítulo, *Só nesta terça-feira, bombardeios fizeram 26 vítimas,* o marco temporal *nesta terça-feira* é enunciativo, mas o verbo *fizeram* é enuncivo porque toma como referência o marco temporal *nesta terça-feira* inscrito no enunciado. É diferente do que ocorre no título da notícia *Mais de mil palestinos morreram na ofensiva israelense em Gaza*, em que o verbo *morreram* é enunciativo porque toma como referência o momento da enunciação, não há neste enunciado um marco temporal inscrito que sirva de referência ao verbo). Perceba-se, entretanto, que ao narrar sobre a falta de água, os verbos ficam no presente (*estão* sem água, não *estão funcionando*, só *são extraídos*), pois o momento do acontecimento é concomitante ao momento da enunciação. Volta o sistema temporal enunciativo.

Embora sejam vários os atores instaurados no enunciado (Muawiya Hassennein no 2º parágrafo, testemunhas no 3º, os três grupos no 6º, emissoras de rádio locais no 7º, Monzer Shublaq no 8º, no 9º e no 10º) que alicerçam "o dito" pelo narrador, apenas um deles é instaurado como interlocutor. Isso ocorre no 9º parágrafo, quando o narrador, por uma debreagem interna, delega voz ao interlocutor "Shublaq" (Monzer Shublaq, citado no 8º parágrafo) em discurso direto. As palavras de todos os demais, e mesmo do ator Shublaq nos outros dois parágrafos (8º e 10º), aparecem em discurso indireto, são reproduzidas pelo narrador do texto e, por isso, englobadas em sua voz.

c) Da fotografia principal

Também a fotografia que acompanha o texto escrito apresenta caráter enuncivo, seja pelas pequenas dimensões com que se mostra na tela, impedindo uma visualização mais detalhada do espaço e dos atores envolvidos, seja pela perspectiva distante e predominantemente lateral como são retratados os atores, o *eles* no espaço dos fatos. Nela é possível observar "de longe" alguns civis olhando a destruição causada por mísseis que atingiram um cemitério na Cidade de Gaza, enquanto um deles, mais centralizado e um pouco

mais próximo na foto, aparece em posição curvada tomando nas mãos uma lápide que está ao chão. A legenda *Caças-bombardeiros F-16 destruíram com mísseis o principal cemitério da Cidade de Gaza, situado no bairro de Sheik Raduan* ancora a imagem que reitera e, ao mesmo tempo, redimensiona - mostrando os estragos e a desolação dos indivíduos – um dos fatos relatados no texto escrito.

d) Do interlocutor (3ª instância) instaurado no texto escrito

O sujeito da 3ª instância, figurativizado pelo interlocutor Shublaq, fala do problema da falta de água em Gaza, citando motivos para o fato.

9º parágrafo:

> Shublaq citou dois motivos para a crise da água: "o primeiro é que os tanques israelenses destruíram os principais encanamentos que fornecem água a grandes zonas de Gaza e, o segundo, a falta de entrada de combustível derivado do petróleo que impede o bombeamento de água".

A exemplo do narrador, o interlocutor Shublaq “se esconde” no enunciado na medida em que não diz “eu”, “aqui”. Apaga-se como sujeito e dá destaque ao fato narrado. Ao mesmo tempo, ele utiliza verbos enunciativos (*é, fornecem, impedem, destruíram*) que tem como referência o momento presente, da enunciação. Debreagens enuncivas actancial e espacial, e debreagem enunciativa temporal na instância do interlocutor.

e) Do modo como o narrador remete o leitor aos textos de apoio

Ao final do texto escrito, o narrador chama o narratário-leitor a continuar “lendo” a notícia da seguinte forma: *Confira a linha do tempo do conflito na faixa de Gaza e vídeos com análises*. Com essa fala, o narrador remete o narratário-leitor a um arranjo de hipertextos que comporta áudio, vídeo e infográficos sobre o fato em questão.

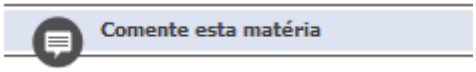
Ao utilizar o verbo no modo imperativo, *Confira*, o narrador instaura o narratário-leitor como sujeito co-enunciador explícito da enunciação, o leitor é o tu (você, nesse caso) da troca intersubjetiva. "Ao dizer *tu*, o *eu* constrói-se explicitamente" (FIORIN, 2002, p. 66). Assim, se até então o narrador vinha se omitindo no enunciado por meio da debreagem actancial enunciva, ao fazer esse convite por meio do verbo *Confira* ele opera uma debreagem actancial enunciativa, instaurando *eu-tu* no enunciado. Tal questão também se evidencia nos *links Confira outras imagens do conflito*[59] e *Comente esta matéria*[60], que se encontram posicionados no lado direito da página, abaixo da foto que acompanha o relato escrito.

Observe-se, porém, que o primeiro dos *links* que remete às galerias de fotos diz: *Os protestos pelo mundo contra os ataques a Gaza.* Neste link, o narrador não instaura o leitor-narratário de forma explícita, como também não se instaura no enunciado. É um narrador que se inscreve – e ao leitor - de forma enunciva. O que mostra que mesmo os convites ao leitor podem ser feitos de forma "objetiva". Mas não foi esta a escolha do narrador nos outros três momentos.

---

[59] Os *links* que remetem a galerias de fotografias são marcados pelo ícone de uma máquina fotográfica e o texto vem em cor diferente, no caso, em vermelho. Assim:
Confira outras imagens do conflito

[60] O *link* *Comente esta matéria* é destacado por um espaço azul englobado por dois traços contínuos onde, acompanhando o enunciado escrito, aparece um balão de diálogo dentro de um círculo. Assim:



6.1.2 Dos hipertextos

É bom lembrar que desde o momento em que o leitor se depara com esta notícia na tela, as escolhas em relação aos caminhos que irá traçar para ler o texto são todas dele. Ele pode simplesmente não aceitar os "convites" e se deter apenas no texto escrito e na fotografia já mostrada na tela. Também pode abrir, aleatoriamente, qualquer um dos *links* que desejar e, protelar a leitura do texto escrito, ou sequer lê-lo, enfim, através de escolhas pessoais, o leitor é quem determina o que vai ler da notícia e como (em que sequência) o fará. Lembrando Marcuschi (2001b, p. 83), "cada leitor faz suas escolhas e seus caminhos que no geral não são similares ao de outro leitor". Como leitores, também escolhemos um caminho a seguir: acessaremos os *links* orientando-nos pela sequencialidade dos elementos disposto na página. Iniciamos pelo arranjo de hipertextos que se apresenta ao final do texto escrito.

Ao aceitar o convite para conferir a linha do tempo e os vídeos, o narratário-leitor é remetido a um arranjo que comporta infográfico animado, áudios, vídeos e fotografias sobre o conflito. Ao clicar no centro do arranjo, não será enviado diretamente à "linha do tempo do conflito" como sugere o convite. Abre-se uma nova janela com fundo preto, sobre o qual se projeta um retângulo com um pequeno texto introdutório:

> *Da fumaça e dos escombros na **Faixa de Gaza** emerge mais um capítulo do histórico conflito entre Israel e o grupo palestino Hamas. A última grande ofensiva israelense – em resposta ao rompimento da trégua por parte do grupo fundamentalista – deixa marcas nos dois lados da fronteira.*

É preciso avançar para seguir. Na próxima tela, já se abre o *link O avanço da ofensiva*, o primeiro hipertexto da lista. Abaixo deste, aparecem outros *links* indicando: *Áudios, Vídeos, História* e mais um convite ao leitor *Está na Faixa de Gaza ou em Israel? Relate como está a situação*. Embora a tela já se abra mostrando *O avanço da ofensiva*, fica a cargo do leitor a escolha por visualizar este hipertexto ou não, pois ele pode, a qualquer momento, clicar sobre um dos outros *links* que aparecem constituindo o infográfico e, assim, mudar os rumos da

leitura. Segue a imagem dessa tela, a primeira do infográfico. À esquerda, podem-se visualizar os demais *links* que remetem a outros recursos e formas de narrar os fatos.

a) Do infográfico *O avanço da ofensiva*

Tela 1: *O avanço da ofensiva*

Essa é a primeira de 13 telas que compõem o hipertexto *O avanço da ofensiva*. Trata-se de um infográfico animado que projeta, sobre uma espécie de mapa que marca as divisas territoriais em que ocorreu o conflito, ícones de soldados e tanques que se movimentam, avançando ou recuando na zona de conflito, de acordo com a cronologia dos fatos relatados em cada desenho. Assim se constitui: em cada uma das telas aparece um desenho de mapa, ícones de soldados e tanques que se movimentam sobre o mapa, representando o caminho feito pela ofensiva, um botão que remete a uma fotografia e um pequeno texto narrando cronologicamente os fatos. Esse texto constitui uma espécie de legenda que, ao mesmo tempo, ancora a foto e os movimentos das tropas no mapa. Uma breve descrição das telas se faz necessária para compreender os efeitos de sentido que os recursos nelas utilizados ajudam a construir ou intensificar.

Na primeira tela (acima) nem todos os recursos se mostram, já que o objetivo é situar o leitor quanto ao local onde ocorreram os fatos para, depois, narrá-los e mostrá-los. Assim,

na tela 1, num pequeno retângulo à direita, aparece o mapa-múndi e nele se destaca a localização dos países envolvidos no conflito. A tela grande sobre a qual o mapa-múndi se projeta já traz o local do conflito numa perspectiva mais próxima, mostrando países vizinhos à Faixa de Gaza e as divisas territoriais entre eles. A passagem da pequena tela do mapa-múndi para a tela maior, mostrando nitidamente as divisas do território em conflito, já projeta um efeito de sentido de aproximação entre leitor e objeto de notícia. É possível, inclusive, perceber o contraste entre a grande extensão de Israel e o espaço minúsculo ocupado pela Faixa de Gaza, que faz fronteira com Israel e Egito.

Na tela 2, aproxima-se ainda mais o foco, situando no mapa não mais países, mas cidades na Faixa de Gaza atingidas por mísseis. A partir dessa tela se instauram os textos que narram cronologicamente os fatos, as fotografias e "ícones" que representam o modo como ocorreu a ofensiva (bombardeio, avanço dos tanques, luta corpo a corpo entre soldados). Nesta tela, abaixo, bolas de fumaça representam os bombardeios que, conforme relata o pequeno texto que compõe a imagem, *marcaram o início da ofensiva, com Israel disparando mísseis contra a Faixa de Gaza no dia 27 de dezembro, um dia depois de o grupo Hamas lançar mísseis contra Israel*.

Tela 2:

Botão que remete à fotografia

Ao clicar no ícone da fotografia da tela 2, a foto a seguir se sobrepõe à tela, intensificando efeitos de referente, realidade e verdade acerca do fato narrado:

Na tela 3 (abaixo), além dos bombardeios, aparecem ícones de tanques de guerra ainda em território israelense, mas disparando na direção da Faixa de Gaza.

E na tela 4, os tanques literalmente cruzam a divisa marcada pela linha vermelha, o que é reiterado no texto que indica: *no dia 3 de janeiro, forças de Israel invadem o território palestino*. A foto que acompanha esta tela mostra uma fileira de tanques de guerra que descem uma duna de terra e avançam em direção ao fotógrafo. O último tanque que aparece ainda está despontando no pico da duna, o que induz pensar que há mais deles vindo atrás. Segue a tela 4 e a respectiva fotografia:

Tela 4:

Assim, sucessivamente, a cada nova tela, relatam-se cronologicamente os acontecimentos, mostra-se o avanço ou o recuo das tropas e apresenta-se uma fotografia que faz referência aos fatos narrados. Também se apresentam as trajetórias dos mísseis e foguetes lançados contra Israel ou Gaza durante o conflito. Neste infográfico, como já adiantamos no início da análise, houve atualizações. Ele contempla o desenrolar dos fatos durante todo o conflito, inclusive relata como foi o desfecho da ofensiva, ocorrido após o anúncio israelense de cessar-fogo, no dia 17 de janeiro.

Transpusemos as 13 telas que compõem o infográfico bem como as fotografias que as acompanham para o Anexo D deste trabalho, onde podem ser visualizadas. Impossível, porém, é transpor para dentro deste os recursos de animação gráfica que intensificam efeitos de sentido, como a projeção do espaço do conflito, que se dá a partir da localização de um pequeno ponto no mapa-múndi e expande-se na tela maior, possibilitando visualizar nitidamente as fronteiras do território. Ou, ainda, a exemplo dos ícones de soldados, tanques, mísseis e foguetes que, literalmente, movimentam-se sobre o mapa, avançando ou recuando em relação à linha vermelha que marca as fronteiras entre Israel e a Faixa de Gaza, o que permite ter ideia tanto do movimento das tropas de ataque em determinados momentos da ofensiva quanto dos recursos utilizados (lançamento de mísseis, avanço das tropas, avanço das tropas e tanques). Também os bombardeios ganham forma de bolas de fogo que mudam de cor e ficam cinza (fumaça) ao atingirem o alvo, produzindo a sensação de "ver" as explosões. Nesse sentido, o ideal é que se "assista" ao infográfico no CD que acompanha o trabalho.

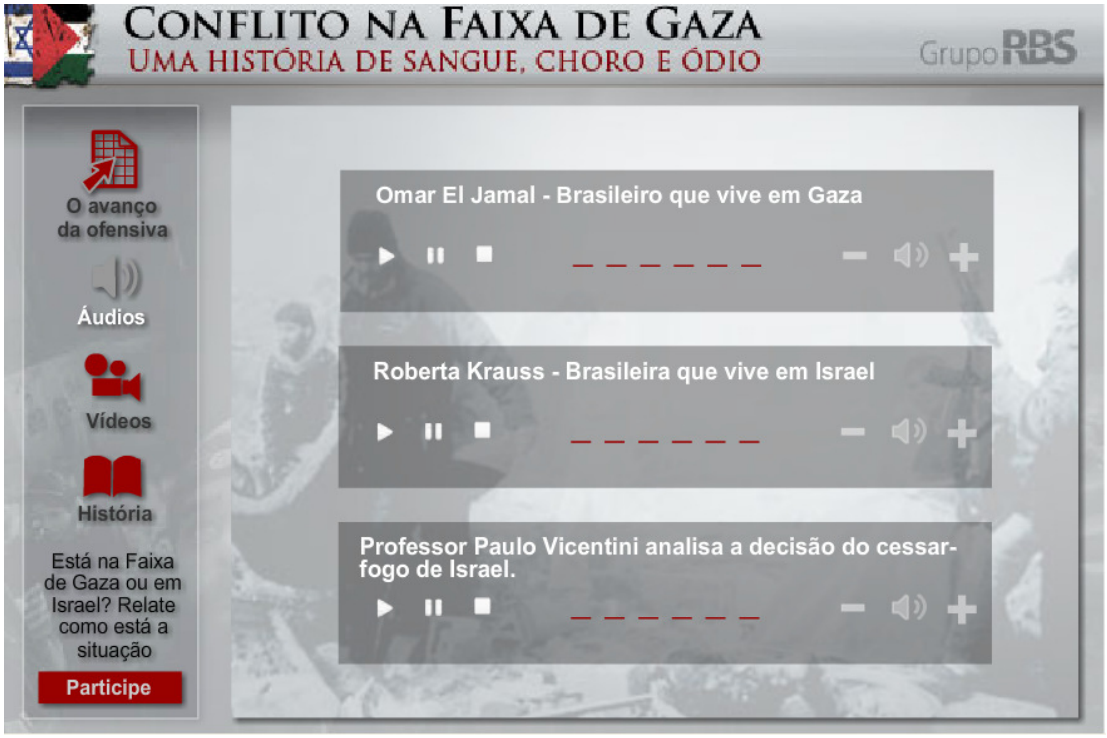
Esse infográfico, assim composto, traça *O avanço da ofensiva* com diferentes linguagens e/ou recursos que mais aproximam os fatos do leitor. O leitor consegue situar/visualizar o local do conflito no mapa-múndi; saber quais sãos os países vizinhos; visualizar as fronteiras dos envolvidos no conflito; acompanhar a cronologia dos acontecimentos; compreender o deslocamento das tropas israelenses e como se deu a atuação destas (só bombardeio, avanço/recuo de tanques e/ou de soldados) nos momentos destacados; e ver fotografias que trazem cenas dos momentos narrados ou a eles fazem referência.

Num jornal impresso, muitos desses recursos seriam readaptados ou se perderiam. A movimentação das tropas sobre o mapa (via animação gráfica), por exemplo, se perderia. Por conta do limite de páginas, dificilmente se reproduziriam tantas fotos, tampouco seria possível reproduzi-las no tamanho em que aparecem na tela e com tal qualidade de cores. Tais imagens - diferentemente da pequena foto sobre o bombardeio ao cemitério que aparece na página

principal -, permitem melhor apreender aspectos concernentes aos sujeitos, ao espaço, às cenas que retratam. Nesse sentido, melhor permitem a "inserção" do leitor no mundo retratado. Nesta mesma direção vão os recursos de animação gráfica explorados no infográfico, os quais, simulando percursos, movimentos e aproximações, mais dizem sobre os fatos narrados e mais os aproximam do leitor.

b) Dos Áudios

O segundo *link* que aparece no arranjo de hipertexto é o dos *Áudios*. Ao clicar neste botão, o leitor é remetido a uma tela em que, sobre um fundo em marca d'água com imagens do conflito, destacam-se três retângulos que comportam, cada um deles, um áudio. Novamente, o leitor escolhe qual(is) quer ouvir:



- Áudio 1: *Omar El Jamal – Brasileiro que vive em Gaza*

Se opta pelo primeiro, o leitor ouve uma conversa telefônica entre uma repórter e *Omar El Jamal – Brasileiro que vive em Gaza*, como indica a chamada no áudio. Esse áudio tem 06min25s de duração e a repórter faz perguntas ao *Seu Omar* sobre a situação com que se

deparam os indivíduos que vivem na Faixa de Gaza. A apresentação pessoal da repórter – o que possibilitaria saber seu nome - é suprimida no áudio, que já inicia com a fala de Omar. Segue a transcrição[61] do trecho inicial da conversação.

Omar	estou::... estou na Faixa de Gaza...exatamente...você tá ligando aqui na Faixa de Gaza
Repórter	em que localidade exatamente o senhor tá aí::... Seu Omar?
Omar	como?
Repórter	qual é o NOme da localidade aí na Faixa de Gaza onde o senhor tá?...tá na/
Omar	na na na na na:: na Gaza mesmo...na centro da Gaza... em Gaza mesmo...
Repórter	no centro de Gaza
Omar	no centro de Gaza
Repórter	e como é que tá a situação HOje aí seu Omar? ... o que que/
Omar	a situação... a situação tá péssimo::... uhn... é uma miséria... aqui tá muito::... aqui você tá ligando pra mim tá sem luz até ...( ) correu pra pegar o telefone porque eu não tava enxergando ele... ah tá sem luz... a cidade tá sem luz tá sem água tá sem comida [...]

A entrevista prossegue e nela prepondera a voz do entrevistado, que relata questões sobre a falta de luz, de água, de comida, de atendimento médico, de medicamentos, enfim, sobre a situação caótica que se instalou na região do conflito. A repórter, por sua vez, de acordo com as direções que o relato toma, interpela o interlocutor sobre questões vivenciadas: pergunta se ele pode sair de casa, se tinha estoque de comida, onde ele estava quando

[61] Os sinais que marcam ocorrências como pausas (...), alongamentos (::), entonação, etc. constam na tabela *Normas para transcrição de textos orais,* que constitui o Anexo E deste estudo. Trata-se de uma transposição das normas de transcrição utilizadas pelo projeto NURC e propostas na obra "A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre dois informantes", organizada por Hilgert (2009).

iniciaram os bombardeios, como está a situação dos bombardeios no dia e se o interlocutor tem conseguido dormir em função dos ataques aéreos.

Retomando Marcuschi (2001a), podemos dizer que essa entrevista é medial e conceptualmente oralizada. É uma conversação espontânea, não parece seguir uma sequência prévia de perguntas e respostas. Prova disso são as reformulações feitas pela repórter quando pergunta; as hesitações e pausas que denotam a procura pela melhor formulação da pergunta; a utilização de expressões como *tá* (está)*, pra* (para), que marcam espontaneidade e informalidade; a própria interrupção das perguntas pelo interlocutor, que numa espécie de "solidariedade sintática" parece captar a intenção e já se adianta na resposta, sem que a repórter tenha efetivamente concluído sua formulação (vejam-se a 2ª e a 3ª perguntas da repórter). Sublinhe-se que a fala do interlocutor Omar é marcada por correções, pausas, hesitações, reformulações, expressões como *ta, tô (estou), pra, tava* (estava), e marcadores de fala como *ahn, uhn, ah*, etc. Veja-se, por exemplo, o trecho em que Omar responde onde está, em que repete várias vezes o "na" e depois diz ***na*** *centro de Gaza*, equívoco de concordância nominal que é corrigido pela repórter e, depois, reformulado pelo próprio interlocutor que repete: ***no*** *centro de Gaza*.

Por meio desse áudio, ocorre uma delegação de vozes no texto. O narrador do texto escrito, 2ª instância enunciativa, passa a palavra ao actante da terceira instância, o interlocutor actorializado pela repórter. Esta, por sua vez, dialoga com um entrevistado. Repórter e entrevistado constituem os parceiros da troca comunicativa na 3ª instância, interlocutor-interlocutário, cujos papéis se invertem a cada vez que um deles toma seu turno no diálogo.

Ambos os interlocutores - a repórter e o entrevistado - se utilizam de debreagens enunciativas para instaurar as categorias da enunciação. A repórter, ao perguntar "Em que localidade exatamente *o senhor tá aí*, *Seu Omar*?", opera debreagens actancial, temporal e espacial enunciativas. Instaura-se como *eu* ao instaurar o *tu*, a quem se dirige como *o senhor*, *Seu Omar*. Situa-se num *aqui* que se contrapõe ao *aí na Faixa de Gaza* onde se situa o interlocutor Omar. E utiliza, preponderantemente, expressões de tempo e verbos do sistema enunciativo (*está, se encontra, pode*, *tem conseguido dormir, fica preocupado, não dá pra descansar, etc*.), já que busca saber como se encontra a situação do interlocutor naquele momento, no agora da interação.

O interlocutor Omar já inicia o depoimento com a instauração de categorias enunciativas. Diz "*Estou* na faixa de Gaza, exatamente, você *tá* ligando *aqui* na Faixa de

Gaza". Ao dizer *estou*, inscreve-se como sujeito (eu) no tempo do agora, que se encontra no *aqui* da Faixa de Gaza.

Além das categorias da enunciação *eu/tu, aqui, agora* - fatos enunciativos *em sentido estrito*[62] -, transparecem nessa interação fatos enunciativos *em sentido lato*, ou seja, outros traços linguísticos que denotam a "presença do locutor no seio do seu enunciado" (FIORIN, 2002, p. 38). Exemplo disso são os deslizes gramaticais, as apreciações pessoais, as reformulações, as entonações, as pausas (que também significam), os vocábulos/expressões por alguma razão "incompreensíveis", enfim, marcas de subjetividade que se mostram no texto que se ouve.

A interação apresentada nesse áudio, portanto, embora não se dê face a face[63], (re)constitui uma situação de comunicação espontânea, uma troca entre dois sujeitos eu/tu, que comungam de uma identidade temporal, o agora. É uma enunciação reportada em que se preservam as marcas do processo no produto.

- Áudio 2: *Roberta Krauss – Brasileira que vive em Israel*

Indicando a necessidade de considerar "os dois lados da moeda", postura que auxilia a construção de efeitos de objetividade e neutralidade do jornal, abaixo do áudio com depoimentos de Omar El Jamal sobre a situação na Cidade de Gaza aparece outro com os relatos de *Roberta Krauss – Brasileira que vive em Israel* sobre as situações vivenciadas no lado do oponente.

Em 6min 45s, praticamente o mesmo tempo do áudio anterior, Roberta Krauss relata, também por telefone, à repórter – cujo nome novamente não aparece – situações vivenciadas em Israel por conta da ofensiva. Segue a transcrição do trecho que inicia a entrevista:

Repórter	tu moras em Ashkelon né:: ?
Roberta	i::sso
Repórter	tu és da onde aqui do Brasil:: Roberta ?

[62] Por fatos enunciativos em *sentido estrito* entendem-se "as projeções da enunciação (pessoa, espaço e tempo) no enunciado, recobrindo o que Benveniste chamava o 'aparelho formal da enunciação' "(FIORIN, 2002, p. 38).

[63] Nos estudos da conversação, as conversas telefônicas são consideradas objetos de estudo idênticos aos diálogos travados face a face.

Roberta de São Paulo

Repórter tu moras aí há quanto tempo:: Roberta ?

Roberta eu moro aqui há quatro anos

Repórter e foste pra aí por que razão ?

Roberta éh::...eu moro aqui há quatro anos (que) minha família veio para CÁ...eh:: eles...éh:: vão fazer quase seis meses que eles voltaram pro BraSIL... e:: ... eu tô aqui

Repórter: t/tu tá nesse/nesse tempo todo em quatro anos em Ashkelon sempre... ou:: ? ...

O áudio continua com a entrevistada contando que está na cidade de Ashkelon há seis meses, mas há quatro mora em Israel. Ao ser questionada sobre os bombardeios, Roberta Krauss relata que na manhã daquele dia um dos mísseis atingira um prédio em construção no final da sua rua. A partir de então, passa a relatar, quase que ininterruptamente, sobre a situação conflituosa que impera em Ashkelon, que, de acordo com ela, fica no Sul de Israel, a 20 quilômetros da Faixa de Gaza. Conta que há mais de oito anos o Sul de Israel sofre com os conflitos entre o Hamas e Israel; que Israel é um país "pronto pra guerra", pois por toda parte há sirenes e abrigos subterrâneos; que há um grupo do exército responsável por explicar à população como proceder em casos de perigo; que escolas e comércio permanecem fechados durante o conflito; o que se deve fazer quando toca a sirene de alerta; e, por fim, como é viver sob o medo em um local atormentado pelo terror em tempos de conflito.

Esse áudio segue os mesmos padrões do anterior, tanto no que tange à espontaneidade e à informalidade como se conduz a conversação quanto no que diz respeito à instauração das categorias da enunciação. Novamente se instauram as trocas de turnos, as pausas, as autocorreções, a "solidariedade sintática"[64], a sobreposição de vozes, as entonações e alongamentos, as expressões próprias da fala (*né, tá, tô, pra, entendeu?)*, os fáticos (*hum, hum, ahn, éh,* etc.), denotando tratar-se de uma interação medial e conceptualmente falada em que se mostram as marcas da enunciação. Quanto à instauração das categorias da enunciação

[64] Lembrando que a "solidariedade sintática" ocorre quando um dos falantes, durante seu turno de fala, não encontra o termo preciso para avançar na formulação da ideia e é auxiliado pelo interlocutor que lhe sugere uma alternativa.

no enunciado, ambas as interlocutoras se instauram enunciativamente. A repórter se inscreve como "eu" ao dizer, literalmente, "tu"; marca seu discurso no tempo presente e no espaço do "aqui", que é o Brasil, explícito no "*tu és* da onde *aqui do Brasil*, Roberta?". Também a interlocutora Roberta se inscreve como "eu", no "agora" e no "aqui" da enunciação, como mostra o trecho: "*eu moro* (presente) *aqui* há quatro". Nesse caso, o "aqui" da entrevistada é é Ashkelon.

No decorrer do áudio, predominam os advérbios e os verbos do sistema enunciativo, tanto nas falas da repórter quanto nas da entrevistada. Na fala de Roberta também se manifestam embreagens enunciativas actanciais. Como, por exemplo, quando para explicar que, em tempos de conflitos, se **as pessoas** estão na base do exército elas não temem tanto, ela diz:

> *quando tu tá no exército... quando tu tá na base então tu não se preocupa muito com o que vai acontecer ... entendeu? mas quando é tua casa... quando você tem que voltar pra casa do trabalho [...].*

Dizendo desse modo, recobre com *tu/você*, ambos enunciativos, uma debreagem enunciva em "eles" (as pessoas em geral), neutralizando a terceira pessoa. Essa escolha enunciativa produz efeitos de sentido de proximidade entre os interlocutores, que acabam ambos se identificando com esse *tu* instaurado.

Esse áudio, a exemplo do anterior, comporta fatos enunciativos em sentido estrito e em sentido lato. Aliás, há de se destacar que, assim constituídos, tanto medial quanto conceptualmente oralizados, nos dois áudios analisados florescem marcas de subjetividade, ou traços linguísticos que denotam a "presença do locutor no seio do seu enunciado" (FIORIN, 2002). Marcas essas que geralmente vêm apagadas nos enunciados escritos. O discurso direto no texto impresso, por exemplo, embora crie um simulacro da enunciação, apaga a maioria das marcas da enunciação, mostra o produto em detrimento do processo. Já esses dois áudios, pela gravação, conservam e mostram as marcas da enunciação no enunciado, marcas que remetem às condições de produção.

- Áudio 3: *Professor Paulo Vicentini analisa a decisão do cessar-fogo de Israel*

Esse áudio, como já indica o título, fala sobre o cessar-fogo, que aconteceu em data posterior a 14/01. É fruto, portanto, de uma atualização no arranjo de hipertextos.

Ao abrir esse áudio, o leitor não ouve de imediato a voz do *Professor Paulo Vicentini* e tampouco sua análise sobre a decisão de cessar-fogo de Israel. Primeiramente, ouve-se um jornalista lendo uma notícia sobre o cessar-fogo, como que contextualizando a fala de Vicentini. Esta consiste num pequeno trecho inserido quase ao final da narração do jornalista. Segue a transcrição do áudio, que tem duração de 01min 23s.

Jornalista	o governo de Israel aprovou cessar-fogo na Faixa de GAza ... a decisão foi tomada após reunião do gabinete de segurança israeLENse ... o primeiro ministro Ehud Holmer ressaltou que o acordo foi uma decisão uni-lateRAL ... ele agradeceu a ajuda do presidente do Egito ... Osni Mubarack ... ao organizar uma reunião de cúpula que DEve analisar a situação no território neste domingo ... apesar do cessar-fogo ... as autoridades israelenses adiantaram que pretendem MANter as tropas em GAza ... e também manter o bloqueio DO território ... o acordo JÁ foi rejeitado pelo grupo palestino HaMAS ... que NÃO vai aceitar a presença de soldados israelenses na região ... para o professor Paulo Vicentini ... especialista em relações internacionais... a intransigência dos palestinos fará com que a opinião pública fique a favor de Israel
Paulo Vicentini	vai deixá:: o Hamas em caso de:: recusa numa posição:: de intransigente ... fica agora melhor pra/pra Israel ... se ele demonstrar intransigência e continuá::... ahn com alguma forma de lançamento de foguetes isso VAi fazer com que Israel ahn:: ... fique:: credenciA::do vamos dizer assim junto à opinião pública
Jornalista	o governo de Israel garantiu que alcançou TOdos os seus objetivos na guerra de Gaza ... em vinte e dois dias de ofensiva mais de mil palestinos morreram

Nesse áudio, ao contrário dos dois anteriores, não há uma conversação entre interlocutores. Ele não constitui uma entrevista. Há um repórter que lê uma notícia sobre o cessar-fogo e abre um espaço em seu enunciado para inserção da fala de outro sujeito, no caso Paulo Vicentini. A fala de Vicentini poderia ter sido reproduzida em discurso indireto, já que se trata de um breve relato que apenas explica como *a intransigência dos palestinos fará com que a opinião pública fique a favor de Israel*. No entanto, optou-se pela projeção desta em discurso direto, transformando Paulo Vicentini em interlocutor que "abre a boca e fala".

⇨ *Sobre a fala do jornalista*

Embora o relato seja medialmente falado (oral), esse áudio se assemelha a uma notícia escrita, principalmente na fala do jornalista. Primeiro pelo caráter conceptual de escrita que marca o seu enunciado, depois pela forma como este projeta as categorias da enunciação no texto.

As escolhas lexicais e gramaticais, a linearidade das ideias expressas denotam sua natureza pré-elaborada. Não se trata de um depoimento espontâneo e sem preparo prévio sobre o fato. É um texto previamente elaborado, escrito, que está sendo lido. Corroborando essa concepção escritural, com exceção da entonação e dos alongamentos, a maioria das marcas de fala não se mostra na voz do interlocutor. As palavras são pronunciadas "corretamente" (não há reduções sincopadas ou aferéticas)[65], não há hesitações e tampouco reformulações. As pausas que nele aparecem não denotam uma possível hesitação quanto à formulação do que será dito, antes transparecem paradas solicitadas pelo ritmo da respiração ou pela pontuação do texto escrito.

No que diz respeito à projeção das categorias da enunciação, o jornalista segue o padrão das reportagens escritas. Por meio de debreagens actancial e espacial enuncivas se apaga no enunciado e fala de um "eles" (governo de Israel vs grupo Hamas) situados no espaço dos fatos - que não se define em referência ao eu/aqui, já que o jornalista fala de um algures, não situa a si mesmo num espaço definido. A exceção são as debreagens temporais, que tomam como referência o momento da enunciação e instauram os tempos do sistema enunciativo (pretérito perfeito 1, presente, futuro do presente) na organização do relato

[65] Reduções sincopadas ocorrem quando, na pronúncia, há supressão de fonemas do interior da palavra (*aleijado* por *alejado)*. Reduções aferéticas, quando há supressão de fonemas do início dos vocábulos (*estava* por *tava*).

(*ressaltou, agradeceu, pretendem manter, foi rejeitado, vai aceitar, fará*, etc.), bem como a locução adverbial enunciativa *neste domingo*.

⇨ *Sobre a fala de Paulo Vicentini*

O interlocutor instaurado, Paulo Vicentini, também fala de um "eles" (Hamas *vs* Israel) no local dos fatos (espaço enuncivo). A exemplo do jornalista que lhe deu a palavra, instaura debreagens enunciativas de tempo (*vai deixar, fica agora melhor, vai fazer, vamos dizer assim*) e enuncivas de espaço. E poderia ter repetido a enuncividade de pessoa se não fosse a embreagem[66] actancial enunciativa *vamos dizer assim* que projeta no seu enunciado. Se em lugar do *vamos dizer assim*, Vicentini usasse "por assim dizer", ou "diga-se assim", também se ausentaria como pessoa do enunciado.

Seu enunciado, entretanto, não vem "pronto", não é lido. As marcas nele deixadas não denotam uma pré-concepção escrita. É um enunciado que deixa transparecer marcas de uma enunciação em construção. Prova disso são as hesitações, os alongamentos vocálicos, as repetições (*pra/pra*), o emprego do *pra* (forma utilizada na fala) em lugar do "para", o uso dos fáticos (*ahn*) e a própria expressão *vamos dizer assim*. Esta expressão mostra que a palavra *credenciado* (anterior à expressão) não era, do ponto de vista do falante, a melhor para representar o que ele queria dizer, mas o *agora* da enunciação exigia imediatamente o uso de um termo que completasse sua ideia, e foi esse o termo que lhe ocorreu no momento. Essa fala do interlocutor tem caráter oral tanto do ponto de vista medial quanto conceptual. A subjetividade se mostra tanto na instauração das categorias actanciais e temporais enunciativas quanto nas marcas de oralidade que nele se apresentam.

c) Dos vídeos

Abaixo do *link* dos áudios, vem o dos vídeos. Ao clicar neste, o leitor se depara com a seguinte tela:

---

[66] Nesse caso, considera-se embreagem porque o sujeito do enunciado "subverteu" a pessoa e no lugar de um "*vou* dizer assim" usou um "nós" - "*vamos* dizer assim".

À direita da tela, aparecem três novos *links* formados por retângulos vermelhos nos quais se lê *Clique para ver o vídeo*. Os textos que aparecem acima de cada um dos *links*, identificando-os são, de cima para baixo, os seguintes:

1º *Rodrigo Lopes, repórter de ZH mostra quais as armas usadas por Israel e pelo Hamas*

2º *O editor Luiz Araujo comenta o fim do conflito em Gaza*

3º *Luciano Peres, editor de Mundo de ZH, explica os motivos da atual ofensiva*

Dos três vídeos, apenas o segundo permitia a execução quando salvamos o arranjo. Os outros dois já haviam "sumido" da *web*. Provavelmente, eles tenham figurado em notícias anteriores, já que este arranjo foi utilizado em várias notícias ao longo da cobertura do conflito.

O vídeo 2, possível de executar, diz: *O editor Luiz Araujo comenta o fim do conflito em Gaza*. Ao clicar sobre ele, aparece uma vinheta característica dos arquivos em vídeo de *ZH*, como que uma introdução ao vídeo, e em seguida, abre-se uma tela com o editor Luiz Araujo posicionado de frente para a câmara e falando ao leitor diretamente da redação do jornal. Ao pé da imagem, aparece brevemente a identificação *Luiz Antônio Araujo*, *editor de*

ZH. É possível identificar que se trata do cenário da redação do jornal tanto pelos objetos característicos que se mostram (computador, escrivaninha, TV ao longe, sala ampla, etc.) como pelos outros sujeitos inscritos nesse cenário. Aparecem, no decorrer do vídeo, outros jornalistas ao fundo circulando pela sala e, logo atrás do editor, à direita na tela, duas mãos que teclam num computador, indicando, metonimicamente, a presença de outro jornalista ao lado. Também os "ruídos", como sons dos teclados e de conversas ao fundo denunciam o cenário de onde fala o interlocutor.

Segue imagem do vídeo:

O vídeo tem duração de 2min01s, inicia e termina com a imagem do editor Luiz Araujo falando ao público, mas quando ele discorre sobre as consequências da ofensiva, fotos do conflito são mostradas, substituindo a imagem do editor na tela. As fotografias são mostradas numa perspectiva que as aproxima do leitor. Surgem ao fundo, mais ao longe, e vêm ficando mais próximas na tela. Essas fotografias figuram entre as que compõem os dois *links* de galerias de fotos a serem abordados adiante.

Embora falado, o enunciado de Araujo não é espontâneo. O editor lê um texto previamente elaborado, em que responde à pergunta introdutória de sua fala: *quem venceu a guerra dos vinte e dois dias na Faixa de Gaza?*. No decorrer do vídeo, não aparecem os sinais característicos de uma fala espontânea, como as hesitações, as correções, as paráfrases, ou mesmo as reduções sincopadas e aferéticas. No entanto, produzindo efeitos de fala, aparecem a entonação e as informações construídas em frases curtas (marcadas por pausas), que dão "a impressão da fragmentação típica da fala" (HERNANDES, 2007, p. 274). A propósito, Hernandes (2007) lembra que a maioria das notícias no radiojornalismo ou no jornalismo televisivo é lida pelos jornalistas, mas - prescrevem os manuais -, estas devem ser lidas "naturalmente", como se se estivesse falando de improviso. O objetivo é criar a impressão de

que os jornalistas estão em pleno diálogo com o ouvinte, e não lendo algum texto. Assim ocorre no vídeo em questão.

Segue a transcrição do enunciado. Nele é possível notar a ausência das marcas mais características de fala mencionadas acima. Por outro lado, é possível perceber os períodos curtos e a entonação imitando a fala:

Luiz Araujo — quem venceu a guerra dos vinte e dois dias na Faixa de Gaza? ... Israel afirma ... que os seus objetivos com a ofensiva contra o território israelense foram plenamente atingidos e superados ... o Hamas por sua vez ... diz que enfrentou por TRÊS semanas o gigante israelense e sobreviveu ... como sempre no Oriente Médio ... a cadeira do derrotado está vazia ... a ofensiva israelense deixou cerca de MIL e duzentos palestinos mortos ... cerca de CINco mil feridos ... e a maioria do prédios governamentais do Hamas em ruínas ... as perdas em Gaza são MUIto maiores que as do Hezbollah na guerra do Líbano em dois mil e seis ... mas o princiPAL objetivo da operação em Gaza ... era impedir que o Hamas seguisse lançando foguetes contra o sul de Israel ... antes da invasão eram lançados em média oiTENta desses foguetes ... neste domingo foram disparados DEzessete ... três deles depois de o Hamas tamBÉM anunciar um cessar-fogo ... o Hamas NÃO foi aniquilado ... como pregavam críticos do atual governo israelense entre eles o ex-premier Benjamin Netanyahu ... Israel precisará agora de um esforço REdobrado no terreno da diplomacia para conquistar o seu seGUNdo objetivo ... impedir que o Hamas utilize a fronteira sul com o Egito para contrabandear armas ... enquanto isso ... a tragédia humanitária provocada pela guerra ... deve aumentar o clamor pelo fim do bloqueio israelense à Faixa de Gaza ... para que possam entrar alimentos e remédios para milhares de ferido ... doentes e desabrigados ... estes sim são os GRANdes derrotados de mais essa guerra.

Nesse enunciado, o interlocutor Luiz Araujo opera debreagens actanciais e espaciais enuncivas. Em contrapartida, toma como referência o tempo da enunciação, o hoje, para relatar os fatos, usando a maioria dos verbos do sistema enunciativo (*afirma, foram alcançados, diz, sobreviveu, está vazia, precisará, deve aumentar,* etc.), bem como os advérbios *agora, neste domingo*. Exceção feita em pequenos trechos, como quando o editor menciona o objetivo da operação em Gaza e usa verbos do sistema enuncivo para relatar fatos ocorridos *antes da invasão* e *neste domingo,* marcos temporais estes inscritos no enunciado.

Se, no texto verbal, as debreagens actanciais e espaciais enuncivas implicitam o interlocutor Luiz Araujo, não se pode dizer o mesmo do texto não-verbal. A tomada de câmera, mostrando o editor de frente, numa perspectiva próxima, estabelecendo um "olho no olho" com o leitor apontam debreagem actancial enunciativa, instaurando o leitor como o *tu* para quem o *eu-interlocutor* olha. Ao mostrar a quem dirige seu olhar e suas palavras, instaurando o leitor como interlocutário, mostra-se como *eu* pela imagem. Também o espaço se enuncia. Mostra-se no vídeo o "aqui" de onde enuncia o sujeito. Espaço este identificável como o da redação de um jornal, como já explicamos anteriormente. Esse vídeo se assemelha muito às reportagens televisivas, em que o âncora aparece falando diretamente do espaço da redação, dirigindo seu olhar e suas palavras ao telespectador. Não é preciso dizer verbalmente eu/tu, aqui, agora, para interagir com seu par do outro lado da tela. Basta o olhar.

Ainda, "materializando" o sujeito que fala, num espaço definido e no tempo do agora, intensifica-se a aproximação entre interlocutor- interlocutário. O sujeito que fala não é um ser imagético e distante, como nas reportagens não assinadas. Ele tem um nome, uma face, um conjunto de características físcas identificáveis pela imagem que está ali, na frente do leitor. Imagem que é "por si mesma, *presença*" (LANDOWSKY, 2002, p. 126). Corroboram tal presença o modo como o interlocutor relata a notícia, como se estivesse falando ao invés de ler, e as expressões faciais e corporais que evidencia durante a enunciação.

Nesse vídeo, enfim, o interlocutor se instaura de forma enunciva no texto verbal e enunciativa no texto não-verbal (imagem). Seu enunciado apresenta um caráter conceptual mais próximo da escrita do que de uma fala espontânea. Por outro lado, o modo como se posiciona e se mostra durante a enunciação, olho no olho com o interlocutário, tentando imprimir um jeito de "fala espontânea" ao texto lido (frases curtas e entonação) remetem a uma conversação. Intensificam-se efeitos de proximidade na medida em que se identificam - seja pela imagem, seja pelo modo de falar - os interlocutores.

Este vídeo é fruto da atualização do arranjo de hipertextos. Como o título do vídeo anuncia, trata-se de um comentário sobre *o fim do conflito em Gaza*. A notícia em que este aparece data de 14/01/09, quando israelenses e palestinos ainda estavam em pleno combate, o que evidencia que o vídeo só pode ter sido inserido no arranjo mais tarde, depois de findo o conflito. É, portanto, um vídeo que apresenta uma enunciação posterior sobre acontecimentos posteriores aos do dia 14/01, tempo cronológico que ancora a notícia. Não há, porém, na enunciação do editor nenhuma referência a tal questão. Surge aí uma "trama" temporal quanto à concomitância/não-concomitância dos fatos relatados no texto. Estamos acostumados com o relato de fatos anteriores ou, no máximo, concomitantes ao tempo cronológico inscrito nos jornais. Nunca com fatos posteriores. Do modo estão organizadas as enunciações nesse vídeo e no áudio de Vicentini, parece que tudo ocorreu ao mesmo tempo. Como se os fatos tivessem se desenrolado todos no mesmo dia.

d) Da linha do tempo – *História*

Abaixo do *link* dos vídeos, aparece no arranjo o *link História.* É nele que o leitor vai conhecer a linha do tempo do conflito na Faixa de Gaza, como diz o convite feito pelo narrador do texto. Ao abrir esse *link* aparece a seguinte tela:

Essa é a primeira de 16 telas em que se narram, cronologicamente, fatos significativos do conflito entre Israel e a Faixa de Gaza. As telas desse infográfico podem ser visualizadas no Anexo F deste trabalho. Todas elas aprecem com este mesmo formato: uma foto no centro, uma data em vermelho acima da foto que marca o ano do acontecimento, um texto abaixo da fotografia explicando o que aconteceu e, abaixo desse texto, a linha do tempo, com a indicação *Clique nos anos*. A cada vez que se clica num ano, abre-se uma nova tela com texto e foto relativos ao que ocorreu naquele ano. Assim, suscessivamente, até chegar ao ano 2009, que é o ultimo marco temporal da linha do tempo. A última tela, a de 2009, relata acontecimentos ocorridos no dia 19 de janeiro, o que denuncia que houve atualizações neste texto entre o momento em que acessamos a notícia (14/01/09) e o em que a capturamos (baixamos os hipertextos), no dia 21/01/09, conforme explicamos no início da análise.

Os textos que narram os acontecimentos consistem em relatos breves, formados por períodos curtos. Há omissão do narrador - enuncivo actancial e espacialmente –, destacando-se os fatos e os "sujeitos" situados no espaço enuncivo[67]. Mas em todos os textos emprega-se o verbo no presente, ou presente histórico, produzindo uma sensação de aproximação entre o leitor e os fatos. Essa embreagem neutraliza o tempo enuncivo do enunciado (o ano acima da foto e de referência dos fatos) e o recobre com um tempo enunciativo, presentificando o passado. São exemplos de textos:

1947: Finalizada a II Guerra Mundial (1939-45), com 6 milhões de judeus mortos pelo nazismo, a ONU aprova a parilha da Palestina, com criação de um Estado judaico e outro árabe. Israel aceita, mas os palestinos e os outros países árabes (texto da tela mostrada acima).

1948: Israel declara independência e entra em guerra com países árabes. Como resultado do conflito, centenas de milhares de paelstinos se tornam refugiados. Acordo de armistício expande território israelense. Jordânia passa a controlar a Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Faixa de Gaza fica com o Egito.

As imagens que ancoram visualmente o texto, construindo uma cadeia isotópica entre o que se lê o que se vê, possuem todas uma margem branca que as engloba, restringindo-as àquele espaço. Tal margem cria um efeito de profundidade, como se na tela houvesse uma

[67]Lembrando que o espaço onde se desenrolam os fatos é considerado enuncivo quando não há relação deste com o espaço da enunciação. No caso em questão, como o narrador enuncia de um lugar indeterminado, um algures, não há como estabelecer uma perspectiva enunciativa entre o espaço do "eu narrador" e o espaço onde se desenrolam os fatos.

janela através da qual se revelam as cenas. A maioria das fotos tem caráter enuncivo, projeta uma perspectiva de distanciamento, como se o leitor apenas pudesse espiá-las de fora – do lado de cá da janela. Com exceção da fotografia da última tela (2009), em que o primeiro-ministro e o ministro da defesa israelense voltam seus olhares para câmara que os flagrou, estabelecendo uma interação com o enunciatário, nas outras os atores são retratados de perfil, de costas, de longe e/ou sequer se pode dizer para onde olham. São os atores restritos ao espaço do enunciado e ao tempo do então.

e) Do *link Participe* no arranjo de hipertextos

O último *link* do arranjo consiste em uma retângulo vermelho onde se lê *Participe*. Este *Participe* tem inscrito no texto que o introduz um narratário-leitor específico. Não se trata de qualquer leitor, mas de um que estivesse no local do conflito, como indica o convite: *Está na Faixa de Gaza ou em Israel? Relate como está a situação*.

Ao clicar nesse *link*, surge uma tela em branco com o título *Mural,* onde, supõe-se, deveriam constar depoimentos/participações dos leitores. Novamente, por conta da efemeridade das informações na *web*, não sabemos precisar se em algum momento figuraram participações de leitores no *Mural*. No entanto, o convite para o leitor participar e o fato de haver um *Mural* indicam que o objetivo era introduzir no arranjo de hipertextos depoimentos de leitores que tivessem vivenciado de perto o conflito narrado. Como já mencionado em outras partes deste trabalho, nas notícia *on-line* abrem-se espaços de atuação aos leitores, possibilitando que participem efetivamente do processo de enunciação.

Já se sabe que nas interações escritas, como na imprensa escrita, os leitores atuam como co-enunciadores implícitos. Há um enunciador que leva em conta um conjunto de hipóteses sobre o enunciatário para construir seu enunciado. Esse enunciador, como instância pressuposta, delega voz a um narrador que leva em conta o narratário implícito. O narrador pode delegar voz ao interlocutor, que também leva em conta o interlocutário implícito. Enunciador/narrador/interlocutor são os destinadores do dizer e se dirigem aos enunciatários/narratárior/interlocutários implícitos e pressupostos, os leitores destinatários. Assim, o leitor figura como presença implícita enquanto destinatário do texto.

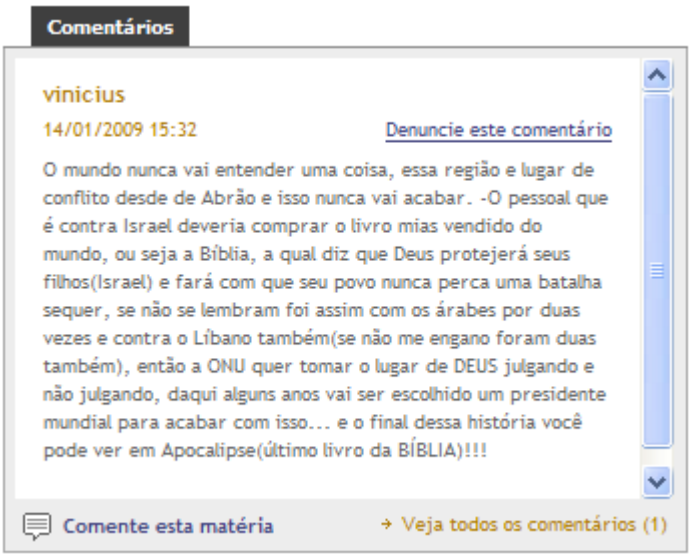
Nas notícias *on-line*, entretanto, o leitor é destinatário e também pode ser destinador, pode participar explicitamente da narração, do enunciado. A inserção de relatos de leitores no

Mural explicitaria a troca entre sujeitos enunciativos eu-tu, ou seja, os leitores deixariam de ser narratários (tu) e passariam a narradores (eu) ao tomarem a palavra. Embora não seja possível mostrar essa troca no *Mural*, a inversão de papéis actanciais entre sujeitos pode ser visualizada em outras partes constitutivas da notícia, como no espaço dos *Comentários*, próximo tópico a ser abordado.

f) Da seção *Comentários*

Abaixo do arranjo de hipertextos aparecem os *Comentários.* Essa seção consiste num retângulo em forma de "caixa de texto" dentro do qual aparecem comentários enviados pelos leitores através do *link Comente esta matéria.*

Assim:



Logo no início, abaixo do título, aparece o nome do leitor que enviou o comentário, data e hora. Ao lado, o *link Denuncie este comentário*[68]. Ao pé da caixa, à esquerda se repete o *link Comente esta matéria* e à direita o *link Veja todos os comentários (1).* O número entre parênteses indica quantos comentários há na seção. No caso desta notícia, havia um só, o do leitor "vinícius". Esse leitor faz um comentário não sobre fatos apontados na notícia em

[68] O *link Denuncie este comentário* remete a uma tela em que se lê "Você considerou este comentário impróprio ou ofensivo? Justifique a denúncia". Entre parênteses aparece a explicação de que a resposta não será publicada e abaixo os campos para o leitor preencher, com nome, *e-mail* e mensagem.

específico, mas sobre o conflito entre israelenses e palestinos no geral, exprimindo uma opinião pessoal tendenciosa a favor de Israel embasada em questões de ordem religiosa. É um leitor que se instaura enunciativamente no enunciado (*se não me engano*) e apregoa seu discurso "apocalíptico" sobre a questão, inclusive dando dicas aos leitores-interlocutários (*o pessoal que é contra Israel deveria comprar o livro...; o final dessa história você pode ver em Apocalipse*).

A fala desse leitor contrasta com a do narrador do texto no que tange à objetividade, a neutralidade e a imparcialidade pretendidas por este (e pelo enunciador jornal). O leitor-interlocutor mostra-se tendencioso, radical até, absorto a suas crenças pessoais. Utiliza uma linguagem bastante próxima da fala, tanto por expressões utilizadas (*o mundo nunca vai entender uma coisa; o pessoal que; nunca vai acabar;*), quanto pelo modo como se organiza o enunciado, inclusive pela ideia que fica solta, truncada, quando o leitor insere na "pauta" a questão da ONU sem que haja no contexto um elo de coerência que autorize tal mudança de foco. Embora o enunciado seja medialmente escrito, mais parece uma "pregação" falada. O texto desse leitor é uma fala escrita. Ao ser convidado pelo narrador, o leitor "vinícius" toma seu turno no processo de interação e *fala* a seus interlocutários (o próprio narrador e outros leitores). Marcas da pressa, aparecem também alguns erros de digitação ("essa região *e [é]* lugar de conflito"; *desde de* Abrão*;* o livro *mias [mais]* vendido).

O mais interessante é que os leitores que, numa atitude responsiva, aceitam os convites do narrador e enviam relatos que figuram no corpo das notícias ganham um outro estatuto naquela enunciação. Eles passam de destinatários a destinadores num mesmo enunciado. Ou seja, ao convite do narrador, tomam seu "turno" explicitamente e se instauram no enunciado como atores, como interlocutores/narradores.

Num texto jornalístico da imprensa escrita, a atitude responsiva dos leitores (co-enunciadores pressupostos) também se explicita nas cartas dos leitores. Porém, como não há identidade temporal entre o processo de enunciação e a recepção do enunciado pelo enunciatário, a resposta do leitor será sempre tardia e a contribuição deste não figurará no enunciado. A contribuição do leitor poderá figurar apenas na edição seguinte do jornal, numa outra enunciação, num outro enunciado. Será uma contribuição figurando fora da notícia que a suscitou, veiculada num momento posterior àquela e numa outra cena genérica (as cartas do leitor). Assim, ficam mais delimitadas as fronteiras entre enunciador-enunciatário. Embora o enunciatário pressuposto influencie o fazer enunciativo de quem tem o turno, ele fica implícito, não ganha voz naquele enunciado. Os que nele "falam" são os destinadores da

enunciação, não os leitores-destinatários. Ao leitor se reserva um outro espaço, num outro momento: nas cartas do leitor, quando, aí sim, o destinatário se manifesta como narrador-destinador.

No jornal *on-line*, a interatividade e a construção das notícia "em tempo real" (a narração dos fatos vai ocorrendo, sendo atualizada, modificada, complementada, à medida em que novas informações vão surgindo) permitem que a contribuição dos leitores faça parte da notícia veiculada, venha junto com esta, figurando como um discurso a mais acerca do fato. Esse discurso a mais – do leitor - explicita naquele próprio enunciado a troca de papéis entre sujeitos da enunciação. Ao dizer *Comente esta matéria* o narrador instaura o narratário-leitor como um interlocutor a quem dá voz no enunciado. Esse leitor-interlocutor se mostra explicitamente no arranjo do texto. Ele passa de destinatário a destinador, ou de co-enunciador pressuposto para co-enunciador posto. O leitor se mostra naquele mesmo enunciado como sujeito da enunciação, evidenciando a reversibilidade eu-tu dos pares que compõem as instâncias enunciativas.

Nesse processo também se mesclam actantes de níveis enunciativos diferentes, borram-se as fronteiras entre as instâncias. Por exemplo: na segunda instância, o narrador se explicita quando convida o narratário a acessar os *links*: *Confira a linha do tempo*, *Confira outras imagens do conflito*, *Clique nos ano*s. Nesses casos, o narrador se dirige ao narratário-leitor, a quem cabe conferir e clicar durante o processo de leitura. A troca é entre narrador-narratário (actantes da 2ª instância enunciativa). Mas quando o narrador diz *Comente esta matéria*, *Relate como está a situação*, esse narrador passa à terceira instância, pois dá voz ao leitor-interlocutor e instaura-se como interlocutário deste, que literalmente toma seu turno e fala. Os verbos *comente* e *relate* suscitam uma interlocução, passam o turno da fala para outro sujeito. Assim, os sujeitos da segunda instância mesclam-se com os da terceira. Nesses casos, não há uma linha fronteiriça que os separe claramente.

Destaque-se também que o leitor instituído no *Comente esta matéria* não é o mesmo leitor a quem se dirige o convite que aparece no arranjo de hipertextos: *Está na Faixa de Gaza ou em Israel? Relate como está a situação Participe*. O leitor-interlocutor do *Comente esta matéria* pode ser qualquer leitor de *ZH* que queira se manifestar sobre o tema, não precisa estar na Faixa de Gaza ou em Israel e também não precisa *relatar a situação*, pode se restringir a comentar o conflito. Já o outro convite, o do arranjo de hipertextos, é destinado a um leitor específico, explícito no enunciado: um narratário-leitor que esteja no local do conflito. Este leitor atuaria como se fosse um repórter que, atestando a situação, enviaria

informações ao narrador, auxiliando-o no relato dos fatos[69]. Figuraria, portanto, como um coadjuvante explícito do narrador do texto, como um interlocutor instaurado em discurso direto. Seja no espaço dos comentários ou em outros espaços em que ganha voz, a peculiaridade desses casos é a participação do leitor no processo de enunciação não apenas como destinatário pressuposto, mas como destinador explícito no enunciado.

Por fim, nessa troca interativa, quando os leitores tomam a palavra, aparece uma linguagem de caráter mais oralizado, já que eles não necessariamente precisam se submeter às regras enuncivas do gênero. Aliás, deixar os depoimentos com suas características de oralidade (subjetividade, informalidade) produz efeitos de sentido de realidade, "mostrando" que não há manipulação (edição) sobre as declarações de leitores. Essa interação também aproxima enunciador e enunciatário. Os leitores participam porque se sentem à vontade, porque percebem que o veículo autoriza a sua forma de enunciar, numa linguagem mais cotidiana, mais próxima da fala.

g) Das galerias de fotos

Abaixo da fotografia principal da página da notícia, aparecem dois *links* que remetem a duas galerias de fotos. Cada galeria constitui uma espécie de álbum virtual em que o leitor vai avançando para ver as imagens[70].

O primeiro deles, *Os protestos pelo mundo contra os ataques a Gaza*, comporta 22 fotografias que retratam manifestos em vários países contra a ofensiva israelense à Faixa de Gaza, conforme apontam as legendas que as ancoram. As fotografias, captadas numa perspectiva próxima, aparecem em tamanho grande, ocupando dois terços da tela do computador, o que permite boa visualização das imagens e projeta a cena para perto do leitor.

---

[69] Embora não seja possível visualizar esse tipo de contribuição nesta notícia, já que o espaço *Mural* destinado a relatos de leitores está em branco, ocorrência semelhante será apontada adiante, na notícia sobre o acidente com um ônibus em Porto Alegre, quando retomaremos a questão do auxílio de leitores na construção de textos jornalísticos.

[70] Por serem várias fotografias, 50 no total, optamos por reproduzi-las apenas no CD que acompanha este trabalho, onde podem ser visualizadas em tamanho idêntico ao que se mostram na tela quando acessadas as galerias de fotos. No corpo deste trabalho serão reproduzidas apenas algumas fotos, a título de exemplificação da perspectiva adotada na captação das imagens e dos efeitos de sentido dela decorrentes. É preciso, no entanto, fazer uma ressalva a respeito da transposição destas para o CD: nas galerias de fotos, a legenda aparece ao pé da fotografia, encobrindo-a em partes (como ocorre nas 3 fotos lançadas neste tópico). No *site* de *ZH*, para visualizar a imagem por completo basta mover o *mouse*. No CD, entretanto, tal operação não é possível, pois copiamos do *site* as fotos já com a exibição da legenda.

Ao pé das fotografias, aparece uma barra de ferramentas que comporta os botões que permitem avançar ou retroceder a visualização das imagens, também botões indicando a possibilidade de imprimi-las, enviá-las por e-mail ou salvá-las. Também aparecem miniaturas da foto que está em exibição, da anterior e da posterior; e a legenda explicativa que a ancora, onde constam os créditos pela foto e a data em que foi tirada.

São fotos que retratam protestos ocorridos entre 19 de dezembro de 2008 e 17 de janeiro de 2009. Tendo em conta que esta notícia foi para a página em 14/01/2009, subentende-se que depois disso houve atualização na galeria de fotos, e também que ocorreram mais protestos contra a ofensiva depois da notícia veiculada em 14/01/2009.

A foto abaixo está entre as que compõem essa galeria e representa bem a perspectiva de captação das imagens. Na legenda se lê: "Muçulmanas pedem a abertura da passagem de Rafah para dar fim ao bloqueio à Gaza, na Turquia".

Nessa foto, a enunciatividade se mostra na proximidade da imagem, na extrapolação das margens - que não dão conta de englobar os atores e as faixas de manifestação - e na interação através do olhar, principalmente da mulher da direita que, com punho levantado e cerrado, parece interagir com o enunciatário.

A segunda galeria de fotos, a do *link Confira outras imagens do conflito*, comporta 28 fotografias retratando cenas do conflito. Entre essas fotografias está a foto principal, mostrada na tela junto com o texto escrito quando se acessa a página, retratando a destruição do principal cemitério da Cidade de Gaza. Na galeria de fotos a imagem aparece maior, possibilitando melhor visualização da cena, dos atores que nela se inscrevem e das sensações passionais impressas nos corpos que sentem. Assim como as da galeria anterior, as fotos desta galeria também retratam uma perspectiva de captação de imagem próxima, projetando-as para perto do leitor e permitindo que este perceba detalhes que ajudam a construir a significação. Em várias delas aparecem atores que, em meio a outros, olham para a câmara, como que denunciando a percepção da presença do fotógrafo no ambiente. Esses olhares se voltam também para o enunciatário, estabelecendo com este uma interação olho no olho.

As datas inscritas nas legendas indicam imagens capturadas entre 13/01/2009 e 19/01/2009. O que significa que esta galeria também foi atualizada após 14/01/2009, quando a notícia foi ao ar, e que as fotos que ela comporta narram acontecimentos subsequentes aos relatados no texto impresso que compõe a página principal.

As fotos dessa galeria mostram várias cenas da destruição causada em Gaza pela ofensiva. Aparecem explosões e prédios em chamas, ruínas de casas e prédios atingidos pelo bombardeio, parques e ruas destruídos, pessoas que, aparentemente, tentam resgatar objetos sob os destroços, ou, simplesmente olham o que sobrou dos locais atingidos pelos mísseis. Nas expressões dos atores, impressa a sensação de impotência e desolação diante da situação que os apequena, da magnitude dos estragos causados. Também a dor pela perda de parentes "grita" numa das fotografias que, em *close-up*, destaca a face desolada de uma menina que chora a morte de familiares:

A legenda ancora a imagem dizendo “Uma menina palestina chora durante o funeral de seus irmãos – Qasem de 6 anos e Basem de 11 – e de seu tio Saddam Abel al Nabe, de 17 anos, no campo de refugiados de Jabaliya, ao norte da Faixa de Gaza”. A legenda também denuncia que mesmo civis nos campos de refugiados são atingidos, e que vidas de crianças são ceifadas pelo conflito.

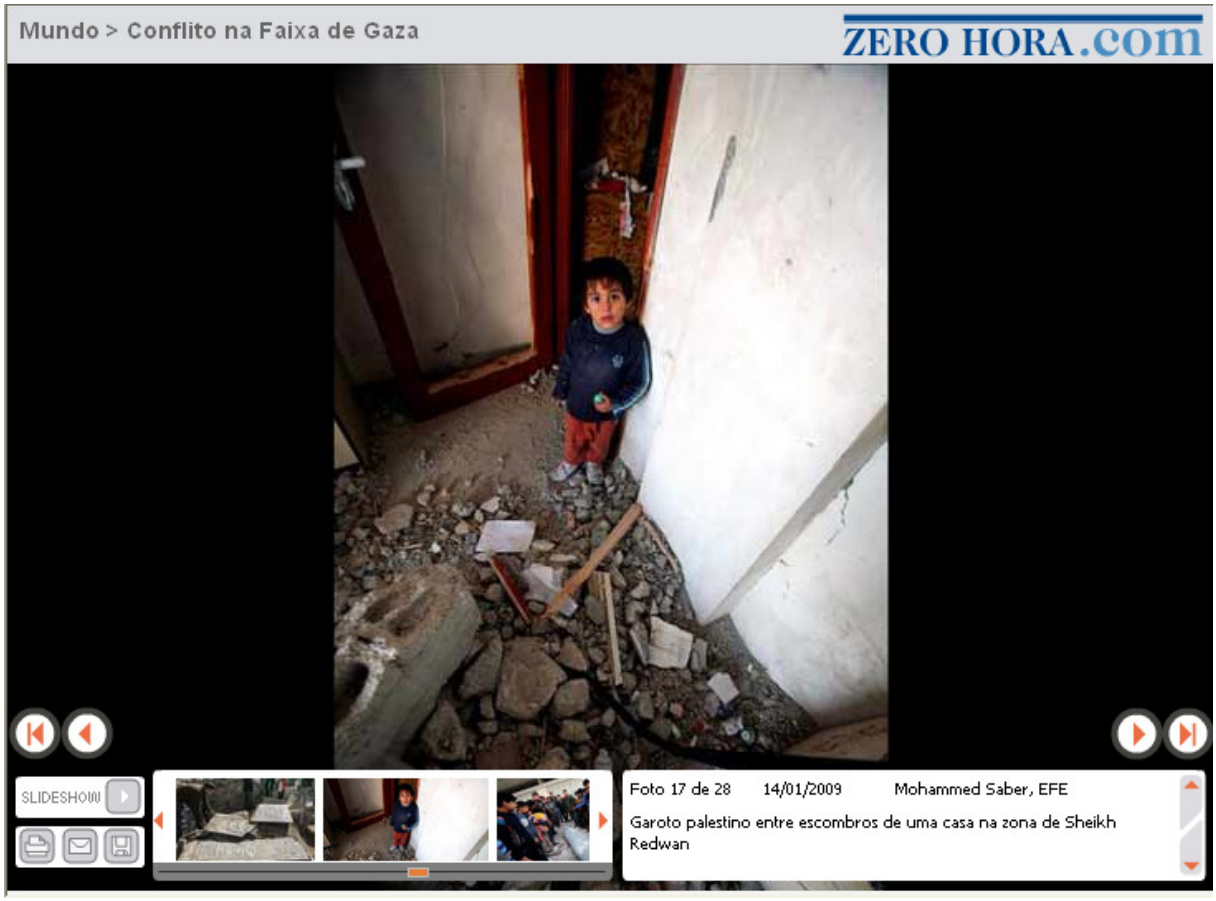
As fotografias da galeria dizem além do que relatam os textos verbais. Mostram ao leitor a proporção materializada, concreta dos estragos e, assim, permitem melhor ver e sentir a dimensão do horror que se implantou naquele lugar. É através da imagens que se pode apreender o que aconteceu no local dos fatos, assim como através das imagens se pode sentir a dor do outro, o desespero pela perda de familiares, a desolação pela perda do lar, a consternação pela perda da importância enquanto seres humanos.

Assim, se os textos verbais relatam fatos ocorridos num espaço enuncivo (dos acontecimentos) e com o “eles”, as fotografias colocam o leitor frente a frente com cenas que materializam os fatos e reproduzem os espaços do enunciado, remetendo o leitor para perto da cena narrada. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que produzem efeitos de verdade, de realidade, também produzem efeitos de proximidade entre leitor e objeto da notícia, de

oralidade, como se o leitor estivesse ali, no lugar do fotógrafo - já que enxerga através do olhar deste -, muito próximo da cena retratada.

Além disso, o caráter enunciativo das fotografias também está relacionado à subjetividade do enunciador que, através de tomadas de câmara diferenciadas, imprime e exprime um modo pessoal de "olhar" para o fato. Na foto acima, por exemplo, a enunciatividade decorre do modo como foi retratada a cena, ou seja, pelo enquadramento da face da menina que chora numa perspectiva muito próxima, fazendo, inclusive, com que as faces dos outros atores extrapolem os limites da foto. Essa foto, assim retratada, expressa mais do que o choro de uma menina pela perda de familiares, ela constrói um dizer metonímico, em que o sofrimento estampado na face da garota representa a dor daqueles que perdem entes queridos numa guerra.

Um outro exemplo dessa forma de enunciatividade é a fotografia abaixo, a 17ª das 28 que compõem a galeria:



A legenda diz "Garoto palestino entre os escombros de uma casa na zona de Sheikh Redwan". Nesse caso, a fotografia assume uma dimensão maior do que simplesmente retratar um menino nos escombros, como restringe a legenda. Essa perspectiva de focalização, de

cima para baixo, com o menino encantonado nas ruínas da casa, olhando para o foco da câmera, de certa forma, "ressignifica" - lembrando Gomes (2009) - o conteúdo expresso por todas as outras fotografias e também pelos textos verbais que compõem a notícia. Esta foto "traduz" numa perspectiva metafórica o sentido do conflito, que se constrói, relata e retrata com base na oposição *vida x morte*. Se pensarmos no plano de conteúdo dessa imagem do ponto de vista da semiótica greimasiana, como um percurso gerativo que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, podemos dizer que a vida, figurativizada pelo menino, flagrada de assalto, se mostra frágil, acuada, encatonada, apequenada pela magnitude da destruição, da morte. Hernandes (2006) diria se tratar de uma "foto de síntese", capaz de representar a força das ideias expressas na reportagem.

6.1.3 Olhar geral sobre a notícia

Se considerarmos a notícia como um todo, podemos dizer que nela predominam as marcas enunciativas às enuncivas, projetando efeitos de sentido que aproximam o leitor do objeto da notícia e especialmente do enunciador jornal.

A exceção mais significativa é o texto escrito, que apresenta uma composição escritural no encadeamento dos relatos e em que o narrador, obedecendo à coerção do gênero notícia, se instaura – e ao interlocutor – de forma enunciva, implicitando-se no enunciado e destacando os fatos e os sujeitos que deles participam. Mas mesmo ali se evidencia a enunciatividade, tanto na instauração do tempo quanto na forma como o narrador remete o leitor aos hipertextos. Em relação ao tempo, porque os principais marcos temporais instaurados na reportagem (*nesta terça-feira, nos 19 dias da ofensiva israelense, hoje*) são enunciativos, pois tomam como referência o momento da enunciação. Também é enunciativo o verbo que constitui o título da notícia "Mais de mil palestinos *morreram* na ofensiva israelenese em Gaza", já que *morreram* tem como referência o momento de enunciação. Em relação ao modo como o narrador remete aos textos de apoio, a enunciatividade advém das formas *confira, clique*. Com tais escolhas enunciativas, o narrador se explicita no enunciado ao dizer "tu" (você) e convida o narratário a interagir, produzindo efeitos de oralidade, de proximidade com o leitor.

No arranjo de hipertextos, o infográfico, através da animação gráfica que dá "vida" aos ícones, da projeção de fotografias em tamanho maior, captadas de uma pespectiva próxima, e dos relatos ancorados numa sequência cronológica, produz efeitos de proximidade entre leitor e fatos. Pode-se dizer, portanto, que o infográfico opera com debreagens enunciativas. Os dois primeiros áudios - as entrevistas com os brasileiros que vivem em Gaza e em Israel - são literalmente uma conversação, marcas enunciativas em sentido estrito e em sentido lato se instauram ali. No terceiro áudio, sobre o cessar-fogo, o narrador é enuncivo e seu texto aponta uma concepção escritural. Porém o interlocutor Vicentini se instaura enunciativamente e seu enunciado é conceptualmente oral, traz marcas de fala. No vídeo, o editor Araújo se omite no enunciado (marcas enuncivas), mas se mostra na tela, ou seja, instaura debreagens enuncivas actanciais e espaciais no enunciado que são, na verdade, neutralizadas pela imagem enunciativa, que mostra o eu e o aqui da enunciação interagindo olho no olho com o tu-leitor. Na linha do tempo, as fotografias projetam-se enuncivamente, remetendo o leitor a um algures, no tempo do então. Já o tempo enunciativo instaurado no texto escrito que as ancora traz para o presente fatos passados, aproximando-os do leitor. Se analisado esse *link* no conjunto, com o relato dos fatos por anos e as fotografias sobre os respectivos acontecimentos, pode-se dizer que ele projeta efeitos de aproximação também, pois a combinação de recursos – fotos, textos curtos e objetivos, datas - avivam a memória, tornando o conflito mais "familiar", mais compreensível a partir da narração assim materializada da sua trajetória.

Nas duas galerias de fotos há predomínio de fotos enunciativas. As fotos se apresentam em tamanho expressivo, ocupando quase a totalidade da tela do computador, são imagens captadas numa perspectiva próxima, reproduzindo cenas que extrapolam as margens. Permitem, assim, observar detalhes e quase que se inserir na cena narrada. Sào imagens que projetam o leitor para perto dos acontecimentos. É como se o leitor os estivesse presenciando. Acrescente-se a isso o fato de serem muitas fotografias, o que dá a possibilidade de conhecer mais, de ver mais sobre os acontecimentos. Os efeitos de realidade, de verdade, de proximidade, de subjetividade, de oralidade são mais contuntendes, mais intensos, assim mais despertam a experiência sensível, o "sentido sentido" (OLIVEIRA, 2009).

E, por fim, a contribuição do leitor dá ao texto o toque do "destinatário", de quem estava do lado de cá do texto, mas decidiu tomar seu turno na interação. Esse leitor, como já analisamos, se instaura enunciativamente e fala com tamanha naturalidade que parece estar conversando com outro sujeito. Inclusive dá dicas ao seu interlocutor: faz sugestões para que

leiam a Bíblia e consultem o Apocalipse. Embora medialmente escrito, o comentário do leitor é um texto conceptualmente oralizado, muito próximo de uma conversa espontânea.

O texto do leitor contratasta com o texto escrito do narrador. Enquanto este último é o objetivo, neutro, enuncivo, aquele é subjetivo, tendencioso, enunciativo. Ainda, o leitor não responde ao narrador sobre fatos relatados naquela notícia em específico, e sim emite uma opinião generalizada sobre o conflito. Seu diálogo é também com outros textos a respeito do assunto, com outros discursos, o que se evidencia pela referência à ONU na resposta sem sequer que esta houvesse sido mencionada no texto daquela notícia. O leitor, assim constituído - narratário e interlocutor ao mesmo tempo -, passa de destinatário a destinador, de narratário implícito e pressuposto para interlocutor explícito e posto. Essa questão descortina o diálogo implícito entre destinador-destinatário das notícias. Surge no próprio enunciado uma espécie de conversa entre sujeitos da enunciação, onde o leitor não é apenas narratário/interlocutorário, é narrador/interlocutor. Invertem-se os papéis entre os sujeitos com a tomada da palavra pelo leitor. Efeitos de proximidade e de oralidade emergem dessa e nessa troca.

A união de diferentes recursos na composição da notícia – as entrevistas, o infográfico, o vídeo, as fotos, os convites ao leitor, a resposta deste – apontam para um texto em que predominam marcas enunciativas e efeitos de oralidade. Aliás, a própria oralidade medial se manifesta nos áudios e nos vídeos, auxiliando a percepção de questões (ruídos entonação, tom de voz, hesitações, marcas de fala, etc.) que significam na construção do sentido. Mas é a oralidade conceptual, a oralidade em termos de enunciatividade, de interatividade, de projeção de efeitos de proximidade entre destinador-destinatário, bem como entre destinatário e objeto da notícia, que se destaca neste texto.

Por fim, a questão das atualizações dos hipertextos. Lembrando que a notícia é de 14/01 e nela constam hipertextos atualizados que relatam o desenrolar dos fatos até 21/01. O que acontece é que, como observamos, nem no áudio de Vicentini, que analisa o cessar-fogo, nem no vídeo do editor Araujo, que comenta o final da guerra, há qualquer marco temporal que situe o leitor sobre a não-coincidência temporal entre os acontecimentos relatados nas diferentes enunciações (texto escrito, áudio e vídeo). Os enunciadores não se ancoram em nenhum tempo crônico que possibilite ao leitor compreender que o cessar-fogo e o final da guerra (enunciados em vídeo e aúdio) são eventos posteriores aos relatados no texto escrito.

Essa é uma questão curiosa, porque ao navegar por hipertextos, se acessar os *links* "certos" - como o infográfico, a linha do tempo e as fotos - o leitor verá explícitas as datas e

o desenrolar dos acontecimentos para além do dia 14/01 e, assim, terá um *feedback* dos acontecimentos que envolveram o conflito desde o início até o final, uma espécie de retrospectiva. Mas se acessar apenas os *links* dos áudios e vídeo, o leitor pode, pela forma como se apresentam as enunciações, ser "conduzido" a interpretações equivocadas sobre quando ocorreu o quê, já que os fatos nelas relatados – incluindo o cessar-fogo e o desfecho da guerra - parecem estar ancorados no dia 14/01. Destaque-se que outras notícias de dias anteriores ou posteriores a 14/01 em que se apresenta o arranjo de hipertextos também sofreram essa atualização. Acostumados que estamos com jornais que relatam fatos passados ou, no máximo, concomitantes ao momento da enunciação, como perceber que tais textos apontam acontecimentos futuros em relação ao texto escrito se não há neles ancoragem temporal? Nesse sentido, a natureza atemporal e não linear dos enunciados (já que se pode escolher qual ler) apresentados em *links* pode gerar armadilhas de ordem interpretativa.

Por outro lado, a questão das atualizações dos hipertextos desperta o entendimento de que os elementos que compunham o texto do dia 14/01 faziam, na verdade, parte de um todo maior, de um conjunto de reportagens que cobriam o conflito, ao longo do qual esses hipertextos iam se construindo e/ou substituindo de acordo com o desenrolar dos fatos. Não eram inertes, estáveis, perenes, mas dinâmicos, instáveis e efêmeros. Próprios da natureza do jornal *on-line*.

6.2 Notícia sobre atos de Barack Obama logo após a posse[71]

Plantão > ← VOLTAR

IMPRIMIR | ENVIAR | CORRIGIR | COMENTAR | LETRA A - | A +

Mundo | 21/01/2009 | 06h51min

Obama pede suspensão de julgamentos em Guantánamo

Fechamento da prisão em Cuba foi um dos compromissos assumidos pelo presidente em sua campanha

Em um de seus primeiros atos como presidente dos Estados Unidos, Barack Obama solicitou na noite desta terça-feira a suspensão durante quatro meses dos julgamentos dos detidos na prisão de Guantánamo, em Cuba.

Uma solicitação formal neste sentido foi apresentada na noite desta terça-feira, às 20h51 (23h51 de Brasília) aos juízes militares responsáveis pelos casos de Guantánamo, em cumprimento a uma ordem de Obama, transmitida oralmente através do secretário da Defesa, Robert Gates.

Obama foi empossado nesta terça como presidente americano
Foto:Molly Riley, EFE

Veja fotos da posse de Barack Obama

O principal advogado nos casos em Guantánamo, o coronel Peter Masciola, previu que "os juízes vão seguir as indicações do presidente", independentemente das ações da defesa, segundo o diário Miami Herald. Os advogados de defesa previsivelmente argumentarão novamente a favor do não prosseguimento das causas, e não só em prol de sua suspensão até 20 de maio.

Ao longo da campanha à Casa Branca, Obama se comprometeu a fechar a prisão de Guantánamo, cuja existência foi amplamente criticada por organizações defensoras dos direitos humanos.

Confira a cobertura completa da posse de Barack Obama no blog Mudança na América, por Rodrigo Lopes

Veja o site especial da posse

Qual deve ser a primeira medida de Obama presidente?

[71] Notícia veiculada em *Zero Hora on*-line, em 21/01/2009. Disponível no endereço: http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&section=Mundo&newsID=a2376109.xml

> Saiba como foi a posse
> Confira o que ocorreu durante o dia

EFE

Obama Change
Confira os 7 erros de Obama em seu Primeiro ano de governo. Acesse!
www.OpiniaoeNoticia.com.br

Curso de Gestão Pública
Curso 100% Online por apenas R$30. Receba o seu Certificado em Casa!
www.Cursos24Horas.com.br

Imóveis em Miami, Florida
Os preços continuam muito atrativos Invista em um imóvel em Miami.
www.VendeMiami.com

Anúncios Google

Comentários

Theo Cruz
21/01/2009 12:18 Denuncie este comentário

Se os EUA pretendem julgar os prisioneiros de Guantanamo, por coerência, deveriam julgar tb o sr. George W. Bush por crimes de guerra e por mentir para o povo. E quem ainda não assistiu ao documentário de Michael Moore sobre a guerra no Iraque, por favor, assista, antes de ficar zurrando papos nazistas de terrorista e mal feitor.

André Luiz Silvestre
21/01/2009 12:16 Denuncie este comentário

Comente esta matéria → Veja todos os comentários (7)

Comente esta matéria

Notícias Relacionadas

20/01/2009 22h57min
→ Obama vai revisar todas as medidas pendentes do governo Bush

20/01/2009 22h26min
→ Senado dos EUA confirma seis secretários do gabinete de Obama

20/01/2009 21h58min
→ Washington vive euforia coletiva com posse de Obama

20/01/2009 21h32min
→ Mandela lembra de própria posse com celebração de Obama

20/01/2009 21h26min
→ Argentina quer que Obama leve "mais multilateralismo" ao mundo

20/01/2009 21h21min
→ Governo de Evo Morales cumprimenta mudança "histórica" nos EUA

20/01/2009 18h23min
→ Família Obama assiste a desfile na Casa Branca

20/01/2009 18h07min
→ Hillary viajará a Moscou para discutir controle de armas e segurança

20/01/2009 18h07min
→ Senador Ted Kennedy desmaia e é retirado de maca do Capitólio

20/01/2009 17h28min
→ Obama abre perspectiva "multilateral e otimista" para o mundo, segundo UE

20/01/2009 17h19min
→ Capacidade de Obama dar resposta a curto prazo é pequena, diz embaixador

20/01/2009 16h51min
→ Obama participa do primeiro almoço presidencial

Esta notícia foi veiculada em *ZH on-line* no dia 21/01/2009, no dia seguinte à posse de Barack Obama como presidente dos Estados Unidos. Ela relata que um dos primeiros atos de Obama como presidente dos EUA foi solicitar "a suspensão durante quatro meses dos julgamentos dos detidos na prisão de Guantánamo, em Cuba", conforme diz o lide. Também faz uma previsão sobre a atuação de juízes e advogados envolvidos em tais julgamentos e acrescenta que, durante a campanha, Obama se comprometeu a fechar a prisão de Guantánamo, criticada por organizações defensoras dos direitos humanos.

Destaque-se que, para plena compreensão do que está sendo relatado, o leitor precisa já ter algum conhecimento sobre a questão que envolve os presos de Guantánamo, caso contrário não entenderá, apenas pelo enunciado da notícia, a polêmica que envolve tal questão, tampouco o porquê de a prisão ser criticada por organizações defensoras dos direitos humanos. Nesse sentido, pode-se dizer que o texto pressupõe um leitor informado acerca da questão que envolve presos suspeitos de terrorismo na prisão americana em Cuba.

No corpo do texto, a exemplo da notícia anterior, aparece um arranjo de hipertextos que, através de diferentes recursos, apresenta informações relacionadas à posse de Obama como Presidente dos EUA. Também aparecem outros hiperlinks na página que remetem a outras notícias e a mais fotos sobre o evento. Ao final da notícia, figuram os *Comentários* dos leitores.

Lembramos que, como proposto na metodologia inicial, esta notícia toma por base dados apontados sobre a notícia anterior e, nesse sentido, não procedemos a uma análise minuciosa de aspectos que se mostram idênticos ou semelhantes aos já descritos na primeira reportagem. Procuramos fazer uma abordagem sucinta apontando quais aspectos se repetem e, assim, deixar mais espaço para explorar questões novas que se apresentam.

6.2.1 Do texto escrito e da fotografia principal

a) Das escolhas lexicais e sintáticas

Quanto às escolhas lexicais e sintáticas deste texto, ele segue padrão semelhante ao da notícia anterior, sobre o conflito na Faixa de Gaza. Não há nele termos ou expressões que

demandem um esforço maior para a compreensão, mas também não há expressões ou termos coloquiais mais característicos da linguagem falada. A organização sintática também segue um estilo mais escritural, com idéias e expressões que se inter-relacionam, ligando-se por hipotaxe umas às outras no interior dos períodos.

b) Das escolhas do narrador quanto à instauração das categorias da enunciação

Nesta notícia, assim como na anterior, não há um jornalista assinando o texto, e o narrador, por meio de debreagens actanciais e espaciais enuncivas, neutraliza-se no enunciado e relata acontecimentos referentes a um "ele" (Barack Obama) e ocorridos nos Estados Unidos (local dos fatos, espaço enuncivo). Porém os marcos temporais são predominantemente enunciativos, a exemplo do instaurado no primeiro e no segundo parágrafos, "*na noite desta terça-feira*", que é enunciativo porque tem o momento da enunciação como referência. Também no título da notícia - como é comum ocorrer em manchetes e chamadas principais - instaura-se uma embreagem temporal enunciativa que reverte para o presente um acontecimento já passado: *Obama pede suspensão de julgamentos em Guantánamo*. No último parágrafo, entretanto, instaura-se um marco temporal enuncivo "*ao longo da campanha à Casa Branca*" para relatar fatos ocorridos no passado, ou seja, um marco temporal inscrito no enunciado que não toma como referência o momento da enunciação. Percebe-se, com isso, que os textos oscilam entre debreagens temporais enuncivas e enunciativas no relato dos fatos, mas é em geral um tempo (advérbio ou locução adverbial) enunciativo que primeiro se instaura e rege o desenrolar do discurso.

A propósito, a instauração de marcos temporais enunciativos logo no início do relato é uma característica dos enunciados jornalísticos. E não apenas dos jornais *on-line*, mas também dos jornais tradicionalmente impressos. Em ambos os formatos é frequente a instauração de marcos temporais enunciativos, estabelecendo relação de anterioridade, concomitância, ou posterioridade com o momento de enunciação. Assim, são comuns expressões como: *ontem, na tarde de ontem, na manhã desta segunda-feira, na semana passada, nesta semana, na próxima terça-feira, etc*. Além disso, verbos embreados no tempo presente são muito utilizados nas manchetes, gerando o efeito de atualidade do fato. No jornal *on-line* também se observam essas características. O que podemos neste apontar de peculiar acerca das debreagens/embreagens temporais é que como a maioria das notícias é de "hoje", geralmente há concomitância entre o tempo do acontecimento, o tempo de referência e o da

enunciação. Assim, há presença mais significativa de expressões que remetem ao hoje, ao momento presente, da enunciação: *hoje pela manhã, na tarde de hoje, nesta manhã, às 14 horas [de hoje]*.

Voltando à notícia ora em análise, podemos dizer que não há nela um trecho significativo em que o narrador delegue voz a um interlocutor. Um pequeno trecho aparece entre aspas no terceiro parágrafo: *[...] o coronel Peter Masciola, previu que "os juízes vão seguir as indicações do presidente", independentemente das ações da defesa, segundo o diário Miami Herald* – mas, nesse caso, embora as aspas indiquem uma fala de um locutor, esta vem inserta na voz do próprio narrador que a introduz com "*previu que*", não há autonomia desta fala em relação à do narrador. O que ocorre, nesse caso, é um discurso indireto que valoriza a também a expressão e não apenas o conteúdo[72].

c) Da fotografia principal

A fotografia que acompanha o texto também se instaura por meio de debreagens enuncivas. Nela aparece Obama (o "ele") sentado a uma mesa e assinando um papel. O posicionamento do ator, com a cabeça levemente inclinada para a direita e o olhar voltado para baixo, para o papel que assina, não projeta uma interação com o leitor. Também se evidencia uma perspectiva de distanciamento do fotógrafo em relação à cena retratada. A foto é pequena e distante, e a legenda que a ancora é generalista: "Obama foi empossado nesta terça como presidente americano".

d) Do modo como o narrador remete o leitor aos textos de apoio

Todas as vezes que o narrador chama o leitor a conferir os textos de apoio – hipertextos - o faz de forma enunciativa: instaura-se no enunciado como "eu" ao instaurar o narratário a quem se dirige através de verbos na 2ª pessoa do imperativo (você): *Saiba como foi a posse; Confira o que ocorreu durante o dia; Veja fotos da posse de Barack Obama;*

[72] Fiorin (2002) esclarece que há dois tipos de discurso indireto: a variante analisadora da expressão e variante analisadora do conteúdo. Na primeira, o narrador coloca entre aspas certas expressões do falante. Assim, destaca alguns termos do falante e os subordina à sua enunciação. Já na segunda, apenas o conteúdo importa. O narrador resume o que foi dito, altera a expressão e dá a sua versão do conteúdo do texto do falante.

Confira a cobertura completa da posse de Barack Obama no blog Mudança na América, por Rodrigo Lopes; Veja o site especial da posse.

Nos dois últimos *links* - *Qual deve ser a primeira medida de Obama presidente?* e *Comente esta matéria* -, o narrador não instiga a apenas continuar lendo o texto, mas passa a palavra ao narratário. Ou seja, instaura o narratário como interlocutor, de quem se torna interlocutário, já que lança uma pergunta e um convite que suscitam respostas de retorno. Respostas estas que são enviadas à redação, selecionadas e passam a figurar como parte da notícia.

Lembremos que o narrador poderia utilizar da objetividade para remeter o narratário aos hipertextos, por exemplo se dissesse apenas "Fotos sobre a posse de Obama", "*Site* especial da posse", etc., mas opta por uma linguagem marcadamente "falada", que implica proximidade, informalidade, pessoalização.

6.2.2 Dos hipertextos[73]

Logo acima do arranjo de hipertextos, aparecem dois *links* - *Saiba como foi a posse* e *Confira o que ocorreu durante o dia* – que, na verdade, também constituem hipertextos que remetem a novas notícias sobre a posse. No corpo dessas duas notícias também se apresenta o mesmo arranjo hipermídia que aparece na notícia ora em análise, sobre a solicitação da suspensão dos julgamentos em Guantánamo por Obama. Como cada notícia apresenta novos *links* que remetem a novas notícias, numa rede interminável de informações, optamos por não analisar as notícias que aparecem nesses dois *links*. Assim, passamos direto para o arranjo de hipertextos que consta em todas elas:

[73] Os hipertextos que constituem o arranjo podem ser visualizados no CD que acompanha este trabalho.

O arranjo vem dividido em duas partes: Infográficos e *Blog*, como se pode observar à esquerda da imagem onde aparecem tais títulos escritos na vertical. Na parte dos infográficos, aparecem 5 (cinco) estrelas e ao lado de cada um delas, um *link* com um título que resume o conteúdo que o leitor encontra ao acessar tal hipertexto. De cima para baixo, são os seguintes os *links* dessa seção:

1º Os desafios do novo presidente

2º A equipe de Obama

3º Roteiro da Posse

4º Tour virtual pela Casa Branca

5º Os presidentes americanos

Abaixo, na parte do *Blog*, aparece mais uma estrela e o *link* que remete ao *blog*: *Mudança na América: os bastidores da cobertura.*

Não é demais lembrar que no universo dos hipertextos o leitor acessa o *link* que quiser - e se quiser acessá-los – seguindo o caminho que mais lhe apraz na exploração da reportagem. Seguindo a verticalidade do texto, começamos pelo 1º *link*: *Os desafios do novo presidente.*

a) Do *link Os desafios do novo presidente*

Ao acessar o primeiro *link*, o leitor se depara com uma tela que introduz o tema a ser abordado neste *link* e a forma como o será, assim: "*Barack Obama enfrentará uma série de desafios de política externa e interna assim que assumir a Casa Branca. Em vídeos, jornalistas de Zero Hora analisam o cenário que o novo presidente irá encontrar.*

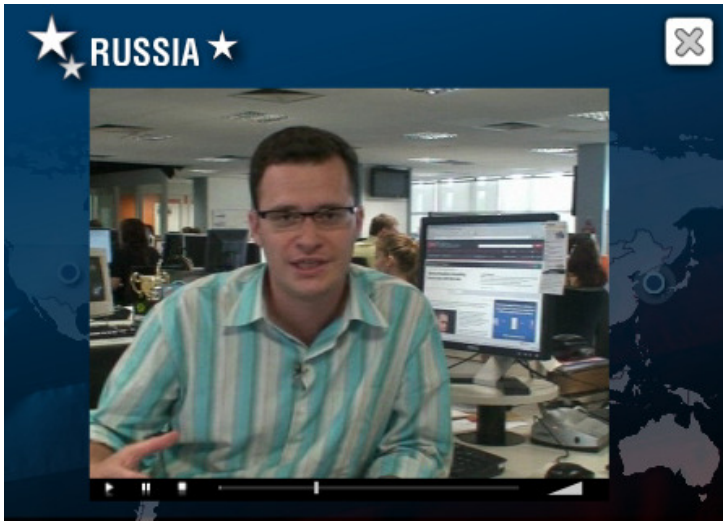
Na tela seguinte, aparece um mapa-múndi e sobre ele pontos piscantes que correspondem a determinados países. Ao posicionar o *mouse* sobre qualquer ponto, aparece o nome do respectivo país. No exemplo abaixo, o *mouse* estava posicionado sobre o ponto que corresponde aos Estados Unidos:

Para ver e ouvir os vídeos, entretanto, não basta posicionar o *mouse*, é preciso clicar sobre os pontos distribuídos pelo mapa. Clicando sobre qualquer um dos pontos, sobre qualquer um dos países, portanto, abre-se nova tela em que aparece, em vídeo, um jornalista comentando possíveis medidas a serem tomadas, ou mesmo problemas a serem enfrentados pelo novo presidente dos EUA em relação àquele país. Há no mapa 11 pontos piscantes, que correspondem aos seguintes países: Estados Unidos, Cuba, "América Latina", Brasil, Dinamarca, Faixa de Gaza, Iraque, Irã, Afeganistão, Rússia e Coréia do Norte. Abaixo, segue a imagem em vídeo da repórter Marta Sfredo, que faz a avaliação sobre o que esperam os EUA do seu novo presidente:

Assim, sucessivamente, em cada um dos pontos que o leitor clica, aparece o vídeo de um jornalista comentando a respeito das expectativas daquele país quanto ao governo de Obama, ou sobre as dificuldades que o novo presidente irá encontrar em tal nação. Os vídeos são todos breves, o mais demorado tem apenas 1min 54s. São ao todo 6 (seis) jornalistas que comentam sobre 11 países. Alguns deles, portanto, aparecem em dois ou mais vídeos. Pode-se dizer que tais jornalistas são interlocutores que, delegados pelo narrador, ganham voz no texto e relatam em discurso direto "falado" questões relacionadas à posse do novo presidente dos EUA.

Em todos os 11 vídeos, os jornalistas falam diretamente do cenário da redação, sentados em suas bancadas e posicionados de frente para o leitor, interagindo com este por meio do olhar, das expressões faciais, da postura corporal e dos gestos que realizam durante suas falas. É comum, por exemplo, o movimento das mãos durante a fala, acompanhando o "discurso". Também a postura muda, por vezes o jornalista se aproxima da tela, por vezes recua e se recosta na poltrona, ou apóia o braço na escrivaninha, enfim, percebe-se uma descontração e uma espontaneidade características de interações faladas em que há proximidade entre os parceiros: há liberdade de movimentos, de postura, de gestos, de hesitações, de reconstruções e paráfrases na fala. É como se o interlocutor repórter estivesse à frente de um já conhecido leitor. Veja-se, por exemplo, o jornalista que fala sobre a América Latina, com postura descontraída, sentado, segurando com a mão direita o microfone enquanto apóia-se com a esquerda na própria perna. Ou o jornalista que discorre sobre a

Rússia e se apóia com o cotovelo esquerdo sobre a escrivaninha enquanto o braço direito gesticula, acompanhando a fala:



Acrescente-se a isso as vestimentas "despojadas" dos jornalistas. Há apenas um deles em trajes mais formais, usando terno e gravata, o editor Luiz Araujo, que fala sobre o Brasil. Os demais usam trajes informais, próprios e próximos da maioria dos cidadãos "comuns" no dia a dia.

Essa informalidade acaba, de certa forma, "desmistificando" o jornal aos olhos do leitor. Há um jornalista que tem nome, tem face, ocupa um determinado cargo em *ZH*, trabalha na redação - ambiente que se mostra na tela e cujos ruídos e burburinhos típicos são plenamente audíveis - e que fala com naturalidade ao leitor sobre determinados fatos. Criam-se efeitos de aproximação entre jornal e leitor com essa materialização e identificação do cenário, dos sujeitos que falam. Criam-se efeitos de interação pela postura intimista, descontraída e pela forma como falam.

As falas dos jornalistas certamente não são de todo espontâneas, devem ter sido pré-elaboradas ou mesmo escritas. No entanto, não parecem mecanizadas, lidas. Os jornalistas falam pausadamente e dão preferência aos períodos curtos, permitem-se hesitações – algumas marcadas por *ahn, éh* -, reformulações e paráfrases. Nesse sentido, mesclam-se nesses enunciados marcas de escrituralidade e de oralidade conceptual. Mesmo nos casos em que há um discurso mais articulado, fluente e menos "hesitante" – talvez mais conceptualmente escrito - os enunciados simulam bem a fala, inclusive pela interação face a face com o leitor, pelas expressões corporais, pelos gestos, pela postura descontraída.

Quanto à instauração das categorias da enunciação por esses interlocutores, apenas um deles, o editor Leo Gerchmann, ao falar sobre a América Latina, utiliza debreagem enunciativa actancial e instaura na sua fala um "nós inclusivo". Segue a transcrição do trecho inicial do vídeo:

Leo Gerchmann: uma das grandes dúvidas que:: **nós latinoamericamos** (*sic*) **temos** em relação ao novo presidente ... o presidente eleito dos Estados Unidos Barack Obama ... é o tratamento que ele dará para o chamado sub-contiNENte ... ahn::... a questão...

Nos demais vídeos, os jornalistas evitam enunciar-se em primeira pessoa, operando debreagens actanciais e espaciais enuncivas. Em contrapartida, utilizam o momento da enunciação como referência em seus enunciados, operando debreagens temporais enunciativas, marcadas por advérbios ou locuções adverbiais (*No ano passado, hoje, agora, etc.*) ou por verbos do sistema enunciativo (presente, futuro do presente e pretérito perfeito 1), como no trecho acima transcrito (*temos, é, dará).* Entretanto, tendo em conta o modo os jornalistas se projetam na tela, interagindo olho no olho com o interlocutário, diretamente do cenário da redação, não é necessário reiterarem na fala o eu-tu/aqui/agora.

b) Do *link A equipe de Obama*

Ao acessar esse *link*, o leitor fica sabendo quem são os membros que já fazem, ou estão sendo cotados para fazer parte da equipe de Obama e os cargos que ocupam. Esse

hipertexto constitui uma espécie de pasta formada por várias folhas que são literalmente folheadas na tela. Em cada folha aparecem informações sobre um dos membros da equipe de Obama: uma foto, o cargo ocupado, o nome do membro da equipe, algumas informações (formação, experiências) que justificam a indicação e, em alguns casos, as atividades que deverá desempenhar em tal cargo.

A primeira folha da pasta é a do Vice-presidente, Joe Biden:

Note-se que ao final da página aparece o ícone de "play". Ao clicar nele, essa página é "virada" e uma nova se apresenta, com um novo componente do grupo. Assim, sucessivamente, aparecem 22 membros da equipe. Na última tela, em que aparece a folha do "Porta-voz da Casa Branca", abaixo do texto que descreve as atividades deste, há uma observação em que se lê: *Nota: Algumas destas nomeações ainda têm que ser ratificadas pelo Senado*. É assim que o leitor fica sabendo que nem todos são efetivamente já membros da equipe do presidente.

As fotos e os textos que constituem esse *link* são predominantemente enuncivos. Os textos são sucintos e se limitam a dar algumas informações sobre o ator em pauta, falam do "ele". A exceção são as debreagens temporais, predominantemente enunciativas, tomando o momento da enunciação como referência no emprego das expressões adverbiais ou dos tempos verbais. As fotos são pequenas, distantes, apresentam a maioria dos atores de perfil, e com olhares voltados para outros pontos, que não o leitor. Servem mais para que o leitor tome

conhecimento das faces que ocupam (ocuparão) os principais cargos do novo governo dos EUA. Constituem o que Hernandes (2006) chama "fotos de registro". Fotos essas que, na verdade, pouco acrescentam em termos de novidade ou informação, apenas mostram os atores de quem fala o texto escrito. A propósito, tal enuncividade entra em sintonia com o "formato" em que se apresentam os textos desse *link*: como uma pasta de folhas contendo informações oficiais.

c) Do *link* *O roteiro da posse*

Ao clicar neste *link*, o leitor se depara com uma tela inicial que apresenta uma foto de Obama e um texto introdutório: "Mais de dois milhões de espectadores são esperados em Washington para a posse do 44º presidente dos EUA". É preciso clicar no ícone "play" para seguir. Ao efetuar tal ação, aparece uma segunda tela em que se projeta uma espécie de imagem de satélite, que, focando de cima e partindo de um ponto distante, vai aproximando na tela uma imagem que abrange os principais locais de Washington onde acontecem os atos relacionados à posse: o Capitólio, a Casa Branca, o Monumento de Washington e a Avenida Pensilvânia.

A seguir, sobrepostos a essa tela, aparecem textos informativos sobre os passos de Obama e as atividades previstas para acontecerem em cada lugar. Os textos são numerados e acompanhados de fotos, que podem ser ampliadas, possibilitando melhor visualização dos locais dos acontecimentos. Também aparece um *link* intitulado *Curiosidades*, que contempla informações adicionais sobre o que está sendo narrado naquele texto. Segue imagem da primeira tela, em que aparece a Casa Branca e o relato do que estava previsto para ocorrer no local:

Na sequência, outros 4 textos relatam, seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, o que ocorreria no espaço do Capitólio:

Depois disso, o leitor se depara com uma tela em que se vai construindo em vermelho o caminho entre o Capitólio e a Casa Branca a ser percorrido pelo Presidente, ou seja, o espaço onde acontece o desfile presidencial, na Avenida Pensilvânia:

Ao clicar sobre o retângulo em que aparece o nome da avenida, outros dois textos se abrem sucessivamente e relatam o que aconteceria durante o desfile e à noite, encerrando a apresentação deste infográfico.

Este infográfico, a partir da conjunção entre diferentes recursos (texto escrito, projeção de imagens e animação gráfica) mais informa sobre a cerimônia de posse e mais aproxima o leitor do cenário dos acontecimentos, produzindo efeitos de realidade. Além das informações relatadas verbalmente, em que há, inclusive, espaço para as *Curiosidades,* a partir dele é possível visualizar os locais em que ocorrem os atos relacionados à posse, o trecho a ser percorrido durante o desfile e apreender a posição espacial que ocupam uns em relação aos outros dentro da cidade de Washington. Além disso, as fotos que constam nesse *link* podem ser ampliadas na tela, possibilitando uma melhor visualização dos locais mencionados.

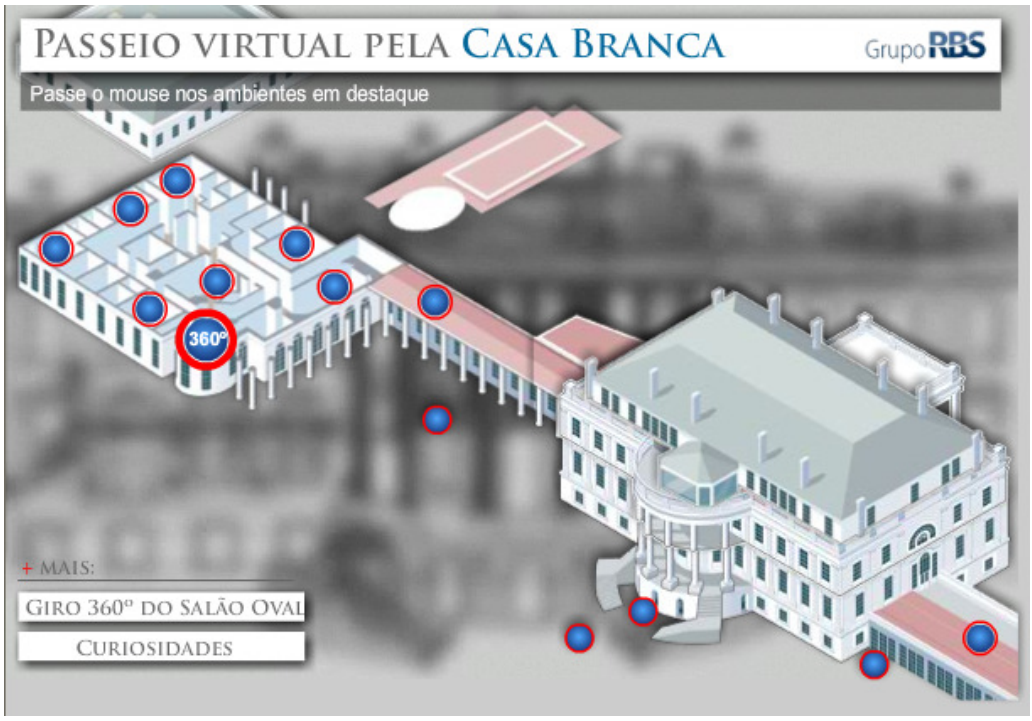
Nos textos apresentados, formados por períodos curtos e orações justapostas, os verbos empregados no futuro do presente (*será, fará, assumirá*, etc.) denunciam que este infográfico foi produzido antes da posse efetiva - pois faz uma previsão do que aconteceria durante as festividades do dia da posse – para ser utilizado em reportagens anteriores à data da posse (ocorrida em 20/01/2009). No entanto, o infográfico figura também no corpo de notícias posteriores, como na notícia em estudo, publicada no *site* em 21/01. Nesse sentido, analisando a notícia como um todo, é possível pensar num certo "desencontro temporal" entre o tempo crônico que ancora a notícia escrita e o relativo a este infográfico. Ou seja, se a notícia é do dia 21/01 deveria trazer não uma previsão dos acontecimentos da posse, mas sim o que efetivamente ocorreu durante o dia, o que acarretaria o emprego de verbos no pretérito perfeito, ou embreagens temporais no presente. Seria assim num jornal impresso. No entanto, lembrando que na primeira notícia analisada também se manifestava uma certa "divergência temporal" entre os textos que a compunham, parece que não necessariamente precisa ser assim no jornal *on-line*. Do que se depreende que no jornalismo *on-line* se priorizam os fatos apresentados nos hipertextos e os efeitos de sentido que produzem, não assumindo tanta importância a (in)compatibilidade cronológica entre eles.

d) Do *link Tour virtual pela Casa Branca*

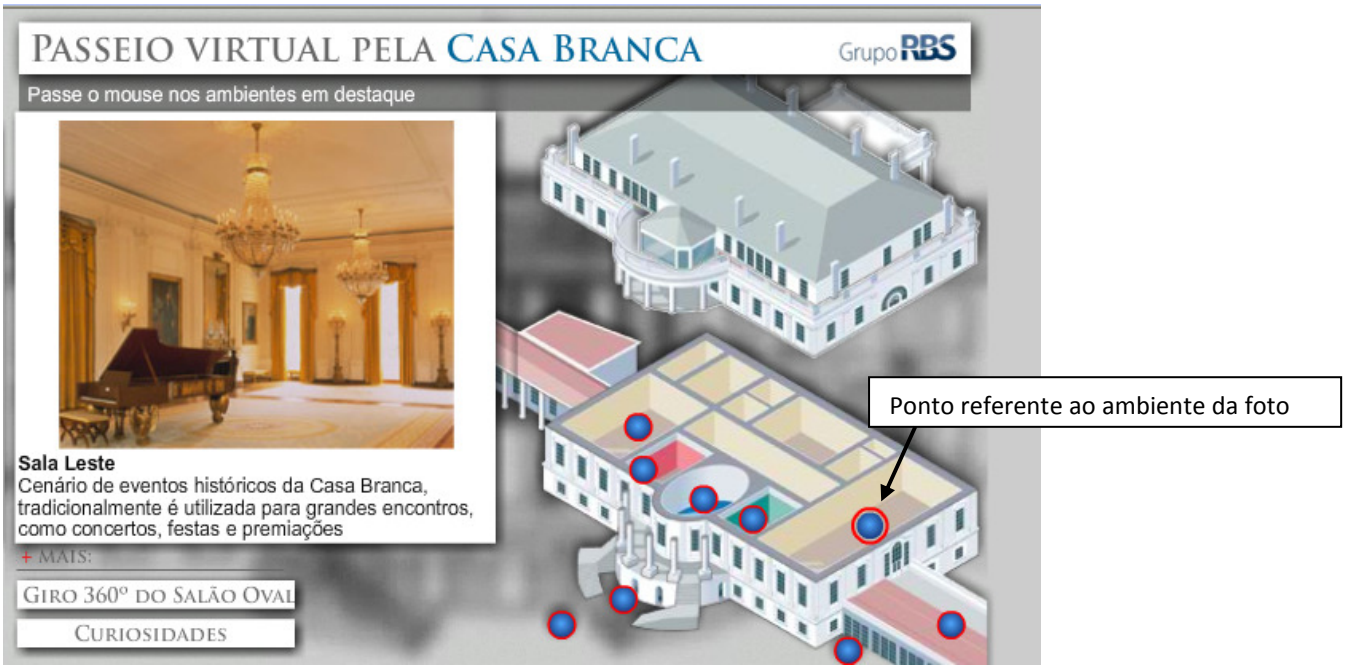
Como o nome do *link* já indica, este hipertexto traz uma projeção virtual dos ambientes da Casa Branca. Na tela, aparece um desenho da mansão presidencial e pontos piscantes que se projetam sobre determinadas áreas da casa. Ao passar o *mouse* sobre tais pontos, aparece o nome daquele ambiente, a que se destina e, nos principais pontos, uma fotografia do local. Por meio de recursos de animação gráfica, os andares da Casa Branca se separam, assim como o teto "se ergue", possibilitando a identificação dos ambientes internos.

São, ao todo, 24 pontos que identificam 24 ambientes da Casa Branca. Destes, 11 vêm acompanhados de fotos.

Na imagem abaixo, por exemplo, o teto é suspenso para que se possam visualizar ambientes vizinhos ao Salão Oval, que aparece no ponto maior em destaque e onde se lê "360º". Tal referência ocorre porque ao clicar sobre esse ponto em destaque, além de ver a foto do Salão Oval, aparece uma projeção em forma de desenho desse espaço, permitindo ao leitor dar um giro completo pelo ambiente.



Já a imagem seguinte retrata a entrada principal da Casa Branca. Ao dirigir o *mouse* para essa área, os andares da casa se dividem, apontando pontos que podem ser explorados nos respectivos andares. Por exemplo, ao passar o *mouse* sobre o ponto em destaque no desenho (indicado por uma seta), surge uma foto daquele ambiente, ancorada em um breve texto que o identifica como sendo a "Sala Leste" e explicando a que se destina:



Assim, seguindo os pontos, o leitor fica sabendo a que se destinam os espaços da casa e pode visualizar muitos deles em fotos. Perceba-se ainda que na tela há mais dois *links*: "Giro 360º do Salão Oval" e "Curiosidades". O primeiro realiza a mesma ação que o ponto referente ao Salão Oval, ou seja, permite um giro completo dentro da sala. O segundo, "Curiosidades" fala sobre as dimensões da casa, sobre o número de dependências que há nela e os espaços que existem para lazer e prática de esportes. Também relata sobre incêndios que destruíram parcialmente a Casa Branca em séculos passados e como se deu a reconstrução desta. Além disso, faz uma estimativa do número de pessoas que visitam o local diariamente e sobre o valor despendido para manutenção da mansão presidencial.

Esse infográfico, portanto, por meio de recursos verbais, não verbais e animação gráfica, produz efeitos de aproximação entre o leitor e o cenário em foco. Não basta saber que a Casa Branca é a morada dos presidentes americanos, é preciso adentrá-la, explorá-la, apontar e materializar em fotos seus espaços ao leitor, aproximando-o daquele cenário. Novamente há que se admitir que num jornal impresso se perderiam alguns recursos pela necessidade de adaptação destes ao suporte papel.

e) Do *link Os presidentes americanos*

Este *link* apresenta uma espécie de galeria de arte composta por quadros com imagens dos ex-presidentes americanos, desde o primeiro deles, George Washington, eleito em 1789, até o último, George W. Bush, antecessor de Obama. Abaixo do quadro aparece o nome do ex-presidente, o período durante o qual exerceu o mandato e uma breve nota em que se relatam aspectos marcantes de seu governo. São ao todo 43 quadros, que retratam os 43 ex-presidentes. Segue imagem do primeiro deles:

O pequeno texto sobre George Washington diz: *Também chamado de "o pai dos Estados Unidos da América", foi o primeiro presidente americano*. Esse mesmo formato de apresentação se repete em cada uma das telas que "retratam" os ex-presidentes. As notas que acompanham as imagens são enuncivas, falam do "ele" e tomam o período de tempo expresso no enunciado como referência do dizer. Quanto às imagens, alguns poucos quadros retratam o ator numa perspectiva próxima e com o olhar voltado diretamente ao leitor, travando uma espécie de interação com este. A maioria deles retrata o ator numa perspectiva distante, de perfil ou com o olhar direcionado a algum ponto daquele cenário. Pode-se dizer, então, que esse infográfico permite melhor "conhecer" os ex-presidentes através da materialização da imagem destes, mas que predominam nele as debreagens enuncivas.

f) Do *blog Mudança na América: os bastidores da cobertura*[74]

É cada vez mais comum a utilização dos *blogs* nas coberturas jornalísticas de grandes eventos. Tal recurso também foi utilizado nos relatos de fatos relacionados à posse de Obama como presidente dos EUA. Na notícia ora em análise, há duas chamadas que remetem ao *blog Mudança na América:* uma delas no arranjo de hipertextos e outra logo abaixo da fotografia principal. Ambas levam ao mesmo texto.

Neste *blog*, o repórter Rodrigo Lopes relata acontecimentos presenciados por ele durante a semana em que esteve em Washington acompanhando a organização das festividades da posse. O *blog* apresenta vários relatos diários, muitas fotos, vídeos e áudios. A primeira postagem de relatos ocorreu em 15/01 e a última, no dia 22/01. Como a notícia ora em análise é do dia 21/01, subentende-se que o *blog* foi atualizado para além da data que ancora a notícia principal em que o arranjo de hipertextos aparece. Ou seja, este hipertexto - a exemplo dos infográficos da notícia analisada anteriormente – figura em várias notícias sobre o evento, fazendo parte do conjunto de reportagens, inclusive em notícias publicadas após o dia 21/01. Assim, se o leitor seguir o *link* de uma notícia de data anterior a 21/01 e clicar no *link* do *blog*, terá, mesmo assim, o *blog* atualizado até o dia 22/01. Lembrando que no *link O roteiro da posse* o leitor se deparava com textos que faziam uma previsão futura do que iria acontecer durante a posse, mesmo esta já tendo ocorrido, é possível inferir que há uma certa autonomia temporal, ou uma programação temporal aberta[75]entre os textos e hipertextos que figuram numa notícia.

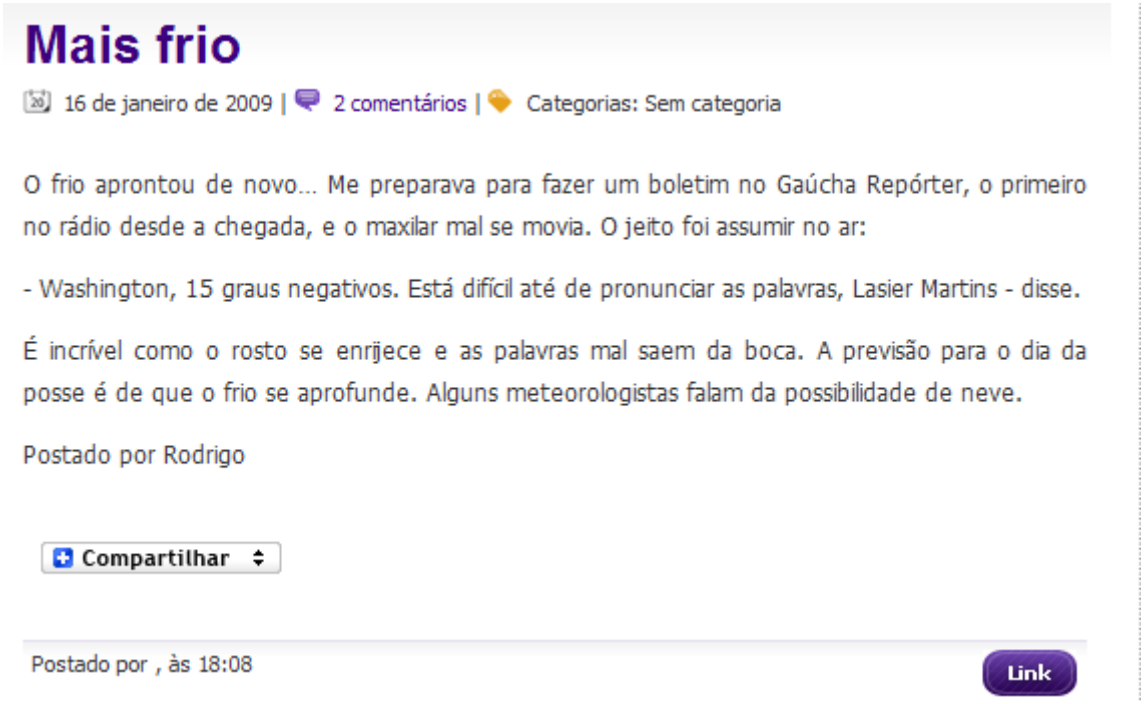
Mesmo em se tratando de uma cobertura jornalística, os *blogs* – que constituem uma forma de "diário *on-line*" - não se prendem aos padrões da narrativa em terceira pessoa, neutra, objetiva e em tom mais formal, como pede o gênero notícia. Ao contrário, mantêm suas marcas de informalidade, subjetividade e pessoalidade, bem próprias do gênero diário. Assim ocorre no *blog Mudança na América,* em que os relatos postados apresentam uma linguagem marcadamente oralizada, muito próxima da língua falada. O jornalista responsável

---

[74] No CD em anexo, também apresentamos as matérias e as fotos postadas pelo jornalista no *blog*. Os textos do CD seguem a mesma ordem de disposição em que figuram no *site*, ou seja, aparece inicialmente o texto mais atual e vai avançando até o mais antigo.

[75]Greimas explica que "a principal característica da programação temporal é a conversão do eixo das pressuposições, que representa a ordem lógica do encadeamento dos programas narrativos, em eixo das consecuções, dando lugar assim à exposição temporal pseudocausal das ações narradas" (2008, p.391). Nesse sentido, podemos pensar numa programação temporal aberta entre os enunciados que constituem as notícias, já que não necessariamente há entre eles uma ordem linear de apresentação dos fatos e tampouco aparecem marcos temporais que permitiriam apreender a cronologia em que se dão os acontecimentos narrados.

pelo *blog* (Rodrigo Lopes) se manifesta em primeira pessoa, situa o leitor acerca do "aqui" de onde enuncia (Washington, no caso) e ancora seu dizer num tempo crônico determinado, já que em cada *post*[76] aparece o dia e a hora em que o relato foi lançado. Além disso, trata o leitor como "você" e utiliza uma linguagem bastante espontânea e informal, em que inclusive se permitem gírias, próclise em início de frase, reticências, interpelação direta ao leitor e a exposição explícita de pontos de vista particulares do jornalista. Importam no *blog* não apenas os fatos relacionados à posse, mas também as impressões, vivências e experiências do jornalista durante a cobertura do evento. Para ilustrar, segue abaixo um dos *posts* lançados no *blog* pelo jornalista:



Mais frio

16 de janeiro de 2009 | 2 comentários | Categorias: Sem categoria

O frio aprontou de novo... Me preparava para fazer um boletim no Gaúcha Repórter, o primeiro no rádio desde a chegada, e o maxilar mal se movia. O jeito foi assumir no ar:

- Washington, 15 graus negativos. Está difícil até de pronunciar as palavras, Lasier Martins - disse.

É incrível como o rosto se enrijece e as palavras mal saem da boca. A previsão para o dia da posse é de que o frio se aprofunde. Alguns meteorologistas falam da possibilidade de neve.

Postado por Rodrigo

Compartilhar

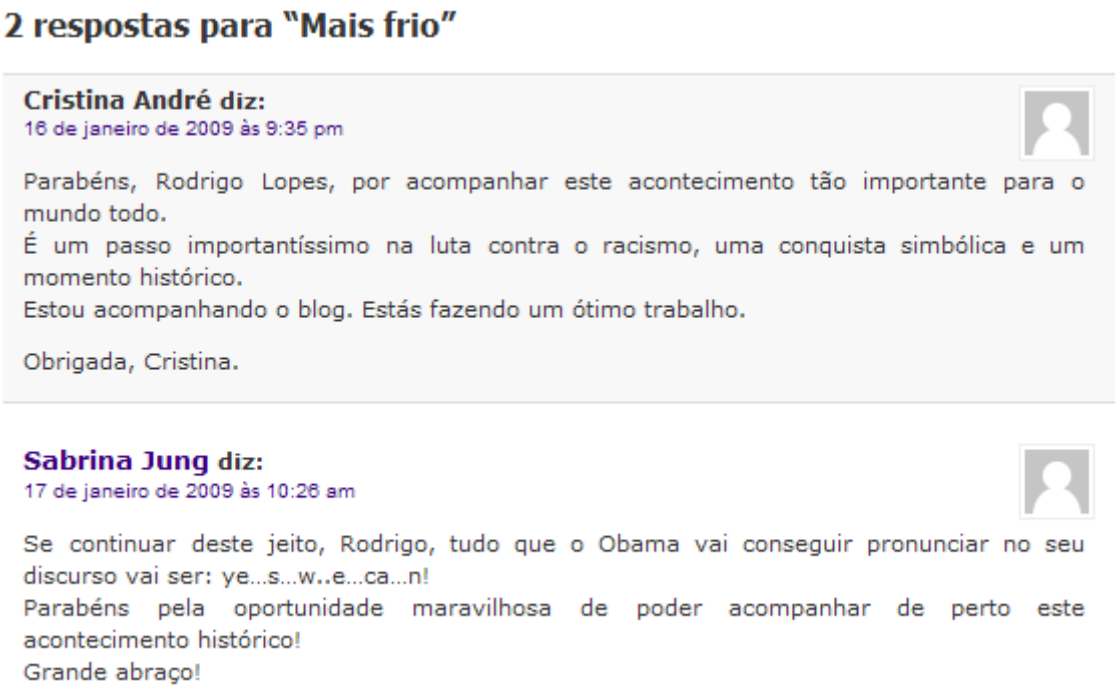
Postado por , às 18:08 Link

Nesse pequeno relato, em que o jornalista descreve o modo como iniciou sua participação no programa de rádio "Gaúcha Repórter", já é possível verificar a espontaneidade da linguagem: as reticências, o "*Me* preparava", a expressão "O *jeito foi* assumir no ar", os períodos curtos e em ordem direta, os comentários pessoais relatando experiências e sensações próprias. Marcas essas de oralidade conceptual, ou de enunciatividade em sentido estrito e lato, já que o jornalista se instaura como sujeito da enunciação e relata circunstâncias vivenciadas por ele.

---

[76] *Posts* são os artigos postados no *blog*, cada um dos relatos que o constitui.

Todos os artigos do *blog* seguem este mesmo formato: título, data, comentários, relato, e, ao pé da página, a expressão "*Postado por*", seguida da hora. Também no *blog* o leitor pode enviar seus comentários, e o faz através do *link* que aparece ao lado da data, logo abaixo do título. Sobre esse relato havia dois comentários, como acusa o botão logo abaixo do título. Os comentários dos leitores seguem o mesmo padrão "descontraído", espontâneo, informal de enunciar. Inclusive os leitores se dirigem ao jornalista como se este fosse um amigo, um conhecido de longa data. Os 2 comentários desse *post* permitem perceber a "proximidade afetiva" no discurso dos leitores, os quais enviam agradecimentos, brincam com a situação relatada e mandam abraços ao jornalista:



2 respostas para "Mais frio"

Cristina André diz:
16 de janeiro de 2009 às 9:35 pm

Parabéns, Rodrigo Lopes, por acompanhar este acontecimento tão importante para o mundo todo.
É um passo importantíssimo na luta contra o racismo, uma conquista simbólica e um momento histórico.
Estou acompanhando o blog. Estás fazendo um ótimo trabalho.

Obrigada, Cristina.

Sabrina Jung diz:
17 de janeiro de 2009 às 10:26 am

Se continuar deste jeito, Rodrigo, tudo que o Obama vai conseguir pronunciar no seu discurso vai ser: ye...s...w..e...ca...n!
Parabéns pela oportunidade maravilhosa de poder acompanhar de perto este acontecimento histórico!
Grande abraço!

Neste breve artigo (*Mais Frio*) postado pelo jornalista, há apenas o relato escrito, mas a maioria deles apresenta fotos sobre o que está sendo relatado. As fotos que acompanham os relatos ganham espaço de destaque, são grandes e captadas de uma perspectiva próxima. Em alguns artigos, inclusive, há várias fotografias e apenas poucas frases que referem o assunto em pauta. A sensação que se tem é de que o repórter quer mostrar através das imagens tudo o que presencia pessoalmente, trazendo o leitor para dentro da cena dos acontecimentos. Seguem dois relatos em que aparecem fotos e nos quais também se pode perceber o caráter descontraído da linguagem, ambos postados no *blog* em 17/01:

A imagem mais conhecida dos EUA

17 de janeiro de 2009 | Comente aqui | Categorias: Sem categoria

A foto clássica.../Rodrigo Lopes

Sim, você já viu esta imagem dezenas de vezes no cinema, na TV (lembram de Independence Day, quando alienígenas destroem a Casa Branca?). Mas não deixa de ser legal tirar a foto bem de frente da residência oficial do presidente dos EUA. Ela passou a abrigar o funcionário público número 1 do país em 1825, com John Adams. Antes, Thomas Jefferson viveu aqui.

Postado por Rodrigo Lopes

Compartilhar

Postado por , às 21:03

Link

Que figura!!

17 de janeiro de 2009 | 1 comentário | Categorias: Sem categoria

Fotógrafo oficial? Conta outra.../Rodrigo Lopes

Este fotógrafo aí da foto é uma figuraça. Vestido com um colete verde igual ao dos funcionários da prefeitura e aos policiais, ele passava quase despercebido pelas autoridades nos arredores da Avenida Pensilvânia, parte dela já fechada aos carros. Deslocava-se rapidamente de um lado para o outro sem ser uma vez sequer importunado.

Ele se aproxima:

- Posso tirar uma foto? Sou FOTÓGRAFO OFICIAL do Obama!

Claro. Eu e o colega brasileiro Caio Pompeu Correa, companheiro de jornada, posamos para a imagem.

Fazendo propaganda de seu site, ele agradece e pergunta, com um tantinho de vergonha:

- *Hei men*, vocês sabem onde fica a Casa Branca?

Ensinamos o trajeto... E logo caímos na risada!

O site do cara: *www.redbowphoto.com/obama2009*

Postado por Rodrigo Lopes

Compartilhar

Postado por , às 22:26 Link

Até o título desse último artigo – *Que figura!!* - imita a fala, tanto pela expressão utilizada quanto pelos dois pontos de exclamação, indicando uma ênfase na exclamação que só poderia ser "sentida" numa conversa face a face. Além disso, o *FOTÓGRAFO OFICIAL* gravado em maiúsculas no meio do texto também transparece a entonação ou o ar de seriedade com que o suposto fotógrafo se apresentou ao jornalista. Acrescentem-se as expressões bem próprias de uma fala informal: *figuraça, um tantinho de vergonha, caímos na risada!, o site do cara.*

Em vários outros relatos também aparecem áudios e/ou vídeos do jornalista. A forma como o jornalista chama o leitor para assistir aos vídeos e ouvir os depoimentos em áudio também é pessoal, no estilo: *Escute meu comentário para a Radio Gaúcha; Ouça mais sobre o relato aqui na minha participação para a Rádio Gaúcha!; Veja no vídeo abaixo o momento exato da chegada da comitiva de Obama a Washington; Assista ao vídeo.*

Alguns áudios revelam momentos em que o repórter efetuou transmissões ao vivo. Nestes a fala é espontânea, marcada por hesitações, correções, paráfrases, e se ouvem ruídos e confusões de pessoas que cercam o jornalista. Exemplo disso é o áudio em que o jornalista acompanha a chegada de Obama. Nele é possível ouvir assovios, gritos e barulhos das pessoas que estão próximas. A "gritaria" é comentada também no relato do jornalista. O áudio faz parte do *post* abaixo e sua transcrição é apresentada na sequência:

Transcrição do áudio:

Rodrigo Lopes — neste moMENto o cadilac PREto de Barack Obama PAssa aqui na minha frente ... na avenida PENsilvânia:: esquina com a Rua quaTORze ... a duas quadras da Casa Branca ... o cadilac PREto... com/... completamente à prova de bala ... tem:: ... quatro ou cinco seguranças ao lado do cadilac preto ... Obama passa com os vidros FEchados ... aceNANdo para o público ... há um momento de gritaria aqui... MUIta gente gritando ... as pessoas emocioNAdas ... o carro tá cercado por ... outros ... QUAtro veículos do serviço secreto ... do FBI ... e à FREnte:: vem uma unidade móvel ... com:: alguns jornali::stas ... e aqui:: no momento que ele passa a população de certa forma TENta acompanhá-lo ... acompanhar o veículo ... ao la/ ... a::... a avenida Pensilvânia está completamente cercada ... gradeada ... e Obama nesse momento então:: fica a UMA quadra da Casa Branca ... terminan::do assim um dia histórico para os Estados Unidos e para o MUNdo ... daqui pra frente haverá ainda ... (cem) bailes em homenagem ao presidente ... ao quadraGÉsimo QUARto presidente dos Estados Unidos ... Obama ainda tem uma agenda:: noTURna ... ele deve participar de DEZ bailes oficiais nesta noite

Pela transcrição é possível perceber que o jornalista enuncia por meio de debreagens temporais, actanciais e espaciais enunciativas: fala no tempo do agora ("neste momento o cadilac preto"), em 1ª pessoa ("passa aqui na *minha* frente") e situa o "aqui" da enunciação no espaço geográfico ("na avenida Pensilvânia ... esquina com a Rua Quatorze 4 ... a duas quadras da Casa Branca"). Além da enunciatividade em sentido estrito, também a enunciatividade em sentido lato se mostra por meio das marcas de oralidade - as entonações, os alongamentos, as hesitações, as correções, as paráfrases, o "tá", o "pra" -, que denunciam uma fala espontânea. Os ruídos ao fundo são constantes e a qualidade do som não é das melhores, do que se depreende que o jornalista falava de junto da multidão e num espaço aberto, ao ar livre.

Outros áudios apontam uma pré-concepção mais elaborada acerca do que será anunciado, há nestes poucos ruídos externos – ou mesmo nenhum - interferindo no dizer. Mas o jornalista enuncia em primeira pessoa e inicia sua apresentação dizendo de onde fala, o horário local (de Washington) e a hora correspondente aqui do Brasil. A enunciatividade em sentido estrito, portanto, é constante neles.

Há também diversos vídeos no *blog*, e neles o processo se repete. O repórter geralmente se enuncia em primeira pessoa, situa o leitor acerca do espaço onde se encontra (diz de onde fala e as imagens da Casa Branca, do Capitólio, etc. ao fundo corroboram o seu dizer) e relata o que está acontecendo naquele momento. Em alguns vídeos – dois deles - é um âncora de TV que situa tais dados e chama o jornalista Rodrigo Lopes para falar ao público direto de Washington, denunciando que tais vídeos também foram ao ar em noticiários de TV. É o caso de uma transmissão para um noticiário da TVCOM, que aparece no *post Brasileitos na posse de Obama* (19/01), e de outra para a RBS TV, no *post Do Capitólio até a Casa Branca* (18/01).

No vídeo que foi ao ar na TVCOM, o jornalista Rodrigo Lopes se encontra em frente ao Capitólio, de onde fala sobre os preparativos para a chegada de Obama a Washington e relata a aventura de quatro rapazes brasileiros que se deslocaram do Tennessee até Washington para acompanhar a festa. No vídeo, dois dos rapazes ganham "voz" e respondem ao jornalista sobre a aventura de viajar sob a nevasca que caía, a emoção de estar lá naquele momento e onde passariam a noite, já que não haviam conseguido hotel. Copiamos abaixo as imagens dos interlocutores desse vídeo:

1. Âncora do Jornal da TVCOM

2. Rodrigo Lopes (direto de Washington)

3. Rafael Maia (Estudante)

4. Mateus Eulampio (Estudante)

Em outro vídeo, que consta no *post Um dia para a História (20/01)*, o jornalista, a caminho do National Mall, onde acontece a posse de Obama, entrevista algumas pessoas. Primeiro ele aborda uma garota e lhe pergunta o que acha de Obama e, após sua resposta, o que acha de Bush (o ex-presidente). Na sequência, conversa com rapazes brasileiros presentes no local. A eles o repórter pergunta se "Gostaram da festa?" e três deles respondem à pergunta, dando suas opiniões pessoais. Em outro *post, Preparativos para a posse* (17/01), o jornalista parece entrevistando um "pessoal de Curitiba", como ele mesmo apresenta, que vive nos Estados Unidos. Em todos os casos, os interlocutores entrevistados se instauram enunciativamente (*eu-tu, aqui, agora*) no enunciado e demonstram descontração e informalidade ao conversar com o repórter.

Nesses vídeos são comuns as debreagens internas de terceiro grau. Tomando o exemplo do vídeo em que aparece o âncora da TVCOM contatando Rodrigo Lopes em Washington, tem-se a seguinte estrutura enunciativa: um sujeito da 2ª instância, o narrador âncora de TV, por meio de uma debreagem de 2º grau, delega voz ao interlocutor Rodrigo Lopes; este, por meio de uma debreagem de 3º grau, passa a palavra a outros interlocutores entrevistados. Se pensarmos nesse processo a partir do *post* em que o vídeo está inserido, a complexidade aumenta, pois: o narrador do *post* escrito é o jornalista Rodrigo Lopes; este narrador delega voz a um âncora televisivo (interlocutor 1); este interlocutor 1 – o âncora da TVCOM - chama o próprio jornalista Rodrigo Lopes para falar de Washington (interlocutor 2); e este, por sua vez, passa a palavra primeiro a um rapaz entrevistado (interlocutor 3) e depois a outro (interlocutor 4). Mais complexo ainda fica se pensarmos na página da notícia que comporta o *blog*. Nesse caso, se tomamos a notícia escrita na página do *site* como a principal, entendendo que o *blog* está nela contido, há que se admitir que o narrador da notícia

da página principal (texto escrito) delega voz ao jornalista que escreve o *blog* (interlocutor 1- Rodrigo Lopes) e que este alterna a delegação de vozes entre o âncora de TV (interlocutor 2) e cada um dos rapazes brasileiros entrevistados (interlocutor 3 e interlocutor 4). O que indica que a complexidade enunciativa do jornal *on-line* está muito além da que apresenta o jornal tradicional - impresso em suporte papel -, que não vai além da debreagem de 2º grau.

Além disso, os papéis das instâncias enunciativas se confundem no *on-line*, dependendo do recorte que estabelecemos como "totalidade" para análise. Ou seja, se analisarmos apenas os vídeos, Rodrigo Lopes é neles narrador (2ª instância) e, ao mesmo tempo, passa ser interlocutor (3ª instância) quando entrevista alguém. Mas se pensarmos na notícia principal da página que comporta o *blog*, e considerarmos o sujeito do texto escrito como o narrador, é preciso considerar Rodrigo Lopes como 3ª instância a quem o narrador delega "voz" e, assim, como interlocutor apenas, interlocutor esse que fala através de diferentes recursos (escrita, áudio, vídeo) e passa também a palavra a vários outros interlocutores com quem dialoga. Ele seria, nesse caso, apenas 3ª instância, não faria parte da 2ª. Tal questão demonstra que a análise enunciativa de textos *on-line* é também condicionada pelo universo do recorte feito, ou seja, que "situar" o sujeito da enunciação como 2ª ou 3ª instância depende do que se estabelece como totalidade do objeto de análise.

Por fim, para fecharmos este tópico sobre o *blog* da posse de Obama, destacando o caráter informal, espontâneo e oralizado dos enunciados que o constituem, vale reproduzir um *post* em que o próprio jornalista reconhece e reafirma tal forma de noticiar:

O que você não vai ler por aí

21 de janeiro de 2009 | 6 comentários | Categorias: Sem categoria

Na frente do Capitólio

Já disse um grande jornalista e amigo que os blogs acabaram com o romantismo das coberturas internacionais. E é verdade! Por aqui, você acaba ficando sabendo muitos dos detalhes, das dificuldades, das trapalhadas, das emoções que o repórter passa em um trabalho como esse. É claro que vivenciamos um momento histórico e a emoção de estar aqui faz a gente superar todos os obstáculos.

O objetivo de um blog também é exatamente esse: ir além, mostrar os bastidores, como se chegou até a informação, com um pouco de bom humor e numa linguagem mais direta, informal. Para mim, um blog é mais: tem a missão de trazer você, leitor, para perto do que está acontecendo. Como se você estivesse viajando aqui comigo. Então, quero dividir algumas coisas que não tive tempo de contar durante a cobertura da posse de Barack Hussein (quem diria!?) Obama:

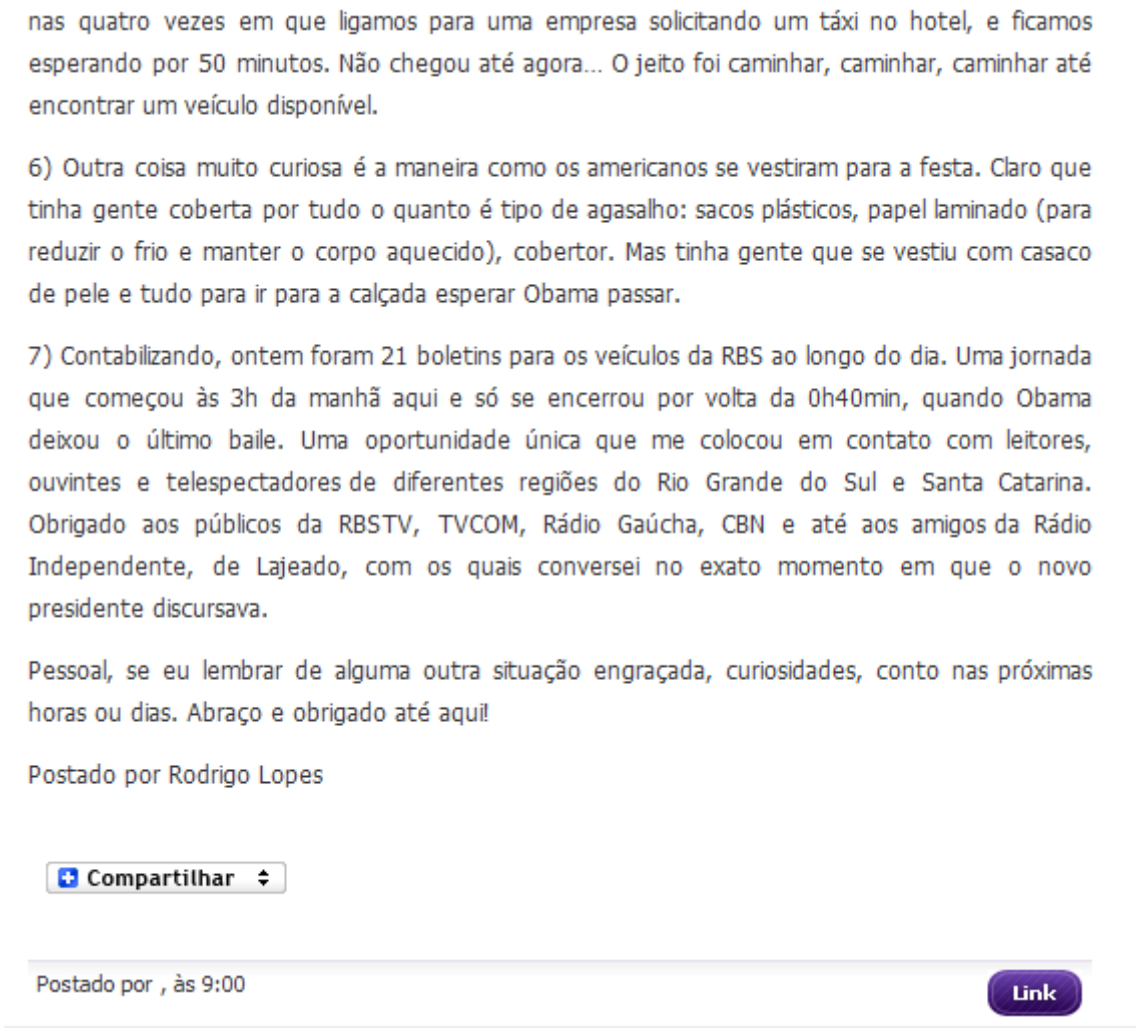
1) Antes de sair do hotel, ontem, para caminhar cinco quilômetros até o National Mall, local da posse, coloquei quatro blusões de lã, uns por cima dos outros, e duas meias. Acreditem, não adiantou! Definitivamente, aguentar no frio 10 horas de pé foi o mais difícil de tudo.

2) O momento em que o policial barrou a nossa entrada, contada em um post ali abaixo, representou aquele momento da cobertura em que a gente pensa: "Acabou!" (esse momento sempre chega, mais cedo ou mais tarde). Bate o desespero. Pior ainda, quando, na outra fila, outro policial não deixou entrar com a mochila. Felizmente, também é preciso contar com a sorte - e com uma dose de perseverança. Uma vez abandonada a mochila, no terceiro portão o acesso foi liberado sem problemas.

3) O tal aquecedor de mãos - uma novidade pra mim - não é lá essas coisas. Dá um calorzinho na primeira hora em que se coloca dentro da luva, mas no final do dia já não adiantava mais. E pior: o tal sachê estourou dentro da luva e até agora uma das mãos está manchada de preto. Não sei qual o princípio ativo que tem dentro desse artefato, mas parece carvão. E não sai com água.

4) Dentro da área onde estávamos cercados, existia um bar e uma farmácia. Claro que estavam completamente lotados, principalmente no intervalo entre a posse e o desfile pela Avenida Pensilvânia. A farmácia estava menos cheia, e foi nossa salvação: em duas ocasiões, compramos latas de energético, salgadinhos e chocolate. Bem saudável!

5) Os taxistas são um capítulo a parte aqui em Washington. Mal humorados, pouco profissionais e, em alguns casos, malandros. Não quero generalizar, mas é muito complicado lidar com eles por aqui. Você para o veículo na rua, eles abrem o vidro, perguntam onde você quer ir e só então decidem se querem ou não levá-lo. Se é muito perto ou eles "não estão com vontade" de ir para aquela área da cidade, simplesmente fecham o vidro e arrancam. Na hora de pagar, cobram a mais. E não é um troquinho. São US$ 2 a US$ 3. Pô, isso não é gorjeta. É assalto. Sem falar



nas quatro vezes em que ligamos para uma empresa solicitando um táxi no hotel, e ficamos esperando por 50 minutos. Não chegou até agora... O jeito foi caminhar, caminhar, caminhar até encontrar um veículo disponível.

6) Outra coisa muito curiosa é a maneira como os americanos se vestiram para a festa. Claro que tinha gente coberta por tudo o quanto é tipo de agasalho: sacos plásticos, papel laminado (para reduzir o frio e manter o corpo aquecido), cobertor. Mas tinha gente que se vestiu com casaco de pele e tudo para ir para a calçada esperar Obama passar.

7) Contabilizando, ontem foram 21 boletins para os veículos da RBS ao longo do dia. Uma jornada que começou às 3h da manhã aqui e só se encerrou por volta da 0h40min, quando Obama deixou o último baile. Uma oportunidade única que me colocou em contato com leitores, ouvintes e telespectadores de diferentes regiões do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Obrigado aos públicos da RBSTV, TVCOM, Rádio Gaúcha, CBN e até aos amigos da Rádio Independente, de Lajeado, com os quais conversei no exato momento em que o novo presidente discursava.

Pessoal, se eu lembrar de alguma outra situação engraçada, curiosidades, conto nas próximas horas ou dias. Abraço e obrigado até aqui!

Postado por Rodrigo Lopes

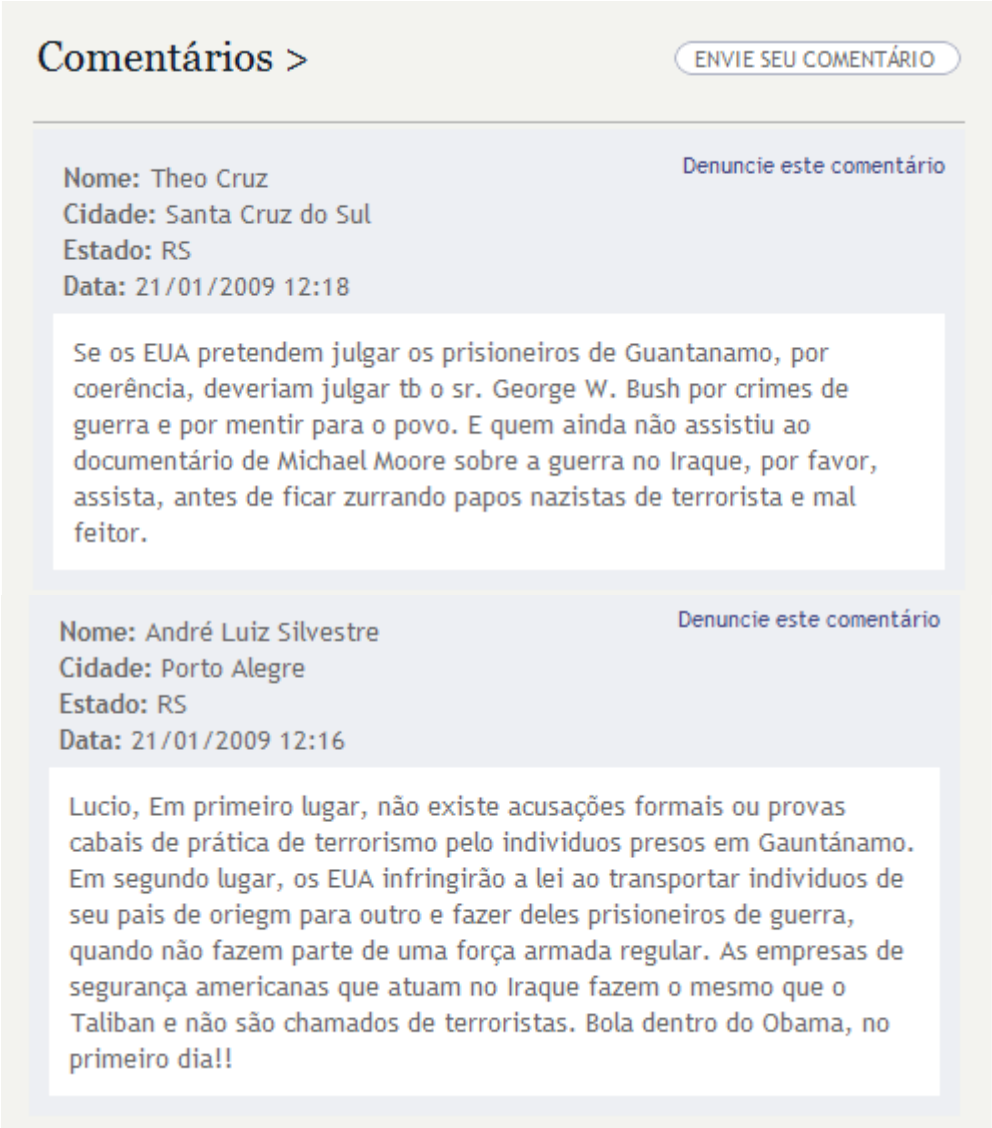
Compartilhar

Postado por , às 9:00 Link

Nesse *post*, além das marcas de eu -"você"/aqui/agora, das gírias e expressões próprias da linguagem falada, dos pontos de vista pessoais – como quando o repórter relata o que vestiu para enfrentar o frio, quando fala sobre o "*tal sachê que estourou dentro da luva e até agora uma das mãos está manchada de preto*", sobre os taxistas mal-humorados e o fato de cobrarem a mais *"Pô, isso não é gorjeta. É assalto!* , etc. --, merece destaque especial o trecho, no segundo parágrafo, em que o jornalista diz: ***"Para mim, um blog é mais: tem a missão de trazer você, leitor, para perto do que está acontecendo. Como se você estivesse viajando aqui comigo".*** Neste trecho, o jornalista traduz em palavras efeitos de sentido que este tipo de texto, marcado pela enunciatividade, pela oralidade, produz.

g) Da seção *Comentários*

Ao final da notícia, aparecem os *Comentário*s dos leitores enviados pelo *link Comente esta matéria*. Há nessa seção 7 comentários. O primeiro deles foi enviado por Lúcio Martim, às 9h05min do dia 21/01, e o último foi enviado às 12h18, pelo leitor Theo Cruz. Copiamos abaixo os comentários enviados, numerando-os de acordo com a ordem de postagem no *site*. Neles é possível observar o caráter oralizado e espontâneo da linguagem, inclusive com a utilização de expressões gírias e de termos mais marcadamente da língua falada (*zurrando papos nazistas, bola dentro, apodrecer na cadeia*), os deslizes gramaticais (de grafia, acentuação, concordância), abreviações próprias do "internetês" (*tb, q*), entonações marcadas pela pontuação (??, !!) e pausas representadas por reticências.


Comentários >

ENVIE SEU COMENTÁRIO

Denuncie este comentário

Nome: Theo Cruz
Cidade: Santa Cruz do Sul
Estado: RS
Data: 21/01/2009 12:18

7

Se os EUA pretendem julgar os prisioneiros de Guantanamo, por coerência, deveriam julgar tb o sr. George W. Bush por crimes de guerra e por mentir para o povo. E quem ainda não assistiu ao documentário de Michael Moore sobre a guerra no Iraque, por favor, assista, antes de ficar zurrando papos nazistas de terrorista e mal feitor.

Denuncie este comentário

Nome: André Luiz Silvestre
Cidade: Porto Alegre
Estado: RS
Data: 21/01/2009 12:16

6

Lucio, Em primeiro lugar, não existe acusações formais ou provas cabais de prática de terrorismo pelo individuos presos em Gauntánamo. Em segundo lugar, os EUA infringirão a lei ao transportar individuos de seu pais de oriegm para outro e fazer deles prisioneiros de guerra, quando não fazem parte de uma força armada regular. As empresas de segurança americanas que atuam no Iraque fazem o mesmo que o Taliban e não são chamados de terroristas. Bola dentro do Obama, no primeiro dia!!

Denuncie este comentário

Nome: Camila Lemos
Cidade: Porto Alegre
Estado: RS
Data: 21/01/2009 12:14

5

Se só existissem terroristas e mal feiores lá dentro tudo bem, mas não é! Quallquer pessoas que não é norte-americana vai pra lá por razões até absurdas! Tudo por causa do preconceito desse país! Pode ser que o primeiro presidente negro faça alguma coisa pelas pessoas discriminadas!

Denuncie este comentário

Nome: Ricardo Carvalho
Cidade: Rio Grande
Estado: RS
Data: 21/01/2009 10:16

4

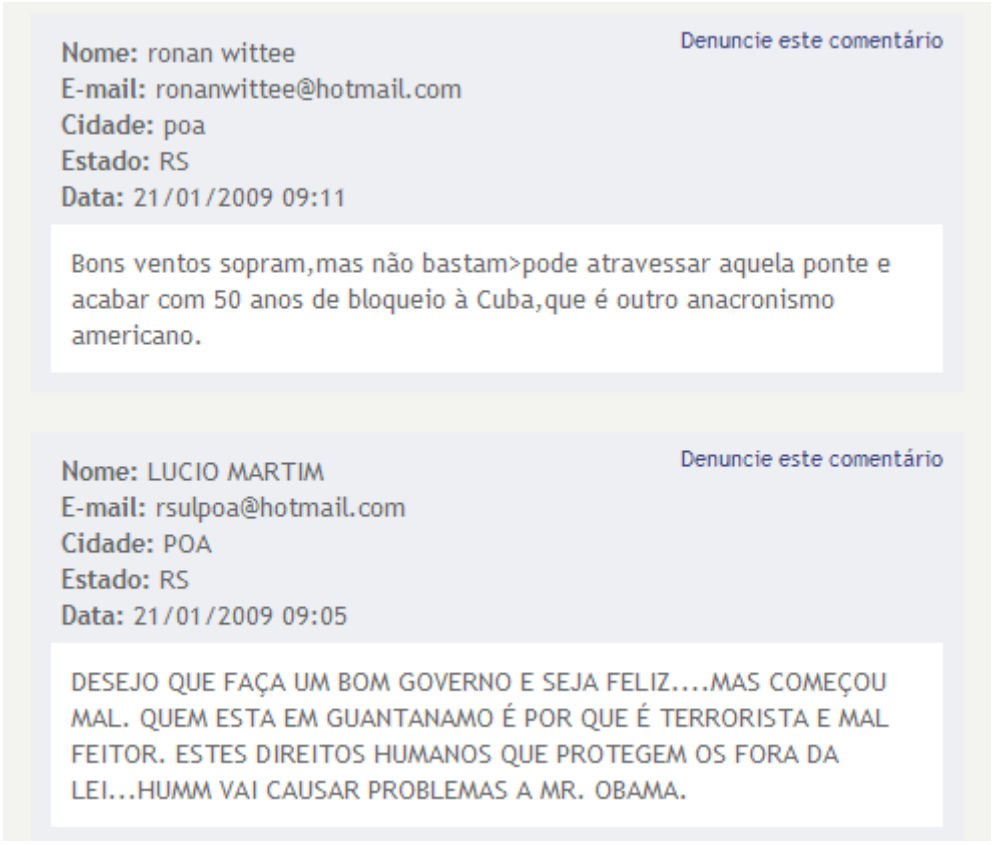
Concordo em termos com o sr. Luci Martim. Terrorista e mal feitor tem que ficar e apodrecer na cadeia, contudo, exite o outro lado da moeda.Os Estados Unidense abusam do poder e oprimem a todos q nao são dos EUA.É vergonhoso quando mesmo para fazer escala nos EUA, o povo é barrado, humilhado e deportado como criminoso.

Denuncie este comentário

Nome: Ronaldo
E-mail: gauno35@hotmail.com
Cidade: Alvorada
Estado: RS
Data: 21/01/2009 09:35

3

Qual bloqueio a Cuba??..tenho parentes cubanos nos EUA que viajam todos os anos a Cuba e remetem dinheiro para familiares..o bloqueio acontece do outro lado..e tambem o governo americano não abre relações formais com Cuba em razão da pressão que exercem cubanos americanos que é demasiado forte em estados com importância eleitoral,o que não é diferente do que acontece aqui.



Denuncie este comentário

Nome: ronan wittee
E-mail: ronanwittee@hotmail.com
Cidade: poa
Estado: RS
Data: 21/01/2009 09:11

2

Bons ventos sopram,mas não bastam>pode atravessar aquela ponte e acabar com 50 anos de bloqueio à Cuba,que é outro anacronismo americano.

Denuncie este comentário

Nome: LUCIO MARTIM
E-mail: rsulpoa@hotmail.com
Cidade: POA
Estado: RS
Data: 21/01/2009 09:05

1

DESEJO QUE FAÇA UM BOM GOVERNO E SEJA FELIZ....MAS COMEÇOU MAL. QUEM ESTA EM GUANTANAMO É POR QUE É TERRORISTA E MAL FEITOR. ESTES DIREITOS HUMANOS QUE PROTEGEM OS FORA DA LEI...HUMM VAI CAUSAR PROBLEMAS A MR. OBAMA.

Atente-se também para o fato de que os leitores respondem uns aos outros nos comentários, travando uma espécie de diálogo entre eles por meio do jornal. O leitor André Luiz Silvestre (comentário 6), por exemplo, discorda do comentário de Lúcio Martim (o primeiro postado) e, inclusive, se dirige diretamente ao interlocutor chamando-o pelo nome. Camilla Lemos (com. 5) também responde ao comentário postado por Lúcio Martim, assumindo posicionamento contrário. E o leitor Ricardo Carvalho (com. 4) diz que concorda em partes com a opinião de Lúcio (com. 1). Já o leitor Ronaldo (com. 3) questiona o comentário feito por Ronan Wittee (com. 2) sobre o bloqueio à Cuba. E Theo Cruz (com. 7), sem citar nomes, evidencia uma postura de discordância em relação ao comentário de Lúcio e concordância com os outros leitores que criticam tal posicionamento.

Isso demonstra que os C*omentários* fazem, efetivamente, parte da notícia. Os leitores leem os comentários uns dos outros e a eles respondem, inclusive abordando questões que sequer foram apontadas no texto da notícia, como é o caso do "bloqueio à Cuba", que não aparece na notícia escrita. Esse aspecto foi mencionado no comentário de Ronan Witte e serviu de referência para o comentário de Ronaldo. Nesse sentido, é possível fazer uma analogia da seção *comentários* com o gênero *chat,* em que os participantes da conversação

"ouvem" uns aos outros e respondem a quem querem, expressando suas opiniões através de uma linguagem espontânea e marcadamente oralizada. É um diálogo que se constrói entre interlocutores.

h) Do *link Veja fotos da posse de Barack Obama*

Logo abaixo da foto principal da página, aparece o *link Veja fotos da posse de Barack Obama*. Este *link* remete a uma galeria de fotos composta por 65 imagens que retratam vários momentos das festividades da posse[77]. Aparecem imagens do público que se aglomerava para esperar Obama no Nationall Mall, de personalidades famosas que prestigiaram o evento e, principalmente, dos passos de Obama durante a posse: o momento do discurso, do juramento, do desfile, dos bailes, etc.

As fotos, a exemplo do que ocorre na notícia analisada anteriormente, aparecem na tela em tamanho grande, ocupando cerca de 3/4 da tela do computador. São fotos que apresentam uma perspectiva de captação de imagens próxima, ou mesmo em *close-up*. Inclusive em várias delas, por conta da aproximação, os atores/objetos extrapolam as margens, não são totalmente englobados na figura. Em outras, os atores ainda voltam seus olhares para o fotógrafo, projetando uma interação com o leitor. Exemplo disso é a foto abaixo, em cuja legenda se inscreve: *Povo americano vibrou com a passagem de Obama*.

[77] As fotos desta galeria constam no CD em anexo.

Novamente destacamos que o número expressivo de fotos apresentadas na galeria (65 fotos), a perspectiva próxima de captação das imagens e o tamanho em que aparecem na tela contribuem para produzir efeitos de sentido de aproximação entre objeto de notícia (cena dos acontecimentos, atores) e leitor, como se o leitor pudesse presenciar os momentos ali estampados através dos "olhares" do fotógrafo. Nesse sentido, mesmo imagens que não apresentam atores com olhos voltados ao leitor denunciam um caráter de enunciatividade.

i) Dos *links* que aparecem abaixo da galeria de fotos

Abaixo do *link* que remete à galeria de fotos, aparecem mais 4 *links: Confira a cobertura completa da posse de Barack Obama no blog Mudança na América, por Rodrigo Lopes; Veja o site especial da posse; Qual deve ser a primeira medida de Obama presidente?;* e *Comente esta matéria.* O primeiro deles remete ao *blog* já analisado. O segundo, como a chamada indica, remete a um "*site* especial da posse", onde o leitor fica sabendo mais informações sobre o novo presidente, sobre o que está programado para as

festividades, as cerimônias, enfim, recebe outras informações sobre o evento e seus "atores". Como esse *site* é composto de muitos outros *links*, que remetem a novas redes de notícias, não vamos analisá-lo. O terceiro *link*, *Qual deve ser a primeira medida de Obama presidente*, constitui, na verdade, uma enquete aos leitores, que podiam enviar sugestões a serem postadas no *Mural,* mas não havia contribuições ali postadas. Por fim, o *link Comente esta matéria* é o *link* através do qual os leitores enviam as mensagens que figuram na seção *Comentários.*

6.2.3 Olhar geral sobre a notícia

Tomando esta notícia como um todo, percebe-se que o caráter de enuncividade se mostra mais no texto escrito principal – pelas debreagens actanciais e espaciais enuncivas - e na fotografia que o acompanha. Nesta, a enuncividade está relacionada principalmente ao tamanho reduzido da imagem, que gera efeitos de distanciamento entre cena retratada e leitor. Acrescente-se o fato de o ator não voltar seu olhar para o leitor, o que também não simula interação.

No entanto, embora instaure debreagens actanciais enuncivas durante o relato dos fatos, o narrador se mostra enunciativo quando chama o leitor a acessar os *links* da página, já que se dirige ao leitor como "você" (*Saiba* como foi a posse, *Confira* o que ocorreu durante o dia, *Veja* fotos da posse de Barack Obama, *Confira* a cobertura completa..., *Veja* o *site* especial da posse, *Comente* esta matéria). Nesse sentido, a enunciatividade também ganha espaço no texto do narrador. Acrescente-se que o principal marco temporal instaurado – e a partir do qual se organiza o desenrolar dos fatos - é também enunciativo: *na noite desta terça-feira.*

Mas é no arranjo de hipertextos que a enunciatividade se mostra mais marcante. Ou seja, se na primeira olhada o texto ainda preserva marcas de enuncividade (neutralidade, distanciamento, objetividade) características do gênero, ao acessar os *links* do arranjo hipermídia se destacam os recursos enunciativos, seja nas escolhas linguísticas, seja nos recursos audiovisuais e de animação gráfica que projetam efeitos de sentido de proximidade entre enunciador-enunciatário e/ou entre objeto de notícia e enunciatário. Tomemos como

exemplo os vídeos em que jornalistas analisam "os desafios do novo presidente" em 11 países. Tanto as falas dos jornalistas (mais informais e espontâneas, com marcas de entonações, hesitações, correções, paráfrases) quanto a projeção de suas imagens na tela (olhares voltados para o leitor-interlocutor, posturas descontraídas, gestos) durante a enunciação revelam enunciatividade. Embora não digam verbalmente eu/tu-aqui-agora, os jornalistas (membros da equipe do enunciador) falam ao leitor diretamente do cenário da redação e como se estivessem falando com alguém próximo, com um interlocutor conhecido de longa data. Nesse sentido, estreitam-se laços de proximidade entre enunciador e enunciatário.

Já os infográficos *Roteiro da posse*, *Tour virtual pela Casa Branca* e a galeria de fotos produzem efeitos de aproximação entre objeto de notícia e leitor. Por meio deles, o leitor pode melhor visualizar e (re)conhecer, melhor se inserir no cenário retratado. Aliás, no início do infográfico *Roteiro da posse*, o próprio efeito de imagem de satélite aproximando-se do local das festividades em *zoom* simula essa tentativa de trazer o leitor distante para dentro do cenário. Embora nos outros dois infográficos, *A equipe de Obama* e *Os presidentes americanos*, predominem marcas de enuncividade tanto no texto quanto nos recursos visuais, eles também aproximam o leitor dos fatos na medida em que mais mostram e informam, permitindo melhor conhecer sobre o assunto em pauta. A propósito, é possível perceber nessas notícias de cobertura *on-line* o intuito de levar **mais** informações ao leitor do que este poderia imaginar (ou obter por outros veículos de informação).

Destaca-se nessa notícia o *blog Mudança na América* que, por sua vez, aproxima objeto de notícia e leitor e, principalmente, enunciador-enunciatário. O próprio jornalista comenta que o objetivo do *blog* é levar o leitor para perto dos fatos, como se o leitor estivesse ao lado do jornalista, vendo e presenciando as curiosidades, os detalhes que o jornalista vê. No *blog*, a enunciatividade – em sentido estrito e em sentido lato - é marcante, tanto nos artigos escritos quanto nas imagens que acompanham os relatos, nos vídeos, nos áudios. O jornalista diz *eu/tu, aqui agora* e imprime um tom descontraído, informal, pessoal ao relato dos fatos. O *blog*, voltamos a reiterar, preserva as características próprias de um diário de foro íntimo, e a oralidade conceptual que transparece nos enunciados fortalece a relação de proximidade entre jornalista e leitor.

Também os comentários dos leitores - tanto no *blog* quando na seção *Comentários* da notícia principal – apresentam marcas de oralidade conceptual, de informalidade, de espontaneidade, revelando efeitos de sentido de aproximação entre enunciador e enunciatário.

6.3 **Notícia sobre acidente com ônibus em Porto Alegre**[78]

Plantão > ← VOLTAR

IMPRIMIR | ENVIAR | CORRIGIR | COMENTAR | LETRA A- | A+

Geral | 08/01/2009 | 10h44min

Ônibus bate em prédio, pega fogo e deixa dois mortos em Porto Alegre

Motorista pode ter sofrido um mal súbito enquanto dirigia

Atualizada às 13h57min

Um ônibus da empresa Transcal (linha Morada do Vale) se chocou contra um prédio na esquina da Avenida Julio de Castilhos com a Rua Coronel Vicente, no centro de Porto Alegre, na manhã desta quinta-feira. O acidente gerou um incêndio no local. Duas pessoas morreram. Os corpos estavam debaixo do veículo.

A colisão ocorreu na na esquina da Avenida Julio de Castilhos com a Rua Coronel Vicente
Foto: Daniel Marenco

Comente esta matéria

Leitores registraram imagens do acidente:

O motorista teria sofrido um mal súbito e perdido o controle do veículo na avenida, quando se dirigia à rodoviária. Testemunhas disseram tê-lo visto caído sobre o volante do coletivo. As vítimas, duas mulheres, foram atropeladas. Se feriram 14 pessoas, entre elas, o motorista. Todos foram conduzidos ao HPS.

Mais Notícias

Gente | 06/02/2009 17h50min
→ Jennifer Aniston guarda todas as mensagens de voz de seus ex

Trânsito | 06/02/2009 17h45min
→ Carreta estraga na BR-116 e deixa o trânsito lento

Turbulência global | 06/02/2009 17h38min
→ Abiquim: indústria química cai 30,6% em dezembro

Aviação | 06/02/2009 17h31min
→ Jobim: Galeão terá investimentos de R$ 600 milhões até 2011

Agronegócios | 06/02/2009 17h25min
→ RS é o segundo Estado que mais exportou em 2008, diz ministério

Inter | 06/02/2009 17h23min
→ Inter prorroga contrato de Taison até 2013

---

[78] Notícia veiculada em *Zero Hora on-line*, em 08/01/2009. Disponível no endereço: http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&section=Geral&newsID=a2360899.xml

No prédio atingido funciona um estacionamento — antes se supôs que fosse uma retificadora, mas há no local somente uma placa indicando esse serviço. O veículo foi consumido pelas chamas, principalmente no seu interior. O incêndio foi controlado pelos bombeiros.

O veículo, que tinha saído do terminal Rui Barbosa e se dirigia a Cachoeirinha, destruiu uma lixeira, árvores e telefones públicos que estavam no caminho. A área foi isolada, o que causou congestionamento nas ruas do Centro. A fumaça podia ser vista a pelo menos dois quilômetros.

Você registrou o acidente? Mande fotos e vídeos para o Leitor-Repórter

RÁDIO GAÚCHA E ZERO HORA

Comentários

Gerson Luis Rodrigues da Silva - gersonplekhanov@bol.com.br
12/01/2009 18:12 Denuncie este comentário

Qual a velocidade permitida para os ônibus no centro de Porto Alegre? Quando estive internado, um senhor com diabete apagou no leito, a família desesperada chamou uma Médica, vieram duas, a médica fez uma avaliação rápida e pediu para o enfermeiro preparar uma injeção, após aplicar o medicamento, esse Sr. voltou ao normal, e respondeu o que a médica perguntava. Eu jamais imaginei que diabete fosse um caso tão sério. É uma doença grave.

Comente esta matéria → Veja todos os comentários (83)

Esta notícia, veiculada em *ZH on-line* em 08 de janeiro de 2009, relata um acidente com um ônibus de transporte coletivo no cento da capital gaúcha. O próprio título *Ônibus bate em prédio, pega fogo e deixa dois mortos em Porto Alegre* já anuncia os fatos principais, e o desenrolar da notícia traz detalhes sobre o ocorrido. Essa notícia não apresenta tantos hipertextos quanto as duas anteriores. No entanto, nela aparece a contribuição efetiva do leitor como co-enunciador no processo de produção da notícia. A notícia é constituída pela narração escrita, fotos, um infográfico animado e por imagens em vídeo sobre o acidente.

6.3.1 Do texto escrito e da fotografia principal

a) Das escolhas lexicais e sintáticas

Este texto se distingue das outras duas notícias já analisadas. Não pelas escolhas lexicais, já que esta notícia também apresenta vocabulário acessível - termos com os quais estão acostumados leitores/espectadores/ouvintes de notícias diárias -, mas pela organização da sintaxe dos períodos. Os parágrafos são formados por períodos curtos, justapostos e a maioria em ordem direta. As informações vêm entrecortadas e parecem lançadas "aos jatos" no texto. Também ocorre o uso (incomum nesse gênero) da próclise pronominal em início de frase, no 3º parágrafo ("*Se* feriram 14 pessoas..."). Este texto não denota a elaboração mais lapidada, característica dos jornais impressos. Já o título causa estranheza pela forma como é organizado (em 3 orações que resumem o fato) e, principalmente, pelo emprego da expressão "pega fogo". O enunciado como um todo deixa transparecer em sua formulação marcas de pressa, de um texto que precisa ser formulado rapidamente para ser veiculado o quanto antes. A esse propósito, note-se que o jornalista, no 3º parágrafo, corrige uma informação equivocada da versão anterior, quando diz: "No prédio atingido funciona um estacionamento *– antes se supôs que fosse uma retificadora, mas há no local apenas uma placa indicando o serviço*". Tal correção também dá indícios das condições de produção do texto. Onde a pressa dita as regras, não há tempo para conferir a "precisão" das informações antes de lançá-las no *site*, até mesmo porque elas podem ser corrigidas/atualizadas a qualquer instante.

b) Das escolhas do narrador quanto à instauração das categorias da enunciação

Neste aspecto, o texto segue o mesmo modelo dos anteriores: o narrador "se implicita" no enunciado, instaurando debreagens actanciais e espaciais enuncivas, mas utiliza embreagem enunciativa de tempo – *na manhã desta quinta-feira* (1º parágrafo) - como marco temporal em torno do qual se desenrolam os fatos. No título *Ônibus bate em prédio, pega fogo e deixa dois mortos em Porto Alegre*, instauram-se embreagens enunciativas no emprego dos verbos no presente. Também como as notícias anteriores, este texto não vem assinado por um jornalista.

c) Da fotografia principal

A fotografia junto ao texto mostra o veículo objeto de notícia parcialmente destruído sendo resfriado por um jato de água direcionado por um bombeiro. O ônibus aparece distante do leitor na imagem, ou seja, transparece na imagem uma perspectiva de captação do objeto a distância. Também aparecem alguns atores, mas nenhum deles se volta para a câmara. Os dois mais próximos do ônibus e que parecem segurar a mangueira de água assumem uma dimensão pequena e distante no cenário. Na legenda se lê: *A colisão ocorreu na na (sic) esquina da Avenida Julio de Castilhos com a Rua Coronel Vicente*. Nesse sentido, podemos dizer que na fotografia também há predomínio da enuncividade. A foto cumpre o papel de mostrar o objeto da notícia e o cenário, o que produz efeitos de sentido de verdade e realidade, mas é pequena, distante, não apresenta uma perspectiva de captação que coloque o leitor "dentro" do cenário, mais parece uma janela através da qual ele vê uma cena ao longe. Tampouco os atores que nela figuram interagem com o leitor. A foto também não apresenta um enfoque mais subjetivo, um modo "diferente e particular" de olhar a cena por parte do enunciador-fotógrafo, o que poderia constituir debreagem enunciativa da enunciação. É mais uma foto de registro, em que se reiteram informações do relato escrito e pouco se acrescenta em termos de novidade.

d) Do modo como o narrador remete o leitor aos textos de apoio

Neste texto, o narrador oscila entre debreagens actanciais enunciativas e enuncivas no momento de chamar o leitor a interagir. Quando remete o leitor aos vídeos, o faz enuncivamente: *Leitores registraram imagens do acidente*. Não instaura um tu/você no enunciado, e, assim, também não se instaura como subjetividade. Para acessar o infográfico animado não há convite ao leitor. Aparece apenas o desenho das ruas na tela, um ponto destacado onde se lê "Local do acidente" e o ícone de *play*, subentendendo que há um *link* a ser acessado. Nesses dois itens, portanto, o narrador se instaura enuncivamente e o leitor fica implícito. Em contrapartida, aparecem os convites *Comente esta matéria* e *Você registrou o acidente?Mande fotos e vídeos para o Leitor-repórter* que instauram enunciativamente o narratário-leitor ("você"), explicitando-o. Lembrando que "ao dizer *tu*, o *eu* constrói-se explicitamente" (FIORIN, 2002, p. 66), esse narrador também se mostra no enunciado.

6.3.2 Dos hipertextos[79]

a) Dos vídeos

Logo abaixo da chamada *Leitores registraram imagens do acidente* aparecem os vídeos contendo imagens do acidente. São vários vídeos que mostram a sequência dos fatos, primeiro o ônibus colidido contra o prédio, a fumaça que surge da parte frontal do veículo, as chamas se alastrando e, por fim, o que restou do veículo. Os vídeos são imagens captadas por leitores e também pela empresa EPTC (Empresa Pública de Transporte e Circulação) de Porto Alegre. Ao pé das imagens, enquanto elas são exibidas, aparece a identificação de quem as enviou. Seguem abaixo cenas dos vídeos, na ordem em que elas aparecem na exibição:

[79] Os hipertextos desta notícia (vídeos, infográfico animado e galeria de fotos) podem ser visualizados no CD que acompanha este trabalho.

1.

→ *"Imagens divulgadas pela EPTC"*

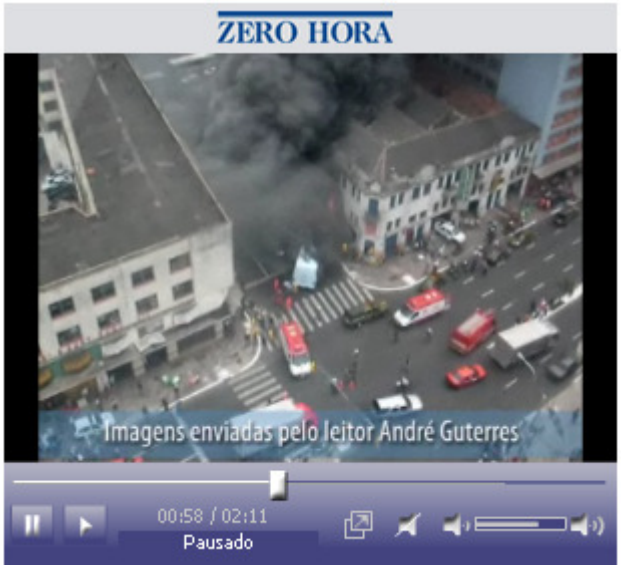
2.

→ *"Imagens enviadas pelo leitor Edison Roberto Jr"*

3.

→ *"Imagens enviadas pelo leitor Waldyr Tessuto"*

4.



→ *"Imagens enviadas pelo leitor André Guterres"*

5.

→ *"Imagens cedidas pelo leitor José Maria Cardoso Jr"*

6.

7.

"Imagens cedidas pelo leitor Marne Barcelos"

Além das imagens capturadas pela EPTC (as primeiras a aparecerem na exibição), outros 5 vídeos enviados por leitores (*Edison Roberto Jr, Waldyr Tessuto, André Guterres, José Maria Cardoso Jr, Marne Barcelos)* à redação de *ZH* figuram na notícia. As imagens captadas pela EPTC não vêm acompanhadas de som, mas os vídeos enviados por leitores sim. Neles é possível ouvir os ruídos da rua, apitos de policiais que organizam o trânsito, sirenes dos carros de bombeiros e comentários feitos por pessoas próximas à câmera que captou as imagens. Tais "interferências" fortalecem efeitos de verdade, de realidade dos fatos noticiados. Também o fato de serem imagens enviadas por leitores – como diz a legenda que as acompanha - corrobora esses efeitos, já que os próprios leitores passam a ser "porta-vozes" do jornal, atestando que presenciaram a cena.

Além disso, os sons e ruídos que aparecem nos vídeos, bem como a focalização das imagens no mesmo plano que o objeto e próximo dele produzem efeitos de aproximação entre cena retratada e leitor, pois despertam neste o (re)conhecimento de situações semelhantes já vivenciadas e produzem efeitos de presentificação do leitor através da presença próxima do enunciador que capta as imagens. Por outro lado, as imagens que vêm sem os sons característicos daquele cenário e numa perspectiva de focalização distanciada (de cima e distante) operam efeitos de sentido de distanciamento entre objeto de notícia e leitor, como se este apenas pudesse espiar os acontecimentos pela janela, a distância. Exemplo disso são os vídeos da EPTC e também o enviado pelo leitor André Guterres (o número 4 da sequência apresentada acima). Nesse sentido, pode-se dizer que enquanto estes apresentam mais caráter de enuncividade, aqueles apresentam mais caráter de enunciatividade, como se o leitor pudesse "presenciar" os acontecimentos tal qual o enunciador (leitores que filmaram as cenas).

Tendo em conta que o texto já havia passado por atualizações, é provável que os vídeos tenham sido obtidos através da chamada que consta no corpo da notícia *Você registrou o acidente?Mande fotos e vídeos para o Leitor-repórter.* A propósito, "Leitor-repórter" parece uma designação apropriada, já que o leitor, como se fosse um membro da equipe jornalística que está no local dos fatos, registra imagens que contribuem para a construção do texto. É certo, também, que os vídeos enviados passam pelo crivo de um jornalista ou equipe editora responsável pela seleção, hierarquização, organização e disposição das informações no texto final e, nesse sentido, as contribuições dos leitores estão subjugadas às escolhas da equipe do jornal que constituem um "enunciador coletivo". Mas o leitor cujas contribuições figuram no texto, como já discutimos na primeira análise feita, assume uma outra perspectiva de co-enunciação, deixa de ser apenas co-enunciador implícito e passa a ser co-enunciador explícito no enunciado. De enunciatário/narratário/interlocutário pressuposto, o leitor participativo passa a enunciador/narrador/interlocutor explícito daquele enunciado. Inclusive, esse tipo de construção jornalística em que figuram contribuições de leitores tem-se denominado "jornalismo participativo" (OLIVEIRA, 2009). Jornalismo este que instiga e denota uma tendência à aproximação entre jornal e leitor.

b) Do infográfico *Acidente no centro de Porto Alegre*

O infográfico *Acidente no centro de Porto Alegre* apresenta o trajeto realizado pelo ônibus, desde o ponto de saída até o ponto em que ocorreu a colisão. Na tela, este infográfico projeta um mapa das ruas e cruzamentos próximos do local do acidente. Sobre o mapa, aparece um ícone de um ônibus que literalmente se desloca pela avenida, avança sobre canteiro que a divide e, por fim, choca-se contra um prédio na esquina seguinte. O relato do que ocorreu em cada ponto do trajeto aparece em um balão exibido conforme as paradas do veículo. Assim, no ponto inicial se lê no balão: *O ônibus saiu da Praça Rui Barbosa e seguia pela Avenida Julio de Castilhos pelo corredor da direita quando o motorista perdeu o controle. Ele teria sofrido um mal súbito*. Segue imagem:

Na sequência, quando o veículo se choca contra o canteiro, no balão se lê: *O veículo cruzou o canteiro central da avenida, derrubando árvores, telefones públicos e postes de sinalização. Dois pedestres morreram atropelados.*

No final, aparece o ônibus se transformando em uma bola de fogo na esquina seguinte e o texto diz: *O ônibus parou após bater num prédio e pegar fogo. As pessoas que estavam no ônibus conseguiram sair.* Assim:

Aparecem, à direita da tela sobre o mapa, duas novas chamadas ao leitor: *Veja mais fotos do acidente* e novamente o convite *Você registrou o acidente? Mande fotos e vídeos para o Leitor-Repórter.* Este infográfico, a exemplo de outros já analisados, também produz

efeitos de aproximação entre objeto de notícia e leitor, já que dá a este uma melhor noção do espaço geográfico em que se desenrolaram os fatos, inclusive localizando as ruas e cruzamentos num mapa. Além disso, aproxima jornal e leitor por meio da linguagem pessoal (*Veja... Você registrou... Mande*...) utilizada nas chamadas.

c) Do *link Veja mais fotos do acidente* (inserido no infográfico)

Este *link* remete a uma galeria de fotos contendo 34 imagens do acidente. Assim como nas galerias de fotos das notícias anteriores, há nesta um número expressivo de fotografias que retratam o acontecimento de diversos ângulos e em diferentes momentos. São ao todo 34 imagens que aparecem na tela em tamanho grande, ocupando quase toda a tela do computador, com perspectiva de focalização próxima, inclusive com os objetos extrapolando as margens do enquadramento e, em algumas, com atores que voltam seus olhares para a câmera – para o leitor, portanto. Nesse sentido pode-se dizer que nas imagens predomina o caráter enunciativo ao enuncivo, seja pela interatividade que se estabelece entre atores e leitores através do olhar, seja pela perspectiva de captação das imagens, denunciando a proximidade do enunciador (fotógrafo) em relação ao evento retratado. Proximidade essa também "sentida", "vivenciada" pelo enunciatário.

Nesta galeria de fotos, aparecem imagens captadas por fotógrafos da imprensa e também fotos enviadas por leitores, denotando novamente o papel destes como co-enunciadores explícitos. Das 34 fotos da galeria, 11 foram enviadas por leitores. A foto abaixo, por exemplo, foi enviada por um leitor. Na legenda se lê: *Leitor Eloi Farias registrou o ônibus em chamas*, e os créditos são atribuídos a *Eloi Farias, Leitor-Repórter.*

Como capturamos as imagens alguns dias depois do acidente - quando voltamos a acessar a notícia -, aparecem duas fotos (as duas últimas) com data de 09/01/2009, retratando cenas do enterro das vítimas do acidente. A galeria de fotos, portanto, sofreu atualizações posteriores a 08/01/2009, data em que a notícia foi ao *site*.

Destacamos que a atualização de hipertextos para além da data cronológica que ancora a notícia escrita foi evidenciada nas três reportagens que constituem o corpus, o que nos permite dizer que é esta uma característica de ZH *on-line*.

d) Da seção *Comentários*

Na seção *Comentários* desta notícia aparecem 83 manifestações de leitores. A maioria delas postada no dia 08/01, quando se deu o fato. No entanto, como capturamos a notícia em data posterior, aparecem na seção comentários postados até o dia 12/01. Os comentários seguem a mesma linha dos analisados na notícia anterior. Ali os leitores relatam experiências

próprias semelhantes à que desencadeou o acidente, discutem questões relativas à segurança no trânsito, à carga horária dos motoristas de ônibus, deixam palavras de conforto aos familiares das vítimas, alguns criticam e outros defendem o motorista, enfim, manifestam pontos de vista variados acerca do acontecimento. A linguagem é informal, em vários comentários aparecem expressões próprias do internetês (*q, tb, pq*) e acentos gráficos são suprimidos, pontos de interrogação e exclamação são repetidos (traduzindo a ênfase dada à frase), aparecem gírias e expressões próprias da fala (*tá, pra, tava*) e os leitores se instauram enunciativamente no enunciado. Também nestes comentários (a exemplo dos postados sobre a posse de Obama) uns leitores respondem a outros que postaram suas opiniões anteriormente, travando um diálogo por meio da página da notícia.

6.3.3 Olhar geral sobre a notícia

Esta notícia segue um padrão semelhante ao das duas anteriores no que tange à forma como procede o narrador quanto à instauração das categorias da enunciação no enunciado: instaura debreagens actanciais e espaciais enuncivas e debreagens temporais enunciativas (predominantemente) no relato Também opera debreagens actanciais enunciativas nos convites ao leitor. O texto escrito é mais marcado que os outros pelos períodos curtos e em ordem direta, possivelmente em decorrência das condições de produção de uma notícia que precisa ir ao *site* rapidamente, o que impinge a este texto um caráter mais oralizado no sentido conceptual. Também os comentários dos leitores, a exemplo do que ocorre nas notícias anteriores, denotam caráter de oralidade conceptual acentuado, produzido por uma linguagem informal, pessoal, intimista.

Em relação ao infográfico animado e à galeria de fotografias, esta notícia também segue padrão semelhante às anteriormente analisadas, em que recursos verbais, não verbais e de animação gráfica projetam efeitos de aproximação entre objeto de notícia e leitor. A propósito, na galeria de fotos que constitui o infográfico, aparece a mesma fotografia que aparece na página principal da notícia. No entanto, na galeria de fotos, essa imagem vem ampliada, ocupa quase toda a tela do computador e denota uma perspectiva de aproximação do enunciador em relação à cena descrita não “sentida” (ou não possível de ser percebida)

quando observada a mesma imagem na página principal - em que a foto é pequena, distante, pouco revela sobre detalhes de atores/objetos/cenário que se mostram ao longe. Disso se depreende que o caráter de enunciatividade/enuncividade das fotografias está relacionado também ao tamanho da imagem que se projeta na tela. Quanto maior a imagem, mais visíveis e próximos os cenários/atores/objetos, mais se acentuam efeitos de aproximação.

Nesta notícia, o destaque principal se volta à contribuição do leitor para a produção do enunciado. Nas duas notícias anteriores, a contribuição efetiva do leitor aparecia somente na seção *Comentários*, já nesta reportagem a contribuição do leitor se evidencia também no corpo da notícia. Os vídeos e fotos enviados por leitores constituem contribuição efetiva e concreta de co-enunciadores no processo de produção do texto. Se levarmos em conta que, nas notícias, ao lado das fotos é comum aparecer o nome do fotógrafo que capturou as imagens – e que tem os créditos pela foto – e que esse procedimento se repete nas imagens enviadas por leitores, podemos pensar nesses leitores participativos como membros coadjuvantes do "enunciador coletivo" que constitui o jornal. Portanto, devemos entender esses recursos enviados por leitores como uma forma de debreagem de segundo grau, como se fossem um "discurso direto não verbal", em que sujeitos que presenciaram os fatos dão o seu depoimento – não verbal - ao jornal. Nesse sentido, estes leitores figuram como sujeitos da terceira instância enunciativa, como interlocutores, ou atores do enunciado que "ganham voz" e mostram o que viram de outra forma que não verbalmente.

De qualquer forma, essa participação efetiva de leitores – seja enviando recursos que auxiliam a construção do enunciado, seja postando comentários - aponta uma espécie de afrouxamento dos limites entre jornal enquanto enunciador e leitor enquanto enunciatário.

7 O ENUNCIADOR *ZH ON-LINE* E O LEITOR NELE INSCRITO

Após a análise individual de cada uma das notícias que constituíram o *corpus*, bem como dos recursos e hipertextos que nelas constam, depois, portanto, da fragmentação do todo em partes, é preciso juntá-las novamente para do conjunto depreender a significação do todo. Nesse sentido, este capítulo se volta à abordagem de aspectos que verificamos recorrentes nas reportagens analisadas e que nos permitem tecer uma imagem enunciativa de *ZH on-line*, melhor dizendo, um é*thos* desse enunciador.

Além disso, como enunciador e enunciatário co-enunciam, ou seja, as escolhas do enunciador são determinadas pela imagem que este tem do enunciatário, a análise dos enunciados revela características não só do enunciador, mas também aspectos concernentes à imagem de leitor que esse jornal *on-line* refrata e reflete. O enunciado se constrói em função das perspectivas, dos anseios, da imagem que se tem do outro (do enunciatário) e da imagem que este fará do enunciador a partir do que é dito. O dito e as formas de dizer apontam um "estilo" que se constrói também em função do enunciatário. Portanto, a análise de *ZH on-line* nos permite tecer algumas considerações a respeito do leitor que se inscreve nesse "modo de ser e dizer" do jornal *on-line*.

No início do trabalho explicamos que um dos aspectos que nos instigou a realizar a pesquisa foi a complexidade enunciativa dos enunciados *on-line* quando comparados aos dos jornais impressos e que, nesse sentido, este estudo tem como pano de fundo a constituição enunciativa dos jornais impressos, que permitiu perceber a alteridade a partir da identidade. Ao longo do trabalho, em vários momentos foram feitas comparações entre essas duas modalidades no intuito de mostrar, principalmente, suas diferenças. Também agora, quando nos propomos apontar uma identidade enunciativa do jornal *on-line* e de seus leitores, tomamos por base o contraponto com o jornalismo impresso.

7.1 *Éthos* do enunciador *ZH on-line*

Para falar em *éthos* do enunciador, tanto Fiorin (2004) quanto Discini (2004) retomam concepções da *Retórica* de Aristóteles acerca do "caráter" do enunciador inscrito nos seus discursos. De acordo com essas concepções, definem é*thos* do enunciador como uma espécie de imagem de enunciador possível de depreender a partir da análise dos discursos por ele produzidos. Isso porque, ao enunciar, o enunciador projeta nos textos marcas recorrentes que acabam revelando um "estilo" próprio. Como diz Discini (2004, p. 333) "a recorrência do dito remete à previsibilidade do dizer, fundante de um estilo". São as recorrências enunciativas que nos permitem traçar características do enunciador e falar deste enquanto *éthos.*

Fiorin explica que "o *éthos* explicita-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado" e assim exemplifica:

> Quando um professor diz *eu sou muito competente*, está explicitando uma imagem sua no enunciado. Isso não serve de prova, não leva à construção do é*thos*. O caráter da pessoa competente constrói-se na maneira como organiza as aulas, como discorre sobre os temas, etc. À medida que ele vai falando sobre a matéria, vai dizendo *sou competente* (2008, p. 139).

Nesse sentido, o *éthos* está relacionado ao "modo de ser do enunciador", ao "caráter" possível de apreender a partir das recorrências que se manifestam nas enunciações enunciadas. No entanto, o é*thos* do enunciador não diz respeito ao sujeito enquanto indivíduo, ser ontológico e de carne e osso. "O *éthos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito" (FIORIN, 2008, p. 139).

É comum, por exemplo, atribuir a Machado de Assis um *éthos* de cinismo, ceticismo e ironia pelo que se depreende de suas obras. Não importa se o autor real, o homem Machado de Assis tinha ou não tais características. Importa que é essa a "imagem de autor" que

transparece em suas obras. A propósito, quando se fala em *éthos do enunciador*, fala-se em *ator da enunciação*, já que se pressupõe uma "imagem de enunciador", com características apreensíveis na e pela forma como enuncia.

Falar em recorrências enunciativas implica pensar uma totalidade de análise a partir da qual seja possível dizer que esta ou aquela característica é efetivamente recorrente e, portanto, pode ser considerada como constitutiva de um *éthos*. Essa totalidade é variável, diferencial, "recortada" de acordo com os propósitos da análise. Podemos buscar o *éthos* de um autor literário, por exemplo, no conjunto de suas obras. Ou, então, reduzir esta totalidade às obras produzidas num determinado período, ou apenas a um determinado gênero, etc. Definida a totalidade de análise,

> onde se encontram, na materialidade discursiva da totalidade, as marcas do *éthos* do enunciador? Dentro desse todo, procuram-se recorrências em qualquer elemento composicional do discurso ou do texto: na escolha do assunto, na construção das personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, nas isotopias, etc. (FIORIN, 2008, 143).

Trazendo tais considerações para o âmbito deste estudo, podemos pensar num *éthos* de enunciador que se projeta nas recorrências enunciativas apreensíveis na totalidade eleita como objeto de análise. É bom lembrar que, diferentemente de uma obra literária, o jornal constitui um enunciador coletivo, já que há muitos envolvidos na produção dos enunciados (repórteres, editores, diagramadores, fotógrafos, infografistas, etc.), mas isso não nos impede de perceber uma identidade congregadora que perpassa os enunciados, ou seja, uma "personalidade enunciativa" que subjaz a eles. Essa "personalidade enunciativa" autoriza e legitima formas de dizer e escolhas dos diversos narradores e co-enunciadores que constituem a equipe do jornal, os "porta-vozes" do enunciador. Nesse sentido, as escolhas projetadas na enunciação enunciada remetem ao é*thos* desse enunciador coletivo que constitui o jornal *on-line*. Quando falamos em *éthos* do enunciador, portanto, falamos em *éthos* de *ZH on-line*, de características marcantes dessa "personalidade enunciativa".

Logo na página inicial do jornal *on-line* se mostra o apelo a vários e modernos recursos de informática, de multimídia, de hipermídia para enunciar. Os ícones ali estampados e as chamadas ao leitor para "ver, ouvir, simular, enviar" já denunciam a diversidade de

recursos utilizados pelo jornal. No corpo das notícias, como vimos na análise, "florescem" as tecnologias. Além do tradicional texto escrito acompanhado de fotografia, recursos audiovisuais, de projeção de imagens, de animação gráfica, de comunicação (interação *on-line*), são recorrentes na constituição dos enunciados. O que também deixa transparecer um intuito de "mais dizer", ou de dizer/mostrar por meio de recursos diferentes, recursos que mais aproximam o leitor do objeto de notícia, mais oferecendo em termos de experiências sensíveis. Exemplo disso são as galerias de fotos, constituídas por várias imagens que captam diferentes aspectos do objeto de notícia, do cenário, dos atores. Ou os audiovisuais que, por meio de sons e imagens em movimento, "mostram" mais ao leitor. Também os infográficos animados projetam movimentos, traçam percursos, simulam espaços e conduzem o leitor até a cena dos fatos. Como destaca Oliveira (2009, p. 98), "com o desenvolvimento estésico, sinestésico, multi e polissensorial, a plástica sincrética produz experiências sensibilizantes que são armadas pelo enunciador como uma instância de produção de efeitos de sentido em ato, mesmo que, na experiência midiática, os parceiros estejam distanciados e não corpo a corpo, face a face".

Talvez essa busca pelo mais mostrar seja reflexo do "bombardeio" de informações que recai sobre o espectador/ouvinte/leitor/navegador diariamente e uma estratégia para captar a atenção de leitores fartos de ouvirem/verem a mesma notícia em diferentes meios. Ao mesmo tempo, a utilização de vídeos e áudios nas reportagens acaba aproximando *ZH on-line* do formato das reportagens televisivas, em que aparecem repórteres se comunicando por telefone ou entrevistando pessoas diretamente do local dos fatos, com a diferença de que no jornal *on-line* o leitor pode acessar as partes da notícia (os hipertextos) que quiser e na ordem que quiser, independentemente de uma sequência pré-elaborada. A diversificação de recursos utilizados para enunciar também agrega uma maior complexidade enunciativa ao jornal *on-line*. Como vimos, em uma mesma notícia se enunciam vários sujeitos (no texto escrito, nos áudios, nos vídeos), sendo comuns as debreagens de terceiro grau. No é*thos* do jornal *on-line* se imiscuem características do jornalismo televisivo.

Também podemos dizer que *ZH on-line*, enquanto ator da enunciação, até tenta segurar no texto principal efeitos de objetividade/impessoalidade próprios da coerção do gênero, mas deixa transparecer a subjetividade/pessoalização em outros enunciados que constituem a notícia. Ou seja, ele mostra objetividade no relato escrito dos fatos - onde o narrador se instaura enuncivamente - e revela subjetividade (enunciatividade no sentido lato e estrito) nos convites ao leitor, nos enunciados dos *blogs*, nos vídeos, e até mesmo nas galerias

de fotos. É um jornal em que predominam marcas de enunciatividade. Enunciatividade essa que produz efeitos de sentido de aproximação mais intensos, seja entre leitor e objeto de notícia, seja entre enunciador e enunciatário. As galerias de fotos, por exemplo, - em que há um número significativo de imagens, as quais aparecem em tamanho grande na tela e em diferentes perspectivas de captação -, dizem mais a respeito dos fatos, dos atores e mesmo do enunciador enquanto subjetividade do que uma foto única, pequena e distante, como é comum aparecer em jornais impressos. Essas imagens, assim reproduzidas, aproximam o leitor dos fatos. Também aproximam enunciador e enunciatário, já que, em muitas delas, o enunciador, pela tomada de foco, "se mostra" subjetivamente no texto retratado e instaura o leitor como interlocutor a quem confia seu ponto de vista. Nos vídeos, os sujeitos (actorializados) aparecem situados num espaço determinado (o aqui da enunciação) e falam diretamente ao leitor, olho no olho, interagindo com o público por meio de palavras, gestos, expressões corporais e modos de dizer (pausas, hesitações, correções, entonações) que projetam efeitos de informalidade, subjetividade, proximidade entre jornalista e leitor. Além disso, cenários e atores dotados de movimentos e sons produzem efeitos de realidade, de presentificação, de aproximação mais intensos, permitindo ao leitor mais experimentar o "sentido sentido" (OLIVEIRA, 2009). Aproximam-se, assim, enunciador e enunciatário e este do objeto/cenário/ator da notícia.

Tomando o jornal tradicionalmente impresso como comparação – e, claro, levando em conta as diferenças de suporte -, é possível dizer que nos textos escritos do jornal *on-line* há mais flexibilidade nas escolhas enunciativas, enquanto o jornal impresso sustenta (ainda) uma certa rigidez enunciva relacionada à coerção genérica, não obstante já se evidenciem no jornal em suporte papel marcas de oralidade enunciativa características dos jornais *on-line*, como a utilização do "você" para se dirigir ao leitor, ou nas chamadas "Confira o site de *ZH*", "Veja mais no *blog* tal" que constam ao final das notícias. A propósito, dada a disseminação dos *blogs* como forma de noticiar – os quais conservam características próprias de um diário pessoal - é de se pensar se, num futuro próximo, as formas enuncivas de relatar os fatos não perderão significativamente espaço para as formas enunciativas. Acrescente-se à disseminação dos *blogs* o fato de os veículos de comunicação, em especial os jornais da *web*, abrirem um espaço cada vez maior à participação do leitor, propiciando a cristalização de características próprias desse jornalismo participativo (subjetividade, oralidade, pessoalização).

O apelo à interatividade com o leitor é um dos aspectos que mais se destaca no jornal *on-line*. E também é esse um fator responsável pelas "guinadas" enunciativas que diferenciam o jornal *on-line* dos formatos *off-line*. Os convites ao leitor para participar aparecem em vários pontos da página e se reiteram na constituição das notícias, deixando transparecer um enunciador que busca se aproximar dos leitores, que está aberto às opiniões destes, ao diálogo, que toma o enunciatário como efetivo co-enunciador. É um enunciador em que literalmente se inscrevem os enunciatários, pois as opiniões destes e suas formas próprias de dizer são também autorizadas por esta instância pressuposta e vêm estampadas no enunciado, constituindo parte da notícia, como na seção dos *Comentários*. O tom oralizado do jornal *on-line* tem a ver com essas chamadas ao leitor e, principalmente, com as respostas destes. Como vimos nas análises, as chamadas ao leitor são pessoalizadas ("Você viu... envie...") e os comentários destes denotam um tom informal, descontraído, subjetivo, uma linguagem escrita conceptualmente oralizada que retrata efeitos de proximidade/afinidade entre jornal e leitor. Até mesmo porque na seção dos *Comentários* o leitor vê preservada sua subjetividade e suas formas de dizer. Além de opiniões e convicções pessoais, transparecem ali os desvios gramaticais, os lapsos de digitação, a entonação transferida para a escrita, enfim, marcas que o leitor imprime – e reconhece - em seu enunciado. Podemos dizer, então, que o jornal *on-line* é mais oralizado que o jornal impresso, e que por conta dessa oralidade e dessa interatividade parece mais próximo do leitor. Enquanto o jornal *on-line* tem um tom informal, subjetivo e pessoalizado, no jornal impresso ainda predomina a formalidade no dizer, a objetividade e a impessoalidade.

Também é possível notar no jornal *on-line* uma orientação para a "carnavalização" (BAKHTIN, 1981) no que tange à "mescla" de enunciadores dentro de uma mesma notícia. Pensemos no jornal tradicionalmente impresso: há um enunciador pressuposto (jornal), que delega voz a um narrador (geralmente implícito) que, por vezes, delega voz a atores do enunciado (interlocutores). O leitor, embora se saiba teoricamente que co-enuncia, é pressuposto, não aparece no enunciado. Tudo parece estar bem definido, cada qual dentro do seu limite. Pensemos agora no jornal *on-line*: há um enunciador pressuposto (jornal), que delega voz a um narrador (quem relata o fato) e que, por sua vez, delega voz a muitos outros atores que falam - inclusive por meio de recursos audiovisuais – no texto, os interlocutores[80]. Entre esses atores figuram leitores, aqueles a quem o texto se destina. Leitores esses que

[80] Isso considerando como narrador o sujeito do dizer do texto escrito da página, ou seja, considerando que os hipertextos estão englobados na notícia principal.

respondem às chamadas do jornal e, assim, passam de destinatários a destinadores, dialogam com o jornal e com os demais leitores. O enunciatário/narratário/interlocutário não é apenas destinatário pressuposto, é também destinador (interlocutor/narrador) e vem explícito no enunciado. Nesse sentido, no jornal on-line se esvaecem os limites bem definidos de quem é enunciador/narrador/interlocutor e quem é enunciatário/narratário/interlocutário. Configura-se uma espécie de limiar[81] em que se manifestam concomitantemente enunciações de destinadores e destinatários envolvidos no processo de comunicação.

Além disso, dado que este aspecto se repetiu nas três reportagens em foco, podemos dizer que é característica de ZH *on-line* a preocupação mais com o desenredo, ou com os fatos em si, do que com a ordem interna que permita perceber a cronologia, a temporalização dos acontecimentos. É um jornal que apresenta programação temporal aberta entre os textos e hipertextos que constituem a notícia. Como apontamos na análise, a atualização de um mesmo hipertexto utilizado em notícias veiculadas em datas diferentes pode provocar confusões acerca do desenrolar dos fatos, já que o texto escrito vem ancorado numa determinada data cronológica e os hipertextos retratam fatos ocorridos em datas posteriores àquela. Isso não é comum em jornais impressos. Nestes os textos (fotos, infográficos e texto escrito) convergem todos para o relato de fatos ocorridos numa data específica, sempre anterior ao momento da enunciação. E quando os fatos são anteriores ao momento de enunciação aparecem marcos temporais no enunciado que ancoram o dizer e situam o leitor quanto à ordem cronológica dos acontecimentos retratados. Por outro lado, essa questão também nos leva a pensar no perfil de leitor que esse jornal pressupõe. Parece ser um leitor que não volta atrás para revisitar notícias de datas anteriores. Um leitor que consome hoje as notícias de hoje, que não estranha (ou não percebe) a programação temporal aberta entre os enunciados porque não revisita notícias em datas posteriores à postagem delas no *site*.

A propósito, as atualizações das notícias também revelam aspectos relacionados ao *éthos* enunciativo de *ZH on-line*. O jornal *on-line* apresenta enunciados em processo de enunciação, *in statu nascendi*, sendo modificados, corrigidos, complementados durante o

---

[81] Conforme Discini (2006), a noção de *limiar* projeta-se nas considerações bakhtinianas em oposição à noção de *limite*. Enquanto o *limite* corresponde ao acabamento, à fixidez, à completude, o *limiar* corresponde ao inacabamento, sugere a idéia de fluidez, de mobilidade, de ausência de fronteiras que separam os contrários, permitindo confluência entre eles. O limiar é "um elemento da carnavalização" (DISCINI, 2006, p. 90).

tempo em que figuram na página. Há um caráter de incompletude nessas constantes mudanças, como se sempre houvesse mais a ser dito, a ser mostrado, numa constante busca pelo mais completo, mais recente, mais detalhado. Essas atualizações também atribuem um caráter de efemeridade e de fugacidade aos enunciados. O que foi dito há pouco já não é mais... já há outro dizer. Isso, inclusive, repercutiu na nossa análise. Como explicamos, os hipertextos das notícias analisadas não foram capturados imediatamente no instante em que acessamos o *site*, mas alguns dias depois, o que acabou evidenciando o "desencontro" temporal – a programação temporal aberta – entre texto principal e hipertextos. Os hipertextos eram atualizados diariamente, enquanto a notícia ficava com a data de dias anteriores. Por conta disso, não conseguimos capturar alguns hipertextos que haviam "sumido da *web*", como ocorreu com os vídeos da primeira notícia analisada: dos três que constituíam o *link* dos vídeos, apenas um ainda era exibido. E isso não ocorre apenas na composição interna dos enunciados. A transitoriedade, a fugacidade, a efemeridade são características intrínsecas do jornal *on-line* que acabam se refletindo nos enunciados. Basta olhar a página de um jornal *on-line* num determinado momento e retornar a ela alguns minutos depois para ver que o que era a última notícia já não é mais a última, ou o que era destaque já cedeu lugar a outro enunciado. O jornal *on-line* é dinâmico, assim como são os enunciados que nele figuram. Condições de produção se refletem no produto.

Situação distinta se mostra no jornal tradicionalmente impresso. Este apresenta ao leitor enunciados prontos, finalizados, completos acerca dos principais acontecimentos da véspera. O que foi dito no enunciado fica daquela forma, não há modificações posteriores ou inserção de novas notícias no jornal. No jornal impresso o processo de enunciação não se mostra. As correções, as reformulações, as trocas de imagens, a "atualização" das notícias não se evidencia aos olhos do leitor. É certo que nos bastidores essas atualizações ocorrem, mas o leitor recebe apenas a versão final daquela enunciação. Além disso, o jornal impresso contempla apenas algumas das muitas notícias que já transitaram no jornal *on-line*, já que naquele o espaço é limitado, é finito.

Relacionando jornal *on-line* e impresso, podemos dizer que enquanto este é estático, permanente, acabado, aquele é dinâmico, efêmero, inacabado. As notícias *on-line* são modificadas, reformuladas enquanto estão no *site* e somem da página de um dia para outro, de um turno para outro. Além disso, o jornal *on-line* se apresenta como processo de enunciação, inacabado, incompleto; o jornal impresso, como produto, acabado, completo. O jornal *on-line* é marcado pela instabilidade do dito; o impresso, pela estabilidade. No *on-line* o leitor é co-

enunciador explícito; no impresso, é implícito. Por conta dessas questões, o jornal *on-line* lembra características das interações faladas prototípicas, ou seja, de uma conversa entre dois sujeitos. Também uma conversa é tecida a (pelo menos) duas vozes, é dialogada, instável, dinâmica, efêmera. Sem esquecer a informalidade, a subjetividade e a espontaneidade - características da fala prototípica - que se manifestam nos enunciados do jornal *on-line*, como na seção *Comentários*, nos *blogs*, nos áudios, nos vídeos.

Ainda comparando jornal impresso e jornal *on-line*, podemos dizer que no jornal *on-line* há mimetismo de recursos e intensificação de efeitos de sentido. Há mais recursos para construção dos enunciados e mais efeitos de enunciatividade, de oralidade, de aproximação. É certo que no jornal tradicionalmente impresso também se evidenciam recursos dessa ordem, mas não na proporção – e na intensidade - em que se verificam no *on-line*.

Nesse sentido, levando em conta as comparações até aqui tecidas e as características mencionadas, podemos pensar num contraponto entre jornal *on-line* e jornal impresso, onde:

Jornal on-line	*Jornal impresso*
Processo de enunciação: dinâmico, fugaz, efêmero, inacabado, incompleto	Produto da enunciação: estático, permanente, acabado, completo
Mais flexibilidade enunciativa: mais subjetivo, informal, pessoal	Mais rigidez enunciativa: mais objetivo, formal, impessoal
Mais enunciativo (debreagens)	Mais enuncivo (debreagens)
Mais recursos semióticos	Menos recursos semióticos
Mais apelo ao sensível	Mais apelo ao inteligível
Leitor co-enunciador explícito	Leitor co-enunciador implícito
Nuances de carnavalização enunciativa	Mais organização enunciativa
Mais oralidade conceptual e medial	Mais escrituralidade conceptual e medial
Mais efeitos de aproximação, de oralidade	Mais efeitos de distanciamento, de escrituralidade
Mais complexidade enunciativa	Menos complexidade enunciativa

Além dessas, outras características poderiam ser relacionadas, mas essas são suficientes para concluir que o jornal *on-line* constitui um *éthos* que "se pretende" mais próximo do leitor, mais identificado com ele, o que se percebe principalmente pela linguagem oralizada e pela maior abertura à participação do leitor. Enquanto "ator da enunciação", podemos dizer, então, que *ZH on-line* é dinâmico, inacabado, democrático, aberto à participação, ao diálogo, e que adota um tom mais informal e oralizado ao enunciar, mais próximo do leitor.

Não esqueçamos, porém, que essa informalidade, essa proximidade, essa maior abertura à participação do leitor constituem efeitos de sentido voltados à persuasão deste. A propósito, vale lembrar que no *site* além da versão *on-line* do jornal, *ZH* também apresenta a versão *off-line* acrescida dos recursos da *web* (vídeos, áudios, animação gráfica, galeria de fotos), que neste estudo denominamos *impresso digital*. Essa "reformulação" do impresso, acrescendo-lhe características próprias do *on-line*, e a presença mais corriqueira de convites ao leitor e de debreagens enunciativas nos jornais em formato papel nos permite pensar que pouco a pouco os formatos *off-line* vêm incorporando "modos de ser" do *on-line.* Guardadas as devidas diferenças de suporte, parece ser esta uma tendência no jornalismo.

7.2 *Páthos* do enunciatário de *ZH on-line*

As marcas da enunciação no enunciado também nos revelam aspectos sobre o enunciatário. Lembramos que enunciar, na verdade, significa co-enunciar, já que o enunciador, ao construir seu discurso, leva em conta as expectativas, o "perfil" do enunciatário, o conjunto de hipóteses que tem sobre o mundo deste. É diferente, como diz Fiorin (2008, p. 154), "falar para um auditório de leigos ou de especialistas". As escolhas enunciativas se dão em razão da "imagem de enunciatário" que o enunciador tem. É em função dela que o enunciador utiliza este ou aquele argumento, esta ou aquela variante linguística, este ou aquele gênero, etc. Nesse sentido, a enunciação enunciada também reflete a imagem que o enunciador tem do enunciatário, ou seja, o *páthos* do enunciatário inscrito no discurso.

Assim como o *éthos* do enunciador, o *páthos* do enunciatário não pode ser pensado enquanto sujeito de carne e osso. Pensemos nele como um "perfil de público", cujas características se podem apreender por meio da enunciação enunciada. O *páthos* do enunciatário e o *éthos* do enunciador constituem atores da enunciação, já que pressupõem imagens do enunciatário e do enunciador.

O *páthos* do enunciatário também se evidencia a partir de recorrências enunciativas que se mostram dentro da totalidade objeto de análise.

> Dentro dessa totalidade, procuram-se recorrências em qualquer elemento composicional do discurso ou do texto: na modalização, na seleção de temas, na norma linguística escolhida, na reiteração de traços semânticos, nas projeções da enunciação no enunciado, na mancha da página, nas fontes usadas, etc. Em outras palavras, as marcas da presença do enunciatário não se encontram no enunciado (o dito), mas na enunciação enunciada, isto é, nas marcas deixadas pela enunciação no enunciado (o dizer) (FIORIN, 2008, p. 158).

A propósito, vale lembrar o estudo de Discini (2004) em que a autora contrasta características recorrentes nos jornais *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo* e *Notícias Populares* e aponta "estilos" próprios e diferentes de dizer. As marcas da enunciação no enunciado – assuntos abordados, organização das matérias, ausência/presença de gêneros textuais, complexidade e densidade temática, norma gramatical, sintaxe, quantidade de imagens, "tom" inscrito no dito, variante linguística, etc. - mostram que os dois primeiros têm *éthos* de imprensa séria, e o último, de imprensa sensacionalista. À medida que retrata o *éthos* do enunciador de cada jornal, a autora vai também traçando o *páthos* do enunciatário inscrito em cada deles.

Afinal, como diz Fiorin,

> O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de idéias que expressa seus possíveis interesses, mas sim, porque se identifica com o sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. O discurso, ao construir o enunciador, constrói também seu correlato, o enunciatário (2008, p. 157).

Como vimos no tópico anterior, não podemos dizer que há identidade entre o *éthos* do jornal *on-line* e o *éthos* do jornal impresso, mesmo se tratando ambos do jornal *Zero Hora*. A diferença de suporte, ou de *mídium*, para lembrar Maingueneau (2008), interfere nas formas de dizer, mudando as características do dito. E ao pensar na versão que denominamos *impresso digital*", de pronto vêm à mente características que permitem diferenciá-la das duas outras. Deixando este último contraste como sopro de inspiração para outro trabalho, importa por ora entender que leitores se inscrevem no jornal *on-line*. Ou melhor, que imagem de enunciatário se inscreve no *éthos* do jornal *on-line*, o que as características desse jornal nos dizem sobre o *páthos* desse leitor. E, em contraponto, o que podemos dizer do leitor do jornal impresso.

O enunciatário de *ZH on-line* é um sujeito que domina as novas tecnologias, é um sujeito "navegador", que sabe manusear computadores, navega na internet, que se sente à vontade com o mundo digital. Impossível pensar no *páthos* desse enunciatário como um leitor que não sabe utilizar um computador. Esse leitor também sabe manusear outros instrumentos tecnológicos (filmadoras, celulares, máquinas fotográficas digitais) e conectá-los ao computador para enviar arquivos à redação do jornal. Denunciam tal questão as constantes chamadas na página de *ZH on-line*, e no corpo das notícias, a esse tipo de participação. É um *páthos* moderno, atualizado em termos de recursos tecnológicos.

Também é um leitor participativo e opinativo, um leitor que quer comentar a notícia, debater com os outros leitores, expressar a sua opinião acerca dos fatos. A propósito, tal questão se materializa na seção *Comentários*. Lembremos que na notícia sobre o acidente como ônibus em Porto Alegre havia nada menos que 83 comentários postados na seção. Também nessa mesma notícia apareciam vídeos e fotos enviados por leitores, o que nos permite dizer que se trata de um enunciatário disposto a auxiliar na construção do jornal, um leitor que quer fazer notícia. É também levando em conta esse *páthos* de enunciatário que *ZH on-line* disponibiliza a seção *Leitor-repórter*, destinada única e exclusivamente à veiculação de notícias produzidas por leitores. Essa seção, apontada brevemente no capítulo cinco deste estudo, é constituída por um número expressivo de notícias diárias enviadas por leitores.

Ainda se pode pensar no enunciatário como um sujeito que tem pressa para comentar, que não se importa com uma elaboração mais trabalhada do seu dizer, o que importa é tomar

o seu turno na discussão e manifestar logo sua opinião, a forma como a manifesta é "acessória". Talvez essa pressa seja decorrente da fugacidade da notícia. O leitor precisa ser breve, antes que a notícia dê espaço a outras, mais novas, mais atuais. Além disso, a ausência de acentuação gráfica, as abreviações, as repetições de pontos de interrogação e exclamação, as reticências, enfim, as marcas de fala na seção *Comentários* revelam enunciatários adeptos do "internetês", enunciatários cibernautas, cuja escrita tem um "estilo falado". Agregue-se a isso o tom informal que perpassa sua escrita. A propósito, a pressa também se evidencia no *éthos* do enunciador jornal, pelas letras trocadas, pelas ideias confusas – como se apontou sobre a elaboração de um dos parágrafos da 1ª notícia -, pela justaposição de frases num texto direto e breve, ou pela correção "*on-line*" de informações imprecisas ou incorretas noticiadas anteriormente, como na última notícia.

Os *blogs* dos jornalistas e a crescente utilização desse gênero como forma de noticiar denunciam um *páthos* de enunciatário "intimista", "descolado", que aprova e deseja o jeito descontraído, subjetivo e "próximo" de relatar os fatos. Um enunciatário que gosta da proximidade refletida nos modos de enunciar. Aliás, lembrando Fiorin (2008), trata-se de um enunciatário que adere ao discurso porque se vê nele inserido, porque se identifica com tal modo de enunciar, um enunciatário que, a exemplo do enunciador, é adepto das inovações, sejam elas tecnológicas ou linguísticas.

Quando discorremos sobre o *éthos* do enunciador, comentamos que *ZH on-line*, diferentemente dos formatos *off-line*, pressupõe um enunciatário que não revisita notícias de datas passadas. No jornal impresso, por exemplo, todos os enunciados que constituem a notícia se ancoram no tempo cronológico nele demarcado, no cabeçalho da página e no corpo da notícia. Assim também ocorre nos formatos *off-line* de *ZH* divulgados na *web*. O relato dos fatos (sempre passados) tem ancoragem temporal. Já no jornal *on-line*, como vimos, atualizam-se hipertextos relatando acontecimentos posteriores à data que ancora a notícia, sem que haja neles referência temporal que permita conceber a ordem cronológica dos fatos, a sequência de seu desenrolar. Nesse sentido, pode-se pensar num leitor não acessa notícias de dias anteriores. Também a rotatividade de notícias e recursos que "somem" da página denuncia essa imagem de leitor. É um leitor imediatista, que quer saber as notícias de hoje, ou melhor, de agora. Um leitor que não se interessa pelo que aconteceu ontem – talvez até porque já saiba dos acontecimentos por meio de outros veículos -, e tampouco se importa com a incompletude e o inacabamento das notícias *on-line*.

Aliás, essas questões contrastam com o *páthos* de enunciatário do jornal impresso. O leitor de jornais impressos é um sujeito menos ansioso. Ele não se importa de ler amanhã as notícias de hoje, mesmo que já as tenha visto/ouvido na TV, no rádio. Esse leitor prefere a densidade informacional, a "completude" e a organização das notícias do jornal impresso. É um leitor mais "ledor" e que exige mais: mais zelo gramatical, mais cuidado com a informação, mais elaboração sintática e semântica, mais organização enunciativa.

Além disso, dada a quantidade de estímulos visuais e chamadas ao leitor nos jornais *on-line*, pode-se pensar neste enunciatário como um leitor disperso, desatento, suscetível a "pular" de *link* em *link,* de página a página, sem se deter em nenhuma com profundidade. É um leitor que passa os olhos sobre as notícias da página para dar uma olhada geral nos acontecimentos do dia e só acessa os *links* das notícias se estes efetivamente o estimularem a interagir. O apelo aos recursos de multimídia na constituição das notícias revela um leitor mais visual e auditivo, que quer ver e ouvir mais do que ler. Que é menos dados às reflexões e abstrações da leitura que o enunciatário de jornais impressos. Lembremos, inclusive, que os editoriais e os artigos de opinião – publicados diariamente nos formatos off-line - não vêm na página do jornal *on-line*. É esse um leitor mais "telespectador", já o do jornal impresso um leitor mais interpretativo.

Para o leitor de jornais impressos, a informação parece ser uma opção e também fonte de prazer, de reflexão, de formação. Para o leitor do jornal *on-line*, parece ser, antes de tudo, obrigação, uma exigência do mundo moderno que não perdoa os "desatualizados".

Enfim*, éthos* e *páthos* de *ZH on-line* revelam nuances da sociedade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver estudo de um objeto tão dinâmico, efêmero e, ao mesmo tempo, novo nessa perspectiva de análise implica correr riscos. Corremos o risco de cometer equívocos e, principalmente, de apontar elementos e tecer considerações que podem estar envelhecidas, "desatualizadas" dentro em breve, tal é a velocidade das mudanças na internet. No entanto, ousamos fazê-lo pelo convite do objeto, pelo interesse que o "modo de ser" do jornal *on-line* nos despertou. Se nossos temores forem fundados, nos servirá de alento a lição de Fiorin, (2002, p. 25), quando fez suas as palavras de uma personagem do romance *Crime e castigo*:

> Eu gosto disso, de que a gente se engane!... É a única coisa em que o homem é superior aos outros organismos. É assim que se chega à verdade. Sou um homem e é porque me engano que sou um homem. Não se chegou nunca a nenhuma verdade sem ter-se enganado ao menos quatorze vezes, ou talvez mesmo cento e quatorze vezes e isso é talvez um caso singular em seu gênero. [...] Um erro original vale talvez mais que uma verdade banal.

No início deste estudo, explicamos que, a partir de olhares empíricos, o jornal *on-line* nos parecia mais complexo que o jornal impresso; que o modo de ser deste se aproximava dos jornais televisivos; que os textos *in statu nascendi*, fugazes, interativos nos lembravam características da "fala"; que os recursos utilizados na constituição dos enunciados pareciam intensificar efeitos de sentido; enfim, que o jornal *on-line* parecia ter uma natureza mais oralizada.

Para analisar o objeto, partimos da constatação de marcas de oralidade nos textos escritos e de perspectivas sociointeracionais da linguagem, explicando que diferentes situações de comunicação permitem/pedem diferentes formas de enunciar. Explicamos que o jornal precisa convencer, fidelizar, conquistar leitores e que uma das principais estratégias para alcançar tais objetivos é tentar aproximar o leitor do jornal e dos fatos relatados.

Com base nos estudos da conversação e da oralidade, mostramos e explicamos as principais características dos textos falados propriamente ditos para, com base nelas, identificar nos textos escritos "marcas de oralidade", ou seja, características que lembram a fala. Consideramos fundamental a apresentação da fala propriamente dita porque a partir dela tivemos maior clareza sobre o que é marca de fala na escrita. Diferenciamos também oralidade e escrituralidade sob o ponto de vista medial (realização fônica ou gráfica) e sob o ponto de vista conceptual (concepção discursiva). Dissemos que as condições de produção dos textos "imprimem" suas marcas nos enunciados, e que, portanto, um texto falado prototípico (medial e conceptualmente falado), como uma conversação, reflete as marcas da proximidade (temporal, espacial) entre os sujeitos; já um texto escrito prototípico (medial e conceptualmente escrito), como um artigo científico, reflete as marcas do distanciamento (temporal, espacial) entre os sujeitos. Mas dissemos, também, que, na enunciação, é possível "simular" efeitos de sentido de proximidade ou de distanciamento.

Recorremos, então, às "astúcias da enunciação" para explicar como se "simulam" na escrita marcas de fala, ou seja, para explicar que determinadas escolhas do enunciador projetam determinados efeitos de sentido nos textos, efeitos esses que implicam a persuasão dos enunciatários. Apontamos que efeitos de subjetividade, pessoalidade, informalidade, oralidade pertencem todos ao eixo da aproximação, pois "simulam" efeitos de proximidade entre *eu-tu*, os sujeitos da enunciação; e que, ao contrário, efeitos de objetividade, neutralidade, impessoalidade, formalidade, escrituralidade pertencem ao eixo do distanciamento. Relacionamos, assim, a oralidade conceptual à enunciatividade e a escrituralidade conceptual à enuncividade, entendendo que quanto mais oralizados os textos, mais enunciativos serão; e quanto mais escrituralizados, mais enuncivos.

Também na enunciação buscamos recursos para explicar efeitos de sentido em linguagens não verbais, mostrando que, além de efeitos de realidade e de referente - e também por conta deles -, as imagens projetam efeitos de aproximação ou de distanciamento entre enunciador e enunciatário e entre este último e o objeto de notícia. Destacamos, neste tópico, que a utilização de recursos multimídia na constituição das notícias *on-line* intensifica tais

efeitos, produzindo uma "ilusão" do *eu/tu-aqui-agora.* Mais intenso é o apelo ao sensível, ao "sentido sentido", como define Oliveira (2009).

À luz de tais considerações, procedemos à análise do objeto e verificamos que, se comparado aos jornais tradicionais em suporte papel, o jornal *on-line* apresenta, sim, maior complexidade enunciativa, que assume características de imprensa televisiva. Essa maior complexidade de que falamos está relacionada tanto ao número de enunciados e enunciadores que se manifestam na composição global da notícia, quanto aos recursos semióticos utilizados na constituição dos diferentes enunciados (escrita, fotos, infográficos, audiovisuais) que constroem a notícia como um todo sincrético.

Por conta dessa complexidade de recursos, também os efeitos de sentido – de realidade, de referente, de verdade, de subjetividade, de oralidade, enfim, de aproximação – se intensificam. A união de vários recursos converge no sentido intensificar tais efeitos. As animações e projeções de computação gráfica nos infográficos, os áudios, o expressivo número de imagens nas galerias de fotos e os vídeos dizem mais a respeito dos fatos/cenários/atores. Também sensibilizam mais, num revelador "desejo" de trazer o leitor para dentro da realidade mostrada, ou de levá-la até ele, para que melhor possa senti-la. As imagens e audiovisuais despertam sensações estésicas não inscritas (ou descritas) no relato das notícias. Tendo em vista que o contrato fiduciário[82] entre jornal-leitores pressupõe noticiar a "verdade" e a "realidade" dos fatos, esse apelo aos recursos multimídia é uma forma de melhor mostrar a "realidade", de melhor aproximar o leitor da realidade projetada nas imagens captadas. Como dizia Miguel de Cervantes, "*las [historias] verdaderas tanto son mejores cuanto son más verdaderas"* (2010).

No decorrer da análise, verificamos, principalmente, que o jornal *on-line* assume, sim, uma configuração oralizada. As condições de produção, incluindo-se aí os recursos do suporte, imprimem no jornal *on-line* marcas de oralidade. Não queremos com isso dizer que há oralidade prototípica *ipsis litteris* no jornal *on-line*, mas que o "modo de ser" deste jornal e as marcas da enunciação enunciada que nele se mostram lembram características de oralidade, de fala. Lembramos que é da natureza do jornal *on-line* a produção dos textos "em tempo

[82] Com base em Hernandes (2006), mencionamos no primeiro capítulo deste estudo, no item "As relações cultivadas entre jornais e leitores", que o contrato fiduciário implica: a) dizer a verdade; b) separar fatos de opiniões e interpretações; c) mostrar a realidade; d) ser objetivo e imparcial nos relatos.

real"[83], que aparecem *in statu nascendi*. Também a dinamicidade, a fugacidade, a efemeridade, a interatividade caracterizam esse jornal. Ora, essas são também características dos textos falados prototípicos.

É nesse sentido que entendemos o jornal *on-line* como oralizado. Falamos também em oralidade no sentido medial (enunciados sonoros), já que os audiovisuais são cada vez mais frequentes na constituição das notícias, mas, principalmente, falamos em oralidade conceptual, em oralidade que se manifesta na concepção discursiva do enunciado, no modo de construir a enunciação enunciada. Ou seja, falamos da oralidade que se apresenta nas debreagens temporais enunciativas - tão comuns nas notícias jornalísticas - e, principalmente, nas embreagens actanciais enunciativas, cada vez mais evidentes na superfície do enunciado, como nos reiterados convites ao leitor. Falamos da oralidade que se materializa na enunciatividade das fotografias, seja na interação ator-leitor, concretizada esta por meio do olhar, seja na interação enunciador-enunciatário (fotógrafo-leitor), manifesta nas perspectivas de foco diferenciadas e carregadas de subjetividade, denunciando a "presença" do enunciador no seio do enunciado. Referimo-nos também à oralidade materializada nos vídeos, não apenas medialmente, mas que se constrói pela imagem e pelos modos de dizer, que vem inscrita na postura dos corpos, nas expressões faciais, nos gestos, nos enunciados de atores que interagem face a face com o leitor, num tom descontraído, informal, intimista até - a exemplo dos vídeos de jornalistas falando ao público diretamente do cenário da redação. Ainda, entendemos o jornal *on-line* como oralizado pela enunciatividade em sentido lato e estrito evidenciada nos *blogs* dos jornalistas, onde depoimentos escritos, fotos, vídeos, áudios convergem no sentido de estabelecer uma relação de oralidade, muito próxima, com o leitor. Também nos referimos à oralidade autorizada que se materializa na "voz" ou no *modus dicendi* das contribuições enviadas pelos leitores. Falamos, enfim, de oralidade enquanto "simulação" de proximidade, de interação eu/tu-aqui-agora.

Não se pode desconsiderar que o próprio suporte é responsável por permitir uma aproximação entre enunciador e enunciatário do jornal *on-line*. A interatividade e a identidade temporal viabilizam a troca (convite-resposta) entre sujeitos e a inserção do leitor na enunciação enunciada. Nesse contexto, vale lembrar que os gêneros textuais surgidos com a internet - *e-mail*, *blogs*, *msn*, *chats* - têm um caráter mais oralizado. E não seria insensato

[83] O relato "em tempo real" indica maior aproximação entre o momento do acontecimento, o momento da enunciação da notícia e o momento da leitura da mesma, já que a notícia vai sendo construída, modificada no *site* conforme vão chegando informações a respeito e, ao mesmo tempo, o leitor tem acesso a ela pelo *site*, pode acompanhar suas modificações e contribuir para a construção do relato.

dizer que um novo gênero de texto de opinião vem se delineando na seção *Comentários*. Uma versão mais informal, mais oralizada das tradicionais "Cartas do leitor", com peculiaridades próprias que pedem um estudo mais aprofundado.

Observamos, ainda, que o jornal *on-line* apresenta certa orientação para a carnavalização (BAKHTIN, 2001), principalmente pela "mescla" entre enunciações e enunciadores, pelo rompimento dos limites entre instâncias enunciativas, por apresentar os sujeitos destas oscilando entre as instâncias, mudando a cada pouco de posição, de forma a não ser possível "fixá-los" em um nível determinado. A participação efetiva e explícita do leitor (do enunciatário) no enunciado dificulta ainda mais qualquer tentativa de definir limites entre as instâncias. Narratário, narrador, interlocutário, interlocutor se misturam todos na composição do enunciado e não ficam circunscritos a limites, atuam no limiar. Além disso, pensando o conceito de carnaval como "festa popular e democrática", podemos dizer que a própria organização da página do jornal assume um aspecto carnavalizado, onde manchetes, chamadas, fotos, vídeos, publicidades, enquetes, convites ao leitor... se fundem e confundem todos num "corpo" multicolorido, interativo e "democratizado". A propósito, dada a configuração dos jornais *on-line*, onde tudo é notícia, onde o apelo ao sensível é mais intenso, onde a pressa é a regra, é possível se perguntar até que ponto o jornalismo *on-line* conserva características de imprensa séria. E isso se aplica aos jornais *on-line* em geral. Não é preciso mais que uma passada de olhos sobre a página inicial dos principais jornais do país para perceber que eles apresentam traços de identidade em relação a certos aspectos.

Vale apontar um exemplo coletado. Num desse olhares rápidos pela *Folha.com*, gritou na página da seção *Cotidiano* a manchete: **Vendedora esfaqueia namorado que se recusou a fazer sexo em Sumaré (SP)**. Bem sabemos que a *Folha de S. Paulo* é um jornal de imprensa séria, mas essa manchete do formato *on-line* está mais para imprensa sensacionalista. O texto, breve e de sintaxe simples, já na primeira linha dizia que a vendedora tinha sido presa "em fragrante". Inadequação apontada por um leitor que postou o comentário: "fragrante"?!, seguido da resposta sarcástica do segundo leitor: "FRAGRANTE é quando se prende a pessoa através do seu cheiro...não estudaram isso não? ficam aí, criticando o jornal sem saber...oras bolas!". Alguém também poderia perguntar se o namorado teria feito sexo em outra cidade que não em Sumaré, dada a ambiguidade da frase. A notícia na íntegra figura no Anexo G deste trabalho, mas quando a capturamos o jornal havia corrigido o erro ortográfico, ficaram apenas os comentários denunciando o "trocadilho". O que nos importa, com esse exemplo, é apontar que se abrem boas perspectivas de estudos a partir da análise de notícias

on-line. E não apenas no campo da enunciação, mas também da gramática, da sintaxe e da semântica frasal, da estruturação textual, seja a análise voltada aos enunciados produzidos pelo jornal ou pelos leitores, como os comentários. Até porque os enunciados ali inscritos refratam e refletem perfis da sociedade atual.

Para finalizar, resta dizer que nosso estudo também nos levou a pensar no jornal *on-line* num outro nível de análise. No sentido de que o jornal *on-line* tenta apreender o homem e a vida no aqui e agora. Ou seja, ele tenta ser um relato do aqui e do agora dos acontecimentos mundanos. Enquanto o jornal tradicional é um relato dos fatos de ontem, e de apenas alguns dos muitos ocorridos, o jornal *on-line* tenta captar o agora de uma infinidade de acontecimentos, numa busca frenética por noticiar "tudo" e "em tempo real". Sabemos da impossibilidade de tal intento, da impossibilidade de apreender tudo e no exato momento de seu acontecimento, porém não podemos negar que o jornal *on-line* é um bom ilusionista.

Ora, é objetivo do jornal *on-line* noticiar o quanto antes e antes de outros veículos de comunicação, é essa a sua razão de ser. No entanto, não ficaremos desatualizados se não lermos/escutarmos/virmos/acessarmos as *últimas* notícias, se não soubermos "tudo", "agora". Também é de se questionar se precisamos mesmo de tantas informações sobre tantos assuntos. Vivemos tempos em que parece ter se desencadeado uma ansiedade generalizada acerca da informação, uma obrigação de saber o máximo possível, de consumir a informação diária como se fosse remédio vital, ou como se, de alguma forma, perdêssemos pontos por não acompanhar este ou aquele acontecimento. Como se isso maculasse nossa imagem, nosso é*thos*. Aliás, como se não bastasse a enxurrada de notícias que recebemos todos os dias pelos mais diversos veículos de comunicação, agora a informação nos segue - ou persegue - até pelo celular.

Certamente, há nesse contexto uma relação direta com os rápidos e sucessivos avanços tecnológicos, que proliferam a cada dia e instigam o consumo diário das mais variadas mídias. E se pensarmos em termos de velocidade com que se criam - e se descartam - "necessidades" das mais variadas ordens, temos de admitir que vivemos numa "sociedade *on-line*", onde a inovação dita as regras, assim como a pressa, e onde tudo é *muito importante* até se tornar descartável, desatualizado, até que surja a nova necessidade criada. Talvez o preço da modernidade, desta "vida *on-line*", seja a inquietude, a ansiedade, a angústia que nos persegue porque, em alguma medida, percebemos também a nossa incompletude como seres humanos, nossa impossibilidade de contemplar tudo, agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald. *Pronominais*. Disponível em:< http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/>. Acesso em: 15 jan. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski.* Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA. Paulo Rodolfo de. *Manual de radiojornalismo*. São Paulo: Campus, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Teoria do Discurso:* fundamentos semióticos. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

_____. Interação em anúncios publicitários. In. PRETI, Dino (org.) *Interação na fala e na escrita.* São Paulo: Humanitas, 2002, p. 17-44.

_____. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, p. 25-36.

_____. Efeitos de oralidade no texto escrito. In PRETI, Dino (org.) *Oralidade em diferentes discursos.* São Paulo: Humanitas, 2006, p. 57-84.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BETZ, Ruth. *Gesprochensprachliche Elemente in deutschen Zeitungen*. Mannhein: Verlag für Gesprächsforschung, 2006. Disponível em:

< http://www.verlag-gespraechsforschung.de/2006/betz.htm>. Acesso em: 10 jan. 2009.

CAETANO, Kati. A propósito de um sincretismo intermidiático. In: OLIVEIRA, Ana Claúdia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). *Linguagens na comunicação:* desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 247-265.

CERVANTES, Miguel de. *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha*. Disponível em: <http://www.donquijote.org/spanishlanguage/literature/library/quijote/>. Acesso em: jan. 2010.

CHAGAS, Paulo. A mudança lingüística. In. FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística:* objetos teóricos. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2003. v.1, p. 141- 163.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*: história em quadrinhos, mídia, literatura. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Carnavalização. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin:* outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, p. 53-93.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Grasset, 1985.

_____. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Elementos de análise do discurso*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *As astúcias da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Pragmática. In:.FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística*: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003, v.2. p. 161-185.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

_____. Para uma definição das linguagens sincréticas. In: OLIVEIRA, Ana Claúdia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). *Linguagens na comunicação:* desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 15-40.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

GOMES, Regina Souza. Modos de olhar: relações entre enunciação e enunciado no jornal. In: *III Congresso Internacional de Semiótica*: Semiótica das Interações Sociais - Caderno de Resumos, v.1. Vitória: UFES, 2007. p. 59-59. (Texto original da autora, arquivo em pdf.).

_____. Paixões e argumentação na mídia impressa. In: *III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso*: emoções, ethos e argumentação. Belo Horizonte: UFMG, 2008. v. 1. p. 84- 84. (Texto original da autora, arquivo em pdf.).

_____. O sincretismo no jornal. In: OLIVEIRA, Ana Claúdia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). *Linguagens na comunicação:* desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 215-245.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Joseph. *Dicionário de semiótica.* São Paulo: Contexto, 2008.

HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques*: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

HERNANDES, Nilton. Jornal da CBN: sincretismo e gerenciamento de atenção. In: OLIVEIRA, Ana Claúdia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). *Linguagens na comunicação:* desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 269-289.

HILGERT. José Gaston. *A paráfrase*: um procedimento de constituição do diálogo. 1989. Tese. (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

_____. A construção do texto "falado" por escrito na internet. In: PRETI, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000, p.17-55 (Projeto Paralelos – Nurc USP, vol. 4).

_____. Língua falada e enunciação. *Calidoscópio*. São Leopoldo, vol. 5, n. 2, p. 69-76, maio/ago. 2007.

_____. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre*: diálogos entre dois informantes. Florianópolis: Insular, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Crunfeld Villaça (orgs.). *Gramática do Português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006, p.39-46.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Trad. de Paulo Neves, São Paulo: Editora 34, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad. Marina Appenzeller. Rev.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MANUAL DE REDAÇÃO: Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, vol. 4, n.1, 2001b, p. 79-111.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. A plástica sensível da expressão sincrética e enunciação global. In: OLIVEIRA, Ana Claúdia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). *Linguagens na comunicação:* desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 79-140.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

ROVANI, Adriana Galina**.** *A construção dos sentidos no texto falado:* o trabalho de seleção lexical. 2005. Dissertação. (Mestrado em Letras) - Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade de Passo Fundo.

TATIT, Luiz. A abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística*: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2003, v.1, p. 187-209.

TEIXEIRA, Lucia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. *Gragoatá* n.16, Niterói, UduFF, 2004. (Texto original da autora, sem numeração de páginas, arquivo em pdf.).

_____. Leitura de textos visuais: princípios metodológicos. In: BASTOS, Neusa B. (org.) *Língua Portuguesa: Lusofonia – memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008. p. 299-306.

_____. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: OLIVEIRA, Ana Claúdia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). *Linguagens na comunicação:* desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 41-77.

VENDEDORA esfaqueia namorado que se recusou a fazer sexo em Sumaré (SP). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 maio 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/739935-vendedora-esfaqueia-namorado-que-se-recusou-a-fazer-sexo-em-sumare-sp.shtml> Acesso em: 24 maio 2010.

WIKIPÉDIA. Disponível em < www.wikipedia.com >Acesso em: 14 jan. 2009.

ANEXOS

ANEXO A – NOTÍCIA CONTENDO O TÓPICO "PARA SEU FILHO LER"

Porto Alegre
27 de Janeiro de 2010
Agora: 23.6 ºC
Previsão para os **próximos dias**
34 ºC
24 ºC

ZERO HORA

Edição Online

26 de novembro de 2008 | N° 15801 Voltar para a edição de hoje

EMERGÊNCIA EM SC

Resgate que não termina

Enquanto as águas baixam, as dimensões da tragédia não param de crescer em Santa Catarina. A terça-feira, que começou com 65 mortos contabilizados pela Defesa Civil, somava mais de 80 vidas perdidas ao final do dia. Na medida em que as equipes de resgate avançavam pelas áreas onde ocorreram deslizamentos, mais e mais corpos eram desenterrados, um trabalho soturno que deve continuar pelos próximos dias. O número de desaparecidos é desconhecido. Apenas em Blumenau, a cidade mais atingida, sete mortos foram resgatados ontem do meio de escombros.

O drama dos sobreviventes da enxurrada que assolou o leste catarinense também ganha contornos cada vez mais dramáticos. São cerca de 1,5 milhão de pessoas afetadas, 54 mil das quais estavam desalojadas ou desabrigadas ontem. Oito cidades seguiam isoladas nesta terça-feira. Quatro helicópteros passaram o dia resgatando flagelados presos em áreas inacessíveis. Um dos casos mais dramáticos foi vivido em Gaspar, no Vale do Itajaí, palco de 15 mortes: policiais militares e soldados do Exército improvisaram pontes e conseguiram salvar 600 turistas presos havia três dias em um parque.

Há dias sem fornecimento de água e energia e com problemas de comunicação com o resto do país em razão de bloqueios em estradas, atingidos pelo aguaceiro temiam pelo abastecimento de víveres. Ontem foi também dia de correr para estocar alimentos, e os catarinenses formaram longas filas em mercados, armazéns e até em lojas de conveniência de postos de combustíveis. Galões de água eram vendidos por até R$ 20. A Secretaria Estadual de Saúde avisou a população que a água de piscinas cloradas, desde que fervida, seria própria para o consumo.

Em meio à calamidade, pipocaram saques. Casas e supermercados de Itajaí, no Litoral Norte, foram invadidos e esvaziados.C

Em gráfico, veja como ocorreram os deslizamentos em Blumenau

Centenas de turistas que estavam isolados havia três dias em um parque em meio à Mata Atlântica no município de Gaspar, no Vale do Itajaí, foram resgatados ontem por bombeiros, policiais militares e soldados do Exército.

O salvamento foi dramático, uma operação de guerra. Os bombeiros tiveram de improvisar uma ponte pênsil sobre rachaduras abertas no morro e que impediam a saída dos turistas. Os visitantes, mais de 600, são estudantes e professores de diversas cidades catarinenses, paranaenses e paulistas, que tinham escolhido o Parque Aquático Cascanéia (em Gaspar) para comemorar a formatura no 3º ano do Ensino Médio.

O passeio se transformou em pesadelo quando a tormenta de chuva, pedras e lama desabou sobre Gaspar e região, no último fim de semana. A única estrada que leva ao morro em que fica o parque aquático sofreu um desmoronamento e ficou obstruída por terra em pelo menos quatro pontos. Os estudantes permaneceram no topo de um morro, abrigados em um salão de festas.

Jovens tiveram de caminhar dois quilômetros para sair

As cabanas que eles deveriam utilizar ficavam muito próximas de locais de desabamento e a própria administração do parque decidiu que elas não deveriam ser ocupadas pelos visitantes. Até serem salvos pelas equipes de resgate, foram dias de medo, banho frio e espectativa para os jovens. Eles conseguiam comunicação com os pais via celular, mas não podiam sair.

- As piscinas foram soterradas por lama, faltou luz e a saída era jogar cartas - resume Michel de Souza, 17 anos, aluno do 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Valério Gomes, de Tijucas (SC).

Ele e outros 40 colegas notaram que a situação era séria quando assistiram, ao vivo e em cores, à explosão da tubulação do gasoduto que passa por Gaspar. Foi tão próxima do parque que vários dos estudantes aproveitaram para registrar as labaredas com fotos feitas por telefone celular.

Apavorados com as notícias sobre a enchente, pais dos estudantes passaram os três dias ligando para eles em busca de informação até gastar as baterias dos celulares dos filhos. Foram momentos de muito choro e nervosismo.

- Tem gente ameaçando me processar por deixar o filho passando privações, como se eu fosse culpado pela chuva que nos isolou do mundo - reclama o gerente do parque Cascanéia, Quirino Reinert.

Os estudantes disseram ao sair do refúgio forçado que não passaram fome, nem correram grave risco. Foi graças a uma operação conjunta que os jovens foram resgatados. O Exército retirou de helicóptero cerca de 200 alunos, enquanto outros 400 foram removidos em caminhada pela mata por bombeiros e policiais. PMs do Paraná e do Rio de Janeiro ajudaram na operação.

Os ônibus nos quais os estudantes viajavam permanecem isolados na mata, já que só a pé é possível deixar o parque. A prefeitura de Gaspar começou a improvisar, com patrolas, uma via para tentar retirar os veículos dali. Os jovens, depois de sair da mata, caminham cerca de dois quilômetros pelo barro até uma estrada, para a qual foram enviados veículos que os levarão no longo trajeto de volta para casa.

humberto.trezzi@zerohora.com.br

HUMBERTO TREZZI | GASPAR (SC)

ZERO HORA.com
Em www.zerohora.com, no especial SOS SC:
> Saiba quem são as vítimas fatais das enchentes
> Leia blog com relatos e fotos dos leitores
> Saiba como ajudar a população atingida
> Confira a situação dos municípios afetados e das estradas

Doação em dinheiro
É possível fazer doações em dinheiro para auxiliar os atingidos pela enchente em Santa Catarina. Os interessados podem depositar no Banco do Brasil ou no Banco do Estado de Santa Catarina (Besc), creditado em nome do Fundo Estadual de Defesa Civil-Doações.
Banco do Brasil
Agência: 3582-3
Conta corrente: 80.000-7

Besc

Agência: 068-0

Conta corrente: 80.000-0

Para o seu filho ler

Quando você se machuca, geralmente um adulto aparece para te socorrer, não é?
Agora, imagine o que acontece quando uma cidade inteira tem pessoas que se machucam ao mesmo tempo. Nesses casos, quem aparece para ajudar é a Defesa Civil.

Sempre que acontecem grandes alagamentos e muita gente tem de deixar suas casas, como está acontecendo agora em cidades de Santa Catarina, é a Defesa Civil quem socorre as pessoas.

É ela que organiza a ajuda para quem precisa. Se alguém perdeu a casa, por exemplo, ela leva essa pessoa para um abrigo, que pode ser um ginásio de esportes. É ela uma das responsáveis pelas campanhas para arrecadar comida e roupas para quem perdeu as suas coisas.

Multimídia

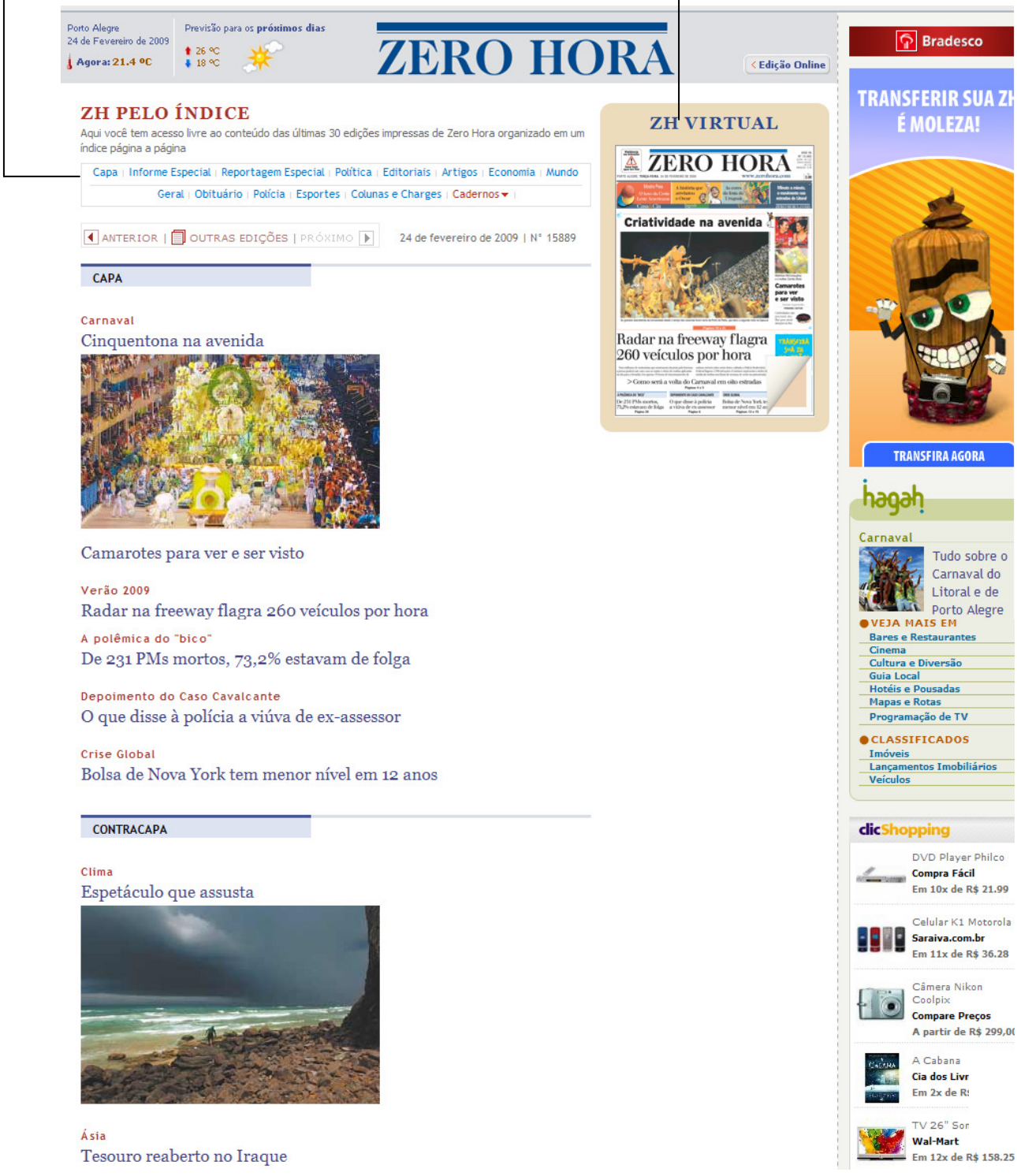
Três dias depois de ficarem isolados em um parque ecológico em Gaspar, cerca de 600 turistas foram resgatados por equipes que conseguiram chegar ao local

Download Recomendado:
Faça uma faxina no seu Computador
em apenas 5 minutos. Rápido e Fácil

ANEXO B – PÁGINA DE *ZH* NO FORMATO *IMPRESSO DIGITAL*

Conteúdos do formato “Impresso digital”

Formato FLIP – *link* de acesso



Comportamento

Relação com os animais em debate

Cadernos

Casa&Cia	Segundo Caderno	Viagem
O luxo da Costa Leste Americana	A história que arrebatou o Oscar	As cores da festa do Uruguai

TOPO

INFORME ESPECIAL

OPINIÃO ZH (página 2)

INFORME ESPECIAL (página 3)

MOACYR SCLIAR (página 3)

TOPO

PALAVRA DO LEITOR

CARTAS (página 2)

SOBRE ZH (página 2)

FOTO DO LEITOR (página 2)

ZH ONTEM (página 2)

TOPO

REPORTAGEM ESPECIAL

VERÃO 2009

Após folia, hora de ter paciência na estrada (página 4)

31 multas em 5 anos (página 4)

Uma multa a cada 15 segundos na freeway (página 4)

SUA SEGURANÇA | Humberto Trezzi (página 5)

TOPO

POLÍTICA

GOVERNO DO ESTADO

Viúva diz que assessor rejeitava "mundo cheio de falcatruas" (página 6)

Semana de mistério (página 6)

PARTIDOS

Simon acusa PMDB de fazer barganha para eleições (página 6)

DIRETO DE BRASÍLIA | Klécio Santos (página 6)

compare preços de

Ok

veja todos os produtos

PARTICIPE

A propósito

- Lula exorcizou no Sambódromo a vaia do Maracanã?

Tema para Debate

- Você concorda que as pessoas tendem a exager na atenção dispensada a seus animais de estimaçã

ZH Interativa

- É válida a proposta de usar as câmeras de trânsito para reforç a segurança?

Debate ZH

- Qual a sua opinião sobre a decis do Ministério Público de acabar c as escolas itinerantes do MST?

Donna

- Qual dos casais do BBB 9 você gosta mais?

Globaltech

- O que você leva em consideraçã na hora de comprar um celular novo?
- Você pretende comprar uma TV bolso?

Vida

- Que assunto você gostari de ver abordado no caderno Vida?

ZH Digital

- Você ouve ou produz programas de podcast?
- Você conhece um site úti divertido e interessante para sugerir a outros leitores?
- Você tem dúvidas sobre informática ou algum recurso da internet?

GERAL

Até onde vai o amor a bichos de estimação

JUSTIÇA
STJ expõe inquérito a filho de Sarney (página 7)

PODER PÚBLICO
Criação de conselho parou no Congresso (página 7)

DINHEIRO PÚBLICO
AGU move 12 ações de ressarcimento (página 7)

PROTESTO
Protesto em ritmo de Carnaval (página 7)

PÁGINA 10 | ROSANE DE OLIVEIRA (página 8)

TOPO

ARTIGOS

ARTIGOS
Crise e saúde, por Bruno Fialho Braga* (página 10)
O ensino da língua portuguesa, por Danilo Gandin* (página 11)
O medo e o dedo, por Themis Groisman Lopes* (página 11)

BRASÍLIA | ANA AMÉLIA LEMOS (página 11)

TOPO

EDITORIAIS

EDITORIAL
O exercício da transparência (página 10)
O alerta das exportações (página 10)

ECONOMIA

TURISMO
Espere seis dias para embarcar (página 12)

SELEÇÃO
Inscrições para o concurso da BM se encerram amanhã (página 12)

TURBULÊNCIA GLOBAL
Sinal de estatização de bancos derruba bolsas de Nova York (página 13)
Europa também prevê ajuda a setor bancário (página 13)
Medida pode prejudicar exportações do Brasil (página 13)

HABITAÇÃO
Pacote vai incentivar moradia popular (página 13)

NEGÓCIOS
Estrangeiros compram mais imóveis rurais (página 13)

ENTIDADES
Gaúcho à frente de chapa única na Contag (página 13)

INFORME ECONÔMICO | LURDETE ERTEL (página 14)

TOPO

INDICADORES

MERCADO EM DIA | MARÇAL ALVES LEITE (página 15)

TOPO

MUNDO

bichos de estimação
> Leia a íntegra do artigo
> Deixe aqui a sua opinião

SEGUNDO CADERNO

Os Oscar que gostaríamos de ver

Confira fotos e áudio de momentos descontraídos do Oscar

Brigas, gritos e paredã

Veja a galeria de fotos do casal Francine e Max
> Quem você acha que será eliminado da noite?

CASA&CIA

Os profissionais da edição

Veja os autores das 15 área da edição especial da Mostr Casa&Cia Praia

VIAGEM

Uruguai ao Natural

Veja pontos turísticos do pa

Seu Olhar: litoral catarinense

ÁSIA
Símbolo da anarquia no Iraque é reaberto (página 16)

ISRAEL
Aperto de mãos só para foto (página 16)

AUSTRÁLIA
Chamas agora se aproximam de Melbourne (página 17)

PELO MUNDO (página 17)

TOPO

GERAL

CARNAVAL 2009
Imperatriz cheia de história (página 18)
Madrinha de parar a avenida (página 18)
Gaúchos na folia (página 18)
Sai hoje a campeã da Capital (página 19)
Imperatriz vence Personagens da Folia (página 19)
A melhor de São Leopoldo (página 19)
Novo Hamburgo conhece campeã (página 19)
Caxias terá Carnaval fora de época (página 19)
Rua do Perdão volta aos velhos tempos (página 19)

CARNAVAL 2009 ESTILO PRÓPRIO | Por Fernanda Zaffari (página 20)

DIÁRIO DO RIO | CLÁUDIO BRITO (página 22)
Madrugada de superação (página 23)
Quem é a musa (página 23)

ANIMAIS
Até onde vai o amor a bichos de estimação (página 24)
Piercing para gatos (página 24)
Tema para debate (página 24)

TRÂNSITO
Duas mortes na Tabaí-Canoas (página 25)

CLIMA
Fuga à beira-mar (página 25)

QUESTÃO AGRÁRIA
Romaria terá ato contra extinção de escolas para MST (página 26)

SÃO PAULO
Rainha lidera invasão a 11 fazendas no Pontal (página 26)

HABITAÇÃO
Força-tarefa fará desocupação (página 26)

INFORME DO ENSINO
Informe do ensino (página 26)

FEBRE AMARELA
Estado confirma morte de mulher por reação a vacina (página 27)

RIO GRANDE
Incêndio em mercado no Sul (página 27)

Veja fotos dos leitores

› Participe do próximo desafio: Califórnia (EUA)

ZH CENTRO

Passado e presente do Cine Imperial

Clique e veja em vídeo com foi a visita ao antigo cinem

› Veja fotos da reforma

GASTRONOMIA

Tem turistas no parreiral

Em audioslide, conheça a festa da vindima

SOBRE RODAS

Mãos à obra

Veja galeria de fotos do Sal do Automóvel de Chicago

Mais potente e mais bonito

Veja galeria de fotos do Vectra Next Edition

TOPO

POLÍCIA

BRIGADA MILITAR
PMs morrem sem farda (página 28)
De serviço, mas sob risco (página 28)
"Bico" é apurado (página 28)
"A sociedade sabe que o bico é proibido" (página 28)

VIOLÊNCIA
Campanha da Fraternidade debaterá segurança (página 28)

LITORAL
Assalto e tiros em parque de diversões assustam Cidreira (página 29)

ROUBO
Casal é amarrado por ladrões em Xangri-lá (página 29)

NOTAS
Morte em Carnaval (página 29)
Golpe de adaga (página 29)
Pintor assassinado (página 29)
Feridos em briga (página 29)
Ao lado de moto (página 29)
Jovem sepultada (página 29)

TOPO

OBITUÁRIO

OBITUÁRIO (página 31)

TOPO

PELO RS/REGIÃO METROPOLITANA

SANEAMENTO
Uma esperança para as águas do Guaíba (página 32)

TOPO

ESPORTES

GRÊMIO
"É absurdo" (página 33)

INTER
Bolívar se queixa das vaias (página 34)
Altos e baixos (página 34)
Noir (página 34)
Ingressos (página 34)
Horário (página 34)
Escalação (página 34)
Gustavo Nery (página 34)
NANDO GROSS (página 34)

GAUCHÃO
"Crescemos na hora certa" (página 35)
"Se o Inter vacilar, podemos chegar" (página 35)

BOXE

AMBIENTE

Dupla de fiscais

Claus e Vanessa cantam a música Mãe Natureza em primeira mão e deixam uma mensagem verde para os leitores

SERVIÇO

Demissão
Doar para as vítimas da enchente de Santa Catarina
Fiscalizar o seu parlamentar
Assalto
Separação e divórcio
Acidentes de trânsito
Tirar título de eleitor ou mudar de domicílio eleitoral
Guia do passaporte
Usar celular durante a viagem
Selecionar uma escolinha de futebol
Convite de festa que não pede traje
Baixar músicas na rede
Aposentadoria

BOXE
Cubano foge para Miami (página 35)
WIANEY CARLET (página 37)
BOLA DIVIDIDA | MAURO TORALLES (INTERINO) (página 37)

TOPO

COLUNAS

HÁ 30 ANOS EM ZH (página 39)
PAULO SANT'ANA (página 39)

CADERNOS

TOPO

GUIA HAGAH

EVENTOS
INGRESSOS PARA CORPO HUMANO (página 1)

TELEVISÃO
Brigas, gritos e paredão (página 2)
PRAIA AZUL X CARAMIRIM (página 2)
MARLEY & JENNIFER (página 2)
GRAZI NA ANA MARIA (página 2)

NOVELAS
NOVELAS (página 2)

CINEMA
ROBOCOP TRASH (página 4)

TOPO

SEGUNDO CADERNO

OSCAR
Tá tudo dominado (página 1)
Da favela ao Oscar (página 1)
RSVIP | MARIANA BERTOLUCCI (página 2)

CINEMA
Odorico e as Cajazeiras vão ao cinema (página 3)
Ida Gomes morre no Rio (página 3)
Os Oscar que gostaríamos de ver (página 4)

DISCOS
Foliã tropicalista (página 6)
LANÇAMENTOS (página 6)
CLÁUDIO MORENO (página 6)
CONTRACAPA | ROGER LERINA (página 8)

TOPO

VIAGEM

CAPA
Uruguai ao natural (página 1)
RECORTES DE VIAGEM | Rosane Tremea (página 2)

HISTÓRIAS DE VIAGEM | LUCIANO PERES (página 2)

DICAS
Aventura na região de turismo histórico (página 3)
Foz do Iguaçu (página 3)

DICAS EXTERIOR
Na batida uruguaia (página 4)
Punta del Este (página 4)
Marcas do talento ao pôr-do-sol (página 4)
Piriápolis (página 4)
Baar Fun Fun (página 4)

FIQUE ATENTO
Crianças sozinhas, só com autorização (página 5)

PRAIA
Surfe o ano todo no Peru (página 5)

DICAS EXTERIOR
Hospedagem a -45°C (página 6)

HOSPEDAGEM
Cuidados na internet (página 6)

SEU OLHAR (página 8)

TOPO

CASA E CIA

EM CASA | ELEONE PRESTES (página 2)

MOSTRA PRAIA
Praia de cinema (página 4)
Sol além da beira-mar (página 4)
Descanso musical (página 6)
Ásia arquitetada (página 6)
Sossego ao ar livre (página 6)
Viagem estética (página 8)
Identidade no tom (página 8)
Tempero do norte (página 10)
México versão curinga (página 10)
Praiana recepção (página 11)
Recanto metalizado (página 11)
Potência revelada (página 11)
Dia e noite (página 16)

COLUNAS E CHARGES

TOPO

COLUNAS

CARTAS (página 2)

FOTO DO LEITOR (página 2)

OPINIÃO ZH (página 2)

SOBRE ZH (página 2)

ZH ONTEM (página 2)

INFORME ESPECIAL (página 3)

MOACYR SCLIAR (página 3)

SUA SEGURANÇA | Humberto Trezzi (página 5)

DIRETO DE BRASÍLIA | Klécio Santos (página 6)

PÁGINA 10 | ROSANE DE OLIVEIRA (página 8)

BRASÍLIA | ANA AMÉLIA LEMOS (página 11)

INFORME ECONÔMICO | LURDETE ERTEL (página 14)

MERCADO EM DIA | MARÇAL ALVES LEITE (página 15)

PELO MUNDO (página 17)

CARNAVAL 2009 ESTILO PRÓPRIO | Por Fernanda Zaffari (página 20)

DIÁRIO DO RIO | CLÁUDIO BRITO (página 22)

CLIMA (página 30)

OBITUÁRIO (página 31)

NANDO GROSS (página 34)

PLACAR (página 36)

BOLA DIVIDIDA | MAURO TORALLES (INTERINO) (página 37)

WIANEY CARLET (página 37)

ALMANAQUE GAÚCHO (página 38)

HÁ 30 ANOS EM ZH (página 39)

PAULO SANT'ANA (página 39)

RSVIP | MARIANA BERTOLUCCI (página 2)

CLÁUDIO MORENO (página 6)

LANÇAMENTOS (página 6)

HORÓSCOPO (página 7)

CONTRACAPA | ROGER LERINA (página 8)

EM CASA | ELEONE PRESTES (página 2)

HISTÓRIAS DE VIAGEM | LUCIANO PERES (página 2)

RECORTES DE VIAGEM | Rosane Tremea (página 2)

SEU OLHAR (página 8)

TOPO

CHARGES

MARCO AURÉLIO (página 3)

RONALDO (INTERINO) (página 11)

Grupo RBS

Dúvidas Frequentes | Fale conosco | Anuncie - © 2000-2007 RBS Internet e Inovação - Todos os direitos reservados.

ANEXO C – CD CONTENDO HIPERTEXTOS ANALISADOS

O CD anexo na página seguinte contém as notícias com os hipertextos -- infográficos animados, áudios, vídeos, galerias de fotos, *blog* – analisados neste trabalho. No entanto, nem todos os computadores têm instalados os programas que executam esse tipo de recurso.

Tendo isso em conta, copiamos no CD também o software RIVA FLV PLAYER SETUP (software livre) que deve ser instalado no computador para a visualização dos arquivos. A instalação é rápida e fácil. Para instalá-lo siga os passos abaixo:

1. Assim que abrir o CD em seu computador, dê dois cliques sobre o arquivo do Riva Flv Player Setup, cujo ícone assim aparece:

2. No processo de instalação, concorde com os termos de instalação e dê *next* / *accept* em todas as solicitações seguintes e *install* ao final.

Depois, para acessar as notícias e os recursos de cada uma, clique no arquivo:

Ali você poderá acessar as três notícias como se estivesse navegando na internet. Para facilitar, criamos ao lado ou logo abaixo do texto das notícias *links* que dão acesso a cada um dos hipertextos. Basta clicar neles para ver o seu conteúdo.

ANEXO D – TELAS DO *LINK* "O AVANÇO DA OFENSIVA"

Notícia sobre Conflito na Faixa de Gaza

Tela 1:

Tela 2:

Foto que acompanha tela 2:

Tela 3:

Foto que acompanha a tela 3:

Tela 4:

Foto que acompanha tela 4:

Tela 5:

Foto que acompanha tela 5:

Tela 6:

Foto que acompanha tela 6:

Tela 7:

Foto que acompanha tela 7:

Tela 8:

Foto que acompanha tela 8:

Tela 9:

Nesta página, o ícone não remete a uma fotografia única, mas à galeria de fotos "*Os protestos pelo mundo contra os ataques a Gaza*", composta de 22 fotografias em que aparecem manifestações de protesto contra o ataque a Gaza em diferentes países. A galeria de fotos está disponível no CD que acompanha este trabalho, assim como este infográfico.

Tela 10:

Foto que acompanha tela 10:

Tela 11:

Foto que acompanha tela 11:

Tela 12:

Foto que acompanha a tela 12:

Tela 13:

Foto que encerra a apresentação:

ANEXO E - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

(Normas adotadas pelo Projeto NURC/RS)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (**mas os daqui)** não há problema...
Truncamento	**/**	sim ahn é... mas tem **ge/** tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	bom mas eu acho que ginástica em ( ) deve solucionar esse problema né?
Entonação	maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalona viu? né? calça com a boca bem larga... bem **cintura::da** entende?
Silabação	**-**	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim **fan-TÁs-ti-ca** um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem**?**
Qualquer pausa	**...**	leva todo o período de aula**...** só**...** subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((**pigarro**)) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	**- -**	também a comida vinha:: **- era muita gente, né? muitos atletas -** e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[Ligando linhas	é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	**“ ”**	um cara... me atacou... **“que que eu faço pra tirar a barriga?”** eu digo pára de tomar chope...

OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (UPF, UFRGS, etc.)
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá.
3. Números: por extenso

4. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
5. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::... (alongamento e pausa)
6. Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

ANEXO F – LINHA DO TEMPO DO CONFLITO NA FAIXA DE GAZA

Ano: 1947

Ano: 1948

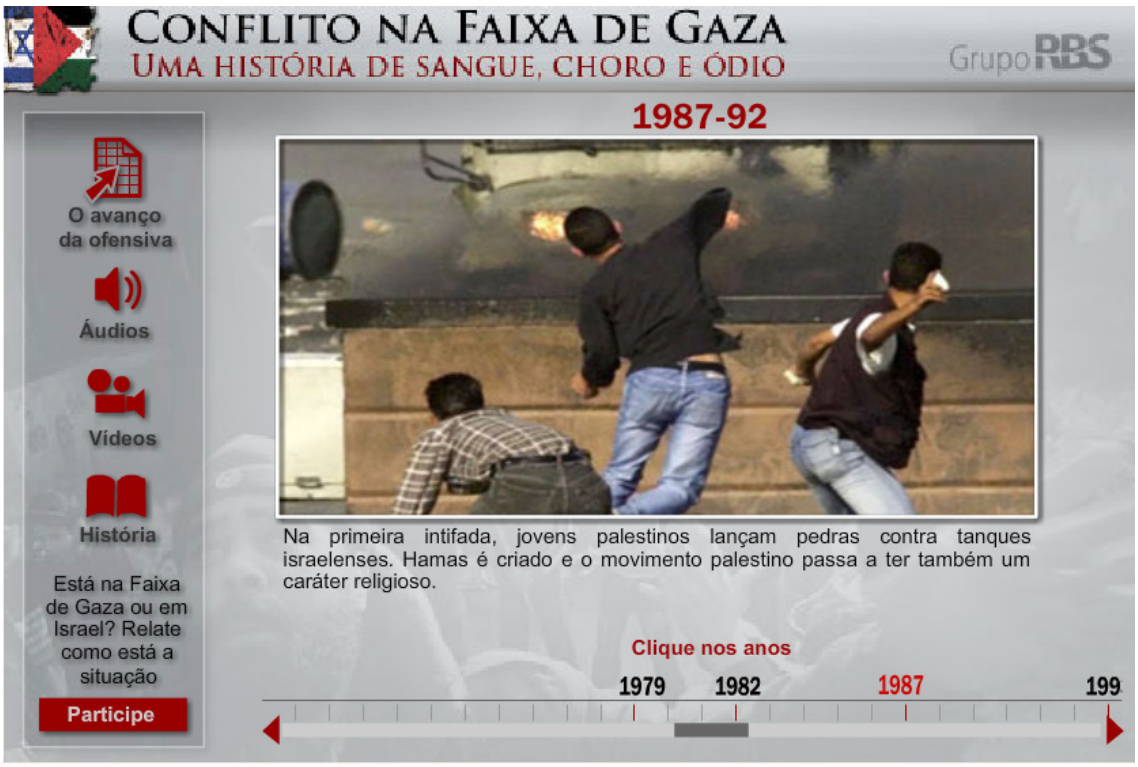
Ano: 1964

Ano: 1967

Ano: 1979

Ano: 1982

Ano: 1987



Ano: 1993

Ano: 2000

Ano: 2000

Ano: 2001

Ano: 2004

Ano: 2005

Ano: 2006

Ano: 2007

Ano: 2008

Ano: 2009

Na tela de 2009, a seta vermelha ao lado direito do texto indica a complementação deste, que segue abaixo:

Ano: 2009 (continuação)

ANEXO G – NOTÍCIA DO JORNAL *FOLHA.COM*

FOLHA.com

24/05/2010-15h44

Vendedora esfaqueia namorado que se recusou a fazer sexo em Sumaré (SP)

COLABORAÇÃO PARA A **FOLHA**

PUBLICIDADE

A GAFISA TEM
UMA PROPOSTA
PARA VOCÊ.

PASSE O MOUSE.

Uma vendedora de 31 anos foi presa em flagrante após esfaquear o namorado na manhã de domingo em Sumaré (a 118 km de São Paulo). Segundo a polícia, o ataque ocorreu pois o homem se recusou a ter relações sexuais com a namorada.

O caso ocorreu na casa do casal localizada na rua João Pinto de Almeida, no Jardim Bandeirantes, por volta das 8h. Segundo a polícia, a mulher ficou nervosa após se insinuar para o namorado e não ser correspondida. Em seguida, ela pegou uma faca e o golpeou nas costas.

Em depoimento à polícia, ela contou que deu a facada porque foi agredida pelo namorado. A vendedora foi presa por tentativa de homicídio. A vítima foi socorrida no pronto-socorro Municipal.

Maior Menor Enviar por e-mail Comunicar erros Imprimir Compartilhar Curtir 13

Comentar esta reportagem Ver todos os comentários (3)

Alexandre dos Santos Rosa (26) em 24/05 às 16h50

facebook twitter Denuncie Responder 4 0

FRAGRANTE é quando se prende a pessoa através do seu cheiro....não estudaram isso não ? ficam aí, criticando o jornal sem saber..oras bolas!

guilherme clbrn (22) em 24/05 às 16h09

facebook twitter Denuncie Responder 0 0

"fragrante" ?!

Ricardo Maximo (24) em 24/05 às 17h31

facebook twitter Denuncie Responder 0 0

kkk

como diria seu Creyson:

"bizárrio" kkkk

Notícia disponível em:

http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/739935-vendedora-esfaqueia-namorado-que-se-recusou-a-fazer-sexo-em-sumare-sp.shtml

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo